

"Ele nos fascina com a imprevisibilidade a cada cena"

Marcel Berlins – *The Times*

# PRENHE

Pierre **LEMAITRE**

Ganhador do prêmio CWA  
*International Dagger* de 2013

UNIVERSO DOS LIVROS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

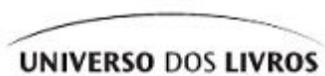
O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Pierre **LEMAITRE**

# **IRENE**

São Paulo  
2015



**UNIVERSO DOS LIVROS**

*Travail Soigné*  
La trilogie Verhœeven, 1  
Copyright © 2006 by Pierre Lemaitre et  
Éditions du Masque, département des éditions  
Jean-Claude Lattès

© 2015 by **Universo dos Livros**

**Diretor editorial:** Luis Matos  
**Editora-chefe:** Marcia Batista  
**Assistentes editoriais:** Aline Graça, Letícia  
Nakamura e Rodolfo Santana  
**Tradução:** Raphael Araújo  
**Preparação:** Leonardo Ortiz  
**Revisão:** Geisa Oliveira e Guilherme Summa  
**Arte e adaptação de capa:** Francine C.  
Silva e Valdinei Gomes  
**Design original da capa:**  
[www.headdesign.co.uk](http://www.headdesign.co.uk)  
**Foto de capa:** plainpicture/Harald Braun

Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

L563i

Lemaitre, Pierre

Irene / Pierre Lemaitre ;  
tradução de Raphael Araújo.  
– São Paulo: Universo dos  
Livros, 2015.

400 p. (Trilogia Verhoeven,  
v. 1)

ISBN: 978-85-7930-839-0

Título original: *Travail  
Soigné*

1. Ficção policial 2.

Suspense 3. Literatura

francesa I. Título II. Araújo,  
Raphael

15-0149

CDD 840

---

**Universo dos Livros Editora Ltda.**

Rua do Bosque, 1589 • 6º andar • Bloco 2 •  
Conj. 603/606

Barra Funda • CEP 01136-001 • São Paulo •  
SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

[www.universodoslivros.com.br](http://www.universodoslivros.com.br)

e-mail: [editor@universodoslivros.com.br](mailto:editor@universodoslivros.com.br)

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

# SUMÁRIO

## PRIMEIRA PARTE

Segunda-feira, 7 de abril de 2003

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21

Terça-feira, 8 de abril de 2003

- 1
- 2

- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10

### Quarta-feira, 9 de abril de 2003

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9

### Quinta-feira, 10 de abril de 2003

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8

### Sexta-feira, 11 de abril

- 1
- 2
- 3

4  
5

Sábado, 12 de abril, e domingo, 13 de abril

1  
2  
3  
4

Segunda-feira, 14 de abril

1  
2  
3

Terça-feira, 15 de abril

1  
2  
3  
4  
5

Quarta-feira, 16 de abril

1  
2  
3  
4

Quinta-feira, 17 de abril

1  
2

Sexta-feira, 18 de abril

1  
2

Sábado, 19 de abril

1

Segunda-feira, 21 de abril

1

2

3

Terça-feira, 22 de abril

1

2

3

4

5

6

Quarta-feira, 23 de abril

1

2

3

4

5

Quinta-feira, 24 de abril

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18

## SEGUNDA PARTE

Brigada, 22h45

## Epílogo

Segunda-feira, 26 de abril de 2004  
Saint-Ouen, setembro de 2005

A Pascaline  
Ao meu pai

“O escritor é alguém que combina citações  
suprimindo as aspas.”  
Roland Barthes

# **PRIMEIRA PARTE**

Segunda-feira, 7 de abril de 2003

# 1

– Alice... – disse ele, olhando para quem qualquer outro teria considerado uma jovem garota.

Ele a havia chamado pelo nome em sinal de cumplicidade, mas não conseguiu a menor abertura. Baixou os olhos de relance em direção às notas rabiscadas por Armand durante o primeiro interrogatório: Alice Vandebosch, 24 anos. Tentou imaginar como provavelmente se pareceria uma Alice Vandebosch, de 24 anos. Deveria ser uma moça jovem, com rosto comprido, de cabelo castanho-claro, um olhar compenetrado. Levantou os olhos e o que viu pareceu-lhe totalmente improvável. Aquela jovem não se parecia consigo mesma: cabelos outrora loiros, agora lambidos e com longas raízes escuras, uma palidez anêmica, um grande hematoma roxo na maçã esquerda do rosto, um fio de sangue seco no canto da boca... e, nos olhos, extenuados e evasivos, nada mais de humano exceto o medo, um medo terrível que ainda provocava calafrios, como se ela tivesse saído sem casaco em um dia de neve. Ela segurava seu copo de café com as duas mãos, como uma sobrevivente de um naufrágio.

Normalmente, a simples aparição de Camille Verhoeven provocava reações até nos mais impávidos. Entretanto, com Alice, nada. Ela estava fechada em si mesma, tremendo.

Eram oito e meia da manhã.

Desde sua chegada à Brigada Criminal, alguns minutos mais cedo, Camille vinha se sentindo cansado. O jantar da véspera tinha terminado a uma hora da manhã. Pessoas que ele não conhecia, amigos de Irene. Falavam de televisão, contavam anedotas que Camille teria achado engraçadas em outro contexto, se na sua frente não tivesse se sentado uma mulher que lembrava terrivelmente sua mãe. Durante toda a refeição, ele lutara para se livrar daquela imagem mas, de fato, era o mesmo olhar, a mesma boca e os mesmos cigarros, um seguido pelo outro. Camille viu a si mesmo vinte anos antes, na época abençoada em que sua mãe ainda saía do ateliê com seu avental maculado de cores, cigarro nos lábios,

cabelos emaranhados. Na época em que ele ainda ia observá-la trabalhar. Mulher forte. Sólida e concentrada, com uma pincelada um tanto enérgica. Vivendo de tal maneira no seu mundo que às vezes parecia não notar a presença dele. Eram momentos longos e silenciosos em que ele adorava a pintura dela e observava cada gesto como se fosse a chave de um mistério pessoal. Aquilo foi antes. Antes que os milhares de cigarros que sua mãe consumia tivessem lhe declarado guerra, mas bem depois de ela ter desenvolvido a hipotrofia fetal que marcara o nascimento de Camille. Do alto do seu definitivo um metro e quarenta e cinco, Camille não sabia, naquela época, o que odiava mais: aquela mãe venenosa que o havia fabricado como uma cópia pálida de Toulouse-Lautrec<sup>1</sup> apenas menos disforme, aquele pai calmo e impotente que observava sua esposa com uma admiração patética, ou seu próprio reflexo no espelho – de homem feito aos 16 anos, mas não em estatura. Enquanto sua mãe acumulava telas no ateliê, seu pai, eternamente silencioso, administrava sua oficina, e Camille, envelhecendo como os outros, aprendia a ser pequeno, deixando de insistir em ficar na ponta dos pés, acostumando-se a olhar para os outros de baixo, não tentando alcançar as prateleiras sem primeiro puxar uma cadeira, organizando seu espaço pessoal à altura de uma boneca. E aquela miniatura de homem observava, sem realmente compreender, as imensas telas que sua mãe dispunha em rolos para levar aos donos de galeria. Às vezes, ela dizia-lhe: “Camille, venha aqui...”. Sentada sobre a banquetta, passava a mão nos cabelos dele sem dizer nada, e Camille sabia que a amava, pensava até mesmo que não amaria mais ninguém.

Aqueles ainda eram bons tempos, pensava Camille durante a refeição, observando a mulher à sua frente, que gargalhava, bebia pouco e fumava por quatro. Antes que sua mãe passasse dias de joelhos ao pé da cama, com o rosto enfiado nos cobertores, única posição em que o câncer lhe concedia algum repouso. A doença a pusera de joelhos. E aqueles momentos foram os primeiros em que os olhos deles, que tinham se tornado impenetráveis um para o outro, puderam se cruzar à mesma altura. Naquela época, Camille

desenhava bastante. Eram longas horas passadas no ateliê de sua mãe, agora deserto. Quando ele finalmente resolvia entrar no quarto dela, encontrava seu pai, que também passava a outra metade da sua vida de joelhos, abraçado a sua mulher, segurando-a pelos ombros, sem lhe dizer nada, respirando no mesmo ritmo que ela. Camille estava só. Camille desenhava. Camille matava o tempo e esperava.

Quando ele entrou na faculdade de Direito, sua mãe tinha o peso de um dos seus pincéis. Sempre que ele voltava da faculdade para casa, seu pai parecia envolvido pelo silêncio pesado da dor. E as coisas seguiam assim. E Camille debruçava seu corpo de eterna criança sobre os textos da lei, esperando o fim.

Aconteceu em um dia qualquer, em maio. Como uma ligação de telefone anônima. Seu pai simplesmente dissera “Você precisa vir para casa”, e Camille teve subitamente a certeza de que agora teria de viver sozinho consigo mesmo, que não haveria mais ninguém.

Aos quarenta anos, aquele pequeno homem de rosto comprido e sulcado, careca como um ovo, sabia que aquilo não era verdade, agora que Irene tinha entrado em sua vida. Porém, com todas aquelas visões do passado, aquela noite parecera-lhe deveras extenuante.

E, além de tudo, ele não conseguia digerir a carne.

Foi por volta do mesmo horário em que ele passava o prato do café da manhã para Irene que Alice era socorrida no bulevar Bonne-Nouvelle por uma patrulha do bairro.

—

Camille deslizou de sua cadeira e passou pela sala de Armand, um homem magro, de orelhas grandes e uma sovinice excepcional.

– Em dez minutos, quero que você venha me dizer que Marco foi encontrado. E que ele está em péssimo estado – disse Camille.

– Encontrado...? Onde? – perguntou Armand.

– Não sei, dê um jeito.

Camille voltou para sua sala com pequenos passos apressados.

– Bem – retomou ele, aproximando-se de Alice – Vamos recomeçar tudo tranquilamente, desde o início.

Ele estava de pé, na frente dela, os olhos quase à mesma altura. Alice parecia sair do seu torpor. Olhava para ele como se o visse pela primeira vez e teve de sentir, com mais furor que nunca, a absurdidade do mundo ao se dar conta de que ela, Alice, espancada duas horas antes, com o estômago revirado, encontrava-se de repente na Brigada Criminal, diante de um homem de um metro e cinquenta, que lhe propunha recomeçar tudo do zero, como se ela já não estivesse na estaca zero.

Camille passou por trás de sua mesa e pegou maquinalmente um lápis dentre uma dezena em um pote de vidro, presente de Irene. Levantou os olhos para Alice. De fato, ela não era feia. Era linda. Traços finos um tanto vagos, que a negligência e as noites em claro já haviam arruinado em parte. Uma Virgem Maria. Ela assemelhava-se a uma falsa relíquia antiga.

– Desde quando você trabalha para Santeny? – perguntou ele, traçando com um só risco a curva do rosto dela em um bloco de papel.

– Eu não trabalho para ele!

– Bem, digamos há dois anos. Você trabalha para ele e ele te sustenta, é isso?

– Não.

– Mas e você? Você acha que ele está apaixonado por você? É o que você acha?

Ela encarou-o. Ele sorriu para ela e depois concentrou-se de novo no seu desenho. Houve um longo silêncio. Camille lembrou-se de uma frase que sua mãe dizia: “É sempre o coração do artista que bate no corpo do modelo”.

Na caderneta, uma outra Alice logo emergiu de alguns rabiscos, ainda mais jovem que aquela, tão sofrida quanto, mas sem hematomas. Camille levantou os olhos para ela e pareceu tomar uma decisão. Alice observou-o puxar uma cadeira para perto e

montar em cima como uma criança, com os pés balançando a trinta centímetros do solo.

– Posso fumar? – perguntou Alice.

– Santeny está na merda – disse Camille, como se não tivesse ouvido nada – Todo mundo está procurando por ele. Você sabe bem disso. – acrescentou, apontando para os hematomas dela – Não são nada agradáveis, hein? Seria melhor que nós o encontrássemos o quanto antes, você não acha?

Alice parecia hipnotizada pelos pés de Camille, que balançavam como um pêndulo.

– Ele não tem contatos o suficiente para se safar dessa. Dou dois dias na melhor das hipóteses. Mas você também não, você não tem contatos o suficiente, eles vão te achar... Onde está Santeny?

Um pequeno olhar teimoso, como aquelas crianças que sabem que estão fazendo besteira e fazem mesmo assim.

– Bom, enfim, vou soltar você. Da próxima vez que te ver, espero que não seja no fundo de uma lixeira.

Foi nesse momento que Armand resolveu entrar.

– Acabamos de encontrar Marco. Você tinha razão. Ele está em péssimo estado.

Camille, falsamente surpreso, olhou para Armand.

– Onde?

– Na casa dele.

Camille olhava para seu colega com uma expressão desolada – até na imaginação Armand era econômico.

– Bom, então podemos liberar a pequena – concluiu ele, saltando de sua cadeira.

Um instante de pânico, e então:

– Ele está em Rambouillet – falou Alice, com um suspiro.

– Ah – fez Camille, com uma voz neutra.

– Boulevard Delagrang. No décimo oitavo distrito.

– Décimo oitavo – repetiu Camille, como se o fato de dizer aquele simples número o dispensasse de agradecer à jovem moça.

Alice, sem autorização, tirou do seu bolso um maço amassado de cigarros e acendeu um.

– Fumar faz mal – disse Camille.



## 2

Camille estava dando sinal para Armand mandar rapidamente uma equipe ao local, quando o telefone tocou.

Do outro lado da linha, Louis parecia ofegante. Com a voz abafada.

– Fomos contatados de Courbevoie...

– Prossiga – pediu Camille, sucinto, pegando uma caneta nas mãos.

– Foi uma ligação anônima que nos informou esta manhã. Estou no local. Está... como posso dizer...

– Faça um esforço, vamos ver o que é – interrompeu Camille, um pouco irritado.

– Um horror – disse Louis. Sua voz estava alterada – Uma carnificina. Algo fora do comum, se o senhor entende o que quero dizer...

– Não muito bem, Louis, não muito bem...

– Não parece com nada que eu já tenha visto...

### 3

Ao se deparar com a linha ocupada, Camille foi até a sala do comissário Le Guen. Deu uma breve batida na porta e não esperou resposta. Ele tinha passe livre.

Le Guen era um homem corpulento e vigoroso que, depois de fazer regime ano após ano sem perder um grama, adquirira uma resignação vagamente estafada, visível em seu rosto e em toda sua pessoa. Camille o vira, ao passar dos anos, adotar pouco a pouco a atitude de um rei caído, adquirindo uma expressão abatida e lançando ao mundo um olhar de desânimo. Logo nas primeiras palavras, Le Guen interrompera Camille dizendo que, de qualquer forma, “ele não tinha tempo”. Mas, tendo em vista as primeiras informações que Camille lhe passou, ele decidiu comparecer ao local.

## 4

Ao telefone, Louis dissera “Não parece com nada que eu já tenha visto...”, e Camille não gostara nada daquilo – seu adjunto não era do tipo catastrófico. Às vezes, era até mesmo de um otimismo irritante, e Camille não esperava nada de bom daquela movimentação imprevista. Enquanto os bulevares da via periférica passavam, Camille Verhoeven não conseguiu conter o sorriso ao pensar em Louis.

Louis era loiro, com o cabelo partido ao lado e uma mecha um tanto rebelde, daquelas que se afastam com um movimento da cabeça ou com uma mão distraída, mas habilidosa, e que pertencem geneticamente às crianças de classe privilegiada. Com o passar do tempo, Camille aprendera a distinguir as diferentes mensagens que o gesto da mecha veiculava – verdadeiro barômetro dos afetos de Louis. Em sua versão com a mão direita, o gesto da mecha abrangia a categoria que ia do “sejamos razoáveis” a “isso não se faz!”. Em sua versão com a mão esquerda, ela significava vergonha, constrangimento, timidez e confusão. Quando se olhava bem para Louis, não era difícil imaginá-lo em sua primeira comunhão. Ele ainda tinha toda aquela juventude, aquela graça, aquela fragilidade. Em poucas palavras: fisicamente, Louis era um sujeito elegante, franzino, delicado, profundamente irritante.

Mas Louis era sobretudo rico. Com todo o aparato dos verdadeiros ricos: uma certa maneira de se portar, uma certa maneira de falar, de articular, de escolher as palavras, em suma, tudo o que acompanha o rótulo do “bem-nascido”. A princípio, Louis realizou estudos brilhantes (um pouco de Direito, de Economia, de História da Arte, de Estética, de Psicologia), deixando-se levar pelo embalo de suas vontades, sempre brilhante, cultivando os estudos universitários como uma arte recreativa. E então alguma coisa aconteceu. Pelo que entendia Camille, aquilo se assemelhava a noite de Descartes<sup>2</sup> e a uma ressaca histórica, uma mistura de intuição sensata e uísque puro malte. Louis vira a si mesmo seguindo a vida daquela forma, em seu magnífico apartamento de seis cômodos no

nono distrito, com toneladas de livros nas estantes, a louça exposta nas cômodas em marchetaria, os aluguéis dos apartamentos que caíam com mais segurança do que um salário de alto servidor público, os dias na casa da mãe em Vichy, os restaurantes do bairro e, acima de tudo, uma contradição interna, tão estranha quanto repentina, uma verdadeira dúvida existencial que qualquer pessoa – exceto Louis – teria resumido da seguinte forma: “Mas que diabos estou fazendo aqui?”.

Segundo Camille, trinta anos atrás, Louis teria se tornado um revolucionário de extrema esquerda. Mas, naquele momento, a ideologia já não era mais uma alternativa. Louis odiava a religião e, portanto, o voluntariado e a caridade. Ele procurava algo para fazer da vida, um inferno particular. E, de repente, tudo lhe pareceu claro: ele entraria para a polícia. Para a polícia criminal. Louis nunca desconfiava de si mesmo – esse defeito não figurava em sua herança familiar – e seu talento raramente o decepcionava. Ele passou nos concursos e entrou para a polícia. Sua decisão era sustentada, ao mesmo tempo, pela vontade de servir (não de Servir, mas simplesmente de servir para alguma coisa), pelo receio de uma vida que logo culminaria em monomania, e talvez pela quitação da dívida imaginária que pensava ter contraído perante a classe popular, por não ter nascido em sua camada. Logo que os exames terminaram, Louis encontrou-se imerso em um universo bem distante do que havia imaginado: nada do primor inglês de Agatha Christie, da reflexão metódica de Conan Doyle, mas puteiros imundos com jovens espancadas, traficantes murchos do próprio sangue nas lixeiras de Barbès, facadas entre drogados, banheiros fedorentos onde eram encontrados aqueles que tinham conseguido escapar da navalha, bichas que vendiam a bunda por uma carreira de cocaína e michês que cobravam cinco euros pelo boquete depois das duas da manhã. Para Camille, no princípio fora um grande espetáculo ver Louis, com sua franja loira, o olhar aflito mas a mente sóbria, vocabulário rebuscado até o pescoço, fazendo relatórios, relatórios e mais relatórios; Louis, fleumático, recolhendo depoimentos voluntários em vãos de escadas mijadas e turbulentas, junto ao cadáver de um cafetão de 13 anos picado a golpes de

machado na frente da própria mãe; Louis voltando às duas horas da manhã para o seu apartamento de cento e cinquenta metros quadrados da rua Notre-Dame-de-Lorette e desmoronando ainda vestido no seu canapé de veludo, sob uma gravura água-forte de Pavel, entre a sua biblioteca de primeiras edições assinadas e a coleção de ametistas de seu defunto pai.

Quando chegou à Brigada Criminal, o comandante Verhoeven não sentiu simpatia por aquele jovem rapaz engomado, lustrado, de fala afetada e que não se deixava abalar. Os outros oficiais do grupo, que sutilmente apreciavam compartilhar o cotidiano com um *golden boy*, não lhe pouparam de nada. Em menos de dois meses, Louis conhecia quase todas as brincadeiras que compõem o estoque de trotes que os corpos sociais cultivam para se vingar de não poderem recrutar por cooptação. Louis submeteu-se a tudo aquilo com sorrisos amarelos, sem jamais se queixar.

Camille Verhoeven soube distinguir, antes dos outros, a semente de um bom tira naquele rapaz fortuito e inteligente, mas, provavelmente por reflexo de sua confiança na seleção darwiniana, escolheu não interferir. Louis, com uma soberba bastante britânica, era-lhe grato por aquilo. Uma noite, ao sair do escritório, Camille o viu atirar-se ao bar da frente e virar uma, duas ou três doses de destilados, uma depois da outra. Então, veio-lhe à mente a cena do filme *Rebeldia indomável*, em que Paul Newman, totalmente desnortado, incapaz de desferir socos e zozzo de pancadas, continuava a se reerguer e se reerguer sem cessar, até desanimar o público e exaurir até mesmo a vontade de lutar do seu adversário. Com efeito, seus colegas sossegaram diante da dedicação que Louis demonstrava em seu trabalho e diante daquela coisa espantosa que ele tinha dentro de si e que devia se chamar bondade ou algo assim. Ao longo dos anos, de certa forma, Louis e Camille aprenderam com suas diferenças, e como o comandante desfrutava de uma autoridade moral incontestável sobre o grupo, ninguém se admirou que o bem-nascido se tornasse progressivamente seu colaborador mais próximo. Desde o início, Camille dispensara formalidades com Louis, como fazia com toda a equipe. Contudo, com o passar do tempo e das mudanças, Camille se dera conta de que só os mais

antigos continuavam a tratá-lo sem formalidades. E com os mais jovens tornando-se agora mais numerosos, Camille sentia-se às vezes como o usurpador de um papel de patriarca que nunca tinha reivindicado. Ele era chamado de senhor, como um comissário, e sabia muito bem que aquilo não era consequência de sua posição na hierarquia. Era mais pelo constrangimento espontâneo que muitos sentiam diante de sua diminuta altura, como uma maneira de compensar. Louis também o tratava formalmente, mas Camille sabia que sua razão era diferente: era um reflexo de classe. Os dois homens nunca se tornaram amigos, mas tinham estima um pelo outro, o que constituía para cada um deles a melhor garantia de uma colaboração eficaz.

## 5

Camille e Armand, seguidos por Le Guen, chegaram ao número dezessete da rua Félix-Faure, em Courbevoie, um pouco após as dez horas. Uma instalação industrial desativada.

Uma pequena usina desativada ocupava o centro do terreno, como um inseto morto, e algo que se parecia com oficinas estava sendo construído. Quatro dentre elas estavam concluídas, e contrastavam como chalés exóticos em uma paisagem de neve. Estavam esbranquiçadas, com janelas de alumínio, telhas envidraçadas com vitrais de correr, que permitiam entrever espaços imensos. O conjunto conservava um tom de abandono. Não havia nenhum outro carro além dos da Brigada.

O apartamento era acessado por dois lances de escada. Camille discerniu Louis de costas, apoiado com a mão contra o muro, babando em um saco plástico que tinha posto contra a boca. Passou por ele, seguido de Le Guen e de dois outros oficiais do grupo, e entrou no recinto amplamente iluminado por projetores. Assim que chegam aos locais de um crime, inconscientemente, os mais jovens buscam com os olhos o lugar em que se encontra a morte. Os mais experientes procuram a vida. Mas ali, sem chance. A morte tomara todo o local, até os olhos dos vivos, repletos de incompreensão. Camille não teve tempo de se interrogar sobre aquela curiosa atmosfera; seu campo de visão foi logo interceptado pela cabeça de uma mulher pregada à parede.

Ele mal dera três passos dentro da sala e seus olhos já avistaram um espetáculo que o pior dos seus pesadelos teria sido incapaz de inventar: dedos arrancados, poças de sangue coagulado, tudo aquilo em meio a um odor de excrementos, de sangue seco e de vísceras vazias. Imediatamente veio-lhe à lembrança *Saturno devorando seus filhos*, de Goya, em que viu por um instante o rosto aflito, os olhos exorbitantes, a boca escarlate, a loucura, a absurda loucura. Ainda que fosse um dos homens mais experientes que se encontravam ali, ele logo teve vontade de dar meia-volta em direção ao patamar em que Louis, sem olhar para ninguém, segurava com esforço um saco

plástico, como um mendigo afirmando sua hostilidade para com o mundo.

– Mas que zona é essa...?

O comissário Le Guen dissera aquilo para si mesmo e a frase pairara em um vazio total.

Só Louis a ouvira. Ele aproximou-se enxugando os olhos.

– Não faço a menor ideia – disse ele – Entrei, saí em seguida... Estou aqui...

Armand, no meio do cômodo, voltou-se para os dois homens com um semblante atordoado. Ele secava suas mãos úmidas na calça para readquirir postura.

Bergeret, responsável pela perícia, aproximou-se de Le Guen.

– Preciso de duas equipes. Isso vai demorar.

E acrescentou, o que não era do seu feitio:

– É algo fora do comum.

Aquilo não era comum.

– Bom, estou indo – disse Le Guen cruzando com Maleval, que tinha acabado de chegar e já saía com as duas mãos na boca.

Camille fez um gesto ao resto de sua equipe, indicando que agora era com eles.

—

Era difícil ter uma ideia precisa do apartamento antes de... tudo “aquilo”. Porque “aquilo” preencheria toda a cena, e não se sabia mais para onde olhar. No chão, à direita, jaziam os restos de um corpo estripado, cujas costelas quebradas atravessavam uma bolsa vermelha e branca – provavelmente um estômago – e um seio – o que não havia sido arrancado, mas era bem difícil dizer porque aquele corpo de mulher – ao menos aquilo era certo – estava coberto de excrementos, que recobriam parcialmente inumeráveis marcas de mordidas. Bem em frente, à esquerda, encontrava-se

uma cabeça – de outra mulher – com os olhos queimados, de pescoço estranhamente curto, como se a cabeça tivesse adentrado nos ombros. A boca escancarada expelia tubos brancos e rosados da traqueia, e veias que uma mão deve ter ido buscar nas profundezas da garganta para arrancá-los de lá. Na frente deles, estava abandonado o corpo ao qual talvez essa cabeça uma vez pertenceu, a menos que fosse da outra cabeça. Tal corpo tinha sido em parte despelado por cortes profundos feitos sob a pele e a barriga – assim como a vagina – e apresentava buracos profundos, bem delimitados, provavelmente feitos com ácido líquido. A cabeça da segunda vítima fora pregada ao muro pelas bochechas. Camille analisou tais detalhes, tirou um bloco de notas de seu bolso, mas em seguida o pôs de volta, como se a tarefa fosse tão monstruosa que qualquer método fosse inútil, qualquer plano fadado ao fracasso. Não existe estratégia diante da crueldade. No entanto, é para aquilo que ele estava lá, diante daquele espetáculo sem nome.

Usaram o sangue ainda fresco de uma das vítimas para escrever na parede com letras imensas EU VOLTEI. Para tanto, fora necessário utilizar muito sangue, como comprovavam as longas manchas escorridas ao pé de cada letra. A mensagem havia sido escrita por muitos dedos, ora fechados, ora abertos, e por conta daquilo, a inscrição parecia ser vista por olhos turvos. Camille passou por cima da metade de um corpo de mulher e aproximou-se da parede. Ao final da inscrição, um dedo foi carimbado sobre a parede com uma delicadeza escrupulosa. Cada detalhe das impressões digitais estava claro, perfeitamente impresso, e formava uma impressão digital idêntica a uma antiga carteira de identidade, quando o tira em serviço pressionava os dedos sobre a carteira já amarela, virando-o para todos os lados.

Uma enxurrada de sangue havia salpicado as paredes até o teto.

Camille precisou de alguns minutos para voltar a si. Seria impossível raciocinar se permanecesse naquele cenário, porque tudo o que se via ali representava um desafio para o pensamento.

—

Cerca de dez pessoas trabalhavam no apartamento. Assim como em uma sala de cirurgia, nas cenas de um crime normalmente reina uma atmosfera que poderia ser considerada descontraída. Muitas brincadeiras são feitas. Camille detestava aquilo. Alguns peritos acabavam-se com piadas, a maioria de teor sexual, e pareciam nutrir o distanciamento como outros matam o tempo. Tal atitude é típica de ofícios em que o homem é maioria. Um corpo de mulher, mesmo morta, continua evocando um corpo de mulher e, aos olhos de um perito habituado a despojar a realidade do drama, uma suicida continua sendo “uma bela garota” mesmo se o seu rosto estiver azulado ou inchado como uma moringa. Mas, naquele dia, no loft de Courbevoie, reinava outra atmosfera. Nem retraída, nem compassiva. Calma e pesada, como se, de repente, os mais malandros tivessem sido pegos de surpresa e estivessem se perguntando o que poderia haver de leve a dizer sobre um corpo estripado ante o olhar vazio de uma cabeça pregada à parede. Assim, eles tomavam as medidas em silêncio, colhiam amostras calmamente, dispunham os projetores para tirar fotografias em um silêncio vagamente religioso. Armand, apesar de sua experiência, expunha um rosto com uma palidez quase sobrenatural, transpondo as fitas isolantes da perícia com uma lentidão cerimoniosa, parecendo temer que um dos seus gestos pudesse despertar subitamente o furor que banhava o local. Maleval continuava a vomitar entranhas e vísceras no seu saco plástico, tendo feito duas tentativas de se reunir à equipe mas logo voltando atrás, sufocando, literalmente asfixiado pelos odores de excrementos e de carne despedaçada.

—

O apartamento era bem amplo. Apesar da desordem, via-se que a decoração tinha sido bem meticulosa. Como diversos lofts, a entrada dava diretamente para a sala, um cômodo imenso com paredes de cimento pintadas de branco. A sala da direita estava coberta com uma imagem fotográfica de dimensão gigantesca. Era necessário recuar bastante para perceber o formato do conjunto. Camille já havia cruzado com essa foto em outros lugares.

Ele tentava se lembrar, as costas apoiadas sobre a porta da entrada.

– Um genoma humano – disse Louis.

Era isso. Uma reprodução do mapa de um genoma humano, retrabalhado por um artista, realçado por nanquim e carvão.

Uma larga baia de vidro dava para um subúrbio residencial, ao longe, atrás de uma cortina de árvores que ainda não tinham crescido. Uma pele de vaca artificial estava fixada à parede, uma enorme tira de couro retangular com manchas pretas e brancas. Abaixo do couro da vaca, um sofá de couro preto de dimensões extraordinárias; um sofá fora do comum, talvez até mesmo fabricado para a extensão exata da parede. Era difícil entender como, de repente, você se percebe fora da sua casa, em outro mundo, no qual fotografias gigantescas do genoma humano são coladas à parede e jovens são esquartejadas depois de alguém ter esvaziado a barriga delas... No chão, à frente do sofá, um número de uma revista intitulada *Gentlemen's Quartely*. À direita, um bar bem abastecido. À esquerda, sobre uma mesa baixa, um telefone com secretária eletrônica. Ao lado, sobre uma mesa de vidro fumê, uma televisão de tela grande.

Armand ajoelhou-se diante do aparelho. Camille, que nunca tinha oportunidade devido ao seu tamanho, pousou a mão sobre o ombro dele e disse:

– Deixe-me ver isto – falou, apontando para o videocassete.

A fita cassete estava rebobinada. Via-se um cão, um pastor alemão, com um capacete de beisebol, descascando uma laranja, segurando-a entre as patas e comendo seus pedaços. Parecia um

daqueles filmes imbecis de comédia, com roteiros bem amadores, tomadas previsíveis e abruptas. No canto inferior direito, via-se o logo “US-gag” com o desenho de uma câmera minúscula e sorridente.

Camille disse:

– Deixe rodar, nunca se sabe...

Ele foi atraído pela secretária eletrônica. A música que precedia a mensagem parecia ter sido escolhida a partir da tendência da época. Alguns anos antes teria sido o *Cânone*, de Pachelbel. Camille acreditou reconhecer *A primavera*, de Vivaldi.

– *O outono* – murmurou Louis, concentrado, com os olhos fixos no chão.

Em seguida, ouviu-se: “Boa noite! (Voz de homem, tom refinado, articulação precisa, uns quarenta anos, dicção estranha.) Lamento, mas neste momento estou em Londres. (Ele está lendo seu texto, com a voz um pouco elevada, nasalar.) Deixe uma mensagem após o sinal (um pouco elevada, sofisticada, homossexual?), eu ligarei de volta ao retornar. Até logo”.

– Ele usou um neutralizador de som – falou Camille. E avançou em direção ao quarto.

—

Um grande guarda-roupa repleto de espelhos cobria toda a parede ao fundo. A cama também estava coberta de sangue e excrementos. A colcha de baixo, escarlate, fora puxada e enrolada, formando uma circunferência. Uma garrafa vazia de Corona jazia ao pé da cama. À cabeceira, um enorme CD Player e dedos cortados, dispostos em forma de coroa. Perto do CD Player, talvez esmagada por um salto, uma caixinha contendo um CD dos Traveling Wilburys. Acima da cama japonesa, bem baixa e decerto bem dura, pendia uma pintura em seda, cujos gêiseres vermelhos combinavam bem com o

conjunto da decoração. Nenhuma outra roupa, além de uma série de suspensórios curiosamente amarrados juntos. Camille deu uma olhada de relance no guarda-roupa que a perícia havia deixado entreaberto: nada além de uma mala.

– Alguém olhou lá dentro? – perguntou Camille discretamente.

– Ainda não – responderam com um tom indiferente.

*Visivelmente, estou incomodando*, pensou Camille.

Ele se curvou perto da cama, para decifrar uma inscrição sobre uma caixinha de fósforos jogada ao chão: *Palio's*, em letras itálicas e vermelhas sobre fundo preto.

– Isso te diz alguma coisa?

– Não, nada.

Camille chamou Maleval, mas, vendo o rosto decomposto do jovem rapaz aparecer timidamente junto ao batente da porta de entrada, fez sinal para que ficasse do lado de fora. Aquilo podia esperar.

O banheiro era uniformemente branco, com exceção de uma parede coberta por um papel de parede estampado de dálmatas. Também a banheira estava coberta de manchas de sangue. Ao menos uma das jovens tinha entrado ou saído de lá em um estado deplorável. A pia parecia ter sido utilizada para lavar alguma coisa, talvez as mãos dos assassinos.

—

Maleval foi encarregado de procurar o proprietário do apartamento. Em seguida, Camille saiu, acompanhado por Armand e Louis, deixando os peritos tomando suas notas e medidas. Louis apanhou um dos seus pequenos charutos, que não se permitia acender na presença de Camille, fosse no escritório, no carro, no restaurante, enfim, quase em qualquer lugar fechado.

Lado a lado, os três homens observavam em silêncio a zona da residência. Tendo escapado subitamente ao horror, eles pareciam encontrar no cenário sinistro do local algo de tranquilizador, de vagamente humano.

– Armand, você começa interrogando a vizinhança – disse enfim Camille – Enviaremos Maleval para acompanhá-lo assim que ele voltar. Seja discreto, hein... Já temos problemas o bastante.

Armand fez um gesto de consentimento, mas seus olhos cobiçavam a charuteira de Louis. Ele filara de Louis o primeiro charuto do dia, quando Bergeret saiu e juntou-se a eles.

– Vamos precisar de tempo.

E, então, deu meia-volta. Bergeret iniciara a carreira no exército. Estilo direto.

– Jean! – chamou Camille.

Bergeret virou-se. Um belo rosto obtuso, com a expressão de quem sabe sustentar suas decisões e se curvar perante a absurdidade do mundo.

– Prioridade absoluta – disse Camille – Dois dias.

– Certamente, aguarde! – falou o outro, virando-lhe as costas resolutamente.

Camille voltou-se para Louis e fez um gesto resignado.

– Às vezes funciona...

## 6

O loft da rua Félix-Faure tinha sido negociado por uma sociedade especializada em investimentos imobiliários chamada SOGEFI.

Onze e meia da manhã, cais de Valmy. Belo edifício em frente ao canal, piso de mármore para todo lado, vidraças para todo lado e uma recepcionista com seios para todo lado. O distintivo da polícia judiciária, um pequeno susto, em seguida um elevador, mais piso de mármore (cores invertidas), a porta de duas folhas de um escritório imenso, um sujeito antipático de nome Cottet, seguro de si, sentem-se, vocês estão no meu território, em que posso lhes ser útil, mas não tenho muito tempo para oferecer a vocês.

Na verdade, Cottet parecia um castelo de cartas. Ele era daqueles homens que nada pode abalar. Alto, dava a impressão de morar em uma carcaça emprestada. Era visivelmente vestido por sua mulher, que tinha seu ponto de vista sobre o homem ideal, mas não o melhor. Ela imaginava-o como um chefe de empresa dominador (terno cinza-claro), decidido (camisa com listras finas azuis) e apressado (sapatos italianos com bico pontudo), mas concedia que fosse, no fim das contas, um executivo mediano um pouco olhem-pra-mim (gravata vistosa) e um tanto vulgar (anel de ouro e abotoaduras para fora). Quando ele viu Camille surgir no seu escritório, pecou lamentavelmente ao examiná-lo de relance, levantando as sobrancelhas com um ar de surpresa e retomando a postura, como se nada tivesse acontecido. A pior das saídas, segundo Camille, que conhecia todas.

Cottet era daqueles que veem a vida como um assunto sério. Havia casos em que ele podia dizer “é moleza”, aqueles que declarava “espinhentos” e, enfim, os “casos sujos”. Só de ver o rosto de Camille, compreendeu que a presente circunstância iria escapar de suas categorias.

Normalmente, era Louis que tomava a iniciativa, em casos como aquele. Ele era paciente e, às vezes, bem pedagogo.

– Precisamos saber por quem e em quais condições esse apartamento foi ocupado. E é bem urgente, evidentemente.

– Certamente. De qual apartamento se trata?  
– Rua Félix-Faure, número 17, em Courbevoie.  
Cottet ficou pálido.

– Ah...

E, então, silêncio. Como um peixe, Cottet olhava para a base de sua secretária eletrônica com o olhar entorpecido.

– Senhor Cottet – retomou Louis com o tom mais calmo e ponderado possível –, acho que seria melhor, para o senhor e para a sua sociedade, explicar-nos tudo, tranquilamente e bem detalhadamente... Não tenha pressa.

– Sim, certamente – respondeu Cottet.

Então, ele encarou-os com uma feição de naufrago.

– Essa transação não aconteceu... como se pode dizer... de uma maneira totalmente habitual, sabem...

– Não muito bem, não – respondeu Louis.

– Fomos contatados em abril. A pessoa...

– Quem?

Cottet levantou os olhos para Camille, seu olhar pareceu se perder por um instante na janela para buscar alguma ajuda, algum consolo...

– Haynal. Ele se chamava Haynal. Jean. Eu acho...

– Você acha?

– É isso, Jean Haynal. Ele estava interessado nesse loft de Courbevoie. Para dizer a verdade – continuou Cottet, readquirindo confiança –, esse projeto não tem sido muito rentável... Nós investimos bastante e os resultados ainda não são muito convincentes no conjunto da instalação industrial desativada, onde já negociamos quatro projetos para pessoas físicas. Também não é nada assim alarmante, mas...

Suas circunlocuções irritavam Camille.

– Resumindo, o senhor vendeu quantos? – cortou ele.

– Nenhum.

Cottet olhava-o fixamente, como se aquele “nenhum” fosse lhe render uma condenação à morte. Camille podia apostar que aquela aventura imobiliária havia posto ambos, ele e sua empresa, em uma situação muito, muito complicada...

– Por favor... – encorajou Louis – Prossiga...

– Esse senhor não queria comprar, ele queria alugar por um período de três meses. Ele dizia representar uma empresa de produção cinematográfica. Eu recusei. É algo que não fazemos. Muitos riscos de inadimplência, muitas despesas e para pouco tempo, sabem. E, além disso, nosso trabalho é vender projetos, e não brincar de agência imobiliária.

Cottet falou aquilo com um tom de desprezo que muito dizia sobre a dificuldade da situação que lhe havia obrigado a transformar a si mesmo em agente imobiliário.

– Compreendo – disse Louis.

– Mas somos submetidos à lei da realidade, não é? – acrescentou, como se aquele gracejo demonstrasse que ele também tinha cultura

– E esse senhor...

– Pagava em espécie? – perguntou Louis.

– Sim, pagava em espécie, e...

– Estava disposto a pagar caro – acrescentou Camille...

– Três vezes o preço do mercado.

– Como era esse homem?

– Não sei, só tive contato com ele por telefone.

– Sua voz? – perguntou Louis.

– Voz clara.

– E depois?

– Daí ele me pediu para visitar o loft. Queria tirar fotos.

Combinamos um encontro. Eu fui até o local. Nesse momento, eu deveria ter desconfiado...

– De quê? – perguntou Louis.

– Do fotógrafo... Não tinha um jeito, como posso dizer... muito profissional. Ele apareceu com um tipo de Polaroid. Punha no chão cada foto que tirava, uma ao lado da outra, bem organizadas, como se temesse misturá-las. Ele consultava um papel antes de cada foto, como se seguisse instruções sem compreendê-las. Pensei comigo que aquele sujeito era tão fotógrafo quanto eu sou...

– Agente imobiliário? – arriscou Camille.

– Se assim quiser – disse Cottet, fuzilando-o com os olhos.

– E o senhor poderia descrevê-lo? – retomou Louis, para evitar uma dispersão.

– Vagamente. Não fiquei muito tempo no local. Não tinha nada para fazer lá, e não valia a pena perder duas horas num lugar vazio para ficar olhando um sujeito tirar fotos... Eu abri a porta, observei-o trabalhando um pouco e fui embora. Quando ele terminou, pôs as chaves na caixa do correio, era uma cópia, não precisávamos dela de imediato.

– Como ele era?

– Mediano...

– E isso quer dizer...? – insistiu Louis.

– Mediano! – irritou-se Cottet – O que querem que eu diga? Tamanho mediano... idade mediana... mediano, oras!

Seguiu-se, então, um silêncio durante o qual cada um dos três homens pareceu meditar sobre a desesperadora média do mundo.

– E o fato desse fotógrafo ser tão pouco profissional – disse Camille – pareceu uma garantia a mais, não é?

– Sim, confesso – respondeu Cottet – Eu era pago em espécie, sem contrato e eu pensava que um filme... enfim, para... aquele tipo de filme, nós não teríamos problemas com o locatário.

Camille levantou-se primeiro. Cottet acompanhou-os até o elevador.

– Naturalmente, o senhor deve prestar um depoimento – explicou-lhe Louis, como se falasse com uma criança – Também poderão solicitar que compareça, portanto...

Camille interrompeu-o.

– Portanto, não toque em nada, nem nos seus livros nem em qualquer coisa que seja. Com os fiscais, você tem que se virar sozinho. Por ora, temos duas jovens esquartejadas. Então, por enquanto, mesmo para o senhor, isso é o suficiente.

Cottet tinha o olhar perdido, como se buscasse medir as consequências que ele já pressentia serem catastróficas. Sua gravata colorida de repente ganhava destaque, como uma força sobre o peito de um condenado à morte.

– Vocês têm fotografias, plantas? – perguntou Camille.

– Nós fizemos um belo prospecto de apresentação... – recomeçou Cottet, com um largo sorriso de diretor comercial, mas se deu conta da incongruência do seu entusiasmo e logo guardou seu sorriso para futuros lucros e prejuízos.

– Faça com que tudo isso chegue a mim o quanto antes – disse Camille, entregando-lhe seu cartão.

Cottet apanhou-o como se temesse se queimar.

Descendo para o saguão, Louis mencionou de passagem os “dotes” da secretária. Camille respondeu que não havia reparado em nada.

## 7

Mesmo com duas equipes, a perícia deveria passar grande parte do dia no local. O desfile inevitável de carros, motos e furgões provocou um primeiro alvoroço ao final da manhã. Era de se perguntar por que as pessoas tiveram a ideia de ir até lá. Parecia o ataque dos mortos-vivos em um filme de segunda categoria. A imprensa esteve no local meia hora mais tarde. Evidentemente, nenhuma foto do interior. Evidentemente, nenhuma declaração. Mas, com os primeiros boatos, às 14 horas, surgiu a sensação de que seria melhor dizer alguma coisa do que deixar a imprensa por conta própria. Do seu celular, Camille ligou para Le Guen e compartilhou sua inquietude.

– Por aqui também já estão começando a fazer barulho... – falou Le Guen.

Camille saiu do apartamento com uma única ambição: dizer o mínimo possível.

Não havia tanta gente assim: algumas dezenas de curiosos, uma pequena dezena de jornalistas e, à primeira vista, nenhum jornalista de ponta, apenas alguns *freelancers* e figurantes. Era a ocasião oportuna para amenizar a situação e ganhar alguns dias preciosos.

—

Camille tinha duas boas razões para ser conhecido e reconhecido. Seu *savoir-faire* havia-lhe proporcionado uma sólida reputação que seu um metro e quarenta e cinco transformou em uma pequena notoriedade. Embora fosse difícil enquadrá-lo na lente, os jornalistas logo se apressavam, animados para interrogar aquele pequeno homem de voz seca e cortante. Eles achavam-no pouco eloquente, mas “direto”.

—

Em certas ocasiões, estreita vantagem comparada aos inconvenientes, seu físico favorecera-lhe. Mal ele era visto, não o esqueciam mais. Ele já tinha recusado participar de vários programas de televisão, sabendo que tinha sido convidado na esperança de escutarem-no proferir o relato deliciosamente emotivo daquele que “superou a deficiência de forma exemplar”. Os apresentadores nitidamente salivavam ao imaginar uma reportagem sensacionalista, mostrando Camille em seu carro adaptado para deficientes, com todos os comandos ao volante, mas ostentando um giroflex no teto. Camille não queria nem saber daquilo, ainda mais por detestar dirigir. Seu superior apreciou a decisão. Uma vez, contudo, uma só, ele vacilou. Um dia de tempestade sombria. Um dia de raiva. Um dia talvez em que tenha sido preciso fazer um trajeto demasiado longo de metrô, sob olhos evasivos e debochados. Propuseram a ele uma participação no canal France 3. Após a ênfase habitual na suposta missão de interesse público que ele deveria assumir, seu interlocutor o fez entender por meias palavras que ele não tinha nada a perder, imaginando certamente que o desejo de fama atormentava a terra inteira. Não, foi no dia em que ele levou um tombo na banheira. Dia de má sorte para os anos. Ele disse sim, e seu superior fingiu consentir de bom coração.

Chegando aos estúdios, nitidamente deprimido por ceder ao que não era mais uma tentação, ele teve que utilizar o elevador. A mulher que entrou com ele, com os braços cheios de bobinas e papéis, perguntou-lhe a qual andar ele iria. Camille apontou, com um olhar apático, o botão do décimo quinto, situado a uma altura vertiginosa. Ela deu um lindo sorriso, mas, com o esforço para alcançar o botão, acabou derrubando as bobinas. Quando o elevador chegou ao destino, eles estavam com mãos e joelhos no chão, recolhendo envelopes abertos e reunindo papéis. Ela agradeceu-lhe.

– Quando coloco papel de parede é a mesma coisa – tranquilizou-  
a Camille – Logo vira um pesadelo...  
A mulher riu. Ela tinha um belo sorriso.  
Ele casou-se com Irene seis meses mais tarde.

## 8

Os jornalistas tinham pressa.

Ele falou:

– Duas vítimas.

– Quem?

– Não fazemos ideia. Duas mulheres. Jovens...

– De que idade?

– Uns 25 anos. É tudo que se pode dizer por enquanto.

– Quando liberam os corpos? – perguntou um fotógrafo.

– Em breve, estamos um pouco atrasados. Problemas técnicos...

Uma brecha entre as perguntas. Uma boa oportunidade para esgueirar-se.

– Não se pode dizer grande coisa agora, mas, honestamente, nada de excepcional. Não temos muitas informações, isso é tudo. Devemos fazer um balanço amanhã à noite. Até lá, é melhor deixar os rapazes do laboratório trabalharem.

– E o que podemos afirmar? – perguntou um jovem rapaz com olhar de alcoólatra.

– Podemos afirmar: duas mulheres, não se sabe ainda quem.

Podemos afirmar: assassinadas, há um ou dois dias, não se sabe por quem e não se sabe ainda nem como nem por quê.

– É muito pouco!

– É o que estou tentando explicar para vocês.

Não se podia dizer mais que aquilo. Houve um instante de perplexidade entre os jornalistas.

E, naquele preciso instante, chegou o que Camille menos desejava. O furgão da perícia havia dado marcha à ré, contudo não pôde se aproximar suficientemente da entrada do loft por causa de uma jardineira de cimento construída ali por uma razão muito misteriosa. O motorista desceu para abrir bem as duas portas de trás e, no segundo seguinte, dois outros homens saíram um após o outro. A atenção dos repórteres, até então dispersa, subitamente deu lugar a um interesse afiado quando a porta do loft deixou aparecer com clareza uma parede do salão coberta por uma imensa

mancha de sangue, lançada a esmo, como em uma tela de Pollock. Como se aquela visão ainda precisasse de uma confirmação, os dois homens da perícia cautelosamente começaram a carregar o furgão com sacos plásticos cuidadosamente lacrados com as etiquetas do Instituto Médico Legal.

Ora, os jornalistas são um pouco como empregados de funerárias, calculando o tamanho de um corpo em apenas um golpe de vista. E, ao verem os sacos saindo, todos adivinharam que aquilo tudo estava em pedaços.

– Nossa! – exclamou o coro de repórteres.

Antes de o cordão de segurança ter tempo para ampliar o perímetro de segurança, os fotógrafos metralharam a primeira aparição. A pequena matilha cindiu-se em dois espontaneamente, como uma célula cancerígena, uns metralhando o furgão, gritando “Por aqui!” para atrair o olhar dos macabros carregadores e fazê-los parar por um instante, outros sacando seus telefones celulares para chamar reforço.

– Nossa! – confirmou Camille.

Um verdadeiro trabalho de amador. Por sua vez, apanhou seu celular e fez as inevitáveis ligações que confirmavam a entrada no olho do furacão.

## 9

A perícia havia trabalhado bem. Duas janelas foram entreabertas para fazer uma corrente de ar, e os odores da manhã haviam se dissipado o bastante para que os lenços e as gazes de cirurgia não fossem mais necessários.

Os locais de um crime são às vezes mais angustiantes naquele estado que na presença de cadáveres porque parece que a morte os acometeu uma segunda vez, fazendo-os desaparecer.

Ali, era ainda pior. Somente os peritos permaneceram no local, com suas máquinas fotográficas, medidores eletrônicos, pinças, frascos, saquinhos plásticos, produtos reveladores. E agora era como se ali nunca tivessem existido corpos, ou como se a morte lhes tivesse recusado a última dignidade de encarnar em alguma coisa que tivesse sido viva uma vez. Os carregadores tinham recolhido e levado as pontas dos dedos, as cabeças, as barrigas abertas. Restavam apenas os rastros de sangue e de merda e, livre do horror nu, o apartamento ganhava uma outra aparência. Até mesmo para os olhos de Camille era uma aparência extremamente estranha. Louis olhou para seu patrão com prudência, encontrando nele uma expressão esquisita, como se estivesse procurando uma resposta para um jogo de palavras-cruzadas, com uma grande ruga na testa e as sobrancelhas franzidas.

Louis adentrou na sala, caminhou até o aparelho de TV e o bloco de notas do telefone; Camille deu uma volta no quarto. Eles perambulavam pelo local como dois visitantes em um museu, curiosos para descobrir aqui ou ali um novo detalhe que até então passara despercebido. Pouco depois, eles se cruzaram no banheiro, sempre pensativos. Louis foi inspecionar o quarto, Camille olhava pela janela enquanto os técnicos da perícia desligavam seus projetores, enrolavam os plásticos e os cabos, fechavam uma a uma as maletas e as caixas. Conforme andavam pelo cenário, Louis, com a mente aguçada pela expressão preocupada de Camille, fazia funcionar seus neurônios. E, pouco a pouco, começou a exibir uma

expressão mais séria, mais que de costume, como se estivesse efetuando mentalmente um cálculo com números de oito casas.

Ele reencontrou Camille na sala. No chão, estava aberta a mala encontrada no guarda-roupa (couro bege, alta qualidade, estofada internamente com cantos metálicos como as *fly cases*), que os peritos ainda não tinham levado embora. Ela continha um terno, uma calçadeira, um barbeador elétrico, uma carteira, um relógio esporte e uma fotocopadora de bolso.

Um perito, que devia ter saído por alguns instantes, retornou anunciando a Camille:

– Dia duro, Camille, a tevê acabou de chegar...

Depois, seguindo com os olhos os longos rastros de sangue que atravessavam o cômodo, acrescentou:

– Isso vai render o jornal das oito por um bom tempo.

## 10

– Um belo crime premeditado – disse Louis.

– Para mim, é mais complicado que isso. E, para ser sincero, não faz sentido.

– Não faz sentido?

– Não – disse Camille – Tudo o que vejo aqui é quase novo. Sofá, cama, tapete, tudo. Não consigo imaginar alguém fazendo tais tipos de despesas com o único objetivo de rodar um filme pornô. Compra-se mobília de segunda mão. Ou aluga-se um apartamento mobiliado. Aliás, normalmente não se aluga. Utiliza-se o que se encontra de graça.

– Um filme *snuff*? – perguntou Louis.

O jovem rapaz fazia menção a um daqueles filmes pornográficos nos quais, ao fim, mata-se de verdade. As mulheres, evidentemente.

– Pensei nisso – disse Camille – Sim, é possível...

Entretanto, todos sabiam que a onda daquelas produções já havia passado. E o cenário erudito e oneroso que tinham diante dos olhos não correspondia muito bem àquela hipótese.

Camille continuou a perambular pela sala.

– A marca de dedo, aí na parede, é nítida demais para ter sido involuntária – retomou ele.

– Não dá para ver nada do exterior – acrescentou Louis – A porta estava fechada, assim como as janelas. O crime não foi descoberto por ninguém. Pela lógica, foi um dos assassinos que nos avisou. É ao mesmo tempo premeditado e reivindicado. Mas não consigo imaginar um homem sozinho cometer tamanha carnificina...

– Isso veremos. Quanto a mim – disse Camille –, o que mais me intriga é saber por que há uma mensagem na secretária eletrônica.

Louis o encarou por um instante, surpreso por não conseguir mais acompanhar sua linha de raciocínio.

– Por quê? – perguntou ele.

– O que me aflige é que há tudo o que é necessário: telefone, secretária eletrônica... exceto o essencial: não há linha...

– O quê?

Louis levantou num pulo, puxou o fio do telefone, depois o móvel. Só havia uma tomada elétrica, e o telefone não estava conectado a nada.

– A premeditação não é mascarada. Nada foi feito para dissimulá-la. Pelo contrário, é como se tudo tivesse sido posto em evidência... é exagerado.

Com as mãos nos bolsos, Camille deu alguns passos pelo recinto e se plantou mais uma vez diante da cartografia do genoma.

– Sim – concluiu ele – É bem exagerado.

# 11

Louis chegou primeiro, seguido de Armand. E quando Maleval, que terminava uma conversa ao celular, juntou-se a eles, toda a equipe de Camille, que alguns, por respeito ou por alcunha, chamavam de “brigada Verhoeven”, ficou completa. Camille resumiu suas anotações rapidamente e depois olhou para seus colaboradores.

– Qual a opinião de vocês...?

Os três se olharam.

– Seria preciso primeiro saber quantos são – arriscou Armand – Quanto mais numerosos eles forem, mais chances temos de encontrá-los.

– Um cara sozinho não pode ter feito tudo aquilo – disse Maleval – Não é possível.

– Para ter certeza, será preciso esperar os resultados da perícia e da autópsia. Louis, faça o balanço sobre a locação do loft.

Louis relatou brevemente a visita deles à SOGEFI. Camille aproveitou para observar Armand e Maleval.

Os dois homens eram a antítese um do outro. Um o excesso e o outro a falta. Jean-Claude Maleval tinha 26 anos e um charme do qual abusava, assim como abusava de tudo, das noites, das mulheres, do corpo. Era o típico homem que não se preserva. Ele expunha, do começo ao fim do ano, um rosto exaurido. Quando pensava em Maleval, Camille sempre ficava vagamente inquieto e se perguntava se as depravações de seu colaborador demandavam muito dinheiro. Maleval tinha o perfil de um futuro policial corrupto, como certas crianças têm a feição de promissores imbecis desde a maternidade. Na verdade, era difícil saber se ele consumia sua vida de solteiro como outros gastavam a própria herança ou se ele já estava afundando na areia movediça das necessidades excessivas. Duas vezes, no correr dos últimos meses, ele surpreendera Maleval em companhia de Louis. Nas duas vezes, os dois homens pareceram constrangidos, como se tivessem sido pegos no pulo, e Camille tinha certeza de que Maleval tomava dinheiro emprestado de Louis. Talvez

não regularmente. Ele não queria se intrometer e agir como se não tivesse reparado em nada.

Maleval fumava muitos cigarros de filtro vermelho, gozava de uma certa sorte em corridas e de uma grande predileção por uísque Bowmore. Mas, na sua lista de prioridades, eram as mulheres que Maleval colocava no topo. Ele era, de fato, bonito. Alto, moreno, um olhar que respirava astúcia, e ainda com o físico do campeão de judô francês que ele tinha sido no passado.

Camille contemplava sua antítese por um instante, Armand. Pobre Armand. Inspetor na Brigada Criminal há vinte e três anos, havia bem uns dezenove e meio que gozava da reputação do mais sórdido pão-duro que a polícia já possuiu. Era um homem de idade indefinida, demorado como um dia sem pão, de traços esguios, magro e inquieto. Tudo o que podia definir Armand encontrava-se do lado da falta. Aquele homem era a penúria encarnada. Sua avareza não tinha o charme de um traço de caráter. Era uma patologia custosa, muito custosa, invencível e que nunca divertira Camille. No fundo, Camille não dava a mínima para a sovínice de Armand, mas após tantos anos trabalhando juntos, ele continuava sofrendo ao ver o "pobre Armand", a despeito de si mesmo, sendo levado a inacreditáveis baixezas só para não gastar um centavo, e a estratégias extraordinariamente complicadas só para evitar pagar uma simples xícara de café. Talvez por herança de sua deficiência, Camille sofria daquelas humilhações como se elas fossem suas. O mais patético era a real consciência que Armand tinha de seu próprio estado. Ele sofria e tornara-se um homem triste. Armand trabalhava em silêncio. Armand trabalhava bem. À sua maneira, ele era talvez o melhor dos coadjuvantes da Brigada Criminal. Sua avareza fizera dele um policial metuculoso, acurado, escrupuloso, capaz de esmiuçar uma lista telefônica durante dias inteiros, de ficar à espreita por intermináveis horas em um carro com o aquecedor avariado, de interrogar ruas inteiras, empresas inteiras, de encontrar, no sentido próprio do termo, uma agulha em um palheiro. Se lhe dessem um quebra-cabeça de um milhão de peças, Armand não faria nada além de pegá-lo, voltar para a sua mesa e dedicar horas de serviço em uma escrupulosa integridade para montá-lo. E pouco

importava o tema de sua busca. O assunto não tinha nenhuma importância. Sua obsessão por acumulação excluía qualquer preferência. Ela muitas vezes fazia milagres e, se todo mundo concordava em achar Armand insuportável no dia a dia, admitia-se com razão que aquele tira obstinado, pente-fino, tinha algo a mais que os outros, algo de atemporal, que mostrava admiravelmente a que ponto, levada ao seu limite extremo, uma tarefa sem interesse pode exigir genialidade. Após terem gasto quase todas as piadas possíveis sobre sua avareza, seus colegas foram pouco a pouco deixando de zombar dela. Ninguém mais achava engraçado. Todos estavam perplexos.

– Bem – concluiu Camille assim que Louis terminou seu relato – Enquanto aguardamos as primeiras informações, vamos trabalhar com o que temos. Armand e Maleval, comecem a averiguar os indícios materiais, tudo o que foi encontrado no local, a proveniência dos móveis, dos objetos, adereços, roupas, tecidos etc. Louis, você se ocupa da fita de vídeo, da revista americana, enfim, de tudo o que for exótico, mas fique por perto. Se algo de novo surgir, Louis se encarrega da comunicação. Perguntas?

Não havia perguntas, ou havia perguntas demais, o que dava na mesma.

## 12

A polícia de Courbevoie tinha sido informada do crime pela manhã, por intermédio de uma ligação anônima. Camille foi até lá para escutar a gravação.

“Houve um homicídio. Rua Félix-Faure. No décimo sétimo distrito.”

Era, com certeza, a mesma voz da secretária eletrônica, com a mesma deformação, provavelmente proveniente do mesmo aparelho.

Camille passou as duas horas seguintes preenchendo formulários, processos, questionários, lacunas de texto com incógnitas da investigação, perguntando-se constantemente para que servia aquilo. Submetido às necessidades da vida administrativa, muitas vezes ele se sentia atingido por um tipo de estrabismo mental. Com seu olho direito, ele completava os formulários, sujeitava-se às exigências da estatística local e redigia, no estilo regulamentar, atas e relatórios de operação, enquanto na retina do seu olho esquerdo permaneciam coladas imagens de corpos mortos caídos pelo chão, feridas negras de sangue coagulado, rostos devastados pela dor e pela luta desesperada para se manterem vivos, o último olhar de incompreensão diante da evidência da morte certa, sempre surpreendente.

E, às vezes, tudo aquilo se sobrepunha. Camille foi arrebatado pela imagem de dedos de mulheres, cortados, dispostos como coroa sob o logo da polícia judicial... Ele pôs os óculos sobre a mesa e massageou lentamente as sobrancelhas.

## 13

Bergeret, o responsável pela perícia, como o bom militar que fora, ciente de sua importância, não era homem de se precipitar nem de responder às urgências de qualquer um. Porém, provavelmente, Le Guen se servira de sua influência (combate de titãs entre os dois homens, duas inércias enfrentando-se em um corpo a corpo patético, como uma luta de sumô filmada em câmera lenta). De qualquer forma, ao fim da tarde, Camille dispôs dos seus primeiros dados provindos da perícia.

Duas mulheres jovens, portanto, entre 20 e 30 anos. Ambas loiras. Uma delas, 1,65 metro, 50 quilos, uma marca de nascença no joelho (lado interno esquerdo), boa dentição, seios firmes. A outra, mais ou menos do mesmo tamanho, mais ou menos o mesmo peso, dentição tão boa quanto a da primeira, nenhum sinal particular, seios também bem firmes. As duas vítimas haviam feito uma refeição entre três e cinco horas antes da morte: alimentos crus, *carpaccio* e vinho tinto. Uma das vítimas optara por morango com açúcar, a outra por um sorvete de limão. As duas também haviam bebido champanhe. Uma garrafa de champanhe Moët Hennessy bruto e duas taças encontradas sobre a cama tinham suas digitais. Foi com os dedos cortados e reagrupados que a marca sanguinolenta fora feita na parede. A reconstituição do *modus operandi*, expressão que todos aqueles que nunca fizeram latim adoram, naturalmente demoraria mais tempo. Em que ordem elas foram esquartejadas, de que maneira, com o quê? Fora necessário um único ou vários homens (ou mulheres?), elas foram estupradas, como (ou com o quê)? Eram tantas incógnitas naquela equação macabra que Camille tinha por missão resolver.

O detalhe mais estranho: aquela impressão digital de um dedo médio tão nítida feita sobre a parede não era real. Foi realizada com um carimbo.

Camille jamais nutrira suspeita particular em relação à informática, mas, certos dias, ele não conseguia se impedir de pensar que aquelas máquinas de fato eram do diabo. Mal apareceram os

primeiros elementos da perícia e o computador do arquivo central já apresentou uma confirmação, oferecendo a escolha entre uma boa e uma má notícia. A boa notícia era que ele tinha identificado uma das duas vítimas a partir de suas impressões digitais. Era uma certa Évelyne Rouvray, 23 anos, residente em Bobigny, conhecida dos departamentos de polícia por prostituição. A má notícia apontava claramente para o retorno do que vinha sendo refutado e fazia ressurgir com toda a força o que Camille ineptamente tentou rechaçar alguns minutos antes. A falsa impressão digital encontrada na parede correspondia a um outro caso, que remontava ao dia 21 de novembro de 2001 e cujo dossiê imediatamente apareceu na tela.

## 14

O dossiê também era do diabo. Nesse ponto, todo mundo concordava. Só um tira suicida poderia desejar se encarregar daquele caso, que já tinha dado tanto o que falar. Na época, os jornalistas renderam-se a comentários sem-fim sobre a falsa impressão digital de um dedo mergulhado no nanquim e carimbado em um dos dedos do pé da vítima. Durante algumas semanas, a imprensa divulgara os detalhes com diversos rótulos. Falara-se do “crime de Tremblay”, da “tragédia do terreno baldio” e, como de costume, o prêmio foi para o jornal *Le Matin*, que cobriu o caso evocando “a jovem moça ceifada pela morte”.

Camille conhecia aquele caso como todo mundo, nem mais nem menos, mas seu aspecto espetacular o fez pensar que o olho do furacão havia bruscamente reduzido seu diâmetro.

O ressurgimento do caso de Tremblay modificava as cartas do jogo. Se o sujeito se pusesse a esquartejar moças pelos quatro cantos dos subúrbios parisienses, seria possível aguardar por novas notícias até que ele fosse detido. Com que tipo de cliente eles estavam lidando? Camille tirou o telefone do gancho, ligou para Le Guen e anunciou a novidade.

– Merda – falou Le Guen, discretamente.

– É o que se pode dizer mesmo.

– A imprensa vai adorar.

– Ela já está adorando, tenho certeza.

– Como assim “já”?

– O que você quer? Esta Brigada é uma verdadeira peneira – explicou Camille – Os jornalistas estavam em Courbevoie uma hora depois de nós...

– E...? – perguntou Le Guen, inquieto.

– E logo em seguida a televisão – admitiu Camille, com pesar.

Le Guen ficou alguns segundos em silêncio. Então, Camille aproveitou.

– Quero um perfil psicológico desses indivíduos – pediu ele.

– Por que “esses indivíduos”? Vocês acharam muitas impressões digitais?

– Esse indivíduo, esses indivíduos... Eu vou lá saber!

– Certo. É a juíza Deschamps quem foi acionada. Vou ligar para ela pedindo para designar um especialista.

Camille, que nunca tinha trabalhado com a juíza, mas com quem já tinha cruzado algumas vezes, lembrava-se de uma mulher de mais ou menos 50 anos, magra, elegante e de uma feiura extravagante. O tipo de mulher que desafia qualquer descrição e que ama joias de ouro.

– A autópsia será amanhã. Se o especialista for designado rapidamente, eu o mando para lá para que acompanhe as primeiras conclusões.

Camille adiou a leitura do dossiê de Tremblay. Ele o levaria para casa. Por enquanto, seria melhor se concentrar no presente.

# 15

Dossiê Évelyne Rouvray.

Nascida no dia 16 de março de 1980 em Bobigny, filha de Françoise Rouvray e pai desconhecido. Deixou o colégio ao terminar o terceiro ano. Sem registro de emprego. Primeiro rastro em novembro de 1996: delito em flagrante de prostituição em um carro na Porte de la Chapelle. Coíbe-se o desacato aos costumes, mas não a prostituição. A jovem ainda é menor de idade, é mais dor de cabeça que qualquer outra coisa, mas, mesmo assim, a polícia é acionada. O que não adianta muito. Três meses mais tarde, repeteco: a pequena Rouvray é resgatada de novo nos bulevares dos Maréchaux, novamente em um carro, e na mesma posição. Dessa vez, ela é levada a tribunal. O juiz sabe que eles vão se reencontrar regularmente e oferece o presente de boas-vindas da justiça francesa para uma pequena delinquente que vai ficar grande: oito dias em condicional. Curiosamente, perderam seu rastro desde então, o que é bem raro. Em geral, a lista de prisões por pequenos delitos aumenta com o passar dos anos, às vezes com o passar dos meses, se a moça for bem ativa, se ela se drogar ou contrair AIDS, enfim, caso ela precise de dinheiro e se prostitua da manhã até a noite. Nada disso nesse caso; Évelyne cumpre seus oito dias de condicional e desaparece dos dossiês. Até ser encontrada em pedaços no loft de Courbevoie.

## 16

Último endereço registrado: comuna de Bobigny, rua Marcel Cachin. Um conjunto habitacional dos anos 1970, as portas arrombadas, a caixa de correio revirada, grafites do chão ao teto, no terceiro andar uma porta com um olho mágico e, ao “Polícia, abram!”, um rosto abatido. Era a mãe, já em idade avançada.

– Senhora Rouvray?

– Nós gostaríamos de falar sobre a sua filha, Évelyne.

– Ela não mora mais aqui.

– Onde ela morava... onde ela mora?

– Não faço ideia. Não sou da polícia.

– Nós somos, e é melhor nos ajudar... Évelyne teve problemas, grandes problemas.

Intrigada.

– Que tipo de problemas?

– Nós precisamos do seu endereço...

Ela se mostra hesitante. Camille e Louis permanecem no patamar, prudentes. E experientes.

– É importante...

– Ela está na casa do José. Na rua Fremontel.

A porta vai se fechando.

– José o quê?

– Não faço ideia. José, é tudo.

Dessa vez, Camille bloqueia a porta com o pé. A mãe não quer saber dos problemas de sua filha. Tem mais o que fazer, naturalmente.

– Évelyne está morta, senhora Rouvray.

Naquele instante, houve uma metamorfose. A boca se curvou, os olhos se encheram de lágrimas, nenhum grito, nenhum suspiro, somente lágrimas que se puseram a escorrer e, subitamente, Camille a achou inexplicavelmente bela, alguma coisa no rosto que lembrava a pequena Alice naquela manhã, com exceção dos hematomas, a não ser os da alma. Ele olha para Louis, depois para

ela de novo. Ela continua segurando a porta, com os olhos no chão. E nenhuma palavra, nenhuma pergunta, silêncio e lágrimas.

– É preciso ir reconhecer o corpo...

Ela não escuta mais. Levantou a cabeça. Faz um sinal de que entendeu e continua sem dizer nenhuma palavra. A porta é fechada lentamente. Camille e Louis se alegram por terem sabido permanecer no patamar, já prontos para partir, já em retirada, como semeadores de dramas.

# 17

José para o arquivo central é José Riveiro. 24 anos. Carreira precoce, roubos de carros, agressões, detido três vezes. Alguns meses de prisão pela participação no assalto a uma joalheria em Pantin. Em liberdade há seis meses, por enquanto não se tinha ouvido falar mais dele. Com sorte, ele não está em casa, com mais sorte ainda, está foragido – e é o homem que eles estão procurando. Nem Louis nem Camille acreditavam naquilo. Sequer por um instante. De acordo com seu dossiê, José Riveiro não tem perfil de assassino maluco com modos luxuosos. Aliás, lá está ele, com chinelos e calças largas, não muito alto, um belo rosto sombrio, mas de semblante inquieto.

– Olá, José, não nos conhecemos ainda.

Entre ele e Camille, é conflito imediato. José é o típico macho. Ele olha para o tampinha como se ele fosse merda na calçada.

Dessa vez, eles entraram logo. José não perguntou nada e deixou-os passar, decerto indagando-se sem cessar sobre todos os motivos que a polícia poderia ter para entrar na casa dele daquele jeito, sem avisar. A sala é bem pequena, disposta ao redor de um sofá e uma televisão. Duas garrafas vazias de cerveja sobre uma mesa de centro, um quadro horroroso na parede e um cheiro de meias sujas. Era o típico solteiro. Camille entrou no quarto. Um verdadeiro desvario, roupas para todo lado, de homem e de mulher, ambiente sinistro com colchas de pelúcia fluorescente.

José encostou-se no batente da porta, retraído, já indignado, com cara de quem não quer dizer nada e está nitidamente muito aborrecido.

– Você mora sozinho, José?

– Por que está me perguntando isso?

– Somos nós que fazemos as perguntas, José. E aí, sozinho?

– Não. Com a Évelyne. Mas ela não está.

– E o que a Évelyne faz da vida?

– Ela está procurando um trabalho.

– Ah... e ela não achou, não é?

– Ainda não.

Louis não diz nada, aguardando para saber qual estratégia Camille vai adotar. Mas Camille sente-se tomado por uma imensa fadiga porque a coisa toda é previsível, escrita, e porque naquele ofício, até os contratempos se tornam uma formalidade. Ele opta pelo caminho mais rápido para se livrar de vez daquilo.

– E desde quando você não a vê?

– Ela saiu sábado.

– E acontece bastante de ela não voltar?

– Ah, não exatamente.

Nesse momento, José compreende que eles sabem mais dela do que ele, que o pior ainda não chegou e que não irá tardar. Ele olha para Louis, depois para Camille; um está encarando-o e o outro encarando o chão. De repente, Camille não é mais um anão. Ele é a abominável figura da fatalidade e suas consequências.

– Vocês sabem onde ela está... – disse José.

– Ela foi assassinada, José. Nós a encontramos esta manhã em um apartamento em Courbevoie.

Foi somente nesse instante que eles perceberam que José sentia dor de verdade. Que Évelyne, na época em que estava inteira, vivia lá com ele e que, mesmo sendo a puta que fosse, ele ficava ao lado dela, era lá que ela dormia, lá, com ele. Camille olha seu rosto prostrado, tomado por total incompreensão e pela devastação das verdadeiras catástrofes.

– Quem fez isso? – perguntou José.

– Não sabemos de nada. É justamente por isso que estamos aqui, José. Queríamos saber o que ela estava fazendo lá.

José faz “não” com a cabeça. Ele não tem ideia. Uma hora mais tarde, Camille já sabe tudo que tem a saber sobre José, Évelyne e sua pequena empresa privada, que levou aquela jovem, por mais ardilosa que fosse, a ser esquartejada por um maluco anônimo.

## 18

Évelyne Rouvray não dormia no ponto. Detida uma primeira vez, ela compreende rapidamente que já está indo ladeira abaixo e que sua vida vai se degenerar em alta velocidade, basta olhar para sua mãe. Seguindo o raciocínio de um viciado, ela se limita a um elevado mas ainda suportável consumo de drogas, ganha a vida em Porte de la Chapelle e manda se foder todos aqueles que propõem o dobro para dispensar o preservativo. Algumas semanas depois da sua condenação, José aparece em sua vida. Eles se instalam na rua Fremontel e assinam o provedor Wanadoo. Évelyne passa duas horas por dia descolando clientes, indo ao local de encontro, e é sempre José que a leva e que a espera. Ele joga pinball no bar mais próximo. José não é de fato um cafetão. Nessa história, ele sabe que não é a cabeça pensante; a cabeça pensante é Évelyne, organizada, prudente. Até ali. Muitos clientes a recebem no hotel. É o que aconteceu na semana precedente. Um cliente a recebeu em um hotel Mercure. Ao sair, ela disse poucas coisas sobre o sujeito, não muito depravado, bem simpático, puro lucro. E, de fato, Évelyne veio com uma proposta dele. Um *ménage à trois* para dali a dois dias, a ela caberia encontrar uma parceira. A única exigência do sujeito é que as duas fossem mais ou menos do mesmo tamanho, mais ou menos da mesma idade. Quer seios grandes, isso é tudo. Então, Évelyne chama Josiane Debeuf, uma moça que conheceu em Porte de la Chapelle; é para a noite toda, o sujeito estará completamente sozinho e propõe uma bela quantia de dinheiro, o equivalente a dois dias de trabalho e sem nenhuma despesa. Ele deu o endereço de Courbevoie. Foi José que levou as duas até lá. Eles chegam àquele subúrbio deserto e ficam um pouco receosos. Para o caso de o esquema não ser limpo, combinam que José ficará no carro até que uma das duas jovens lhe faça um sinal indicando que tudo está bem. Então, ele permanece no carro a algumas dezenas de metros, quando o cliente abre a porta para elas. Por causa da iluminação que vem do interior, ele só consegue distinguir a silhueta dele. O homem apertou a mão das duas moças. José ficou vinte minutos no

carro até que Évelyne veio à janela e acenou para ele, como combinaram. José não se sente mal em partir, ele tinha planejado assistir ao jogo do PSG no Canal Plus.

Assim que eles deixaram o apartamento de José Riveiro, Camille encarregou Louis de reunir os primeiros dados sobre a segunda vítima, Josiane Debeuf, 21 anos. O rastro não deveria ser muito difícil de reconstituir. É muito raro que as garotas de programa dos bulevares periféricos fossem desconhecidas da polícia.

## 19

Ao encontrar Irene bem inteira, reclinada sobre o sofá, de frente para a televisão, com as duas mãos sobre a barriga e um belo sorriso nos lábios, Camille deu-se conta de que, desde cedo, estivera com a cabeça repleta de pedaços de mulheres.

– Algo de errado...? – perguntou ela, vendo-o entrar com seu grande dossiê debaixo do braço.

– Não... tudo bem.

Para mudar de assunto, ele colocou a mão sobre a barriga dela e perguntou:

– E aí, ele está mexendo bastante?

Ele mal tinha acabado a frase e o jornal das oito já começava com a imagem em câmera lenta de um furgão da perícia judiciária deixando a rua Félix-Faure, de Courbevoie.

Na hora em que chegaram, evidentemente os câmeras não tinham mais muita coisa para filmar. Em todos os cortes, as imagens mostravam a entrada do loft, portas fechadas, algumas idas e vindas dos últimos técnicos da perícia e um grande plano das janelas, também fechadas. A matéria era anunciada por uma voz grave, como em momentos de grandes catástrofes. Este único indício bastava para Camille saber que a imprensa valorizava muito aquela história inusitada e que não a largaria sem uma boa razão. Por um instante, ele desejou que algum ministro de repente fosse acionado.

A aparição dos sacos plásticos era objeto de tratamento privilegiado. Não se vê todos os dias tantos sacos plásticos assim. A matéria destacava o pouco que se sabia sobre o “terrível drama de Courbevoie”.

Irene nada dizia. Ela olhava para seu marido, que tinha acabado de aparecer na tela. Ao sair do loft ao fim do dia, Camille contentou-se em repetir o que dissera algumas horas mais cedo. Mas, dessa vez, havia imagens. No meio de um círculo de microfones inclinados, ele fora filmado de cima a baixo, como para salientar a incongruência da situação. Felizmente, a matéria tinha chegado bem tarde nas redações.

– Eles não tiveram muito tempo para a edição – comentou Irene, com ar de profissional.

As imagens confirmavam seu diagnóstico. O resumo de Camille era descontínuo. Eles haviam conservado apenas o melhor.

– Duas jovens mulheres, cuja identidade ainda desconhecemos, foram mortas. Trata-se de um crime... particularmente atroz. – *Por que eu fui dizer tal coisa?*, perguntou-se Camille

– O inquérito foi confiado à juíza Deschamps. É tudo o que podemos dizer por ora. É preciso nos deixar trabalhar...

– Coitado do meu amor... – disse Irene ao fim da matéria.

—

Depois de jantar, Camille fingiu se interessar pelo programa na televisão, mas preferiu folhear uma revista ou duas, depois tirou alguns papéis da escrivaninha, percorrendo-os com a caneta na mão, até que Irene lhe disse:

– Seria melhor que você fosse trabalhar um pouco. Ajudaria a relaxar...

Irene sorria.

– Você vai se deitar tarde? – perguntou ela.

– Não – protestou Camille – Vou só dar uma olhada aqui e já vou.

## 20

Eram 23 horas quando Camille pôs sobre sua mesa o dossiê “01/12587”. Dossiê espesso. Tirou seus óculos e massageou lentamente as sobrancelhas. Gostava bastante daquele gesto. Ele, que sempre tivera uma excelente visão, tinha esperado impacientemente pelo momento em que enfim poderia realizar aquele movimento. Na verdade, ele tinha dois gestos. O primeiro consistia em retirar os óculos com a mão direita com um movimento longo, virando lentamente a cabeça para acompanhar o gesto, para abarcá-lo de alguma forma. A versão mais refinada do primeiro incluía um sorriso um pouco enigmático e, quando realizada perfeitamente, os óculos passavam, com uma discreta inabilidade, para a mão esquerda, a fim de que a outra pudesse se estender para o visitante ao qual aquele gesto era direcionado, como uma oferta estética ao simples prazer de reencontrá-lo. No segundo gesto, ele retirava os óculos com a mão esquerda, fechando as pálpebras, colocava os óculos ao alcance da mão, depois massageava a aresta do nariz com o polegar e o dedo médio, mantendo o indicador pousado sobre a testa. Aquele gesto era uma descontração após um esforço ou um longo período de concentração (ele podia também acompanhá-lo com um profundo suspiro, caso desejasse). Era um gesto de intelectual ligeiramente – bem ligeiramente – ultrapassado.

—

Uma longa familiaridade com relatórios, minutas e processos verbais de todas as espécies o tinha ensinado a percorrer rapidamente dossiês volumosos.

O caso começou com uma ligação telefônica anônima. Camille procurou o processo verbal: “Houve um homicídio em Tremblay-en-

France. No terreno baldio da rua Garnier”. Decididamente, o assassino tinha seu método. É bizarro como as pessoas desenvolvem hábitos com rapidez.

Aquela repetição tinha evidentemente tanto sentido quanto as frases em si. A sentença escolhida era simples, apurada, precisamente informativa. Ela dizia com clareza que não havia nem agitação nem pânico, nem mesmo a menor afetação. E a repetição idêntica da mesma sentença não era aleatória. Ela abordava até a supremacia – real ou suposta – do assassino que se faz mensageiro dos próprios crimes.

A vítima fora rapidamente identificada como Manuela Constanza, jovem prostituta de 24 anos, de origem espanhola, que realizava seus programas em um hotel pulguento, na esquina com a rua Blondel. Seu cafetão, Henri Lambert, vulgo Lambola – 51 anos, dezessete prisões, quatro condenações das quais duas por proxenetismo grave –, fora imediatamente posto em prisão preventiva. Lambola não demorou a fazer seus cálculos e preferiu confessar sua participação, no dia 21 de novembro de 2001, no arrombamento de um shopping de Toulouse, o que lhe rendeu uma condenação a oito duros meses em regime fechado, mas evitou uma acusação de homicídio. Camille prosseguiu com sua leitura do dossiê.

Fotos em preto e branco, de uma precisão estarrecedora. E, de repente: um corpo de mulher cindido em dois na altura da cintura.

– Não pode ser... – falou Camille – O que esse cara...

Primeira foto: a metade de baixo do corpo está nua. As pernas escancaradas. Na coxa esquerda, uma fatia inteira de carne fora arrancada e uma grande cicatriz, já preta, revela uma ferida profunda, indo da cintura até o sexo. Pela posição, supõe-se que as duas pernas foram quebradas na altura dos joelhos. A amplificação da foto de um dedo do pé mostra a impressão digital de um dedo feita com um carimbo. Era a assinatura. A mesma que estava na parede do loft de Courbevoie.

Segunda foto: a metade de cima do corpo. Os seios pontilhados de queimaduras de cigarros. O seio direito tinha sido cortado. Ele só se mantém preso ao resto do corpo por alguns trapos de carne e de

pele. O seio esquerdo está totalmente dilacerado. Em cada seio, as feridas são profundas e vão até os ossos. Visivelmente, a jovem mulher fora amarrada. Ainda se constata a marca profunda, como se fossem queimaduras, provavelmente causada por cordas de longo diâmetro.

Terceira foto: grande plano da cabeça. O horror. O rosto é uma calamidade. O nariz fora profundamente esmagado para dentro da cabeça. A boca fora ampliada de uma orelha à outra com uma navalha. O rosto parece nos olhar sorrindo com uma careta medonha. Todos os dentes foram quebrados. Não restou mais que aquela paródia de sorriso. Insuportável. A jovem mulher tinha cabelos bem escuros, daquela cor que os escritores chamam de "preto azeviche".

Camille tem a respiração curta. Uma náusea o invade. Ele levanta os olhos, olha ao redor e se debruça de novo sobre aquela foto. Sente uma certa familiaridade ante aquela moça cortada em dois. Lembra-se de uma expressão de um jornalista: "Esse ríctus é a última das atrocidades". Os dois cortes de navalha começam exatamente nas junções dos lábios e sobem em curva até os lóbulos das orelhas.

Camille larga as fotos, abre a janela e olha por alguns instantes para as ruas e os telhados. Aquele crime de Tremblay-en-France tinha acontecido há dezoito meses, mas nada provava que tivesse sido o primeiro. Nem o último. Agora a questão era decerto saber quantos outros eles iriam encontrar. Camille oscilava entre o alívio e a inquietude.

Tecnicamente, havia algo certo na maneira que as vítimas tinham sido executadas – ela correspondia a um perfil de psicopata bem conhecido, o que constituía uma vantagem para a investigação. O que era inquietante era o ambiente do crime de Courbevoie. Além da premeditação, muitos elementos revelavam incoerências: objetos luxuosos abandonados no local, decoração estranha, marca de exotismo americano, telefone sem linha... Ele se pôs a revirar os relatórios da investigação. Uma hora mais tarde, sua inquietude encontrou motivo para aumentar. Também o crime de Tremblay-en-

France era marcado por numerosas zonas sombrias, cuja lista ele começou a compor mentalmente.

Ali também não faltavam fatos curiosos. Em primeiro lugar, a vítima, Manuela Constanza, tinha os cabelos surpreendentemente limpos. Um relatório de especialista destacava que eles haviam sido lavados com um xampu comum com perfume de maçã algumas horas antes da descoberta do crime, provavelmente após a morte da jovem, que remontava a mais ou menos oito horas. É difícil imaginar um assassino desfigurar uma jovem, cortar seu corpo em dois, e se dar ao trabalho de lavar seus cabelos... Várias vísceras haviam curiosamente desaparecido. Não se encontrava rastro de intestinos, nem de fígado, nem de estômago, nem de vesícula biliar. Ali, mais uma vez, pensava Camille, o aspecto certamente fetichista do assassino, que conservou tais troféus, não correspondia bem ao perfil do psicopata que parece surgir à primeira vista. Em todo caso, seria preciso esperar pelo resultado da autópsia no dia seguinte para saber se, também naquele caso, as vísceras estavam ausentes.

Indiscutivelmente, as duas vítimas de Courbevoie e a de Tremblay haviam conhecido o mesmo homem, a presença da falsa impressão digital não deixava nenhuma dúvida.

Fato dessemelhante: nenhum rastro de violação na vítima de Tremblay. O relatório da autópsia constatava relações sexuais consentidas nos oito dias que precederam a morte, mas os vestígios de esperma evidentemente não permitiam saber se correspondiam a relações com o assassino.

Com efeito, a vítima de Tremblay-en-France recebera algumas chicotadas, o que parecia reaproximar os dois crimes, mas o relatório mencionava os golpes como "benignos", do tipo que casais fetichistas podem trocar sem grandes consequências.

Traço comum: a jovem fora morta de uma maneira que diversos relatórios qualificaram como "brutal" (suas pernas haviam sido quebradas com algo como um bastão de beisebol; a tortura à qual ela fora submetida podia ter durado por volta de quarenta e oito horas; o corpo fora cortado com ajuda de um facão de açougueiro), mas o empenho que o assassino parecia ter empregado para esvaziar de sangue o corpo, lavá-lo com muita água e devolvê-lo à

sociedade limpo como uma moeda nova não tinha nada a ver com a disposição mórbida com a qual o assassino de Courbevoie espalhou sangue sobre as paredes, sentindo um prazer evidente em vê-lo e em fazê-lo escorrer.

Camille pegou as fotos mais uma vez. De fato, ninguém jamais poderia se acostumar com aquele sorriso medonho que incontestavelmente lembrava a cabeça pregada na parede no apartamento de Courbevoie...

Mais tarde, naquela mesma noite, Camille foi dominado por um cansaço vertiginoso. Ele fechou o dossiê, apagou a luz e juntou-se a Irene.

—

Por volta das 2h30, ele continuava sem dormir. Pensativo, acariciava a barriga de Irene com sua pequena mão redonda. A barriga de Irene era um milagre. Ele vigiava o sono daquela mulher, cujo perfume o preenchia, como ela parecia preencher o quarto e sua vida inteira. Às vezes, o amor era muito simples.

Às vezes, como aquela noite, ele a ficava observando e a assombrosa constatação daquele milagre o envolvia. Ele achava Irene inacreditavelmente bela. Será que ela era mesmo bela? Ele já tinha se feito aquela pergunta duas vezes.

A primeira vez foi quando eles jantaram juntos, três anos atrás. Naquela noite, Irene usava um vestido de noite, azul, fechado por uma série de botões de cima a baixo, o tipo de vestido que os homens logo se imaginam desabotoando e que as mulheres usam exatamente com esse intuito. Sobre seu decote, uma singela joia de ouro.

Ele se lembrou de uma frase lida havia muito tempo, que falava do "ridículo preconceito dos homens sobre o recato das loiras".<sup>3</sup>

Irene tinha um ar sensual que desmentia aquele julgamento. Irene era bela? Resposta: “sim”.

A segunda vez havia sido sete meses antes: Irene usava o mesmo vestido, só a joia tinha mudado, ela usava agora a que Camille lhe dera no dia do casamento. Estava maquiada.

– Você vai sair? – perguntou Camille ao chegar em casa.

Na verdade, aquilo não era uma pergunta, mas uma espécie de constatação interrogativa, uma mistura ao seu modo, herdada do tempo em que ele pensava que ele e Irene formavam um daqueles parênteses que às vezes a vida tem o bom gosto de nos oferecer e a lucidez de tomar de volta.

– Não – respondeu ela – Não vou sair.

O trabalho dela nos estúdios de edição a deixava com pouco tempo para preparar o jantar. Quanto a Camille, seus horários eram estipulados segundo a miséria do mundo: ele chegava tarde e saía cedo.

Naquela noite, contudo, a mesa estava posta. Camille respirou fundo, fechando os olhos. Molho *bordelaise*. Ela abaixou-se para beijá-lo. Camille sorriu.

– Você está bem bonita, senhora Verhoeven – disse ele, aproximando a mão do peito dela.

– Primeiro o aperitivo – respondeu Irene, esquivando-se.

– Naturalmente. O que estamos comemorando? – perguntou ele, subindo no sofá.

– Uma novidade.

– Que novidade?

– Uma novidade, oras.

Irene sentou-se perto dele e segurou sua mão.

– A princípio, isso está cheirando a boa notícia – disse Camille.

– Espero que sim.

– Não tem certeza?

– Não estou certa. Preferiria que a novidade viesse num dia em que você estivesse menos apreensivo.

– Não, estou apenas cansado – protestou Camille, acariciando a mão dela para se desculpar – Preciso dormir.

– A boa notícia é que eu não estou cansada, mas que eu também poderia muito bem ir para a cama.

Camille sorriu, o dia havia sido marcado por facadas, prisões movimentadas, gritos no prédio da Brigada, a verdadeira chaga do mundo, grande e aberta.

Mas Irene dominava a arte da transição. Ela era daquele tipo de pessoa que transmite confiança, que sabe descontraír. Falou do estúdio, do filme em andamento (“uma bobagem, você nem imagina...”). A conversa, o calor do apartamento, o cansaço do dia que se distanciava. Camille sentiu subir nele um bem-estar no limite do torpor. Ele não escutava mais. A voz dela lhe bastava. A voz de Irene.

– Bom – disse ela – Vamos comer.

Ela ia se levantar quando algo pareceu voltar à sua mente.

– Agora, antes que eu me esqueça, tem duas coisas. Não, três.

– Diga – disse Camille, terminando seu copo.

– Iremos jantar na casa da Françoise, no dia 13. Possível ou não?

– Possível – disse Camille, depois de um curto momento de reflexão.

– Bom. Segunda coisa. Preciso fazer as contas; agora me dê seus extratos do cartão.

Camille desceu do sofá, tirou a carteira da bolsa, revirou e pegou um pacote de recibos amarrotados.

– Mas não faça as contas esta noite – acrescentou ele, colocando o pacote sobre a mesa de centro – O dia já foi difícil.

– Certamente – disse Irene dirigindo-se à cozinha – Vamos, à mesa.

– Você tinha dito três coisas?

Irene parou, virou-se, fingiu tentar se lembrar...

– Ah, sim! Enfim... você gostaria de ser papai?

Irene estava de pé perto da porta da cozinha. Camille olhava para ela feito um imbecil. Seus olhos automaticamente desceram até a barriga dela, perfeitamente plana, e voltaram até seu rosto. Ele viu seus olhos, que sorriam. A ideia de terem um filho tinha sido tema de longas conversas entre eles. Um verdadeiro desacordo. Camille primeiro pediu tempo, Irene optou pela teimosia. Camille inflectiu

prudentemente para o lado da genética, Irene contornou o obstáculo com um estudo aprofundado do tema. Camille, então, sacou seu trunfo: a recusa. Irene aniquilou-o: já tenho 30 anos. Fim de papo. E agora as cartas estavam na mesa. Então, ele se perguntou pela segunda vez se Irene era bela. Resposta: "sim". E teve o absurdo sentimento de que nunca mais se faria aquela pergunta. E, pela primeira vez desde a Idade Média, ele sentiu lágrimas subirem aos olhos, uma verdadeira mágoa de felicidade, algo como a existência que explode no nosso próprio rosto.

## 21

Agora ele estava ali, na cama, com uma mão desajeitada pousada na barriga redonda dela. E, sob sua mão, ele sentiu um chute brusco e fofo. Totalmente atento, sem mover o menor músculo, ele esperou. Irene deu um pequeno gemido, imersa em seu sono. Um minuto passou, depois outro. Paciente como um gato, Camille espiava. E, então, veio um segundo chute, bem na sua mão. Porém, o chute tinha algo diferente, uma espécie de rotação macia, como uma carícia. Era como sempre. Ele não podia expressar nada além daquela feliz estupidez; aquilo estava se mexendo e era como se subitamente tudo tivesse começado a se mexer em sua vida. Lá estava a vida. Mas, por um breve instante, a cabeça de uma jovem garota pregada à parede se interpôs. Ele a repeliu e tentou se concentrar na barriga de Irene, onde estava toda a felicidade do mundo, mas o mal já estava feito.

Agora a realidade tinha se sobreposto ao sonho e as imagens começaram a desfilar, lentamente. Um bebê, a barriga de Irene, em seguida um choro de recém-nascido com uma presença quase palpável. Então, a engrenagem ganhou um ritmo acelerado. O belo rosto de Irene quando fazia amor e suas mãos, em seguida dedos cortados, os olhos de Irene e o sorriso medonho de uma outra mulher, um sorriso aberto de uma orelha à outra... O trailer estava se tornando insano.

Camille sentia-se estarrecedoramente lúcido. Entre ele e a vida havia uma divergência antiga. Pensou subitamente que aquelas duas garotas esquartejadas transformavam, inexplicavelmente, a divergência em contenda. Garotas como aquela que ele acariciava naquele momento – elas também com um par de nádegas redondas e brancas, com a carne firme de mulher jovem, elas também com um rosto como aquele, mergulhado para baixo igual ao de uma nadadora, com a respiração pesada e lenta, um ronco leve, apneias nefastas ao homem que as ama e as observa dormir, e cabelos como aqueles que se enrolam sobre uma nuca desconcertante. Aquelas garotas eram exatamente como essa mulher, que hoje ele ama. E,

um belo dia, elas chegaram lá. Como? Convidadas? Seleccionadas? Forçadas? Raptadas? Pagas? De qualquer forma, elas tinham sido esquartejadas, dilaceradas por homens cuja única vontade era esquartejar garotas de nádegas brancas e lisas. Nenhum deles foi tocado por nenhum daqueles olhos suplicantes, quando elas perceberam que iam morrer, aqueles olhos talvez os tenham até mesmo excitado. E aquelas garotas feitas para o amor, para a vida, tinham ido morrer, não se sabia como, naquele apartamento, naquela cidade, naquele século em que ele, Camille Verhoeven, o mais banal dos tiras, gnomo da polícia judiciária, pequeno *troll* pretensioso e apaixonado, em que ele, Camille, acariciava o ventre sublime de uma mulher que sempre fora sua maior novidade, o verdadeiro milagre do mundo. Algo não estava certo. Em um último lampejo exaurido, ele se viu empregar toda sua energia naqueles dois propósitos totalmente supremos, definitivos: primeiramente, amar o quanto fosse possível aquele corpo que acariciava, e do qual surgiria o mais inesperado presente; em segundo lugar, procurar, caçar e encontrar os homens que massacraram, foderam, estupraram, mataram, esquartejaram e pregaram aquelas garotas nas paredes.

Alguns instantes antes de dormir, Camille teve tempo de proferir uma última suspeita:

– Estou extremamente cansado.

Henry Marie Raymond de Toulouse-Lautrec Monfa (1864-1901), pintor pós-impressionista e litógrafo francês. Conhecido por seus cartazes promocionais de teatro, revolucionou o design gráfico como um dos criadores do estilo Art Nouveau. (N.T.)

Trata-se da noite do dia 10 para o dia 11 de novembro de 1619, quando René Descartes (1596-1650) teve três sonhos que inspirariam seu “método universal para encontrar a verdade”. (N.T.)

Referência à frase da Carta 2 da Marquesa de Merteuil ao Visconde de Valmont em *As relações perigosas*, de Chardel de Laclos: “Conhece suas ridículas prenoções quanto à educação claustral, e seu preconceito, mais ridículo ainda, sobre o recato das loiras”. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Penguin; Companhia das Letras, 2012. p. 40. (N.T.)

Terça-feira, 8 de abril de 2003

# 1

No metrô, ele pôde ler o jornal. Seu receio, ou seja, seu diagnóstico – como dizem todos os pessimistas –, havia se confirmado. A imprensa já sabia da semelhança com o caso de Tremblay-en-France. A rapidez que aquele tipo de informação chegava aos jornais era tão estonteante quanto lógica. Jornalistas *freelancers* eram pagos para passar nos comissariados, e era evidente que uma boa quantidade de policiais servia de informantes para algumas redações. Todavia, Camille parou para refletir por um instante sobre o circuito que aquela informação havia percorrido desde o fim da tarde da véspera, mas a tarefa era realmente impossível. O fato em si estava ali. Os jornais anunciavam que a polícia tinha percebido uma aproximação significativa entre o homicídio de Courbevoie, do qual eles não dispunham mais que informações muito parciais, e o de Tremblay, do qual, por outro lado, eles dispunham de dossiês bem substanciais. As manchetes transbordavam de sensacionalismo, os redatores nitidamente se deleitavam com “O estripador da pequena coroa”, “O açougueiro de Tremblay ataca novamente em Courbevoie” ou “Depois de Tremblay, a carnificina de Courbevoie”.

Ele entrou no Instituto e se dirigiu para a sala que lhe foi indicada.

—

Maleval, no seu simplismo às vezes fecundo, considerava que o mundo estava dividido em duas categorias distintas: os cowboys e os índios. Era uma maneira de modernizar, de um modo rudimentar, a divisão tradicional que muitas pessoas aplicam de maneira grosseira entre os introvertidos e os extrovertidos. O doutor N’Guyen e Camille eram os dois índios, silenciosos, pacientes, observadores e

atentos. Eles nunca tiveram necessidade de proferir muitas palavras e se compreendiam facilmente pelo olhar.

Talvez houvesse entre o filho do refugiado vietnamita e o policial miniatura uma solidariedade secreta forjada pela adversidade.

A mãe de Évelyne Rouvray, por sua vez, tinha o semblante de uma provinciana em visita à capital. Ela estava coberta com roupas que mal lhe serviam. Ele a achou de imediato menor que na véspera. Decerto, por causa da dor. Ela cheirava a álcool.

– Não vai demorar muito – disse Camille.

Eles entraram na sala. Sobre a mesa estava agora uma silhueta que lembrava vagamente um corpo inteiro, cuidadosamente coberto. Camille ajudou a mulher a se aproximar e fez um sinal para o homem de avental, que com cautela descobriu a cabeça sem ir mais adiante, sem ultrapassar o pescoço, depois do qual não havia mais nada.

A mulher olhou sem entender. Seus olhos não diziam nada. A cabeça posta sobre a mesa era como um objeto falso naquela peça cuja principal personagem era a morte. Aquela cabeça não parecia com nada – nem ninguém – e a mulher disse sim, nada além de sim, atordoada. Foi necessário segurá-la antes que ela desabasse.

## 2

No corredor, um homem aguardava.

Camille, como qualquer um, avaliava os homens segundo sua própria altura. Para ele, aquele não era muito alto, um e setenta, talvez. O que o acometeu logo de cara foi seu olhar. Aquele homem era, primeiro, um olhar. Ele devia ter uns 50 anos, era do tipo que cuida de si, que respeita qualidade de vida e corre vinte e cinco quilômetros aos domingos de manhã, tanto no inverno quanto no verão. Do tipo atento. Bem vestido, sem aprumo em excesso, ele segurava discretamente em suas mãos uma bolsa de couro claro e aguardava com paciência.

– Doutor Édouard Crest – anunciou ele, estendendo a mão – Sou o especialista designado pela juíza Deschamps.

– Obrigado por ter vindo tão rápido – disse Camille, apertando-lhe a mão – Solicitei a sua presença porque precisamos de um perfil desses sujeitos, de suas possíveis motivações... Eu tirei uma cópia dos primeiros relatórios para o senhor – acrescentou, entregando-lhe uma pasta de papelão.

Camille observou-o mais detidamente enquanto ele percorria ansiosamente as primeiras folhas. *Belo homem*, disse a si mesmo e seu pensamento o conduziu a Irene, inexplicavelmente. Uma inveja fugaz o visitou e ele a afastou de imediato.

– Qual o prazo? – perguntou ele.

– Direi isso depois da autópsia – respondeu Crest –, em função das informações que conseguirei reunir.

### 3

Logo à primeira vista, Camille sentiu o que a circunstância teria de peculiar. Uma coisa tinha sido olhar a abominável cabeça – o que tinham feito dela – de Évelyne Rouvray. Outra coisa era acompanhar uma autópsia que parecia mais um quebra-cabeça macabro.

Normalmente, os corpos retirados das câmaras mortuárias traziam um sofrimento terrível, mas o sofrimento em si tinha algo de vivo. Para sofrer, é preciso viver. Mas, daquela vez, o corpo parecia ter se desintegrado. Ele chegava em pacotes, como pedaços de atum na pesagem de um mercado marítimo.

Na sala de autópsia, sobre as mesas de inox, era possível discernir partes cobertas um tanto disformes, de tamanhos diferentes. Ainda não haviam retirado tudo, mas já era difícil imaginar que aqueles pedaços pudessem alguma vez ter constituído um ou dois corpos. Ao olhar para uma barraca de açougueiro, não vem a ninguém a ideia de recompor mentalmente o animal inteiro.

Os doutores Crest e N'Guyen apertaram as mãos, como teriam feito em um congresso. O representante da loucura saudava dignamente o representante da atrocidade.

Em seguida, N'Guyen colocou os óculos, verificou o funcionamento do seu gravador e escolheu começar pela barriga.

– Estamos na presença de uma mulher de tipo europeu, idade por volta de...

## 4

Philippe Buisson talvez não fosse o melhor jornalista, contudo estava entre os mais teimosos. A mensagem “O comandante Verhoeven não deseja falar com a imprensa nesse momento da investigação” não o abalava nem um pouco.

– Eu não estou pedindo uma audiência. Quero apenas conversar com ele por alguns instantes.

Ele tinha começado a ligar na véspera, ao fim do dia.

E vinha continuando desde o início da manhã. Às 11 horas, o secretário anunciava a Camille sua décima terceira ligação. O homem já estava irritado.

Buisson não era uma estrela. Faltava-lhe o essencial para ser um grande jornalista, mas ele era um bom jornalista porque seu terrível instinto combinava perfeitamente com sua área de atuação. Decerto consciente dos seus limites e de suas qualidades, Buisson escolhera noticiar casos inusitados, e aquela opção demonstrara-se sensata. Evidentemente, ele não era um homem com estilo próprio, mas sua pena era eficaz. Ganhara notoriedade cobrindo alguns casos extraordinários, sabendo trazê-los à superfície com algumas novas informações. Um pouco de novidade e muito impacto. Buisson, jornalista sem talento, explorou o coquetel clássico com empenho. Faltava a sorte que, aparentemente, serve de maneira cega aos heróis e aos crápulas. Ele tinha mergulhado no caso de Tremblay e talvez fosse o primeiro a ter compreendido o que poderia ganhar com ele: muitos leitores. Buisson cobriu o caso inusitado do começo ao fim. Portanto, vê-lo aparecer na investigação de Courbevoie no momento em que os dois casos se cruzavam não era, é claro, nenhuma surpresa.

Ao sair do metrô, Camille imediatamente o reconheceu. Um sujeito alto, nos seus 30 anos, elegante. Bela voz, da qual abusava um pouco. Muito charme. Esperto. Inteligente.

Camille automaticamente se fechou e apertou o passo.

– Eu lhe peço dois minutos... – disse Buisson, abordando Camille.

– Se eu tivesse, daria a você de bom gosto.

Camille andava rápido, mas andar rápido, para ele, era o ritmo normal de um homem do tamanho de Buisson.

– Inspetor, é melhor nos informar. Senão os jornalistas vão escrever de tudo...

Camille se deteve.

– O senhor está ultrapassado, Buisson. Não se diz “inspetor” há muito tempo. Quanto a escrever de tudo, como devo interpretá-lo? Argumento ou ameaça?

– Nenhum dos dois – respondeu Buisson, sorrindo.

Camille tinha parado e com isso cometera um erro. Primeira brecha para Buisson. Camille percebeu. Eles se olharam por um instante.

– O senhor sabe como é – continuou Buisson –, sem informações, os jornalistas vão fantasiar...

Buisson tinha uma maneira própria de se colocar à parte das falhas que atribuía aos outros. Seu olhar fazia Camille supor que ele era capaz de tudo, do pior e possivelmente além. O que faz a diferença entre a boa ave de rapina e a grande ave de rapina é o instinto. Visivelmente, Buisson usufruía de uma genética excepcional para aquele ofício.

– Agora que a história de Tremblay voltou à tona...

– As notícias voam rápido... – cortou Camille.

– Fui eu que cobri aquele caso, então, obviamente, tenho interesse...

Camille levantou a cabeça. *Não gosto desse sujeito*, pensou consigo. Ele teve o sentimento imediato de que aquela antipatia era compartilhada, que uma surda repulsa imperceptivelmente se instalara entre eles, e que eles não se livrariam dela.

– O senhor não vai conseguir nada além do que os outros já conseguiram – falou Camille – Se quiser esclarecimentos, vá procurar em outro lugar.

– O senhor quer dizer em um lugar mais alto? – perguntou Buisson, baixando os olhos na direção dele.

Os dois homens encararam-se por um breve instante, abalados pela fissura que acabava de se abrir entre ambos.

– Perdão... – falou Buisson.

Camille, por sua vez, sentiu-se estranhamente aliviado. Às vezes, o desprezo é um consolo.

– Ouça – retomou Buisson –, desculpe, foi um descuido...

– Não reparei – cortou Camille.

E continuou seu caminho, com o jornalista ainda no seu encaixo. A atmosfera entre os dois homens havia se modificado sensivelmente.

– O senhor poderia mesmo assim dizer alguma coisa. Em que ponto os senhores estão?

– Sem comentários. Estamos investigando. Para informações, vejam com o comissário Le Guen. Ou diretamente com o Tribunal.

– Senhor Verhoeven... Esses casos estão começando a levantar muitos rumores. As redações estão excitadas como pulgas. Não dou mais de uma semana antes que os tabloides e os jornais sensacionalistas encontrem suspeitos bem convincentes e proponham retratos nos quais metade da França irá enxergar a outra metade. Se não nos passar algumas informações consistentes, o senhor vai criar uma psicose.

– Se as coisas dependessem só de mim – explicou Camille com uma voz seca –, a imprensa não teria sido informada antes da prisão do assassino.

– O senhor iria amordaçar a imprensa?

Camille parou de novo. Não se tratava mais de reciprocidade ou de estratégia.

– Eu a impediria de “criar a psicose”. Ou, para dizer de outra forma, de dizer asneiras.

– Então não se pode esperar nada da Brigada Criminal?

– Sim, que ela detenha o assassino.

– O senhor acha que não precisa da imprensa?

– Por enquanto é isso que quero dizer.

– Por enquanto? O senhor é cínico!

– Franco.

Buisson pareceu refletir por um instante.

– Ouça, acho que posso fazer algo pelo senhor, se o senhor quiser. Algo pessoal, absolutamente pessoal.

– Muito me surpreenderia.

– Sim, posso fazer sua publicidade. Essa semana, eu vou herdar a grande página do retrato, com uma bela foto no meio e a coisa toda. Eu comecei algo sobre um sujeito lá... mas aquilo pode esperar. Então, se for do seu interesse...

– Deixe para lá, Buisson...

– Não, é sério! É um presente, não se deve recusar. Eu preciso apenas de três ou quatro informações um pouco pessoais. Vou lhe fazer um retrato sensacional, eu garanto... Em troca, o senhor me informa um pouco sobre esses casos, nada de comprometedor.

– Eu disse: deixe para lá, Buisson...

– É difícil trabalhar com o senhor, Verhoeven...

– Senhor Verhoeven!

– Eu peço, no entanto, que o senhor não veja as coisas dessa forma, “senhor Verhoeven”.

– Comandante Verhoeven!

– Está certo – falou Buisson, com um tom frio que fez Camille hesitar – Como o senhor desejar.

Imediatamente, Buisson deu meia-volta e se foi, da mesma forma que tinha surgido, com seus largos passos decididos. Se alguma vez Camille havia transmitido uma imagem de homem midiático, não fora por causa de suas qualidades de negociante ou de diplomata, obviamente.

## 5

Por causa do seu tamanho, Camille permanecia de pé. E, como ele não se sentava, ninguém se sentia autorizado a se sentar, e cada novo membro que chegava adotava tal código implícito: ali as reuniões aconteciam de pé.

Na véspera, Maleval e Armand haviam passado um bom tempo tentando reunir testemunhos da vizinhança. Sem grande sucesso, porque não havia nenhum vizinho. Sobretudo de madrugada, quando o bairro devia ser mais ou menos tão frequentado quanto um prostíbulo no paraíso. José Riveiro não tinha visto ninguém circular pelo local enquanto aguardava o sinal das garotas, mas talvez alguém tenha passado por lá logo em seguida. Eles precisaram voltar mais de dois quilômetros a pé para encontrar sinal de vida, alguns comerciantes isolados em um subúrbio residencial, bastante incapazes de fornecer a menor informação sobre hipotéticas idas e vindas. Ninguém tinha visto nada de anormal, nem caminhão, nem furgão, nem entregador. Nem morador. Baseando-se nas primeiras informações, as duas vítimas deveriam ter chegado lá por obra do Espírito Santo.

– Evidentemente, o sujeito escolheu bem o local – disse Maleval.

Camille se pôs a olhar para Maleval com uma atenção concentrada. Exercício comparativo: que diferença havia entre Maleval, de pé perto da porta, tirando do seu casaco um caderno surrado, e Louis, de pé perto da mesa, segurando o seu entre as mãos cruzadas?

Os dois homens eram elegantes. Os dois, cada um à sua maneira, queriam seduzir. A diferença era sexual. Camille se deteve um instante naquela curiosa questão. Maleval queria mulheres. Ele as tinha. Nunca o bastante. Parecia movido por sua sexualidade. Tudo nele respirava desejo de seduzir, de conquistar. Não é que ele sempre queria mais, pensou então Camille, é sobretudo porque há sempre uma outra a desejar. Na verdade, Maleval não gostava de mulheres, ele caçava garotas. Estava munido para seguir o primeiro rastro que surgisse, ora com roupa casual, ora com roupa de

passeio. Eficiente, sempre pronto, disponível. Ele tinha o estilo *prêt-à-porter*. Já os amores de Louis, assim como suas roupas, deviam ser feitos sob medida. Hoje, sob os primeiros raios de sol da estação, ele vestia um belo terno claro, uma bonita camisa azul-clara, gravata listrada, e quanto aos sapatos... “A nata da nata”, pensou Camille. Sobre a sexualidade dele, no entanto, Camille não sabia grande coisa. Outra maneira de dizer que não sabia nada.

Camille se perguntou sobre as relações que tinham os dois homens. Cordiais. Maleval chegara algumas semanas depois de Louis. Eles trocavam boas energias. Tinham até saído juntos algumas vezes, no início. Camille lembrava-se daquilo porque no dia seguinte a uma das saídas deles, Maleval dissera: “Louis sempre teve um ar de primeira comunhão, mas é um dissimulado. Aristocratas, quando se soltam, caem logo na devassidão”. Louis não dissera nada, só afastou sua mecha. Camille não lembrava mais com qual mão.

A voz de Maleval tirou Camille do seu exercício comparativo.

– A foto do genoma humano – disse Maleval – foi encontrada em todos os tipos de agência de comunicação, editoras, enfim, está em tudo quanto é lado. Para não falar do couro de vaca artificial. Hoje, não está mais tanto na moda, mas houve uma época em que era vendido como pão. Até saber de onde veio... A estampa do papel preto e branco do banheiro parece bem recente, mas nada permite, por enquanto, localizar sua proveniência. Será necessário consultar os fabricantes de papel de parede...

– As expectativas são bem desanimadoras – arriscou Louis.

– São mesmo... Quanto aos eletroeletrônicos, foram vendidas milhões de unidades. Os números de série foram apagados. Mandei analisar tudo no laboratório, mas eles acham que foram apagados com ácido. Resumindo, temos poucas chances.

Maleval olhou Armand para lhe passar a palavra.

– Também não tenho grande coisa...

– Obrigado, Armand – cortou Camille – Apreciamos muito suas contribuições. São bem produtivas. Ajudam muito.

– Mas, Camille... – começou Armand, enrubescendo.

– Brincadeira, Armand, é brincadeira!

Eles se conheciam havia mais de quinze anos e, como tinham começado a carreira juntos, sempre se trataram informalmente. Armand era um camarada, Maleval um tipo de filho pródigo, Louis um tipo de sucessor. *O que eu sou para eles?*, Camille se perguntava às vezes.

Armand enrubescera. Suas mãos tremiam facilmente. De vez em quando, Camille era impelido em sua direção por um ímpeto de simpatia dolorosa.

– E então...? Você também... nada? – perguntou ele com um olhar encorajador.

– Enfim, sim – respondeu Armand, ligeiramente tranquilo – Mas é pouca coisa. As roupas de cama e as de banho são bem comuns, de uma marca vendida em todo lugar. O mesmo para os suspensórios. Entretanto, em relação à cama japonesa...

– Sim...? – disse Camille.

– É o que chamamos de *photon*.

– Um futon, talvez... – propôs gentilmente Louis.

Armand consultou suas anotações, com lentidão. A operação tomou algum tempo, mas revelava toda a qualidade do personagem. Nada podia ser considerado se não tivesse sido escrupulosamente verificado. Cartesiano.

– Sim – disse ele, enfim levantando a cabeça e olhando para Louis com uma vaga admiração – É isso, um futon.

– E então, esse futon...? – perguntou Camille.

– Bem, ele vem diretamente do Japão.

– Ah... do Japão. É bem comum, sabe, que as coisas japonesas venham justamente do Japão.

– Claro que sim – disse Armand –, talvez seja comum...

Um silêncio pairou na sala. Todo mundo conhecia Armand. Sua solidez não tinha nenhum equivalente. Uma interrupção no seu discurso podia ser o equivalente a duzentas horas de trabalho.

– Explique melhor tudo isso, Armand.

– É bem comum, só que esse vem de uma fábrica de Kyoto. Eles fazem principalmente móveis e, dentre os móveis, eles fazem principalmente coisas para se sentar e se deitar...

– Ah – disse Camille.

– Então o... – Armand consultou suas anotações – o futon vem de lá. Mas, o mais interessante é que o sofá, o sofá grande... ele também vem de lá.

O silêncio pairou de novo.

– É de um tamanho bem grande. Não se vendem muitos. Aquele foi fabricado em janeiro. Eles venderam trinta e sete. Nosso sofá de Courbevoie faz parte desse lote de trinta e sete. Fiz a lista dos clientes.

– Puta merda, Armand, você não poderia ter dito isso logo?

– Vou chegar lá, Camille, vou chegar lá. Dos trinta e sete vendidos, vinte e seis ainda estão nos revendedores. Onze foram vendidos do Japão. Seis para japoneses. Todos os outros foram comprados por encomenda. Três da França. O primeiro foi encomendado por um revendedor parisiense para um dos seus clientes. Sylvain Siegel, é este aqui...

Armand tirou do seu bolso a foto de um sofá totalmente semelhante ao do loft de Courbevoie.

– Foi o senhor Siegel que o fotografou para mim. De qualquer maneira vou verificar no local, mas, na minha opinião, ele está fora de questão...

– E os dois outros? – perguntou Camille.

– Aí é um pouco mais interessante. Os dois últimos foram comprados diretamente pela internet. Em se tratando de encomendas diretas para pessoas físicas, é muito mais demorado reconstituir as pistas virtuais. Tudo passa por computadores, é necessário encontrar bons contatos, topar com caras competentes, consultar arquivos... O primeiro foi encomendado por um certo Crespy, o segundo por um sujeito de nome Dunford. Os dois parisienses. Não consegui entrar em contato com Crespy, deixei duas mensagens, mas ele não me liga de volta. Se eu não obtiver nada até amanhã de manhã, dou um pulo lá. Mas não conseguiremos muita coisa dele, se vocês quiserem minha opinião...

– Opinião assim à toa? – perguntou Maleval, rindo.

Armand, imerso em suas anotações e em seus pensamentos, não deu atenção. Camille olhou para Maleval com um olhar cansado. Bela hora para brincadeiras.

– Foi a diarista que me respondeu. Ela disse que o sofá está na casa deles. Falta o último. Dunford. Esse aí eu acho que é o nosso cara – acrescentou ele, levantando a cabeça – Impossível encontrar seu rastro. Ele paga mediante ordens de pagamento para o exterior, em espécie. Terei a confirmação amanhã. Ele manda entregar o sofá em um guarda-móveis de Gennevilliers. Segundo o proprietário do depósito, um cara foi buscá-lo na manhã seguinte com um furgão. Ele não se lembra de nada em particular, mas vou ouvir seu depoimento amanhã de manhã, veremos se sua memória volta.

– Nada indica que seja ele – comentou Maleval.

– Você tem razão, mas mesmo assim temos uma pista. Maleval, você vai amanhã com o Armand para Gennevilliers.

Os quatro homens permaneceram um instante silenciosos, mas visivelmente cada um deles pensava a mesma coisa: tudo aquilo era pouco. Todas as pistas conduziam à mesma coisa – a quase nada. Aquele homicídio tinha sido mais que premeditado. Fora preparado com um cuidado extremo, nada devia ter sido deixado ao acaso.

– Vamos nos deter exaustivamente aos detalhes. Porque não podemos fazer de outro jeito, porque é a regra do jogo. Mas tudo o que somos obrigados a fazer corre o risco de nos afastar do essencial. E o essencial não é o “como”, é em primeiro lugar o “porquê”. Mais alguma coisa? – perguntou ele após um momento de reflexão.

– Josiane Debeuf, a segunda vítima, morava em Pantin – disse, então, Louis, consultando suas anotações – Demos um pulo lá, o apartamento está vazio. Ela trabalhava geralmente em Porte de la Chapelle, mais raramente em Porte de Vincennes. Desapareceu há quatro ou cinco dias. Ninguém sabe de nada. Ela não tinha amigo conhecido. Não conseguiremos muita coisa nesse sentido.

Louis passou uma folha para Camille.

– Ah, sim. Também tem isto aqui – disse pensativamente Camille, pondo seus óculos – A nécessaire do perfeito homem de negócios que viaja bastante – acrescentou ele, folheando a lista que detalhava o conteúdo da mala deixada pelo assassino no local.

– Esses objetos são antes de tudo bem chiques – disse Louis.

– Ah? – fez Camille, discretamente.

– Eu acho... – respondeu Louis – E aliás, isso é reforçado pelo que Armand acabou de nos dizer. Encomendar do Japão um sofá de um tamanho excepcional com a única finalidade de esquartejar duas moças é, no mínimo, estranho. Mas deixar no local uma mala Ralph Lauren que deve valer por volta de trezentos euros também não é menos estranho. O mesmo para o conteúdo da mala. O terno Brook Brothers, a calçadeira Barney's. A copiadora de bolso Sharp... já é demais. Barbeador elétrico recarregável, relógio esporte, carteira de couro, secador de cabelo de luxo... Tem o suficiente para uma pequena fortuna...

– Bem – disse enfim Camille após um longo silêncio – Quanto ao resto, tem aquela história da impressão digital. Mesmo ela tendo sido feita com carimbo... É, no entanto, um traço bem distintivo. Louis, verifique se ela foi mesmo transmitida para o arquivo europeu, nunca se sabe.

– Isso foi feito – respondeu Louis, consultando suas anotações – No dia 4 de dezembro de 2001, durante a investigação sobre Tremblay. Não deu em nada.

– Bom. Seria melhor refazer o requerimento. Transmita de novo todos os dados ao arquivo europeu, ok?

– É que... – começou Louis.

– Sim?

– Isso depende de uma decisão da juíza.

– Eu sei. Por enquanto, você refaz o requerimento. Eu farei a regularização mais tarde.

Camille distribuiu uma curta minuta redigida de madrugada que resumia os principais elementos do caso de Tremblay-en-France. Louis foi encarregado de reunir todos os testemunhos, na esperança de reconstituir os últimos dias da jovem prostituta e retrazar a pista de eventuais clientes regulares. Ele sempre achava bem exótico mandar Louis para lugares sórdidos. Logo o imaginava subindo escadas pegajosas com sapatos perfeitamente engraxados, penetrando na atmosfera pesada dos quartos onde aconteciam os programas com seu lindo terno Armani. Um deleite.

– Não estamos em muitos para fazer tudo isso...

– Admiro muito seu senso de eufemismo, Louis.

E enquanto Louis afastava sua mecha com a mão direita, ele acrescentou pensativamente:

– Você tem razão, evidentemente.

Ele consultou seu relógio.

– Bem. N'Guyen me prometeu os primeiros dados para o fim do dia. Para lhes ser sincero, a coisa não vai muito bem. Desde que a televisão difundiu imagens da minha cara para o jornal das oito e depois dos artigos desta manhã, a juíza está começando a ficar impaciente.

– Resumindo? – perguntou Maleval.

– Resumindo, nós fomos todos convocados a uma reunião às 17 horas para discutir o andamento da investigação.

– Ah – fez Armand – O andamento... E o que diremos?

– Bem, é um pouco esse o problema. Não temos muita coisa a dizer e o pouco que poderíamos dizer não é grande coisa. Dessa vez, vamos ser contemplados com entretenimento. O doutor Crest vai propor um perfil psicológico do nosso homem e N'Guyen apresentará suas primeiras conclusões. Mas, mesmo assim, vai ser necessário ter assunto para puxar...

– Tem alguma ideia? – perguntou Armand.

O curto silêncio que se seguiu não foi da mesma natureza dos anteriores. Subitamente, Camille parecia atordoado, como um andarilho perdido.

– Não tenho a menor ideia, Armand. A menor ideia. Acho que concordaremos todos pelo menos em um ponto. Estamos mesmo na merda.

Dessa vez, a expressão não era muito luxuosa. Entretanto, correspondia perfeitamente ao estado de espírito de todos eles.

## 6

Camille fez o trajeto até o Fórum com Armand. Louis e Maleval deveriam encontrá-los no local.

– Juíza Deschamps... você a conhece? – perguntou Camille.

– Não me recordo dela.

– Então é porque você nunca a viu.

A viatura costumava o trânsito e utilizava os corredores de ônibus.

– E você? – perguntou Armand.

– Eu sim, eu me lembro dela!

A juíza Deschamps gozava de uma reputação sem precedentes, o que era, de fato, um bom sinal. Tinha mais ou menos a idade que aparentava, era franzina no limite da magreza, com um rosto dissimétrico no qual tudo – nariz, boca, olhos, bochechas – considerado separadamente poderia parecer normal e até mesmo coerente, mas ali aparentava ter sido agrupado em uma ordem sem sentido, atribuindo ao todo uma fisionomia ao mesmo tempo inteligente e propriamente caótica. Ela sempre usava roupas caras.

Le Guen já aguardava no escritório dela, quando Camille chegou com Armand e o médico-legista. Maleval e Louis chegaram logo em seguida. Solidamente instalada, transmitindo autoridade atrás de sua mesa, a juíza correspondia à lembrança que Camille tinha dela, embora, no fim das contas, ela fosse mais velha do que ele, mais franzina do que ele lembrava, seu rosto demonstrasse mais cultura que inteligência e suas roupas não fossem apenas caras, mas literalmente sem preço.

O doutor Crest chegou alguns minutos mais tarde. Ele estendeu a Camille uma mão brusca, deu-lhe um sorriso vago e sentou-se perto da porta, como alguém que não tem intenção de ficar mais tempo do que o previsto.

– Nós vamos precisar das competências de todos – disse a juíza – Os senhores viram a televisão, leram os jornais, esse caso vai cair na boca do povo. Portanto, devemos agir rápido. Não estou me nutrindo de ilusões, eu não estou lhes pedindo o impossível. Mas preciso ser informada dia após dia, e solicito que mantenham a

maior discricção sobre o andamento desta investigação. Os jornalistas virão atrás dos senhores, mas serei intransigente quanto ao sigilo da operação. Espero que eu esteja me fazendo entender... De acordo com todas as probabilidades, eles estarão me esperando na saída do meu escritório e terei que soltar algumas informações. Conto com o que os senhores puderem me dizer a respeito para resolver o que transmitiremos à imprensa. Torcendo para que, assim, ela se acalme um pouco...

Le Guen assentiu com a cabeça bem visivelmente, como se fosse o porta-voz do grupo.

– Bem – continuou a juíza –, doutor N’Guyen, pode começar.

O jovem legista limpou a garganta.

– O resultado das análises não chegará a nós antes de alguns dias. A autópsia, contudo, nos permitiu tirar algumas conclusões. Contrariamente às aparências e à dimensão dos danos, parece que estamos diante de um único assassino.

O silêncio que seguiu aquela primeira constatação era intenso.

– Um homem, provavelmente – continuou N’Guyen – Ele usou muitas ferramentas. Primeiro, uma furadeira elétrica, munida de uma broca para concreto de longo diâmetro, ácido clorídrico, uma motosserra, uma pistola de pregos, facas, um isqueiro.

Evidentemente, é difícil estabelecer a cronologia precisa dos fatos, as coisas parecem às vezes, digamos... bem confusas. De forma geral, encontramos nas duas vítimas vestígios de relações sexuais orais, anais e vaginais entre elas mesmas e com um homem, que podemos supor ser o assassino. A despeito dos aspectos bastante... desconexos desses relatórios, curiosamente são apontados vestígios de preservativo na vagina de uma vítima. Um pênis de borracha também foi utilizado. Quanto ao crime propriamente dito, nós não sabemos ainda em que ordem colocar o pouco que temos.

Naturalmente, algumas impossibilidades nos guiam. O assassino não pode ter gozado dentro do crânio antes de ter cortado a cabeça de sua vítima, por exemplo...

O silêncio começou a pesar bastante. N’Guyen levantou os olhos um instante, depois ajeitou novamente os óculos e continuou:

– As duas vítimas foram, sem dúvida, pulverizadas várias vezes por um gás asfixiante. Elas foram feridas, provavelmente com a broca da furadeira ou com a pistola de pregos. É só suposição; em todo caso, foi usada a mesma ferramenta. O golpe dado foi o mesmo tanto para uma quanto para a outra vítima, mas não foi suficientemente violento para fazê-las perder a consciência por muito tempo. Em outros termos, deve-se supor que as vítimas foram desacordadas, asfixiadas, espancadas, mas que elas estiveram conscientes do que lhes acontecia até o último segundo.

N’Guyen retomou suas anotações, hesitou um instante e continuou:

– Os senhores encontrarão os detalhes no meu relatório. O sexo da primeira vítima foi arrancado a dentadas. A hemorragia deve ter sido muito violenta. Em relação à cabeça, Évelyne Rouvray teve os lábios cortados, provavelmente pela tesoura de unhas. Ela sofreu cortes profundos na barriga e nas pernas. Évelyne Rouvray teve a barriga e a vagina queimadas com ácido clorídrico puro. Encontramos a cabeça arrancada da vítima sobre uma cômoda no quarto. Ela tinha vestígios de esperma na boca, cuja análise certamente confirmará que são posteriores à morte. Antes de passar para Josiane Debeuf, alguns detalhes...

– Você ainda tem muitos detalhes? – perguntou Camille.

– Alguns ainda, sim – respondeu o legista – Josiane Debeuf, por sua vez, foi amarrada a um lado da cama com a ajuda de seis suspensórios encontrados no apartamento. Logo de início, o assassino queimou seus cílios e suas sobrancelhas com fósforos. Um pênis de borracha, o mesmo que serviu aos jogos sexuais, foi enfiado no ânus dela com ajuda da pistola de pregos. Eu lhes poupo de alguns detalhes desagradáveis... Digamos que o assassino enfiou a mão na garganta dela, apanhou um punhado de veias e artérias adjacentes e puxou tudo para fora... Foi com o sangue provindo dessa vítima que ele grafou na parede a inscrição “eu voltei” em letras maiúsculas. A cabeça de uma das vítimas foi pregada na parede pelas bochechas com o auxílio da pistola elétrica.

Silêncio. Le Guen:

– Perguntas?

– E a relação com o caso de Tremblay-en-France? – perguntou a juíza olhando para Camille.

– Estudei o dossiê ontem à noite. Ainda faltam alguns cotejos. Não há nenhuma dúvida de que, nos dois casos, a impressão digital feita com carimbo é rigorosamente a mesma. E nos dois casos ela é exposta como uma assinatura.

– Isso tudo certamente não é bom sinal – disse a juíza – Isso quer dizer que esse sujeito quer ficar famoso.

– Até aqui é bem clássico – disse então o doutor Crest.

Era a primeira vez que ele tomava parte na discussão. Todos voltaram-se para ele.

– Desculpem... – acrescentou ele.

Porém, sentia-se na sua voz e na segurança com a qual ele apresentava aquela desculpa que ela fora na verdade bem ponderada e que ele não solicitava a indulgência de ninguém.

– Por favor – tranquilizou-o a juíza Deschamps como se, ainda que ele já tivesse tomado a palavra, coubesse a ela, ao poder que lhe foi incumbido, concedê-la ou não.

Crest vestia um terno cinza com um colete. Elegante. *Não é difícil de imaginar que aquele homem tivesse como primeiro nome Édouard*, pensou consigo Camille ao vê-lo avançar um passo para o centro da sala. Com efeito, ele tinha pais que sabiam o que faziam.

O doutor limpou a garganta, consultando suas anotações.

– No plano psicológico, estamos diante de um caso clássico em sua estrutura, ainda que pouco habitual em suas particularidades – começou – Estruturalmente, ele é um obsessivo. Contrariamente às aparências, é certo não estar dominado por um delírio de destruição. Seria antes um delírio de possessão que se aproxima da destruição, mas não é a causa primordial de sua busca. Ele quer possuir mulheres, mas essa possessão não lhe traz calma. Então, ele as tortura. Mas essa tortura em si não lhe traz calma, então, ele as mata. Mas o homicídio também não serve de nada. Ele pode possuí-las, estuprá-las, torturá-las, esquartejá-las, agarrar-se a elas, não adiantará de nada. O que ele está procurando não é deste mundo. Ele sabe vagamente que nunca encontrará sossego. Não vai parar porque sua queda é sem-fim. Ao longo dos anos, ele adquiriu um

verdadeiro ódio pelas mulheres. Não pelo que elas são, mas porque elas são incapazes de lhe trazer sossego. Esse homem vive, no fundo, um drama de solidão. Ele goza, no sentido em que entendemos comumente, o que quer dizer que ele não é impotente, que ele tem ereções, que ele pode ejacular, mas todos sabem que isso tudo não tem nada a ver com o verdadeiro gozo, que é uma realização de outro nível. Esse nível tal homem nunca atingiu. Ou, se já atingiu um dia, é como uma porta fechada cuja chave ele perdeu. E desde então, ele a procura. Não é um monstro frio, insensível à dor humana, unicamente sádico, se preferirem. É um homem infeliz, que se agarra às mulheres porque se agarra a si mesmo.

O doutor Crest tinha uma elocução lenta e rebuscada e confiava nitidamente nas suas qualidades pedagógicas. Camille observou seu penteado, careca nas duas laterais da cabeça até o topo, e sentiu a brusca convicção de que aquele homem só passou a ser “charmoso” daquela forma depois dos quarenta.

– Meu primeiro questionamento, mas penso que seja o caso para os senhores também, naturalmente foi a respeito da extrema meticulosidade com a qual a encenação é composta. Normalmente encontramos nesse tipo de criminoso alguns sinais no próprio sentido do termo, se posso dizer, destinados a “marcar” sua obra. Eles permanecem sempre atados a suas fantasias e até mesmo a uma fantasia originária, o que é mais recorrente. Foi o que pude ler, aliás, na impressão digital carimbada na parede e, ainda com mais certeza, nas palavras “eu voltei”, que marcam bem fortemente o crime. Mas, segundo as primeiras conclusões que o senhor me passou – acrescentou ele voltando-se para Camille –, realmente há muitos sinais. Demais. Os objetos, o local, a encenação... reforçam com clareza a teoria do rastro simplesmente destinado a “assinar” um crime. Eu acho que é preciso proceder de outra maneira a partir de agora. O que se pode notar é que ele prepara seu material com cuidado. Ele tem visivelmente seu projeto amadurecido e refletido. Aos seus olhos, cada detalhe tem sua importância, uma importância capital, mas seria inútil procurar a que pode corresponder à presença de tal ou qual objeto. Não adianta nem procurar que lugar cada objeto específico tem em sua vida pessoal, como fizemos em

outros crimes semelhantes. Pois, de certa forma, cada objeto em si não tem nenhuma importância. É o conjunto que conta. Consumir-se procurando o que pode significar cada sinal não servirá para nada. É como se procurássemos o sentido de cada frase em uma peça de Shakespeare. Nesse sentido, seria impossível entender *O rei Lear*. É o sentido global que devemos procurar. Mas... – acrescentou ele, voltando-se para Camille – minha ciência para por aí...

– Socialmente – perguntou Camille –, que tipo de homem ele é?

– Europeu. Culto. Não necessariamente um intelectual, mas de toda forma um racional. Por volta dos 35 anos. Pode ser viúvo ou divorciado... Acho até que vive sozinho...

– Em que tipo de reincidência podemos nos apoiar? – perguntou Louis.

– É uma questão delicada. Na minha opinião, ele não está no seu primeiro crime. Eu diria que ele age por capilaridade ou, mais precisamente, em círculos concêntricos, do núcleo em direção ao exterior. Ele pode ter começado estuprando mulheres. Em seguida, torturando e, então, matando. Isso seria um esquema provável. Suas constantes não são assim tão numerosas. Do que podemos ter certeza é: prostitutas, jovens, ele as tortura e as mata. Agora, além disso...

– Talvez tenha um histórico psiquiátrico? – perguntou Armand.

– Possível. Por problemas menores de comportamento. Mas é um homem inteligente, tão acostumado a manipular a si mesmo que engana os outros sem dificuldade. Ninguém pode fazer nada pelo seu sossego. Sua última esperança são as mulheres. Ele persiste em exigir algo que elas não podem dar, e entrou num ritmo que só terá fim se os senhores conseguirem detê-lo. Ele encontrou uma lógica nas suas pulsões. Justamente esta lógica que acabo de expor, esta encenação complexa... É graças a isso que tais pulsões podem se tornar atos. Mas essa lógica, na minha opinião, não tem fim. É o caso de todos os assassinos em série, os senhores me dirão. Só que ele é um pouco diferente. A meticulosidade que ele apresenta mostra que tem uma boa ideia do que faz. Não estou falando de uma missão superior, não... mas, enfim, é algo dessa ordem. Enquanto ele se sentir investido por essa missão, duas coisas são

praticamente certas. A primeira é que ele continuará, a segunda é que de alguma maneira seus atos vão se tornar mais violentos.

Crest olhou para a juíza, depois Camille e Le Guen e, desmontando todo o grupo com um olhar embaraçoso:

– Esse sujeito é capaz de causar estragos que mal podemos imaginar... se já não tiver causado – concluiu ele.

Silêncio.

– Mais alguma coisa? – perguntou a juíza, com as duas mãos sobre a mesa.

## 7

– Um maluco!

À noite, Irene. Jantar no restaurante.

Desde o anúncio da gravidez, o tempo havia passado absurdamente rápido. Sua barriga e depois seu rosto tinham se arredondado, sua silhueta, seus quadris, seu caminhar, tudo tinha se tornado diferente, mais pesado, mais lento. E aquelas transformações, aos olhos de Camille, não haviam sido tão sucessivas como o esperado. Elas vieram como ondas súbitas, gradativamente. Um dia, ao entrar em casa, ele percebeu que as sardas dela tinham bruscamente se multiplicado. Ele comentou aquilo com ela gentilmente porque achava lindo, mas também espantoso. Irene sorriu e acariciou-lhe a bochecha.

– Meu querido... Não aconteceu assim tão de repente. Talvez seja porque nós não jantamos juntos há mais de dez dias...

Aquilo não o agradou. Irene estava vendo uma imagem deturpada dele. O homem trabalha, a mulher espera e ele não sabia com o que mais sofria, com a situação ou com aquele lugar-comum. Irene sempre ocupava seu pensamento, até mesmo sua vida; cem vezes por dia ele pensava nela, cem vezes a expectativa daquele nascimento ofuscava-o subitamente, interrompendo-o em seu trabalho, fazendo-o ver toda sua vida de um jeito novo, como se tivesse saído de uma cirurgia de catarata. Agora, a acusação de abandoná-la, não... No entanto, no fundo, por mais que negasse, ele sabia que tinha perdido algo. Os primeiros meses não trouxeram problemas. Irene também trabalhava muito, às vezes até tarde e fazia muito tempo que eles tinham organizado a vida deles usufruindo de tal desvantagem. Sem programar com antecedência, eles se encontravam certas noites em um restaurante situado a meio caminho de seus respectivos escritórios, ligavam um para o outro, ambos apreensivos por já ser quase 22 horas, e corriam para pegar uma sessão de fim de noite em um cinema perto de casa. Era uma época simples, feita de prazeres fáceis. No fim das contas, eles se divertiam. Mas as coisas mudaram depois que Irene teve que parar

de trabalhar. Dias inteiros em casa... “Ele me faz companhia, mas ainda não conversamos muito”, dizia ela acariciando a barriga. E era aquilo que Camille tinha deixado passar, aquilo que ele tinha perdido. Ele tinha continuado a trabalhar, a voltar tarde, sem se dar conta de que a vida deles não estava mais tão sincronizada. Portanto, falhar daquela vez estava fora de questão. Ao fim do dia e após longos momentos de hesitação, ele resolveu perguntar para Louis, que era um grande conhecedor sobre as boas maneiras.

– Preciso de um bom restaurante, sabe. Algo muito bom. É nosso aniversário de casamento.

– Eu sugiro o Chez Michel – assegurou Louis – É simplesmente perfeito.

Camille ia indagar sobre o preço quando o pisca-alerta do seu amor-próprio o advertiu a não dizer nada.

– Tem também o L’Assiette... – continuou Louis.

– Obrigado, Louis, Chez Michel será ótimo, tenho certeza.

Obrigado.

## 8

Irene estava prontíssima, visivelmente esperando havia muito tempo. Ele conteve o reflexo de consultar o relógio.

– Tudo bem – interrompeu Irene com um sorriso – Atraso indiscutível, mas aceitável.

Enquanto eles andavam em direção ao carro, Camille se preocupou com o jeito de andar de Irene. Passos mais pesados, pés de pato, a curvatura das costas mais inclinada e a barriga mais baixa, tudo nela parecia mais cansado. Ele perguntou:

– Tudo bem?

Ela parou por um instante, pousou a mão sobre o braço dele e respondeu com um sorriso discreto:

– Tudo ótimo, Camille.

Ele não saberia dizer por que, mas havia no seu tom e mesmo no seu gesto algo de incômodo, como se ele já tivesse feito a pergunta, mas não tivesse prestado atenção na resposta. Ele se acusou de nunca se interessar suficientemente por ela. Sentiu, então, uma irritação surda. Amava aquela mulher, mas talvez não fosse um bom marido. Eles andaram assim por algumas centenas de metros, silenciosos, sentindo o silêncio como um constrangimento inexplicável. As palavras fugiram. Ao passar diante do cinema, Camille leu fugazmente o nome de uma atriz, Gwendolyn Playne. Ao abrir a porta do carro, ele se perguntou a o que aquele nome remetia, porém não se lembrou.

Irene sentou-se em silêncio e Camille se perguntou como eles tinham chegado àquela situação constrangedora. Também Irene devia estar se fazendo aquela pergunta, mas ela se mostrou mais inteligente que ele. No momento em que ele estava se preparando para dar partida no carro, ela pegou a mão dele, colocou-a na parte de cima da sua coxa, bem embaixo da barriga protuberante e, segurando-o bruscamente pela nuca, puxou-o para perto e beijou-o longamente. Então, eles se olharam, surpresos de sair assim tão rápido da horrível bolha de silêncio em que tinham se metido.

– Eu te amo – disse Irene.

- Eu também, eu te amo – disse Camille, contemplando seu rosto. Ele passou seus dedos lentamente sobre a testa dela, ao redor dos olhos, sobre seus lábios.
- Eu também te amo...

—

Chez Michel. Realmente, muito bom. Extremamente parisiense, espelhos para todos os lados, garçons de calças pretas e paletós brancos, um barulho de estação de trem e vinho Muscadet quase congelado. Irene usava um vestido estampado com flores amarelas e vermelhas. Embora ela sempre o tivesse considerado largo, o vestido parecia ter se encolhido consideravelmente com a gravidez, e os botões começaram a se esticar um pouco quando Irene se sentou.

Havia bastante gente no lugar; o barulho proporcionava-lhes uma intimidade perfeita. Eles falaram do filme cuja edição Irene tivera que abandonar, mas sobre o qual continuava se mantendo informada, falaram de alguns amigos, e Irene pediu a Camille novidades do seu pai.

Quando Irene o visitou pela primeira vez, o pai de Camille a acolhera como se eles se conhecessem desde sempre. Ao fim da refeição, ele deu a ela um presente, uma obra de Basquiat.<sup>4</sup> Seu pai tinha dinheiro. Ele se aposentara bem cedo e vendera sua oficina por um preço elevado, cujo montante Camille provavelmente nunca saberia, e que lhe permitira manter um apartamento bem grande e uma diarista que não era de fato necessária, comprar mais livros do que lia, comprar mais CDs do que conseguia ouvir e, há um ou dois anos, fazer viagens. Um dia, ele pediu ao filho autorização para vender os quadros de sua mãe que os donos de galeria vinham cobiçando desde o fechamento do ateliê.

- Foram feitos para serem vistos – respondeu Camille.

Ele mesmo não tinha conservado mais que algumas telas. Seu pai só tinha guardado duas. A primeira e a última.

– O dinheiro será para você – tinha garantido o pai ao falar das telas que desejava vender.

– Gaste-o – respondeu Camille, esperando vagamente que seu pai não fizesse nada com o dinheiro.

– Eu falei com ele por telefone – disse Camille – Ele vai bem.

Irene devorava o jantar. Camille devorava Irene com os olhos.

– Diga a Louis que estava muito bom – disse ela, empurrando levemente seu prato.

– Vou mandar a conta para ele também.

– Pão-duro.

– Eu te amo.

– Espero que sim.

Na sobremesa, Irene perguntou:

– E o seu caso...? Eu ouvi a juíza pelo rádio agora há pouco... como é mesmo o nome? Deschamps, é isso?

– É isso. Ela dizia o quê?

– Não muita coisa, mas aquilo me pareceu bem sórdido.

E como Camille a interrogava com os olhos, continuou:

– Ela falou do homicídio de duas jovens mulheres, prostitutas, em um apartamento de Courbevoie. Ela não se deteve a detalhes, mas aquilo me pareceu horrível...

– E é mesmo...

– Ela anunciou que aquele caso estava conectado a um outro, mais antigo. Tremblay-en-France. Era seu?

– Não, não era meu. Mas agora é.

Ele não estava com estômago para discutir aquilo. Sentiu-se partido. Não se discute sobre jovens mortas, com sua mulher grávida, na noite de aniversário de casamento. Talvez Irene tivesse percebido que aquelas garotas ocupavam constantemente a mente dele, e que quando elas conseguiam sair de lá, alguém ou algo as fazia voltar. Camille explicou superficialmente as circunstâncias, driblando desajeitadamente as palavras que não queria proferir, os detalhes que não queria mencionar, as imagens que não queria descrever, e seu discurso estava carregado de silêncios

embaraçosos, de hesitações sintáticas e de olhares rodeando a sala do restaurante, como se pudesse extrair de lá as palavras que lhe faltavam. Por conta disso, depois de ter iniciado com uma bela prudência pedagógica, tudo começou a lhe faltar ao mesmo tempo, as frases, depois as palavras, e ele levantou as mãos com um gesto de impotência. Irene compreendeu que aquilo que ele não conseguia explicar era rigorosamente inexplicável.

– Esse cara é um maluco... – concluiu ela, com base no que havia compreendido.

Camille explicou que um caso como aquele não acontecia nem com um em cada cem policiais ativos, e que nem um em cada mil policiais gostaria de estar no lugar dele. Para Camille, era como se ela, como a maior parte das pessoas, tivesse uma noção a respeito do trabalho dele diretamente influenciada pelos romances policiais que tinha lido. Quando ele afirmou isso, Irene disse:

– Você já me viu ler um romance policial? É um gênero que detesto.

– Você já leu...!

– *O caso dos dez negrinhos*<sup>5</sup>...! Eu estava indo passar uns dias em Wyoming e meu pai achava que era a melhor maneira de me preparar para a mentalidade americana. Ele nunca foi muito bom em geografia.

– Enfim, para mim é um pouco parecido, leio pouco romance policial.

– Eu prefiro cinema... – disse ela, com um sorriso felino.

– Eu sei – respondeu ele, com um sorriso filosófico.

A desavença era como um grande subterfúgio do casal que se conhecia muito. Camille desenhava com a ponta de sua faca os contornos de uma árvore sobre a toalha da mesa. Em seguida, olhou para ela e tirou do seu bolso um pequeno pacote quadrado.

– Feliz aniversário...

Irene devia pensar consigo que seu marido era realmente desprovido de imaginação. Ele dera para ela uma joia no dia do casamento deles, outra no dia do anúncio de sua gravidez. E agora, menos de quatro meses depois, ele repetia a performance. Ela não

se ofendeu com aquilo. Tinha uma clara noção de seus privilégios em relação a mulheres que não recebem de seus maridos mais do que uma consideraçãozinha no fim de semana. Já ela tinha mais imaginação. Pegou um embrulho grande, que Camille a tinha visto pôr sob sua cadeira quando eles se sentaram.

– Feliz aniversário para você também...

Camille lembrava-se de todos os presentes de Irene, todos diferentes. Sentiu um pouco de vergonha. Desempacotou o presente sob os olhos intrometidos das mesas vizinhas e tirou um livro: *O Mistério de Caravaggio*. Na capa, um detalhe do quadro *O trapaceiro com o ás de ouros* mostrava quatro mãos, um par vestia uma luva branca e o outro par segurava cartas de jogo. Camille conhecia aquele quadro e o recompôs mentalmente: a mulher de chapéu vermelho, olhando ao lado para a garçonete, as moedas sobre a mesa... A ideia de Irene de dar ao seu marido policial uma obra de um pintor assassino<sup>6</sup> era bem típica.

– Gostou?

– Muito...

Sua mãe também gostava de Caravaggio. Ele lembrava dos seus comentários sobre *Davi com a cabeça de Golias*. Ao folhear o exemplar, foi justamente na página desse quadro que ele abriu o livro. Seu olhar fixou-se sobre a figura de Golias. Decididamente, o dia estava carregado de cabeças cortadas.

“Juram que é o combate do Bem contra o Mal”, dizia sua mãe. “Veja Davi, com seus olhos insanos, e Golias, com a calma da dor. Onde está o Bem, onde está o Mal?” Eis uma boa pergunta...

## 9

Ao sair do restaurante, eles caminharam um pouco, chegando aos grandes bulevares de mãos dadas. Fora de casa ou em público, Camille nunca pudera segurar Irene a não ser pela mão. Ele também gostaria muito de segurá-la pelos ombros ou pela cintura – não para fazer como os outros, mas porque aquele gesto de propriedade lhe fazia falta. Com o passar do tempo, tal remorso diminuiria. Simplesmente segurá-la pela mão atestava um modo de possessão mais discreto, que lhe convinha bem agora. Irene suavemente diminuiu o passo.

– Cansada?

– Sim, bastante – suspirou ela, sorrindo.

E passou a mão sobre sua barriga, como se estivesse aplainando um vinco imaginário.

– Vou buscar o carro – propôs Camille.

– Não, não precisa.

Todavia, foi necessário.

Era tarde. Os bulevares ainda estavam cheios de gente.

Combinaram que Irene esperaria no terraço de um café enquanto ele iria buscar o carro.

Ao chegar à esquina do bulevar, Camille virou-se para observá-la. Seu rosto também tinha se alterado e seu coração se apertou bruscamente porque parecia que uma distância intransponível os separava. Com as mãos na barriga e apesar dos olhos curiosos projetados para cá e para lá sobre os passantes da noite, Irene vivia em seu mundo – em sua barriga – e Camille sentiu-se excluído. No entanto, sua apreensão logo suavizou; porque ele sabia que aquela distância entre eles não era falta de amor, ela só dependia de uma palavra. Irene era uma mulher e ele, um homem. O intransponível estava ali mas, no fim das contas, não era nem maior nem menor que antes. Era até mesmo graças àquela distância que eles tinham se conhecido. Ele sorriu.

Ele estava imerso em seus pensamentos, quando a perdeu de vista. Um jovem rapaz se interpôs entre eles, na beira da calçada,

aguardando o sinal abrir, assim como ele. *É bizarro como são altos os jovens de hoje*, pensou consigo, constatando que seus olhos chegavam apenas à altura do cotovelo dele. Todo mundo estava crescendo, ele lera recentemente. Até mesmo os japoneses. Mas, ao chegar do outro lado do bulevar, enquanto enfiava a mão no bolso para pegar as chaves do carro, sua mente lhe trouxe bruscamente o elo perdido que perseguira durante parte da noite. O nome da atriz de cinema que ele relanceara mais cedo enfim ganhava todo o sentido: Gwendolyn Playne o remeteu ao herói Gwinplayne, de *O homem que ri*, e àquela citação que ele pensava ter esquecido: "Os grandes são o que querem. Os pequenos são o que podem".

## 10

– Com uma espátula, trabalhamos a espessura da superfície.  
Veja...

Não é sempre que mamãe tem tempo para dar dicas. O ateliê tem cheiro de aguarrás. Mamãe trabalha com os vermelhos. Ela utiliza quantidades inacreditáveis de vermelho. Vermelhos sangue, carmim, e vermelhos profundos como a noite. Com a pressão, a espátula se inclina, levantando largas camadas que ela alinha com pequenas talhadas. Mamãe adora os vermelhos. Tenho uma mamãe que adora os vermelhos. Ela fita-me com carinho. “Você também ama os vermelhos, não é, Camille?” Instintivamente, Camille recua, dominado pelo medo.

—

Camille acordou subitamente pouco após as quatro horas da manhã. Ele curvou-se sobre o corpo adormecido de Irene. Parou de respirar por um instante para escutar sua respiração lenta e regular e seu leve ronco de mulher adormecida. Colocou a mão delicadamente sobre a barriga dela. Foi somente pelo contato com sua epiderme quente, com a rígida maciez da sua barriga, que ele recuperou pouco a pouco a respiração. Ainda atordoado por ter despertado bruscamente, ele olha a noite ao redor de si, o quarto deles, a janela por onde a luz difusa dos postes de iluminação irrompe. Ele tenta acalmar os batimentos do coração. *Assim não dá...* pensou consigo, constatando que gotas de suor escorriam de sua testa sobre suas sobrancelhas e começavam a embaçar sua visão.

Levanta-se com cuidado, e esfrega o rosto com água fria por um tempo.

Normalmente, Camille sonha pouco. *Meu inconsciente me deixa em paz*, tem o costume de dizer.

Ele se serve de um copo de leite gelado e se senta no sofá. Tudo nele está cansado, as pernas estão pesadas, as costas e a nuca tensas. Para relaxar, ele balança lentamente a cabeça, primeiro de baixo para cima e depois da direita para a esquerda. Tenta afastar a imagem das duas jovens esquartejadas no loft de Courbevoie. Sua mente gira em torno do medo.

*O que deu em mim? Controle-se!* Mas sua mente permanece confusa. *Respire. Faça as contas de todos os pavores da sua vida, de todas as imagens de corpos mutilados que marcaram sua vida. Essas de agora são mais terríveis, mas não são nem as primeiras nem as últimas. Simplesmente faça seu trabalho. É um trabalho, Camille, não uma missão. Obrigação. Faça o seu melhor, encontre esses caras, esse cara, mas não acabe com sua vida por causa disso.*

Contudo, de repente, volta a ele a imagem do fim do seu sonho. Sua mãe pintou na parede um rosto de uma garota, exatamente o da jovem morta em Courbevoie. E aquele rosto inerte ganha vida, parecendo desdobrar-se, abrir-se como uma flor com muitas pétalas, como um crisântemo. Ou uma peônia.

—

Então, Camille se detém de repente. Ele está de pé no meio da sala. E sabe que alguma coisa, que ainda não consegue expressar, está acontecendo dentro dele. Ele permanece imóvel. Espera, com os músculos novamente tensionados, a respiração cautelosa. Não quer romper nada. Uma tênue linha de pensamento está se estendendo ali, muito frágil... Sem fazer um gesto, com os olhos fechados, Camille pressente aquela imagem da cabeça da moça pregada à parede. Porém, o cerne do sonho não é ela, é aquela flor... Existe outra coisa, e Camille sente crescer nele a certeza. Ele

não se move mais, seus pensamentos avançam em ondas e se rompem longe dele.

A cada movimento, a certeza se aproxima.

– Merda...!

*Aquela moça é uma flor. Que flor, cacete, que flor?* Camille agora acordou de vez. Seu cérebro parece funcionar na velocidade da luz. Com muitas pétalas, como um crisântemo. Ou uma peônia.

E, de repente, o fluxo traz a palavra, evidente, luminosa, completamente inacreditável. E Camille entende seu erro. Não é de Courbevoie que seu sonho fala, mas do crime de Tremblay.

– Impossível... – diz Camille, sem acreditar.

Ele se precipita para dentro do escritório praguejando contra seu equívoco, e apanha as fotos do crime de Tremblay-en-France. Estão todas lá, ele as folheia com rapidez, procura seus óculos, não os encontra. Então segura cada foto, uma a uma, levantando-as, aproximando-as da luz azul da janela. Avança lentamente até a foto que está procurando e, enfim, a encontra. O rosto daquela moça atravessado pela navalha de uma orelha à outra. Ele folheia novamente o dossiê, acha a foto do corpo cortado em dois...

– Não acredito nisso... – Camille fala consigo, olhando para o salão.

Ele se afasta de sua mesa e se detém diante da biblioteca. Enquanto limpa a banquetta dos livros e dos jornais acumulados ao longo das últimas semanas, sua mente percorre os elos da corrente: Gwynplaine, *O homem que ri*. Um rosto de mulher com um grande sorriso feito a navalha. A mulher que ri.

Quanto à flor, quer dizer que é uma peônia...

Camille sobe na pequena escada. Seus dedos correm sobre os livros. Havia ali alguns Simenon, alguns autores ingleses, americanos, Horace McCoy, logo depois de James Hadley Chase, *A carne da orquídea*...

– Uma orquídea... certamente não – conclui ele, apanhando um volume por cima e virando-o para ele – Uma dália...

“Que não tem nada de vermelha.”

Ele se senta no sofá e olha por um instante o livro que tem em mãos. Na capa, o rosto desenhado de uma jovem mulher de cabelos

negros, um retrato dos anos 1950, aparentemente, talvez por causa do penteado. Automaticamente, ele olha o *copyright*:

1987.

Na contracapa, ele lê:

*No dia 15 de junho de 1947, em um terreno baldio de Los Angeles, foi descoberto o corpo nu e mutilado, cortado ao meio na altura da cintura, de uma jovem mulher de 22 anos: Betty Short, apelidada "a Dália Negra"...*

Ele se lembra muito bem da história. Seus olhos deslizam sobre as páginas, apanhando partes do texto aqui e ali, parando bruscamente na página 99:

*Era uma jovem mulher, cujo corpo nu e mutilado havia sido cortado ao meio na altura da cintura. Na coxa esquerda, haviam cortado uma larga fatia de carne e da incisão feita no começo dos pelos pubianos bifurcava-se um segundo corte longo e aberto. Os seios estavam pontilhados de queimaduras de cigarro, o da direita pendia solto, preso ao torso por alguns filamentos de pele; o da esquerda tinha sido lacerado ao redor do mamilo. Os cortes chegavam até o osso, porém o mais assustador de tudo era o rosto da jovem.*

– O que você está fazendo, não vai dormir?

Camille levanta os olhos. Irene está de pé perto da porta, de camisola.

Ele deixa o livro no sofá, aproxima-se dela e coloca a mão em sua barriga.

– Vá dormir, eu já vou. Já estou indo.

Irene parecia uma criança acordada por um pesadelo.

– Já estou indo – repete Camille – Vamos, vá logo.

Ele observa Irene entrar no quarto, tropeçando de sono. Sobre o sofá, o livro está aberto na página que ele tinha acabado de deixar. *Que ideia idiota*, pensou consigo. Entretanto, ele volta a se sentar e retoma o livro.

Ele vira o livro, procura um pouco e lê de novo:

*Era um enorme hematoma roxo, o nariz esmagado, afundado profundamente na cavidade facial, a boca fendida de uma orelha à*

*outra em um sorriso atroz, fazendo uma careta para nós, como se, de alguma forma, ela quisesse zombar de todas as brutalidades infringidas ao corpo. Eu soube que aquele sorriso me seguiria para sempre e que o levaria comigo para o túmulo.*

*Minha nossa...*

Camille folheia o livro um instante e depois o solta. Ao fechar os olhos, ele revê a foto da jovem Manuela Constanza, as marcas de corda nos tornozelos...

Ele recomeça a leitura.

*... seu cabelo preto azeviche não apresentava vestígio de sangue, como se o assassino o tivesse lavado com xampu antes de abandoná-la ali.*

Ele deixa o livro de lado. Tem vontade de retornar para a mesa, rever as fotos. Mas não. Um sonho... Bobagens.

Jean-Michel Basquiat (1960-1988), pintor afro-americano conhecido pelo seu estilo neoexpressionista e pelos seus grafites. (N.T.)

Trata-se do *best-seller* de Agatha Christie, publicado em 1965. (N.T.)

Além de ser preso diversas vezes, Michelangelo Miresi da Caravaggio (1573-1610) foi acusado de assassinato em 1606. O quadro descrito, no entanto, é da autoria de Georges de La Tour (1593-1652), pintor barroco francês que tinha em Caravaggio uma de suas principais inspirações. (N.T.)

Quarta-feira, 9 de abril de 2003

# 1

– Enfim, Camille... você acredita nessas bobagens?

Nove horas da manhã. Escritório do comissário Le Guen.

Camille fitou por um instante as pesadas bochechas cansadas do seu patrão, perguntando-se o que poderia haver lá dentro que pesava tanto.

– A mim – disse ele –, o que me espanta é que ninguém pensou nisso antes. Você não pode negar que é intrigante.

Le Guen escutava Camille, continuando a leitura. Ele saltava entre as páginas marcadas.

Depois tirou seus óculos e os pôs à sua frente. Quando estava no seu escritório, Camille ficava sempre de pé. Uma vez, ele tinha tentado se sentar em uma das poltronas que ficavam na frente de Le Guen, mas se sentiu como se estivesse no fundo de um poço coberto de almofadas e teve que se debater como um louco para se levantar.

Le Guen virou o livro, olhou para a capa e fez beijo, cético.

– Não conheço...

– Não fique bravo comigo se eu disser que é um clássico.

– É possível...

– Estou vendo – fez Camille.

– Ouça, Camille, acho que já temos problemas o bastante.

Evidentemente, o que você me mostra aí é... como dizer... intrigante... mas isso quer dizer o quê?

– Quer dizer que o sujeito copiou o livro. Não me pergunte por que, não sei de nada. Simplesmente tudo bate. Eu reli os relatórios. Tudo o que não tinha o menor sentido no momento da investigação encontra seu motivo aí dentro. O corpo da vítima, cortado ao meio na altura da cintura. Estou poupando você das queimaduras de cigarro, das cordas nos tornozelos absolutamente idênticas. Ninguém entendeu a razão do assassino lavar o cabelo da vítima. Mas agora isso faz sentido. Releia o relatório da autópsia. Ninguém conseguiu explicar por que faltavam os intestinos, o fígado, o estômago, a vesícula biliar... E eu te digo: ele fez isso porque está no

livro. Ninguém nunca conseguiu dizer por que encontramos marcas...  
– Camille fez uma pausa, procurando a expressão exata – “marcas benignas” no corpo, provavelmente golpes de chicote. É uma soma, Jean, ninguém sabe a o que isso corresponde. – Camille apontou para o livro sobre o qual Le Guen tinha apoiado um cotovelo – Mas é uma soma. O cabelo lavado, depois as vísceras desaparecidas, as queimaduras no corpo, mais as marcas de chicote são igual a... o livro. Eis tudo, preto no branco, preciso, exato...

Le Guen tinha às vezes uma maneira peculiar de olhar para Camille. Ele gostava da sua inteligência, mesmo quando ela descarrilava...

– Você se imagina propondo isso para a juíza Deschamps?

– Eu não. Mas e você...?

Le Guen olhou para Camille com um ar abatido.

– Pobre coitado...

Le Guen curvou-se para a sua pasta, colocada ao pé de sua mesa:

– Depois dessa? – perguntou ele, passando-lhe o jornal do dia.

Camille tirou os óculos do bolso exterior do seu casaco, mas não precisou deles para ver sua foto e enxergar o título do artigo. Sentou-se. Seu coração se pusera a bater realmente mais rápido, suas mãos ficaram molhadas.

## 2

*Le Matin*. Contracapa.

A foto: Camille visto de cima. Ele olha para o nada, pouco à vontade. A foto provavelmente fora tirada enquanto ele se comunicava com a imprensa. A imagem tinha sido editada. Era como se o rosto de Camille estivesse mais largo do que era na realidade, o olhar mais severo.

Sob a seção "Retrato", um título:

*Um tira na corte dos grandes*

*Como se já não bastasse, a terrível carnificina de Courbevoie, noticiada pelo nosso jornal, acabou de ganhar uma dimensão suplementar. Segundo a juíza Deschamps, encarregada do caso, um indício indiscutível, uma falsa impressão digital perfeitamente legível, realizada com um carimbo, liga claramente esse caso a um outro, não menos sinistro, que remonta ao dia 21 de novembro de 2001. Neste dia foi descoberto, em um terreno baldio de Tremblay-en-France, o corpo inicialmente torturado e depois, literalmente, cortado em dois de uma jovem mulher, cujo assassino nunca foi encontrado.*

*Para o comandante Verhoeven, os casos coincidem. Situado no topo dessa dupla investigação de caráter excepcional, ele poderá enaltecer sua imagem de policial fora do comum. Normal. Quando se tem uma reputação a preservar, toda ocasião é oportuna.*

*Ao colocar em prática o ditado que diz que quanto menos falamos de algo, mais damos a impressão de sabê-lo, Camille Verhoeven ainda soma à sua figura laconismo e mistério, correndo o risco de deixar a imprensa e a mídia morrerem de fome. Mas, com isso, Camille Verhoeven se preocupa pouco. Não, o que ele reivindica é ser um tira de primeira ordem. Um tira que não explica seus casos, mas os soluciona. Um homem de ação e de resultado.*

*Camille Verhoeven tem seus princípios e seus mestres. Inútil, porém, procurar esses últimos no meio dos seus antigos predecessores do Quai des Orfèvres.<sup>7</sup> Não. Eis aí o que seria demasiado trivial para um homem que se considera tão pouco comum. No fim das contas, seus modelos seriam antes os Sherlock Holmes, Maigret, e outros Sam Spade. Ou melhor, Rouletabille. Ele*

*cultiva com fervor o olfato de um, a paciência do outro, a incredulidade do terceiro e tudo o que quisermos do último. Sua discricção causa raiva, mas aqueles que se aproximam bem dele percebem facilmente até que ponto ele aspira ser um mito.*

*Sua ambição talvez seja desmedida, mas ela se apoia em uma certeza: Camille Verhoeven é um excelente profissional. E um policial com um percurso atípico.*

*Filho da pintora Maud Verhoeven, também Camille já trabalhou com guache. Seu pai farmacêutico, hoje aposentado, diz modestamente: "Ele até que levava jeito...". O que restou de tal vocação precoce (algumas paisagens vagamente japonesas, retratos apurados e bem trabalhados) ainda está guardado em uma caixa que seu pai conserva com devoção. Lucidez sobre suas capacidades ou dificuldades para adquirir reputação: Camille julga preferível, apesar de tudo, optar pela faculdade de Direito.*

*Nessa época, seu pai espera que ele seja médico, mas o jovem Camille decididamente não parece ter interesse em agradar seus pais. Nem pintor nem médico, ele prefere o diploma de Estudos Aprofundados de Direito, que obtém com a menção "muito bom".<sup>8</sup> Sem dúvida, o conteúdo é brilhante: ele poderia optar pela carreira acadêmica, pela advocacia, são muitas as opções. Mas é a Escola da Polícia Nacional que deseja. A família questiona. "Foi uma escolha curiosa. Camille é um garoto muito curioso...", diz seu pai pensativamente*

*Curioso de fato, esse jovem Camille foge a todas previsões e obtém êxito contra todas as regras. Ele gosta de estar onde ninguém espera. Imagina-se que o júri de admissão, antecipando-se sobre as consequências de sua deficiência, recebeu um puxão de orelha por ter aceitado no concurso de ingresso para a polícia um homem de um metro e quarenta e cinco, obrigado a utilizar uma viatura especialmente equipada e dependente demais de um espaço pessoal em diversos aspectos da vida cotidiana. Pouco importa. Camille, que sabe o que quer, marca sua presença como primeiro colocado no concurso de ingresso. Depois, para superar as expectativas, é promovido a major. A carreira anuncia-se brilhante. Já preocupado com sua reputação, Camille Verhoeven não quer nenhuma regalia e não hesita em solicitar postos difíceis, na periferia parisiense, com a certeza de que eles o conduzirão cedo ou tarde para o porto ao qual está destinado: a Brigada Criminal.*

*Acontece que seu amigo, o comissário Le Guen, com o qual trabalhou anos antes, assumiu um cargo alto por lá. Após alguns anos tendo aulas nas periferias movimentadas, onde ele deixa uma lembrança agradável mas pouco marcante, eis enfim nosso herói na direção do segundo grupo da referida Brigada, no qual ele vai, enfim, medir o nível do seu talento. Dizemos "herói" porque a palavra tem sido murmurada aqui e ali. Quem a teria proferido? Não sabemos. Todavia, Camille Verhoeven não a renega. Ele mantém seu perfil de policial estudioso e dedicado, mas resolve casos pouco midiáticos. Fala pouco e aparenta deixar seu talento se expressar no seu lugar.*

*Se, por um lado, Camille Verhoeven mantém o mundo a uma boa distância, por outro, não abomina o fato de se achar indispensável e cultiva o mistério com um sóbrio deleite. Na Brigada Criminal, como em outros lugares, não se sabe dele mais do que ele deseja dizer. Por trás da máscara da modéstia, esconde-se um homem hábil: esse solitário cultiva na verdade o comedimento com ostentação, e de bom grado expõe sua discrição nos programas de televisão.*

*Ele está hoje encarregado de um caso ingrato e bem estranho, que ele mesmo diz ser "particularmente atroz". Não saberemos mais nada a respeito. Mas a palavra é relapsa, poderosa, curta e eficaz, exatamente como a imagem do herói. Bastou uma palavra para nos fazer entender que ele não se ocupa de casos rotineiros, mas de grandes casos criminais. O comandante Verhoeven, que sabe as consequências de falar demais, pratica o eufemismo com primor e finge descobrir com estupefação as bombas midiáticas atrasadas que ele deixou distraidamente cair no caminho. Em um mês, ele será papai, mas essa não é a sua única maneira de trabalhar pela posteridade: ele já é o que em todos os jargões chamamos de um "grande profissional", daqueles que fabricam a própria mitologia com uma infinita paciência.*

Camille dobra o jornal com precaução. Le Guen não gosta da tranquilidade súbita do seu amigo.

– Camille, deixe isso para lá, ouviu?

E, diante do mutismo de Camille:

– Você conhece esse sujeito?

– Sim, ele entrou em contato comigo ontem. Eu não o conheço particularmente, mas ele, em contrapartida, parece me conhecer

muito bem...

– E sobretudo ele parece não gostar muito de você.

– Estou pouco me lixando quanto a isso. Não, a mim, o que me incomoda é o efeito bola de neve. Os outros jornais vão seguir no mesmo rumo e...

– E a juíza já não deve ter apreciado a cobertura da televisão de ontem à noite... Esse caso mal começou e você já tem toda a imprensa, percebe? Eu sei que não é culpa sua... mas com mais esse artigo...

Le Guen tinha pegado o jornal e o segurava com força como a um ícone. Ou como merda.

– Uma baita página inteira com isso! Com a sua foto e o diabo todo...

Camille olhou para Le Guen.

– Só há uma solução, Camille, você sabe tão bem quanto eu: seja rápido. Muito rápido. A relação com o caso de Tremblay poderia te ajudar e...

– Você acompanhou o caso de Tremblay?

Le Guen coça a bochecha.

– Sim, eu sei, não é um negócio fácil.

– Não é fácil é eufemismo. Não temos nada. Absolutamente nada. Ou o pouco que temos torna o dossiê ainda mais complexo.

Sabemos que estamos lidando com o mesmo sujeito, se ele estiver sozinho, o que não é totalmente certo. Em Courbevoie, ele as estupra a torto e a direito. Em Tremblay, nenhum vestígio de estupro. Você vê aproximação? No primeiro caso, ele esquarteja as jovens com um facão de açougueiro e com uma furadeira elétrica; no segundo, ele se dá ao trabalho de lavar as vísceras, ao menos as que ele deixa no local. Você me interrompe quando encontrar aproximação, certo? Em Courbevoie...

– Está certo – concedeu Le Guen – A aproximação dos dois casos talvez não seja uma ajuda direta.

– De fato, talvez não seja.

– No entanto, isso não quer dizer que essa sua história de livro... – Le Guen vira a capa do livro, cujo título ele definitivamente não conseguia memorizar – esse seu *Dália Negra*...

– Você diz isso porque provavelmente tem uma hipótese melhor – cortou Camille – Você vai me explicar, deve ser imbatível. Se não te incomodar, eu vou tomando notas... – acrescentou ele, mexendo no bolso interior do casaco.

– Deixe de bobagem, Camille – disse Le Guen.

Os dois homens se mantiveram um instante em silêncio. Le Guen observando a capa do livro, Camille examinando a testa enrugada do seu velho amigo.

Le Guen tinha muitos defeitos, aquela era até a opinião unânime de todas as ex-esposas, mas a tolice não era seu forte.<sup>9</sup> Ele até tinha sido outrora um tira da classe dos melhores, de uma inteligência excepcional. Um daqueles funcionários que, segundo o princípio de Peter,<sup>10</sup> a administração fizera subir na hierarquia até o limite do seu nível de incompetência. Ele e Camille eram amigos de longa data. Camille sofria ao ver o seu velho camarada com um cargo de confiança, mas no qual seu talento se atrofiava. Le Guen, por sua vez, resistia à tentação de lamentar pelos tempos idos, os tempos em que seu ofício o cativava a ponto de ter-lhe custado três casamentos. Ele se tornara uma espécie de campeão da pensão alimentícia. Naqueles últimos anos, Camille tinha atribuído os inumeráveis quilos acumulados pelo amigo a um reflexo de autodefesa. Para ele, Le Guen se protegia de qualquer novo casamento e se contentava em gerir os antigos, ou seja, em ver seu salário escorrer pelas brechas da sua existência.

O protocolo da relação deles era bem estabelecido. Le Guen, de certa maneira fiel à posição que ocupava na hierarquia, resistia até que os argumentos de Camille derrotassem sua convicção. Ele passava, então, no mesmo instante, do papel de desafiante ao de cúmplice. Tanto em uma quanto na outra posição, ele era capaz de quase tudo.

Daquela vez, ele hesitava, o que não era bom sinal para Camille:

– Ouça – disse enfim Le Guen, olhando de frente para ele –, não tenho hipótese melhor. Mas isso não dá mais peso à sua. Oras! Então você encontrou um livro que conta um crime similar? Desde a aurora dos tempos que os homens matam as mulheres, eles

praticamente esgotaram todas as formas possíveis. Eles as estupram e as esquartejam, eu te desafio a achar um sujeito que nunca teve vontade. Eu mesmo... está vendo? Então necessariamente, em algum momento, isso tudo se assemelha. Nem vale a pena procurar na sua biblioteca, Camille. O espetáculo do mundo, você o tem diante dos olhos.

Depois, olhando para Camille com um tom meio pesaroso:

– Não vai bastar, Camille. Eu vou te apoiar. Da melhor forma que puder. Mas digo desde já. Para a juíza Deschamps, não vai bastar.

### 3

- James Ellroy. Realmente, é bem inusitado...
- E é tudo o que você tem a dizer?
- Não, não – protestou Louis – Não, estou dizendo que é realmente bem...
- Intrigante, sim, eu sei, foi o que me disse Le Guen. Ele até me apresentou uma bela teoria sobre os homens que matam as mulheres desde o primeiro suspiro da humanidade, veja só. Mas eu não estou nem aí para o que ele disse.
- Maleval, com as mãos nos bolsos, encostado na porta de entrada do escritório, exibia seu rosto matinal mais cansado do que nos outros dias, mesmo que ainda não fosse nem dez horas. Armand quase era confundido com o porta-casaco, olhando pensativamente para seus sapatos. E Louis – que, para a ocasião, Camille fizera sentar à sua mesa para fazer a leitura –, vestia um belo casaco verde talhado em lã leve, uma camisa creme e uma gravata listrada.

—

Louis não tinha os mesmos métodos de leitura que o comissário. Assim que Camille lhe designara sua poltrona, ele se sentara confortavelmente e lera com aplicação, com uma mão aberta pousada sobre a página. Aquilo remetia Camille a um quadro cuja lembrança precisa lhe escapava.

- O que o fez pensar no *Dália Negra*?
- Difícil de dizer.
- Sua ideia é que, de certa forma, o assassino de Tremblay realizou uma mimese do livro.
- Mimese? – perguntou Camille – Você e suas palavras... Ele corta uma moça em dois, retira suas entranhas, lava os dois pedaços do cadáver, a cabeça com xampu antes de largar tudo em um terreno

baldio público! Se isso for uma mimese, ainda bem que o assassino não se manifestou a respeito...

– Não, eu queria dizer...

Louis estava vermelho de vergonha. Camille olhou para os seus dois outros colaboradores. Louis fizera a leitura com uma voz concentrada, que o texto alterara pouco a pouco. Nas últimas páginas, sua voz baixara tanto de intensidade que fora necessário fazer muito esforço para ouvi-lo. Na hora, ninguém parecia exaltado, e Camille não sabia se o comportamento deles tinha como causa o teor do texto ou a hipótese dele. Reinava no escritório uma atmosfera pesada.

Então Verhoeven subitamente compreendeu que o clima no escritório não tinha como causa aquela circunstância em si, mas o fato de que também seus colaboradores tinham lido o artigo do *Le Matin*. O jornal já devia ter corrido a Brigada inteira, a polícia judicial e também chegado rapidamente à juíza Deschamps, em seguida ao Ministério. Era aquele tipo de informação conduzida pela própria dinâmica, como uma célula cancerígena. O que eles achavam daquilo? O que entenderam ou deduziram? O silêncio deles não era bom sinal. Compadecidos, eles teriam falado a respeito. Indiferentes, teriam esquecido. Mas, silenciosos, pensavam mais do que diziam. Uma página inteira fora dedicada a ele – página pouco amável, mas uma bela publicidade. Até que ponto eles o achavam cúmplice ou condescendente? Nem uma palavra sequer fora escrita sobre sua equipe. Que o artigo fosse amável ou não, ele era só para Camille Verhoeven, o grande homem da vez, que agora vinha com suas hipóteses imbecis. Ao redor dele, o mundo parecia ter desaparecido. E àquele desaparecimento respondia agora o silêncio deles, nem desaprovador nem indiferente. Decepcionado.

– É possível – falou enfim Maleval, com prudência.

– E isso quer dizer o quê? – perguntou Armand – Digo, que relação teria com o que encontramos em Courbevoie?

– Não faço ideia, Armand! Temos um caso de dezoito meses atrás que, por um detalhe, parece com um livro, é só o que sei!

E diante do silêncio geral, ele acrescentou:

– Vocês têm razão, acho que é uma ideia idiota.

– E então... o que vamos fazer? – perguntou Maleval.  
Camille olhou para os três homens, um por um.  
– Vamos pedir a opinião de uma mulher.

## 4

– É bem curioso mesmo...

Estranhamente, ao telefone, a voz da juíza Deschamps não tinha o tom cético que ele esperava. Ela havia dito aquilo frugalmente, como se tivesse pensado alto.

– Se você estiver certo – disse a juíza –, o crime de Courbevoie deve também aparecer no livro de James Ellroy ou em algum outro. Seria necessário verificar...

– Talvez não – disse Camille – O livro de Ellroy é inspirado em uma história real. Uma moça, Betty Short, foi morta exatamente nessas condições em 1947 e o livro elabora uma espécie de ficção ao redor do fato, que deve ter ficado famoso por lá. Ele dedica o livro à sua mãe, que também foi assassinada em 1958... Existem várias pistas possíveis.

– É um pouco diferente mesmo...

A juíza refletiu por alguns instantes.

– Ouça – respondeu ela enfim –, essa pista corre o risco de não parecer tão importante ao processo. Alguns elementos coincidem, mas não vejo muito bem o que podemos fazer com isso. Não consigo me imaginar delegando à polícia judiciária a leitura de toda a obra de James Ellroy, transformando a Brigada Criminal em sala de biblioteca, entende...

– Naturalmente... – admitiu Camille, que agora se dava conta de que tinha se enganado em relação à resposta dela.

A juíza Deschamps visivelmente não era uma pessoa ruim. Pela sua voz, ela parecia sinceramente decepcionada por não poder dizer nada além daquilo.

– Veja, se essa hipótese ressurgir em algum outro momento, veremos o que fazer. Por enquanto, preferiria que prosseguíssemos... por vias mais tradicionais, entendeu?

– Entendi – disse Camille.

– Admita, comandante, que as circunstâncias são um pouco... particulares. No fim das contas, estaríamos só eu e você nessa,

poderíamos talvez considerar tal hipótese como uma base possível, mas não estamos mais a sós...

*Aqui estamos nós*, pensou ele consigo. De repente, sentiu um nó no estômago. Não que ele estivesse com medo, mas temia penar mais com aquela história. Caíra na armadilha duas vezes. A primeira por causa dos técnicos da perícia, que tiveram a péssima ideia de sair com os sacos de defuntos na frente dos jornalistas; a segunda por causa de um desses jornalistas que soubera se infiltrar em sua vida privada no pior momento. Camille não gostava de ser vítima, nem de negar seus equívocos quando eram evidentes. Em suma, não gostava nada do que estava acontecendo, como se nos dois casos ele tivesse sido empurrado para a margem. Nem Le Guen, nem a juíza, nem mesmo sua equipe levava a sério sua hipótese. E ele ficou estranhamente aliviado, uma vez que se sentia bastante incompetente para seguir uma pista tão fora dos seus hábitos. Não, o que o incomodava é o que menos tinha sido dito. As palavras do artigo de Buisson no *Le Matin* continuavam a ecoar em sua cabeça. Alguém tinha se intrometido na sua vida – na sua vida privada. Tinha falado de sua esposa, dos seus pais. Tinha mencionado “Maud Verhoeven”, remexido sua infância e falado dela, dos seus estudos, dos seus desenhos, tinha contado que ele logo seria pai... Havia ali, segundo ele, uma verdadeira injustiça.

—

Por volta das 11h30, Camille recebeu uma ligação de Louis.

– Onde você está? – perguntou Camille, nervoso.

– Em Porte de la Chapelle.

– Que diabos você está fazendo aí?

– Estou na casa do Séfarini.

Eles conheciam bem Gustave Séfarini, um especialista da informação multicientela. Ele informava os assaltantes sobre alguns

locais vulneráveis em troca de uma boa percentagem nos ganhos. Nos esquemas em preparação, normalmente confiavam a ele a tarefa de passar as coordenadas – para as quais seus olhos lhe rendiam uma reputação sólida, o típico delinquente cauteloso. Depois de mais de vinte anos de carreira, seu registro criminal estava – mais ou menos – tão virgem quanto sua filha, a pequena Adèle, jovem deficiente que era o centro de todos os seus cuidados e pela qual nutria uma paixão comovente. Quão comovente pode ser um sujeito que ajudara a organizar assaltos que fizera quatro mortos ao longo de vinte anos.

- Se tiver um momento, seria bom que desse uma passada aqui...
- É urgente? – perguntou Camille, olhando para o relógio.
- É urgente. Mas não deve tomar muito tempo – estimou Louis.

## 5

Séfarini morava em uma pequena casa, cujas janelas davam para a via periférica. Era uma casa que tinha um pequeno jardim empoeirado na frente e que parecia trepidar dia e noite com a dupla pressão: da rodovia em constante atividade e do metrô que passava logo abaixo do firmamento. Ao ver aquela casa e o Peugeot 306 em frangalhos estacionado à calçada, alguém poderia se questionar onde estaria o dinheiro que Séfarini ganhava.

Camille entrou como se estivesse em casa.

Encontrou Louis e seu anfitrião na cozinha de fórmica dos anos 1960, sentados a uma mesa coberta por uma toalha de plástico, cujas estampas não eram mais que meras recordações do que já tinham sido um dia, diante de um café servido em copos americanos. Séfarini não pareceu particularmente feliz em ver Camille entrar. Louis, por sua vez, não se movia, limitando-se a fazer girar entre os dedos o copo que não tinha a menor vontade de esvaziar.

– Então, do que se trata? – perguntou Camille, puxando a última cadeira vazia.

– Bem – começou Louis, olhando para Séfarini –, eu estava explicando ao nosso amigo Gustave... Sobre sua filha, Adèle...

– Ok. Espera aí, onde está ela, a Adèle? – perguntou Camille.

Séfarini apontou para o andar de cima com um olhar amuado e baixou de novo os olhos em direção à mesa.

– Eu estava explicando para ele – continuou Louis – que os rumores voam rápido.

– Ah – fez Camille brandamente.

– Ah, sim... Lastimáveis, os rumores. Eu estava explicando ao nosso amigo que suas relações com Adèle vinham nos preocupando bastante. Bastante – repetiu ele, olhando para Camille – Estão falando de carícias, de relações culposas, de incesto... eu acrescento logo que nós não damos nenhum crédito a tais rumores persistentes!

– Certamente! – confirmou Camille, que começava a ver o caminho que Louis estava tomando.

– Não, não – continuou Louis – Mas as assistentes sociais, com elas não é tão certo... Nós, nós o conhecemos, Gustave. Bom pai e tudo mais... Mas o que se pode fazer? Elas receberam cartas...

– Essas cartas enchem o saco – disse Camille.

– Vocês que me enchem o saco! – gritou Séfarini.

– Isso é muito grosseiro, Gustave – disse Camille – Quando se tem filhos, é preciso tomar cuidado, cacete.

– E então – continuou Louis, com uma voz desolada –, eu estava passando por perto, pensei comigo, espera aí, vou dar um oi para o nosso amigo Gustave, um bom amigo do Lambola, diga-se de passagem... E eu estava explicando para o nosso Gustave que estão falando sobre internação involuntária. Esperando limpá-lo totalmente. Não é grande coisa, essa internação, só questão de alguns meses. Não estou certo de que Gustave e Adèle possam passar as festas de fim de ano juntos, mas se insistirmos bastante...

As antenas de Camille puseram-se instantaneamente a vibrar.

– Vamos, Gugu, conte tudo ao comandante Verhoeven. Tenho certeza de que ele pode fazer muito por Adèle, não é?

– Ah sim, sempre se pode dar um jeito... – confirmou Camille.

Séfarini estava fazendo seus cálculos desde o começo da negociação. Ainda que ele mantivesse a cabeça abaixada, aquilo era visto na sua testa enrugada e no seu olhar rápido, que traduziam a intensidade de sua reflexão.

– Vamos, Gu, nos conte tudo. O Lambola...

Séfarini conhecia bem o assalto de Toulouse que ocorrera no dia do assassinato de Manuela Constanza, a jovem encontrada em Tremblay-en-France. E por uma simples razão: era ele que havia informado os pontos vulneráveis do shopping, que tinha traçado os esquemas, organizado a operação.

– Por que eu me interessaria pelo que você tem a dizer? – perguntou Camille.

– Lambert não estava no assalto. Disso vocês podem ter certeza.

—

Lambert deve ter tido uma motivação poderosa para se acusar de um assalto com o qual não tinha nada a ver. Muito poderosa.

À beira da calçada, antes de entrar no carro, os dois homens observavam a sinistra paisagem do trem periférico. O celular de Louis tocou.

– Era Maleval – disse Louis ao desligar – Lambert está em condicional há duas semanas.

– É preciso agir rápido. Imediatamente, se possível...

– Eu cuido disso – confirmou Louis, discando um número.

## 6

Rua Delage, número 16. Quarto andar sem elevador. Como seu pai faria dali alguns anos, quando a morte começaria a rondar sua casa? Era uma questão que Camille se fazia para logo em seguida repelir, tomado pela esperança, essencialmente mágica, de que aquela circunstância jamais se apresentaria.

A escada cheirava a cera. Seu pai passara a vida em sua oficina, repleta de odores de remédios. Sua mãe cheirava a essência de aguarrás e óleo de linhaça. Camille tinha pais com aromas.

Ele se sentia cansado e entristecido. O que tinha a dizer àquele pai? Há alguma coisa a dizer a um pai? Não bastava vê-lo vivo, mantê-lo perto de si, não muito distante, como um derradeiro talismã que não se sabe muito bem a que poderia servir?

Após a morte da esposa, seu pai vendera o apartamento, instalara-se no 12º distrito, perto da Bastilha, e cultivava, com uma discreta aplicação, um perfil de viúvo moderno, o que era uma sutil mistura de solidão e organização. Pai e filho beijaram-se desajeitadamente, como de costume – contrariamente ao habitual, aquele pai permanecera maior que seu filho.

Um beijo na bochecha. Cheiro de bife *bourguignon*.

– Eu comprei um *bourguignon*...

Seu pai e a arte de cultivar as evidências.

Eles tomaram suas bebidas frente a frente, cada um em sua poltrona. Camille sentava-se sempre no mesmo lugar, colocando seu copo de suco de frutas sobre a mesa de centro, cruzando as mãos e perguntando “E então, como você está?”.

– E então, como você está?

Desde que entrou na sala, Camille viu, perto da poltrona do seu pai, deitado ao chão, um exemplar dobrado do *Le Matin*.

– Enfim, Camille – começou seu pai, mostrando o jornal –, eu sinto muito por essa história...

– Deixa pra lá...

– Ele chegou do nada, sem avisar. Eu te liguei logo em seguida, sabe...

– Imaginei mesmo, pai. Deixa pra lá, não tem problema.

– ... mas sua linha estava ocupada. E então a gente começou a conversar. Aquele jornalista parecia gostar bastante de você, eu não desconfiei. Sabe o quê? Vou escrever uma carta ao diretor. Vou exigir um direito de resposta!

– Mas meu pai... Nada do que está nesse artigo é falso. Além do mais, são pontos de vista. Juridicamente, direitos de resposta são para outros casos. É sério, deixa pra lá.

Ele quase acrescentou “Você já fez mais do que devia”, mas se conteve. Seu pai deve tê-lo ouvido, apesar de tudo.

– Isso só vai te trazer mais aborrecimentos... – falou ele e se calou.

Camille sorriu e preferiu mudar de assunto.

– E quanto ao neto, suponho que você esperava por ele, não? – perguntou ele.

– Já que você realmente quer irritar seu pai...

– Não sou eu que estou dizendo, é o ultrassom... e, se você se irrita porque vou ter um filho, é porque é um mau pai.

– Como vocês vão chamá-lo?

– Ainda não sei. A gente conversa a respeito, negocia, decide e depois muda de ideia...

– Sua mãe tinha escolhido seu nome por causa de Pissarro. Mas ela continuou gostando do seu nome depois que deixou de gostar do pintor.

– Eu sei – disse Camille.

– Falaremos de você depois. Primeiro me fale de Irene...

– Acho que ela tem estado bem entediada...

– Vai acabar logo... Eu a achei cansada.

– Quando? – perguntou Camille.

– Ela veio me visitar semana passada. Fiquei com vergonha.

Considerando o estado dela, eu é que deveria fazer o esforço de ir até lá, mas você me conhece, resolvi nunca mais me mexer. Ela veio do nada, sem avisar.

Camille imediatamente imaginou Irene subindo os quatro andares com esforço, retomando o fôlego a cada patamar, talvez segurando a barriga. Ele sabia que existia algo além de uma simples visita por

trás daquilo. Uma mensagem direcionada a ele. Uma reprovação. Ela, ao visitar seu pai, cuidava de sua vida enquanto ele não cuidava bem da dela. Teve vontade de ligar para a esposa imediatamente, mas percebeu que não queria se desculpar – queria fazê-la compartilhar do seu mal-estar, falar-lhe do que estava sentindo. Era insano o quanto a amava. E quanto mais expressava mal seu amor, mais sofria com esse amor desajeitado.

A pequena cerimônia mundana dos dois seguiu então seu rumo habitual até que, com uma voz disfarçadamente distraída, o senhor Verhoeven anuncia:

- Sabe o Kaufman? Você se lembra do senhor Kaufman?
- Lembro bem, sim.
- Ele veio me visitar faz uns dez dias.
- Fazia tempo...
- Sim, eu só o vi duas ou três vezes depois da morte da sua mãe.

Camille sentiu uma espécie de calafrio quase imperceptível que, evidentemente, não era por causa do retorno de um velho amigo de sua mãe – cujo trabalho, aliás, ele admirava. Sua súbita inquietação era decorrência da voz do seu pai. Ela tinha, em sua tonalidade disfarçadamente desenvolta, algo de incômodo, de constrangido. Um embaraço.

– Vamos, me conte – encorajou-o Camille ao ver seu pai balançar sua colher sem se decidir.

– Ah, ouça, Camille, como você quiser. Por mim, não teria nem te falado. Mas ele insiste para que eu o faça. Não sou eu que estou pedindo, hein! – acrescentou ele, elevando subitamente a voz, como se estivesse se defendendo de uma acusação.

– Vamos... – falou Camille.

– Por mim, é não. Mas, enfim, isso não depende de mim...

Kaufman está deixando seu ateliê. Seu contrato não foi mais renovado. O ateliê se tornou muito pequeno. Ele anda fazendo formatos grandes agora, sabe!

– E...?

– E ele me perguntou se temos intenção de vender o ateliê da sua mãe.

Camille tinha compreendido mesmo antes de seu pai terminar a frase. Ele sempre temera aquela notícia, mas, de tanto receá-la, acabou por se acostumar com ela.

– Eu sei o que você vai achar disso, e...

– Não, você não faz ideia – cortou Camille.

– Decerto, mas desconfio. Já até disse a Kaufman: Camille não vai concordar.

– Mesmo assim, você está me contando.

– Estou te contando porque prometi a ele que te contaria! E depois, pensei comigo que, considerando as circunstâncias...

– As circunstâncias...

– Kaufman está propondo um bom valor. Com o nascimento do bebê agora, talvez você tenha novos projetos, comprar uma casa maior, não sei...

Camille ficou surpreso com a própria reação.

Montfort era de fato um lugarejo, derradeiro vestígio de uma cidadezinha outrora situada à beira do parque florestal que contorna o bosque de Clamart. Dominado hoje por programas imobiliários, rodeado por residências pretensiosas, os arredores do bosque não tinham mais o aspecto de certa forma fronteira que Camille conhecera quando criança, ao acompanhar sua mãe até lá. O ateliê era uma antiga casa de caseiro de uma propriedade que se evaporara em uma sucessão de heranças mal administradas e da qual restara apenas aquele imóvel, cujas divisórias sua mãe derrubara. Camille passara lá longas tardes, observando-a trabalhar, toda envolvida por aromas de tinta e de aguarrás, desenhando sobre um cavalete que ela montara para ele, perto de uma lareira que dispersava, no inverno, um calor pesado e aromático.

O ateliê, visto de perto, não tinha grande charme. As paredes eram recobertas apenas de cal, o velho piso de pedra vermelha trepidava sob os pés e as vidraças que traziam luz ficavam empoeiradas por dois terços do ano. Uma vez por ano, o senhor Verhoeven pai ia até lá, arejava, tentava tirar o pó, mas, logo desencorajado, acabava por se sentar no meio do ateliê, contemplando, desolado, o que restava da existência da mulher que tanto amara.

Camille lembrou-se da última vez que tinha ido até lá. Irene queria ver o ateliê de Maud, mas diante de suas reticências, ela não insistira. Depois, um dia, voltando de um fim de semana fora, eles passaram perto de Montfort.

– Quer ver o ateliê? – perguntara subitamente Camille.

Nenhum dos dois foi tolo de não perceber que, na verdade, tratava-se de um desejo de Camille. Eles fizeram o retorno. Para vigiar o local e cortar a grama do parque, seu pai pagava anualmente um vizinho, que nitidamente não dava muita atenção ao imóvel. Camille e Irene passaram por cima das urtigas e, com a chave que estava há décadas sob o pote de flores em mosaico, abriram a porta de entrada, que rangeu fragilmente.

O cômodo, esvaziado de seu conteúdo, parecia maior que nunca. Irene percorreu o local sem embaraço algum, lançando simplesmente um olhar interrogativo para Camille quando queria virar uma moldura ou levar uma tela até uma baia vidrada para vê-la sob a luz. Camille permaneceu sentado, coincidentemente no mesmo lugar em que seu pai se sentava quando ficava só por ali. Irene comentou as telas com uma precisão que surpreendeu Camille, detendo-se por um longo tempo diante de uma das suas últimas obras, inacabada – um conjunto de vermelhos profundos lançados com uma espécie de raiva. Sua mãe segurava a tela com força, e Camille não viu mais que o verso. Com um giz de cera, Maud escrevera, com sua grande letra aberta: *Louca dor*.

Uma das raras telas à qual ela tinha consentido um título.

Quando abaixou os braços para colocá-la de volta em seu lugar, ela viu Camille chorar. Abraçou-o por um longo momento.

Ele nunca mais voltou lá.

– Vou pensar – falou enfim Camille.

– Será como você desejar – respondeu seu pai, esvaziando lentamente sua xícara – Em todo caso, o dinheiro será para você. Para o seu filho.

O celular de Camille acusou o recebimento de uma mensagem de Louis: “Lambert ausente do ninho. Montamos guarda? Louis”.

– Preciso ir – disse Camille, levantando-se.

Seu pai dirigiu-lhe o mesmo olhar surpreso de costume, parecendo espantado que o tempo tivesse passado tão rápido e que já fosse, para seu filho, a hora de partir. Mas, na cabeça de Camille, havia sempre um estranho sinal que lhe dizia, de um segundo ao outro, que tinha chegado a hora de partir. E daquele momento em diante, ele tinha tanto que partir, era tão necessário que partisse, que já não permanecia mais no lugar.

– Quanto ao jornalista... – começou seu pai, levantando-se.

– Não se preocupe.

Os dois homens beijaram-se e Camille logo estava na calçada. Não se surpreendeu quando levantou a cabeça para a janela do apartamento de seu pai e o viu, apoiado ao balaústre da sacada, fazendo o eterno gesto com a mão que muitas vezes fazia Camille pensar que, um dia, ele o veria pela última vez.

## 7

Camille ligou para Louis.

– Sabemos um pouco mais sobre Lambert – disse Louis – Ele voltou para casa desde o começo de sua condicional, no dia dois. Segundo as pessoas, ele estava bem. Um de seus contatos, um certo Mourad, traficante de Clichy, contou que Lambert partiu em viagem na terça. Devia estar acompanhado de Daniel Royet, seu capanga, do qual também não temos notícias. Desde então, mais nada. Estamos montando guarda na casa dele.

– Gustave vai ter que se esconder. Temos dois dias, nada mais. Passado esse prazo, Lambert vai sumir por um bom tempo...

Eles discutiram sobre a disposição das equipes destinadas a montar guarda nos lugares aos quais Lambert poderia ir. Dois eram os principais. Por milagre ou fruto da insistência – de qualquer forma, Le Guen sabia que a equipe de Camille era muito modesta para realizar aquela tarefa –, Camille obteve duas equipes provisórias, que Louis foi encarregado de coordenar.

## 8

Ele colocou a pilha de livros sobre sua mesa. *Brown's Requiem*, *O morro do suicídio*, *O blues de Dick Contino*, *Um assassino na estrada*, *Clandestino* e, em seguida, "A Tetralogia de Los Angeles", composto por *Dália Negra*, *O grande deserto*, *Los Angeles – cidade proibida* e *Jazz branco*. E, enfim, *Tabloide americano*.

Pegou um por acaso. *Jazz branco*. Na verdade, seu gesto não devia nada ao acaso. A capa mostrava um retrato de mulher estranhamente parecido com o de *Dália Negra*. O traçado, o estilo do desenho e o tipo de mulher eram os mesmos nas duas capas, ainda que, na segunda, a mulher tivesse um rosto mais redondo, um penteado mais volumoso e mais ajeitado, uma maquiagem mais acentuada e brincos. O ilustrador evocava um tipo de "vamp" hollywoodiana, um pouco vulgar, abandonando o lado mais espontâneo que cultivara para ilustrar *Dália Negra*. Camille ainda não tinha explorado a possível semelhança entre aquelas três moças. Se fosse possível, sem muito custo, efetuar aproximações entre Évelyne Rouvray e Josiane Debeuf, de Courbevoie, o que poderia haver de comum entre elas e a pequena Manuela Constanza, de Tremblay?

Sobre sua prancheta, rabiscou três palavras, acrescentou "Louis" e sublinhou duas vezes.

– É uma tarefa árdua...

Árdua... Como Louis podia usar tal vocabulário, era um mistério.

– Essa é a sua pilha. Esta é a minha – disse Camille.

– Ah!

– Estamos procurando um grande apartamento, duas moças estupidadas e esquartejadas. A gente deve conseguir ler em diagonal.

Um mais áspero que o outro. Os primeiros pareceram-lhe bem clássicos. Detetives “particulares” mofavam em escritórios imundos, sorvendo café e comendo rosquinhas diante de montes de faturas vencidas. Assassinos desajuizados bruscamente se deixavam levar pelos seus reflexos de psicopata. Então, o estilo ganhava outra cadência. Cada vez mais fora dos eixos, cada vez mais cru, James Ellroy punha-se a brincar com o desumano no estado bruto. Os subúrbios da cidade apareciam como a metáfora de uma humanidade desesperada e desiludida. O amor tinha o gosto azedo das tragédias urbanas. Sadismo, violência, crueldade – a escória de nossas fantasias ganhava corpo com seu cortejo de injustiças e revanches, mulheres aniquiladas e homicídios sanguinolentos.

A tarde passou rapidamente.

Diante dos primeiros sinais de cansaço, Camille ficou tentado a percorrer mais distraidamente as centenas de páginas que lhe restava verificar, procurando, no correr de sua leitura diagonal, apenas algumas palavras-chave... Mas quais? Enfim, conteve-se. Quantas vezes investigações tinham patinado ou fracassado porque o investigador procedera rápido demais, não empregando o tempo necessário? Quantos assassinos anônimos ainda deviam sua liberdade à negligência de policiais cansados?

A cada hora, Camille saía do seu escritório e, a caminho da máquina de café, detinha-se no umbral do escritório de Louis, onde o jovem rapaz estudava com a seriedade de um estudante de Teologia. Eles não pronunciavam uma palavra – seus olhares diziam suficientemente o quanto a busca tornara-se de promissora a desanimadora, o quanto algumas anotações lançadas aqui e ali se mostravam, ao longo da leitura, perfeitamente inoperantes. E que provavelmente seria assim até a consumação dos livros e dos homens.

Camille fazia anotações em um papel em branco. O inventário era totalmente deprimente. Um adolescente asfixiado com uma cueca cheia de cola de acetona, uma mulher nua pendurada pelos pés acima da sua cama, uma outra esquartejada com uma serra depois de ter recebido uma bala no coração, uma terceira, estuprada e morta a facadas... Um universo de matança povoado, à primeira

vista, por malucos impulsivos, casos dúbios e acertamento de contas, bem distante da aplicação metódica do homicida de Courbevoie e de Tremblay. A única semelhança perturbadora continuava sendo o *Dália Negra*, mas havia um fosso entre a perfeita similitude do *Dália* com o homicídio de Tremblay e as semelhanças um tanto vagas que se podia encontrar aqui e ali com o de Courbevoie.

Louis tinha feito sua própria lista. Quando entrou para expor um balanço, Camille interrogou-o com o olhar e compreendeu que ele não tivera mais sorte do que ele mesmo. Deu uma olhada distraidamente na caderneta onde, com sua letra refinada, Louis listara seus achados: tiros de revólver, facadas, socos-ingleses, alguns estupros, um outro enforcamento...

– Bom, já é o bastante – disse Camille.

## 9

Às 18 horas, a equipe se encontrou para o último balanço do dia no escritório de Camille.

– Quem começa? – perguntou Camille.

Os três homens se olharam. Camille soltou um suspiro.

– Louis, você.

– Demos uma olhada de passagem nas outras obras de James Ellroy, nas quais o patrão pens... Desculpe – acrescentou ele, mordendo a língua.

– Duas coisas, Louis – respondeu Camille, sorrindo – Primeiro, quanto a seu “patrão”, você faz bem em se repreender, você sabe o que acho disso. Segundo, quanto aos livros, por favor, seja mais delicado.

– Bem – disse Louis, sorrindo por sua vez – Resumindo, nós folheamos mais ou menos todas as obras de James Ellroy e não encontramos nada que justificasse a hipótese da reprodução de uma cena de livro. Está melhor assim?

– Perfeito, Louis, você é muito educado. Completarei dizendo que perdemos meio dia. Nós dois. E que era uma bobagem. Acho que sobre esse assunto já dissemos tudo...

Os três homens sorriram.

– Muito bem, Maleval, o que você tem aí? – retomou Camille.

– Abaixo de “nada”, o que existe?

– Menos que nada – disse Louis.

– Três vezes nada – arriscou Armand.

– Então – continuou Maleval –, é pior que três vezes nada. O couro de vaca artificial não apresenta nenhuma marca que permita restituir a pista de sua compra ou de sua fabricação. O papel de parede do banheiro pintado em preto e branco não provém de um fabricante francês. Estou aguardando para amanhã a lista dos principais fabricantes estrangeiros. Vou lançar uma investigação global, mas não acho que nosso homem tenha ido comprar papel de parede com o rosto descoberto, entregando uma cópia da sua carteira de identidade.

- É certamente pouco provável – disse Camille – Que mais?
  - No hotel Mercure, onde Évelyne Rouvray foi pela primeira vez com um cliente, seu futuro assassino, o quarto foi pago em espécie. Ninguém se lembra de nada. O laboratório, por sua vez, não conseguiu recuperar os números de série dos aparelhos audiovisuais, TV, CD player etc. De cada um deles, vendeu-se milhares. A pista termina por aí.
  - Entendo. Algo mais?
  - Sim, um outro impasse, se for do seu interesse...
  - Pode continuar.
  - A fita de vídeo foi retirada de um programa americano semanal que passa há mais de dez anos no canal US-Gag. É um programa muito popular. O trecho que se encontra no vídeo remonta a mais de quatro anos.
  - Como você descobriu isso?
  - Canal TF1. Eles compraram a série. É tão ruim que até eles se recusaram a transmiti-la. Limitam-se a tapar algumas lacunas com o que consideram os melhores trechos. Aquele em que o cão descasca uma laranja foi transmitido no último dia 7 de fevereiro. O sujeito pôde gravá-lo naquele momento. Quanto à caixinha de fósforos, é uma caixinha adulterada. A princípio, é comercializada, é o que há de mais banal. Está em todas as tabacarias. O rótulo “Le Palio’s” foi impresso em uma impressora colorida, e existem mais de quatrocentas mil na França. O papel utilizado também é comum. Assim como a cola branca usada para colar tudo.
  - É o nome de uma boate noturna ou algo assim.
  - Provavelmente... ou um bar... Enfim, dá quase na mesma.
  - Sim, dá exatamente na mesma. Não sabemos estritamente nada.
  - É, mais ou menos isso.
  - Não necessariamente – disse Louis, sem levantar os olhos de sua caderneta.
- Maleval e Armand olharam para ele. Camille retomou, olhando para seus pés:
- Louis tem razão. Não é a mesma coisa. É o degrau superior da encenação. Existem duas categorias de indícios. Os objetos do

comércio, cujas pistas não restituiremos, e os que remetem a uma preparação minuciosa... É como a sua história de divã japonês – acrescentou ele olhando para Armand.

Armand, surpreendido em seus pensamentos, abriu a caderneta rapidamente.

– Ah, sim, se quiser... Só que quanto ao Dunford em questão, não achamos rastro dele. Nome falso, pagamento por ordem de pagamento para o exterior, entrega em um guarda-móveis de Gennevilliers sob o nome de... – ele consultou sua caderneta – Peace. Enfim, por aí também as coisas não vão muito longe...

– Peace... – comentou Maleval – Como “paz”? É um engraçadinho...

– Palhaço – falou Camille.

– Por que utilizar nomes estrangeiros? – perguntou Louis – É curioso, todavia...

– A meu ver, é um esnobe – decretou Maleval.

– Que mais? – perguntou Camille.

– Quanto à revista – continuou Armand –, é um pouco mais interessante. Enfim, mais ou menos... É o número de primavera da *Gentlemen’s Quaterly*, uma revista americana de moda masculina.

– Inglesa – precisou Louis.

Armand consultou sua caderneta.

– Sim, inglesa, você tem razão.

– E... por que isso é mais interessante? – Camille perguntou com impaciência.

– A revista está à venda em várias livrarias inglesas e americanas em Paris. Mas não há tantas assim. Eu liguei para duas ou três. Um golpe de sorte: um homem encomendou um número antigo, precisamente o de março, no Brentano’s, na avenida da Opéra, mais ou menos há três semanas.

Armand mergulhou novamente em suas anotações, nitidamente ansioso para reconstituir escrupulosamente a pista que tinha levantado.

– Seja mais direto, Armand, mais direto... – falou Camille.

– Vou chegar lá. A encomenda foi feita por um homem, a funcionária tem certeza. Ele apareceu num sábado à tarde. Naquele

dia e naquele horário, o movimento é maior. Ele fez a encomenda e pagou em dinheiro. A jovem não se lembra de sua aparência. Ela disse apenas “um homem”. Ele voltou na semana seguinte, mesmo dia, mesma hora, mesma atitude. A jovem não se lembra dele.

– Bela jogada... – disse Maleval.

– O conteúdo da mala também não contribui em nada – continuou Armand – Continuamos as pesquisas. São todos objetos de luxo, mas de uso comum e só com muita sorte...

Camille lembrou-se subitamente:

– Louis, como ele se chama mesmo, aquele cara?

Louis, que parecia seguir o pensamento de Camille com o olfato de um cão de caça, respondeu:

– Haynal. Jean. Nem rastro. Ele não figura nos arquivos. Lancei um requerimento... vou poupar vocês dos detalhes. Ou os Jean Haynal que encontramos não têm a idade requisitada, ou estão mortos, ou estão longe e há muito tempo... Continuamos, mas sem esperar grande coisa por esse caminho.

– Ok – respondeu Camille.

O balanço era certamente desanimador, mas havia uma pista. A ausência de indícios e a minúcia dos preparativos não eram neutros e constituíam em si um elemento. Camille pensava agora que, cedo ou tarde, tudo aquilo convergiria para um ponto obscuro, e ele tinha a sensação de que, contrariamente aos outros casos, cujos contornos discerniam-se com vagar, como em uma fotografia revelada progressivamente, aquele era de uma outra espécie. Tudo se esclareceria de uma vez. Questão de paciência e empenho.

– Louis – continuou ele –, tente confrontar a história das duas jovens de Courbevoie com a de Tremblay. Os lugares que elas poderiam ter frequentado, mesmo sem se conhecer, as relações delas... para ver se ela tinha algo em comum com as duas, essas coisas, sabe...

– Certo – respondeu Louis, tomando nota.

As três cadernetas fecharam-se ao mesmo tempo.

– Até amanhã – disse Camille.

Os três homens deixaram o escritório.

Louis voltou alguns instantes depois. Ele estava com a pilha de livros que tinha folheado e colocou todos sobre a mesa do seu chefe.

– Que pena, hein? – perguntou Camille, risonho.

– Sim. Muito. Era uma solução elegante...

Então, no momento de deixar o escritório, voltou-se para Camille.

– Nosso trabalho talvez não seja tão romanesco assim...

*Talvez não, com efeito,* Camille pensou.

Cais em que se situa o prédio da Polícia Judiciária de Paris. (N.T.)

Na França, a avaliação da dissertação de mestrado é normalmente acompanhada das seguintes menções em ordem decrescente:

“Excelente”, “Muito bom”, “Bom” ou “Insucesso”. (N.T.)

“A tolice não é meu forte.” Frase enunciada pela personagem Monsieur Teste na obra homônima do escritor francês Paul Valéry (1871-1945). (N.T.)

Também conhecido como Princípio da Incompetência, o princípio criado por Laurence J. Peter determina que o funcionário de uma instituição deve subir de cargo até o limite de suas aptidões, como assinala sua famosa máxima: “Num sistema hierárquico, todo funcionário tende a ser promovido até o seu nível de incompetência”. (N.T.)

Quinta-feira, 10 de abril de 2003

# 1

– Acho que a juíza não vai gostar nada disso, Camille.

*Courbevoie – Tremblay-en-France*

*Uma ficção bem real.*

*A juíza Deschamps, encarregada do duplo crime cometido em Courbevoie, revelou que uma falsa impressão digital encontrada nos locais ligava tal caso ao homicídio de Manuela Constanza, uma jovem prostituta de 24 anos, cometido em novembro de 2001, cujo corpo foi encontrado cortado ao meio em um terreno baldio. Segundo todas as probabilidades, o comandante Verhoeven, encarregado da investigação, encontra-se diante de um criminoso em série. A principal surpresa: a forma. Assassinos em série, de um crime a outro, geralmente utilizam as mesmas técnicas. Ora, nada nesse nível parece ligar os dois casos. A maneira pela qual as duas jovens mulheres foram mortas é diferente, de modo que podemos nos perguntar se a impressão digital encontrada em Courbevoie não constitui, na verdade, uma falsa pista. A menos que...*

*A menos que a explicação seja outra e que sejam justamente as diferenças que liguem os dois casos. É ao menos a hipótese que parece propor o comandante Verhoeven, que efetua uma aproximação mordaz entre o crime de Tremblay-en-France e... um livro do romancista James Ellroy. Nessa obra...*

Camille fecha o jornal brutalmente.

– Puta que pariu!

Então abre novamente o jornal e lê a conclusão do artigo.

*... Torçamos, todavia, para que, apesar das semelhanças impressionantes, essa hipótese "romanesca" não receba a aprovação condescendente da juíza Deschamps, conhecida por seu pragmatismo. Por enquanto – e até que se prove o contrário –, espera-se do comandante Verhoeven pistas menos... ficcionais.*

## 2

– É um babaca.

– Talvez, mas está bem informado.

Le Guen, acomodado como um cachalote em sua imensa poltrona, olha para Camille com mais intensidade.

– No que você está pensando?

– Não faço ideia... E não gosto nada disso.

– A juíza também não – confirmou Le Guen – Ela me ligou logo cedo.

Camille lançou ao amigo um olhar interrogativo.

– Ela está calma. Já viu casos assim. Sabe que você não tem nada a ver com isso. Mesmo assim. Ela não é de ferro. Coisas assim, por mais que a gente tente ficar calmo, acabam irritando.

Camille sabia perfeitamente daquilo. Antes de encontrar Le Guen, ele tinha passado em seu escritório. Uma meia dúzia de redações, rádios e três canais de televisão já haviam pedido confirmação sobre as informações divulgadas pelo *Le Matin*. Aguardando pela chegada de seu patrão, Louis – vestindo um belo terno cáqui, camisa colorida, sapatos amarelos bem pálidos – dera uma de recepcionista, fugindo do assunto com uma impassibilidade bem britânica ao afastar sua mecha – com a mão esquerda – a cada vinte segundos.

– Reunião – falou Camille com uma voz abafada.

Alguns segundos mais tarde, Maleval e Armand entravam no escritório. O primeiro deixava ver, saindo do bolso do seu casaco, o exemplar do dia de *Paris-Turf*,<sup>11</sup> já anotado à caneta verde. O segundo tinha em mãos uma folha de papel amarelo dobrada em quatro e um toco de lápis preto da marca Ikea. Camille não olhava para ninguém. Atmosfera tempestuosa.

Ele abriu o jornal na quarta página.

– Esse sujeito está MUITO bem informado – falou ele – Nosso trabalho está ficando ainda mais complicado.

Maleval ainda não havia lido o artigo. Quanto a Armand, Camille estava certo, já tinha lido. Ele conhecia sua técnica. Armand saía de casa uma boa meia hora mais cedo e se sentava no cais de uma

estação que não era a sua, mas de onde ele podia ficar de olho em três cestos de lixo. Cada vez que um passageiro jogava fora um jornal, Armand se curvava na lixeira, verificava o nome do jornal e voltava a se sentar. Ele era bem muquirana em matéria de jornal matinal – só gostava do *Le Matin*. Por causa das palavras-cruzadas.

Maleval terminou a leitura e deu uma pequena assobiada admirada, colocando o jornal de volta sobre a mesa de Camille.

– É isso mesmo... – concluiu este último – Eu sei que existe muita gente envolvida nesse caso. Os rapazes da perícia, do laboratório, os colaboradores da juíza... isso pode ter saído de qualquer um. Mas mais que nunca, vamos tomar cuidado. Estou sendo claro?

Camille arrependeu-se imediatamente de sua pergunta, que soava como uma acusação.

– Tudo o que peço a vocês é para que façam como eu. Fechem a boca.

O pequeno grupo murmurou um assentimento.

– Lambert, nada ainda? – perguntou Camille, procurando fazer uma voz mais pacificadora.

– Não pudemos ir muito longe com as investigações – disse Louis – Interrogamos aqui e ali, discretamente, para não criar agitação em suas relações. Se ele descobre que estamos à sua procura... Temos a confirmação de que ele desapareceu, mas por enquanto nenhuma indicação nem sobre seu destino, nem sobre o lugar em que ele poderia estar neste momento.

Camille refletiu por um instante.

– Se em um dia ou dois não tivermos nada, vamos fazer uma prisão em massa nas pessoas à sua volta e tentaremos passar isso a limpo. Maleval, faça uma lista para que estejamos prontos quando chegar a hora.

### 3

Ao voltar ao seu escritório, Camille topou com a pilha de obras de James Ellroy. Ele soltou um suspiro de desânimo. Sobre sua prancheta, em um espaço livre entre uma miríade de rascunhos que fazia constantemente para ajudá-lo a refletir, ele anotou:

*Tremblay = Dália Negra = James Ellroy*

Enquanto tentava se concentrar no que acabara de anotar, seu olhar reencontrou um livro totalmente esquecido, que ele tinha comprado na Librairie de Paris. *O romance policial: uma temática*. Ele virou-o e leu:

*Por muito tempo, o romance policial foi considerado um gênero menor. Será necessário mais de um século para que ele seja admitido na "verdadeira" literatura. Seu longo banimento à categoria de "paraliteratura" se deve ao conceito do que leitores, autores e editores tiveram de literatura e, portanto, de nossos usos culturais. Mas também se deve, acredita-se geralmente, à sua própria temática, ou seja, o crime. Esta falsa constatação, tão antiga quanto o gênero em si, parece ignorar que homicídio e investigação figuram em lugares privilegiados nos autores mais clássicos, de Dostoiévski a Faulkner, da literatura medieval a Mauriac. Na literatura, o crime é tão antigo quanto o amor.*

– É um livro muito bom – havia dito o livreiro ao ver Camille folheá-lo – Ballanger é um verdadeiro conhecedor, um especialista. Pena que ele só tenha escrito essa obra.

Camille olhou um instante pela janela. A que ponto tinha chegado... Olhou para o relógio e pegou o telefone.

## 4

Vista de fora, a universidade se assemelhava a um hospital, no qual ninguém gostaria de se tratar. A sinalização parecia diminuir à medida em que se subiam os andares e as indicações de Universidade de Ensino e Pesquisa de Literatura Moderna se perdiam em um labirinto de corredores repletos de cronogramas sobrecarregados e de convocações à solidariedade a todos os tipos de comunidades.

Por sorte, o letreiro da unidade de ensino “Literatura policial: Série Noire”, ministrada por Fabien Ballanger, estava disposto na parte inferior do painel – a uma boa altura para Camille.

Ele passou meia hora procurando a sala onde o curso estava sendo ministrado para mais ou menos trinta alunos, que não quis atrapalhar, e outra meia hora para encontrar uma lanchonete que exalava a canábis, reaparecendo na sala de aula bem a tempo de tomar um lugar na fila de jovens que interpelavam um homem grande, seco, que respondia laconicamente a cada um sem parar de mexer febrilmente em uma bolsa preta transbordando de dossiês. Na sala, alguns estudantes discutiam em pequenos grupos, falando tão alto que Camille precisou elevar o tom para ser ouvido.

– Comandante Verhoeven. Eu liguei para o senhor há pouco...

Ballanger abaixou os olhos na direção de Camille e parou de mexer em sua bolsa. Ele vestia um suéter cinza um tanto largo. Mesmo quando não estava fazendo nada, ele conservava um olhar atribulado, atarefado; era o tipo de homem que continua a pensar, não importa o que aconteça. Ele franziu as sobrancelhas, em uma maneira de dizer que não se lembrava da ligação.

– Comandante Verhoeven, polícia judiciária.

Ballanger lançou um olhar percorrendo a sala, como se estivesse procurando alguém.

– Tenho pouco tempo... – falou ele.

– Estou investigando a morte de três moças que foram esquartejadas. Também estou com bastante pressa.

Ballanger fitou-o de novo.

– Não vejo o que eu...

– Se o senhor puder me conceder alguns minutos, eu explicarei tudo – cortou Camille.

Ballanger levantou as mangas do suéter, uma depois da outra, como outros colocam os óculos. Enfim sorriu, visivelmente a contragosto. Não era do tipo que sorri para qualquer coisa.

– Bom. Me dê dez minutos.

Não foram necessários nem três, e Ballanger já saía pelo corredor onde Camille o esperava.

– Temos quinze minutos – disse ele, apertando curiosamente a mão de Camille, como se tivessem acabado de se conhecer, e Camille teve de apressar o passo para segui-lo.

Ballanger se deteve em frente à porta da sua sala, tirou três chaves, destrancou sucessivamente três fechaduras, explicando:

– Nossos computadores foram furtados... duas vezes ano passado.

Ele fez Camille entrar. Três mesas, três monitores de computadores, algumas estantes de livros e um silêncio de oásis. Ballanger indicou uma poltrona para Camille, tomou um lugar a sua frente e olhou para ele com atenção, sem dizer nada.

– As duas jovens foram encontradas esquartejadas em um apartamento de Courbevoie alguns dias atrás. Temos poucas informações. Sabemos que elas foram submetidas a torturas sexuais...

– Sim, realmente, ouvi falar disso – disse Ballanger.

Longe de sua mesa, com os cotovelos apoiados sobre os joelhos abertos, ele tinha um olhar bem atento, muito vivo, como se desejasse encorajar Camille a fazer uma confissão particularmente difícil.

– Esse crime remete a um outro mais antigo. O homicídio de uma outra jovem, cujo corpo foi encontrado em um terreno baldio, cortado ao meio na altura da cintura. Isso lhe diz algo?

Ballanger endireitou-se subitamente. Ele estava branco.

– Deveria? – perguntou ele, com um tom seco.

– Não, fique tranquilo – disse Camille – Estou me dirigindo ao senhor enquanto professor.

As relações entre as pessoas muitas vezes parecem linhas de trilhos de trem. Quando as vias se afastam e se distanciam umas das outras, é necessário esperar a junção dos carris para se ter a chance de vê-las retomando um caminho paralelo. Ballanger sentira-se acuado. Camille propôs uma junção de carris.

– Talvez você já tenha ouvido falar desse caso. Foi em novembro de 2001, em Tremblay-en-France.

– Leio pouco os jornais – falou Ballanger.

Camille percebeu-o inflexível em sua cadeira.

– Não vejo o que posso ter a ver com dois...

– Absolutamente nada, senhor Ballanger, fique tranquilo. Se estou vindo aqui é porque esses crimes poderiam ter relação com crimes da literatura policial. É só uma hipótese, evidentemente.

– E isso quer dizer...

– Não sabemos nada a respeito. O crime de Tremblay estranhamente se assemelha ao crime descrito por James Ellroy em *Dália Negra*.

– Muito original!

Camille não conseguiu ler o que predominava na reação de Ballanger, alívio ou espanto.

– O senhor conhece esse livro?

– Certamente. E... o que o faz pensar...

– Para mim, é muito difícil passar detalhes da investigação para o senhor. Mas nossa hipótese é que esses dois casos têm relação. Considerando que o primeiro crime parece ser diretamente inspirado pelo livro de James Ellroy, nós nos perguntamos se os outros...

– ... também não vêm de um livro de Ellroy!

– Não, nós verificamos, não é o caso. Acho que os outros crimes poderiam vir de outros livros. Não necessariamente de Ellroy.

Ballanger colocara seus cotovelos sobre os joelhos. Ele segurava o queixo com uma mão e olhava para o chão.

– E o senhor está me perguntando...

– Para ser sincero, senhor Ballanger, sou amador em literatura policial. Minha cultura nessa área é mesmo bem... rudimentar. Estou procurando alguém que possa me ajudar, e pensei no senhor.

– Por que eu? – perguntou Ballanger.

– Por causa do seu livro sobre a Série Noire. Pensei que talvez...  
– Ah, isso é coisa velha. Seria necessário atualizá-lo. As coisas mudaram muito desde então.

– O senhor pode nos ajudar?

Ballanger coçava o queixo. Tinha a feição confusa de um médico que traz uma má notícia.

– Não sei se o senhor frequentou a Universidade, senhor...

– Verhoeven. Sim, fiz meu curso de Direito na Sorbonne. É bem antiga, concordo com o senhor...

– Ah, as coisas não devem ter mudado muito. Nós continuamos sendo especialistas.

– É por isso que estou aqui.

– Não é exatamente o que eu queria dizer... Eu me debrucei sobre a literatura policial. É uma área muito vasta. Minha pesquisa abordava a temática dos romances da Série Noire. Da Série Noire exclusivamente. Eu até me limitei aos primeiros mil números. Eu os conheço muito bem, mas são somente mil livros de uma literatura que deve compreender alguns milhões. O estudo da problemática policial evidentemente me conduziu a incursões além da Série Noire. James Ellroy, do qual o senhor me fala, não foi usado na minha coleção de referência, e não faz parte, ao menos não ainda, dos clássicos do gênero. Eu o conheço por tê-lo lido, não posso alegar ser um especialista...

Camille ficou irritado. Ballanger falava como um livro para explicar que não havia lido livros o bastante.

– Resumindo? – perguntou Camille.

Ballanger lançou sobre ele aquele olhar de irritação misturado com estupor, que deveria reservar aos seus piores alunos.

– Resumindo, se os casos de que o senhor me fala fizerem parte do meu *corpus*, talvez poderei ajudá-lo. No entanto, ele é bem limitado.

Era a brecha que Camille precisava. Ele mexeu no bolso interior do casaco e tirou duas folhas amarelas dobradas, entregando-as a Ballanger.

– O senhor encontrará aqui a descrição sucinta do caso de que falei. Se puder dar uma olhada de relance, nunca se sabe...

Ballanger pegou os papéis, desdobrou-os, e decidiu adiar a leitura para mais tarde, colocando-os no bolso.

Nesse instante, o telefone de Camille vibrou no seu bolso.

– O senhor me dá licença? – perguntou ele sem esperar a resposta.

Era Louis. Camille tirou rapidamente uma caderneta do seu bolso e rabiscou alguns sinais que só deviam ser compreensíveis a ele.

– Encontro com você lá – falou logo em seguida.

Depois, levantou-se abruptamente. Ballanger, pego de surpresa, levantou-se em seguida, como se acabasse de receber uma descarga elétrica.

– Senhor Ballanger, receio ter-lhe incomodado por nada – disse Camille dirigindo-se à porta.

– Ah... – respondeu Ballanger, curiosamente desapontado – Não era o que o senhor estava pensando?

Camille voltou-se para ele. Uma ideia acabara de lhe passar pela mente.

– É bem possível – falou ele, como se aquela ideia de repente o acometesse – que eu tenha, contudo, que ligar para o senhor muito em breve.

No táxi que o conduzia para o centro de Paris, Camille se perguntava se ele tinha lido mil livros em sua vida, fazendo um cálculo aproximativo com base em vinte livros por ano (nos anos mais profícuos), arredondando para quatrocentos e meditando longa e amargamente sobre a extensão de sua cultura.

## 5

Rua Cardinal Lemoine. Uma livraria à moda antiga. Não tinha nada a ver com os ambientes fluorescentes das grandes lojas especializadas. Ali tudo era artesanal, carpete de madeira encerado, estantes de madeira envernizadas, escadas de alumínio polido, luzes difusas. A atmosfera tinha algo de calmo e impressionante, daquele tipo que faz as pessoas instintivamente baixarem a voz, que traz um gosto de eternidade. Próximo à porta, havia uma prateleira de revistas especializadas e, no centro, uma mesa repleta de livros de todas as dimensões. À primeira vista, o local dava uma impressão poeirenta e desordenada, mas um olhar mais atento mostrava que tudo era mantido com zelo e correspondia a uma lógica própria. À direita, todos os livros expunham seu miolo amarelo-vivo. Mais ao longe, do outro lado, alinhava-se a coleção, decerto integral, da Série Noire. Naquele lugar, penetrava-se em cultura, e não em uma livraria. Passada a porta, adentrava-se no antro dos especialistas, algo situado a meio caminho do claustro e da seita.

Ao entrarem, eles se depararam com a loja vazia. A campana da porta de entrada fez logo aparecer, como surgido do nada, um homem alto, em seus 40 anos, com o rosto sério, quase atribulado, vestindo calça e suéter azuis, sem elegância, óculos finos. O homem exalava uma segurança vagamente altiva. “Estou no meu território”, parecia dizer a silhueta longilínea. “Eu mando aqui. Sou um especialista.”

– O que posso fazer pelo senhor? – perguntou ele.

Ele tinha se aproximado de Camille, mas se mantinha um pouco a distância, como para evitar de ter de olhá-lo muito de cima, ao se aproximar.

– Comandante Verhoeven.

– Ah, sim...

Ele virou-se para apanhar algo que estava atrás dele e deu a Camille um livro.

– Eu li o artigo nos jornais. Na minha opinião, não há sombra de dúvida...

É uma edição de bolso. O livreiro destacou uma passagem no meio do livro com um marca-texto amarelo. Camille olha primeiro para a capa. Um homem de gravata vermelha visto de baixo para cima, com um chapéu na cabeça, luvas de couro nas mãos, segurando uma faca. Parece estar sobre uma escada, mas talvez não esteja.

Camille tira seus óculos, coloca-os, lê o título.

*Bret Easton Ellis*

*O psicopata americano.*

Copyright 1991. O ano seguinte para a edição francesa.

Ele vira uma página, depois duas. Chega ao prefácio, assinado por Michel Braudeau.

*Bret Easton Ellis, nascido em 1964 em Los Angeles [...] Seu agente literário conseguiu-lhe um adiantamento de 300 mil dólares para que escrevesse um romance sobre um serial killer novaiorquino. Na entrega do manuscrito, o editor abriu mão dos dólares e recusou-o. Estupefato. Já a editora Vintage não hesitou. A despeito (ou em razão) do escândalo provocado pela simples divulgação de alguns trechos do original, ela insultou a opinião pública e as ligas feministas [...] Ellis precisou arrumar um guarda-costas, recebeu caminhões de ofensas e ameaças de morte. E vendeu milhares de exemplares de O psicopata americano nos Estados Unidos.*

Louis não quer ler sobre os ombros do seu patrão. Ele anda pelos corredores enquanto o livreiro, com as pernas ligeiramente afastadas, mantém as mãos fechadas atrás das costas, olhando para a rua além da vitrine. Camille sente subir em si algo que se assemelha à excitação.

No lugar em que o livreiro tinha passado o marcador, acontecem horrores. Camille começa a ler, em silêncio, concentrado. De tempos

em tempos, balança a cabeça da direita para a esquerda, murmurando “Não pode ser...”.

Louis cede à tentação. Camille abre levemente o livro para que seu adjunto possa ler ao mesmo tempo que ele.

Página 338.

*Meia-noite. Bato papo com duas garotas, as duas bem jovens, loiras, tetas grandes, pequenos tesouros, a conversa é breve, pois tenho sérias dificuldades para me conter no distúrbio em que me encontro.*

O livreiro:

– Também coloquei uma cruz nas passagens que me pareceram... significativas.

Camille não o ouve, ou não o escuta. Ele lê:

*Ao menos aquilo começa a me excitar [...]*

*Torri acorda amarrada, curvada à beira da cama, e com o rosto coberto de sangue – pois eu cortei seus lábios fora com uma tesourinha de unhas. Já Tiffany está amarrada do outro lado da cama por seis pares de suspensórios que pertencem a Paul, gemendo de medo, totalmente paralisada pela monstruosidade do que lhe está acontecendo. Desejando que ela assista ao que vou fazer com Torri, eu a escorei de maneira que ela não pudesse evitar ver. Como de costume, e na esperança de compreender o que de verdade são essas garotas, eu filmo a morte delas. Para Torri e Tiffany, utilizo uma câmera ultraminiatura Minox LX com película de 9,5 mm, lentes de 15 mm f / 3.5, fotômetro e filtro de densidade incorporada, posta sobre um tripé. Coloquei um CD do Traveling Wilburys em um CD player posto na cabeceira da cama a fim de abafar eventuais gritos.*

– Merda...!

Camille disse aquilo para si mesmo. Seus olhos correm pelas linhas. Ele lê cada vez mais devagar. Tenta refletir. Não há nada a fazer. Sente-se absorvido pelos caracteres, que em alguns momentos dançam sob seus olhos. Precisa se concentrar, são mil ideias, mil impressões comprimindo-se subitamente em sua cabeça.

*Depois, virando-a de novo, inerte de terror, eu corto toda a carne ao redor da sua boca e...*

Camille levanta os olhos para Louis. Vê nele a expressão do seu próprio rosto, como seu duplo.

– Que livro é esse...? – pergunta Louis, com um ar de incompreensão.

– Quem é esse cara? – respondeu Camille, retomando a leitura.

*Eu enfio a mão na barriga de um dos cadáveres e, com um dedo ensanguentado, rabisco EU VOLTEI, em letras corridas, acima do painel almofadado em couro artificial na sala.*

## 6

- Direi só uma palavra: parabéns!
- Chega de zombar de mim...
- Não, Camille – garantiu Le Guen – Já eu, eu não acreditava na sua história. Enfim, reconheço... Mas primeiro, Camille, só uma coisa.
- Diga – respondeu Camille, atualizando seus e-mails com a mão livre.
- Confirme uma coisa: você lançou um requerimento ao arquivo europeu sem a autorização da juíza Deschamps?
- Camille mordiscou o lábio.
- Eu vou regularizar...
- Camille... – respondeu Le Guen, com um tom estafado – Já não temos problemas o bastante? Acabei de falar com ela pelo telefone. Está furiosa. Teve o lance da televisão desde o primeiro dia, sua publicidade pessoal no jornal no dia seguinte e agora, isso...! Você está colecionando problemas! Não posso fazer nada por você, Camille, aí não posso fazer nada.
- Eu me viro com ela. Vou explicar...
- Pelo tom que ela falou comigo, você vai ter dificuldade. De qualquer forma, sou eu que ela toma como responsável pelas suas idiotices. Reunião de crise amanhã de manhã na sala dela. Logo cedo.
- E como Camille não responde, ele continua:
- Camille? Você me ouviu? Bem cedo! Camille, você está aí?

—

- Recebi seu fax, comandante Verhoeven.
- Camille notou logo de início o tom seco e áspero da juíza Deschamps. Em outros tempos, ele teria se curvado todo para

apanhar a folha que tinha acabado de sair da impressora, demasiado longe de seu alcance. Dessa vez, limitou-se a dar a volta na sua mesa.

– Acabei de ler o extrato do romance que o senhor me encaminhou. Parece que sua hipótese está correta. Vou ter que me encontrar com o procurador, o senhor já pode imaginar. E, para dizer a verdade, essa não é a única coisa de que pretendo lhe falar.

– Imagino, sim, o divisional acabou de me ligar. Escute, juíza...

– Senhora juíza, se o senhor me permite! – cortou ela.<sup>12</sup>

– Desculpe, me falta tato.

– Tato administrativo, sobretudo. Acabei de ter a confirmação de que o senhor prescindiu de minha autorização para lançar um requerimento de nível europeu. O senhor sabe muito bem que isso é uma falta...

– Pesada?

– Grave, comandante. E eu não gosto nada disso.

– Ouça, senhora juíza, eu vou regularizar...

– Mas, comandante! Sou eu que devo regularizar! Sou eu que tenho o poder de lhe dar autorização, o senhor parece estar esquecendo...

– Eu não estou me esquecendo de nada. Mas, veja, senhora juíza, mesmo tendo cometido um erro administrativo, estou certo tecnicamente. E acredito que a senhora seria muito sensata se proceder com a regularização sem tardar.

A juíza deixou pairar entre eles um silêncio ameaçador.

– Comandante Verhoeven – disse ela enfim –, acho que vou pedir ao procurador para afastar o senhor dessa investigação.

– A senhora tem o poder para isso. Quando for pedir para ele me afastar – acrescentou Camille, relendo a folha que tinha em mãos –, diga-lhe também que temos um terceiro crime em mãos.

– Como?

– Ao seu requerimento europeu, o investigador... – ele demorou um segundo para encontrar o nome do expedidor na parte de cima do e-mail – ... Timothy Gallagher, da polícia criminal de Glasgow, acabou de responder. Eles têm um crime não solucionado, cometido

no dia 10 de julho de 2001, uma jovem assassinada. Também foi carimbada a falsa impressão digital que mencionamos a eles. Se a senhora quiser minha opinião, meu sucessor deveria ligar para ele rapidamente...

Assim que desligou, ele apanhou a lista novamente:

*Tremblay = Dália Negra = Ellroy*

*Courbevoie = O psicopata americano = Ellis*

E acrescentou:

*Glasgow = ? = ??*

## 7

O investigador estava ausente, então passaram Louis ao seu superior, o superintendente Smollett, típico escocês, a julgar pelo seu sotaque. Diante da pergunta de Louis, o superintendente explicou que a Escócia tinha feito parte da última remessa dos países que haviam se juntado ao sistema europeu de comutação de informações entre polícias da União Europeia, o que explicava porque eles não tinham tomado conhecimento do primeiro requerimento referente à impressão digital deixada pelo assassino no caso Tremblay.

– Pergunte a ele quais são os outros países da última remessa.

– Grécia – elencou Louis a partir do ditado do superintendente – e Portugal.

Camille fez uma anotação para solicitar requerimento junto às polícias daqueles dois países. Conforme suas instruções, Louis pediu para receber cópia dos principais dados do dossiê e a promessa de que Gallagher retornaria a ligação em breve.

– Pergunte a ele se Gallagher fala algum francês!

Tapando o receptor com a mão esquerda, Louis traduziu para Camille, com um sorriso respeitoso e mesclado de ironia:

– O senhor está com sorte: a mãe dele é francesa...

Antes de desligar, Louis trocou algumas palavras com seu interlocutor e começou a rir.

Diante do olhar interrogativo de Camille, disse:

– Estava perguntando para ele se McGregor se recuperou da lesão – explicou Louis.

– McGregor...

– O meio-scrum<sup>13</sup> deles. Ele se machucou contra a Irlanda faz quinze dias. Se ele não jogar sábado, a Escócia perde praticamente todas as chances contra o País de Gales.

– E...?

– Ele se recuperou – anunciou Louis, com um sorriso de satisfação.

– E você se interessa por rúgbi? – perguntou Camille.

– Na verdade, não – respondeu Louis – Mas, uma vez que precisamos dos escoceses, melhor falar a língua deles.

## 8

Camille voltou para casa por volta das 19h30. Preocupado. Ele morava em uma rua tranquila em um bairro animado. Reconsiderou vagamente a proposta de seu pai. Mudar de vida talvez lhe trouxesse mais conforto. Seu telefone tocou. Ele olhou para a tela. Louis.

- Não se esqueça das flores... – disse Louis frugalmente.
- Obrigado, Louis, você é insubstituível.
- Espero que sim.

Camille tinha chegado àquele ponto: estava pedindo ao seu colaborador para lembrá-lo de pensar em sua esposa. Deu meia-volta, irritado; tinha passado pelo florista sem nem mesmo vê-lo e literalmente bateu a testa no peito de um homem.

- Desculpe.
- Que isso, comandante, não foi nada.

Antes de levantar a cabeça, já tinha reconhecido a voz.

– Agora você está me seguindo? – perguntou ele com um tom exasperado.

- Estava tentando te alcançar.

Sem dizer uma palavra, Camille continuou seu caminho. Buisson seguiu no seu encalço, naturalmente sem dificuldade.

– O senhor não acha essa cena um pouco repetitiva? – perguntou Camille, detendo-se bruscamente.

– Será que teríamos tempo para tomar algo? – perguntou Buisson, apontando para um café com uma expressão convidativa, como se os dois estivessem contentes de se encontrar por acaso.

- Talvez o senhor, eu não.

– Isso também é repetitivo. Ouça, comandante, peço desculpas por aquele artigo. Eu fui tomado pelo calor do momento, como dizem.

- Qual artigo, o primeiro ou o segundo?

Os dois homens pararam bem no meio da calçada, que não era muito larga, atrapalhando a circulação dos pedestres, apressados para terminar suas compras antes que as lojas fechassem.

- O primeiro... O segundo era unicamente informativo.
- Justamente, senhor Buisson, o senhor me parece informado demais...
- É o mínimo que se deve esperar de um jornalista, não? O senhor não pode me repreender por isso. Eu fiquei chateado mesmo foi pelo seu pai.
- Isso não deve te incomodar muito. O senhor visivelmente gosta de presas fáceis. Espero que tenha aproveitado para vender uma assinatura do jornal.
- Vamos, comandante, eu te ofereço um café. Cinco minutos. Mas Camille já tinha dado meia-volta e retomado seu caminho. E como o jornalista continuava a acompanhá-lo, disse:
  - O que o senhor quer, Buisson? – perguntou ele.
- Seu tom agora transparecia mais exaustão do que raiva. É assim que o jornalista deveria normalmente alcançar seus fins: pelo cansaço.
- O senhor realmente acredita naquela história de romance? – perguntou Buisson.
- Camille não perdeu tempo refletindo.
- Honestamente, não. É uma aproximação incômoda, nada além disso. É uma pista e só.
- O senhor de fato acredita...!
- Buisson era mais psicólogo que Camille tinha pensado. Ele prometeu a si mesmo não subestimá-lo mais. Chegou à porta do seu prédio.
- Acredito nisso tanto quanto o senhor.
- O senhor descobriu mais alguma coisa?
- Se nós tivéssemos descoberto mais alguma coisa – respondeu Camille, digitando seu código de entrada –, o senhor realmente acha que seria ao senhor que eu a confiaria?
- Então, Courbevoie, como no livro de Ellis, é também uma “aproximação incômoda”?
- Camille deteve-se de imediato e virou-se para o jornalista.
- Eu lhe proponho uma troca – continuou Buisson.
- Não sou seu refém.

– Eu guardo a informação durante alguns dias, para permitir que o senhor siga adiante sem entraves...

– Em troca do quê?

– De agora em diante, o senhor me passa as informações com uma pequena margem de antecedência, é tudo. Só algumas horas. É justo...

– Senão?

– Ah, comandante! – respondeu Buisson, simulando um profundo suspiro de desolação – O senhor não acha que poderíamos entrar em um acordo?

Camille olhou-o fixamente nos olhos e sorriu.

– Bom, até mais, Buisson.

Ele empurrou a porta e entrou. A jornada do dia seguinte já ia se anunciando mal, muito mal.

Ao abrir a porta do apartamento, ele exclamou:

– Droga!

– O que foi, querido? – perguntou Irene, sua voz vinda do salão.

– Nada – respondeu Camille, pensando *As flores...*

Periódico de turfe parisiense surgido em 1946. (N.T.)

No original, a frase é "*Madame LA juge, si vous me permettez!*". A juíza Deschamps exige de Camille o emprego do artigo no feminino, uma vez que em francês a palavra masculina *juge* (juiz) é utilizada tanto para homem quanto para mulher. Como tal problema não se coloca na língua portuguesa, optou-se por deslocar a gafe de Camille para a ausência de pronome de tratamento respeitoso. (N.T.)

Também conhecido como médio-ormação ou *half-scrum*, o meio-scrum é a posição de um jogador de uma equipe de rúgbi responsável pelas bolas obtidas pelos jogadores de defesa e de ataque. Normalmente vestem a camisa 9. (N.T.)

Sexta-feira, 11 de abril

# 1

– Ela gostou? – perguntou Louis.

– Do quê?

– Das flores, ela gostou?

– Você nem imagina.

Pelo tom da voz, Louis compreendeu que algo tinha acontecido e não insistiu.

– Você está com os jornais, Louis?

– Sim, na minha sala.

– Você os leu?

Louis limitou-se a afastar a mecha de seu cabelo com a mão direita.

– Devo estar na sala da juíza em vinte minutos, Louis, faça um resumo para mim.

– Courbevoie = *O psicopata americano*. Toda a imprensa está sabendo.

– Que imbecil! – murmurou Camille.

– Quem é imbecil? – perguntou Louis.

– Ah, os imbecis, Louis... existem muitos. Mas Buisson, o sujeito do *Le Matin*, é o pior deles.

E contou-lhe a entrevista da véspera.

– Ele não se contentou em divulgar a informação. Ele espalhou-a entre todos os colegas dele – comentou Louis.

– O que se pode fazer? Esse cara é um doador. Não se pode mudá-lo. Pode pedir um táxi para mim? Só faltava eu chegar atrasado.

—

Na volta, no carro de Le Guen, Camille enfim demonstrou interesse pelos jornais. A juíza limitara-se a mencioná-los de

passagem. Dessa vez, ele tinha os títulos diante dos olhos e entendia a raiva dela.

– Me tomam como um babaca, hein? – perguntou ele, folheando as primeiras páginas.

– Enfim – falou Le Guen –, não estou certo de que você poderia ter feito de outra forma.

– Você é um chefe gentil. Vou lhe trazer um *kilt*.

A imprensa já havia escolhido um nome para o assassino: o *Romancista*. Aquele era o começo do sucesso.

– A meu ver, ele vai gostar disso – respondeu Camille, colocando os óculos.

Le Guen, surpreso, virou-se para ele.

– Não parece estar te afetando muito, no fim das contas... Você é ameaçado de levar um pé na bunda por falta de respeito à hierarquia, ameaçado de ser afastado por desrespeito ao sigilo da investigação, e mantém um bom moral.

As mãos de Camille esmagam o jornal. Ele retira os óculos e olha para o seu amigo.

– Isso está me deixando puto, Jean – falou ele, nitidamente abalado – Você não sabe como isso está me deixando puto!

## 2

Ao fim do dia, Camille entrou na sala de Armand no momento em que ele estava desligando o telefone. Antes de levantar os olhos para Camille, ele riscou lentamente, com seu toco de lápis Ikea, reduzido agora a alguns milímetros, uma das linhas de uma listagem feita em um bloco de folhas que se desenrolavam diante da sua mesa até o chão.

– O que é isso? – perguntou Camille.

– A lista de revendedores de papel de parede. Os que comercializam papel com estampas de dálmatas.

– E você está onde?

– Humm... trinta e sete.

– E...?

– Bom, vou ligar para o trigésimo oitavo.

– Certamente.

Camille deu uma olhada na sala de Maleval.

– Onde está Maleval?

– Em uma loja na rua Rivoli. Uma vendedora acredita se lembrar de um homem para quem vendeu uma mala da Ralph Lauren há três semanas.

A sala de Maleval estava sempre em uma desordem única: dossiês, folhas, fotos extraídas de dossiês, velhas cadernetas, e também baralho, revistas de turfe, cartelas de corrida de cavalos com aposta nos três primeiros, nos quatro primeiros... O conjunto fazia pensar em um quarto de criança durante as férias. Aquilo era Maleval. Quando começaram a trabalhar juntos, Camille comentou com ele que sua sala ficaria melhor se fosse um pouco mais organizada.

– Se você tivesse que ser substituído da noite para o dia...

– Ainda estou em forma, chefe.

– Mas não pela manhã.

Maleval sorriu.

– Um sujeito disse que existem dois tipos de ordem: a ordem vital e a geométrica. Comigo é a ordem vital.

- Foi Bergson – disse Louis.
- Peterson?
- Não, Bergson. O filósofo.
- É possível – disse Maleval.

Camille sorriu.

– Ninguém, na Criminal, tem um colaborador capaz de citar Bergson!

Apesar da observação, na mesma noite, ele consultou o dicionário para descobrir quem era aquele autor que ganhara um prêmio Nobel e sobre o qual ele nunca tinha lido nem uma linha.

– E Louis?

– Foi visitar uns puteiros – respondeu Armand.

– Isso me surpreenderia.

– Quero dizer que ele está interrogando as antigas colegas de Manuela Constanza.

– E você não teria preferido ir ao puteiro do que ficar penando atrás de papéis de parede?

– Ah, sabe como é, os puteiros, depois que você já viu um...

– Bom, considerando que tenho que partir para Glasgow segunda, não pretendo voltar para casa muito tarde esta noite. Estou indo. Se acontecer alguma coisa...

– Camille! – chamou Armand quando ele estava se preparando para sair.

– E com a Irene, tudo bem?

– Ela está cansada.

– Você deveria reservar mais tempo para ela, Camille. De qualquer forma, estamos patinando aqui.

– Você tem razão, Armand. Vou embora.

– Mande um abraço para ela.

Antes de sair, ao passar em frente à sala de Louis, Camille se deteve um instante. Tudo ali parecia arrumado, organizado, ordenado. Ele avançou. A base para mãos Lancel, o nanquim Mont Blanc... E os dossiês, organizados em ordem temática, anotações, minutas... Até as fotos das vítimas de Courbevoie e de Tremblay estavam cautelosamente perfuradas no painel de cortiça, todas alinhadas pela parte superior, como quadros em uma exposição. A

atmosfera não exalava a meticulosidade de um Armand; ela era racional, ordenada, mas não maníaca.

Ao sair, um detalhe chamou-lhe a atenção. Ele deu meia-volta, percorrendo a sala com os olhos, mas não lembrou o que era e dirigiu-se para a saída. Aquela impressão, contudo, não diminuiu, como acontece quando um slogan de publicidade fica preso na cabeça por alguns segundos ou quando se vislumbra um nome em um jornal... Camille seguiu para o corredor, mas decididamente o pressentimento permanecia, e partir sem descobrir o que era dava-lhe aquela desagradável sensação de quando reconhecemos o rosto de alguém e não conseguimos lembrar o nome. Inquietante. Ele voltou atrás. E então lembrou. Aproximou-se da mesa. No canto esquerdo, Louis havia colocado a lista dos Jean Haynal que ele havia mencionado. Acompanhou a lista com o indicador, à procura daquele que tinha lhe aparecido sorrateiramente.

– Meu Deus! Armand! – gritou ele – Corra aqui!

### 3

Com o auxílio da sirene, não foram precisos mais que dez minutos para chegar ao cais de Valmy. Os dois homens penetraram no edifício da SOGEFI alguns minutos antes do fechamento das dezenove horas.

A recepcionista ensaiou um gesto e, em seguida, uma palavra para contê-los. Mas o passo deles era tão decidido que ela não pôde fazer nada além de correr em seu encalço.

Entraram bruscamente no escritório de Cottet. Vazio. A secretária logo atrás.

– Senhor... – começou ela.

– Espere aqui – Camille deteve-a com um gesto.

Depois, avançou em direção à mesa, contornando-a e trepando na poltrona de Cottet.

– Deve ser bom ser chefe – murmurou ele, alongando o pescoço e olhando para a frente. Seus pés não tocavam o solo.

Então, impetuosamente, como se estivesse em uma verdadeira escalada, subiu com os pés na poltrona, ajoelhando-se em cima dela. Em seguida, insatisfeito com aquela primeira investida, colocou-se enfim de pé sobre ela e um sorriso sagaz subitamente iluminou seu rosto.

– Sua vez – disse ele a Armand, descendo da poltrona.

Armand, sem compreender, deu a volta na mesa e sentou-se por sua vez na cadeira do diretor.

– Sem dúvida – disse ele com deleite, olhando através da janela em frente à mesa, na outra extremidade da sala, para a beirada de um telhado em que piscava um letreiro verde de néon, cuja letra A se apagara: “Transportes Haynal”.

– Então, o senhor François Cottet? – perguntou Camille, destacando cada sílaba – Onde podemos encontrá-lo?

– É que, justamente... Ninguém sabe onde ele está. Ele desapareceu desde segunda à noite.

## 4

Os dois primeiros veículos pararam em frente à casa de Cottet, o de Armand pulverizando, com sua chegada, uma lata de lixo inconvenientemente esquecida sobre a calçada.

Ele tinha dinheiro. Foi o primeiro pensamento de Camille diante da casa de Cottet, um grande sobrado de três andares com uma escada exterior larga na entrada, sobre um jardim cerrado por imensos portões ornamentais. Um homem da escolta saiu do seu veículo e abriu o portão. As três viaturas aceleraram até a escada exterior. Antes mesmo de elas pararem, quatro homens, dentre os quais Camille, já haviam descido. A porta da casa foi aberta por uma mulher que, aparentemente, tinha acabado de acordar com o barulho das sirenes, apesar de ainda ser começo da noite.

– Senhora Cottet? – perguntou Verhoeven, subindo a escada.

– Sim...

– Estamos à procura do seu marido. Ele está?

Um sorriso vago irrompeu bruscamente no rosto da mulher. Como se de repente ela tivesse percebido a dimensão das forças policiais que tinham vindo cercar sua casa, disse:

– Não – e afastou-se levemente da porta –, mas os senhores podem entrar.

Camille lembrava-se muito bem de Cottet, do seu físico, de sua idade. Sua esposa, uma mulher alta e magra, que devia ter sido muito bela no passado, aparentava ter dez anos a mais que seu marido, e não era nada daquilo que ele teria imaginado. Ainda que agora seu charme tivesse murchado um pouco, seu jeito de andar e sua presença revelavam uma mulher de gosto fino, bastante chique, o que destoava consideravelmente do seu marido, cujo ar de vendedor promovido não parecia com nada do mesmo nível dela. Vestida com uma calça de moletom que tivera dias melhores e uma camisa totalmente casual, ela encarnava – seria a maneira um tanto branda de se deslocar?, uma certa lentidão nos gestos? – o que chamam de classe.

Armand, acompanhado de dois colegas, precipitou-se rapidamente para dentro da casa, abrindo a porta dos quartos, os armários, revistando os cômodos, enquanto a senhora Cottet servia-se de um copo de uísque. Seu rosto revelava o quanto aquele gesto era responsável por sua decadência.

– A senhora poderia nos dizer onde se encontra o seu marido, senhora Cottet?

Ela levanta os olhos com um semblante espantado. Depois, constrangida por encarar de tão alto um homem tão pequeno, acomoda-se confortavelmente em seu sofá.

– Com as putas, suponho. Por quê?

– E há quanto tempo?

– Na verdade, não faço a menor ideia, senhor...?

– Comandante Verhoeven. Vou fazer a pergunta de outra forma: há quanto tempo ele não volta para casa?

– Vejamos... hoje é que dia?

– Sexta.

– Já? Então, digamos... desde segunda. Sim, segunda, eu acho.

– Você acha...

– Segunda. Certeza.

– Quatro dias, e isso não parece te preocupar.

– Ah, o senhor sabe, se eu fosse me preocupar cada vez que meu marido vai... “passear”. É assim que ele fala.

– E a senhora sabe em que lugar ele normalmente vai “passear”?

– Eu não vou com ele. Não faço ideia.

Camille percorreu com os olhos o imenso salão e sua lareira monumental, suas mesas pedestais, seus quadros, seus tapetes.

– E a senhora está sozinha aqui?

A senhora Cottet fez um gesto vago mostrando a sala.

– O que o senhor acha?

– Senhora Cottet, seu marido está sendo procurado no âmbito de uma investigação criminal.

Ela olhou para ele mais detidamente e Camille acreditou discernir um vago sorriso de Mona Lisa.

– Precio muito seu humor e seu distanciamento – continuou Verhoeven –, mas temos em mãos duas garotas esquartejadas em

um apartamento que o seu marido alugou e estou com muita pressa para fazer algumas perguntas a ele.

– Duas garotas, o senhor diz? Putas?

– Duas jovens prostitutas, sim.

– Receio que seja meu marido quem vai até elas – disse ela, levantando-se para se servir novamente – Ele não recebe em domicílio. Enfim, acho que não.

– A senhora não parece muito informada sobre o que seu marido faz.

– Realmente – respondeu ela, bruscamente – Se ele estiver esquartejando garotas enquanto sai para passear, ele não tem me contado ao voltar para casa. É uma pena, veja bem, teria me divertido.

Em que estado alcoólico ela se encontrava de fato, Camille não saberia dizer. Ela se exprimia com clareza, destacando nitidamente cada sílaba, o que poderia significar que ela estava se esforçando para dar uma falsa impressão.

Armand desceu, acompanhado de seus dois colegas. Fez um sinal para Camille ir até ele.

– Com licença um instante...

Armand levou Camille até um pequeno escritório no primeiro andar, composto por uma bela mesa de madeira de cerejeira, um computador de última geração, algumas pastas de documentos, prateleiras, uma prateleira de livros de Direito, panfletos imobiliários. E quatro prateleiras de romances policiais.

– Ligue para a perícia e para o laboratório – disse Camille, descendo – Encontre Maleval, peça para ele ficar com eles. Até de madrugada. Para o caso de...

Depois, virando-se:

– Senhora Cottet, acho que devemos ter uma pequena conversa sobre seu marido.

## 5

– Só dois dias, nenhum dia a mais.

Camille olhou para Irene, mais esparramada que sentada no sofá da sala, a barriga pesada, as pernas afastadas.

– É para comemorar isso que você me traz flores?

– Não, eu já queria fazer isso ontem...

– Quando você voltar, talvez já tenha um filho.

– Irene, eu não estou partindo por três semanas, estou partindo por dois dias.

Irene buscou um vaso.

– O que me irrita – disse ela sorrindo – é que tenho vontade de ficar de mau humor e não consigo. São lindas suas flores.

– São suas.

Ela foi até a porta da cozinha e virou-se para Camille.

– O que me dá vontade de ficar de mau humor – continuou ela – é que já conversamos duas vezes sobre ir para a Escócia, você demora dois anos para pensar sobre, e enfim resolve ir sem mim.

– Não estou saindo de férias, você sabe...

– Pois eu preferia que fosse – disse Irene entrando na cozinha.

Camille foi até ela, tentou abraçá-la, mas Irene resistiu.

Suavemente, mas resistiu.

Louis ligou para ele naquele momento.

– Queria dizer que... Quanto a Irene, não se preocupe. Eu... Diga a ela que eu estarei acessível durante toda a sua ausência.

– É gentil da sua parte, Louis.

– Quem era? – perguntou Irene assim que Camille desligou.

– Meu anjo da guarda.

– Achava que eu era o seu anjo – disse Irene abraçando-o.

– Não, você... você é minha boneca russa – disse ele, colocando a mão sobre a barriga dela.

– Ah, Camille! – ela disse.

E começou a chorar docemente.

Sábado, 12 de abril, e domingo, 13 de  
abril

# 1

No sábado, toda a equipe se reuniu por volta das 8h30. Incluindo Le Guen.

– Você cuidou da Brigada Financeira?

– Você terá os dados em uma hora.

Camille dividiu as tarefas. Maleval, que permanecera a noite toda em Saint-Germain, exibia seu rosto das manhãs radiosas. Armand foi encarregado de cuidar das relações de Cottet, caderneta de endereços, e-mails profissionais e pessoais, e de verificar se o anúncio de busca havia se propagado desde a noite da véspera. Já Louis foi encarregado de cuidar das contas bancárias de pessoa física, pessoa jurídica, créditos e débitos e do seu calendário.

– Nosso assassino precisa de três coisas. Tempo, e isso Cottet tem, visto que é seu próprio patrão. Dinheiro, e isso Cottet também tem, basta ver sua empresa, sua casa... mesmo se os projetos imobiliários não estejam dando muito certo. E organização. E isso esse cara também deve saber fazer.

– Você está esquecendo a motivação – disse Le Guen.

– A motivação, Jean, é o que perguntaremos a ele quando o encontrarmos. Continua sem notícias de Lambert, Louis?

– Nenhuma. Substituímos as equipes que montaram guarda nos três locais que ele frequenta regularmente. Nada por enquanto.

– A guarda não vai dar em mais nada.

– É, acho que não. A gente foi bem discreto, mas o rumor deve ter se espalhado logo...

– Lambert, Cottet... Não consigo ver bem a relação entre esses dois caras. Seria preciso pesquisar isso também. Louis, essa é para você.

– Já é bastante coisa, não?

Camille voltou-se para Le Guen.

– Louis está dizendo que já é bastante coisa.

– Se eu tivesse mais gente disponível, vocês já teriam notado, não é?

– Certo, Jean. Obrigado pela sua ajuda. Eu sugiro deter as pessoas do círculo de Lambert. Maleval, você tem uma lista atualizada?

– Eu listei onze pessoas entre suas relações próximas. É preciso pelo menos quatro equipes, se quisermos agir simultaneamente e para que ninguém escape entre os dedos.

– Jean? – perguntou Camille.

– Só para fazer a batida, eu posso te arrumar umas equipes para esta noite.

– Sugiro uma ação em conjunto por volta das 22 horas. Nesse horário, podemos agrupar todo mundo. Maleval, você organiza tudo. Armand, você fica com ele pronto para proceder aos interrogatórios. Bom, enquanto isso, eu fico aqui para esmiuçar o que conseguimos de novo nessa madrugada – disse ele, olhando para a sua equipe – Todo mundo aqui antes do meio-dia.

—

Ainda pela manhã, Camille já tinha conseguido reconstituir uma grande parte do histórico de François Cottet.

Aos 24 anos, saindo sem pena nem glória de uma escola de comércio banal, entrou para a SODRAGIM, uma sociedade de promoção imobiliária dirigida pelo próprio fundador, um certo Edmond Forestier. Cottet era responsável por um pequeno departamento de desenvolvimento de residências para pessoas físicas. Três anos mais tarde, teve seu primeiro golpe de sorte, casando-se com a mulher de seu chefe.

– Estávamos em... fomos obrigados a nos casar – disse sua esposa –, o que aliás revelou-se inútil. No fim das contas, casar com meu marido foi um duplo engano.

Dois anos mais tarde, Cottet obteve uma segunda dádiva: seu sogro morreu em um acidente de carro, em uma estrada das

Ardennes. Com menos de 30 anos, ele então se tornou o chefe da sociedade que imediatamente transformou em SOGEFI, criando diversas outras sociedades subcontratadas em função dos mercados e dos projetos em que se lançava. Com menos de 40 anos, conseguiu a proeza de deixar no vermelho uma empresa que, antes dele, funcionava perfeitamente, o que dizia muito sobre seus talentos de empreendedor. Em muitas ocasiões, notavam-se investimentos pessoais de sua esposa, que permaneceu no topo de uma fortuna suficiente para recuperar os imagináveis negócios ruins que seu marido cedo ou tarde faria, visto sua insistência em multiplicar fiascos financeiros.

Dizer que sua esposa o odiava era pouco.

– O senhor o conheceu, comandante, não estou lhe dizendo nada de novo. Meu marido é um homem surpreendentemente vulgar. Repare nos lugares que ele frequenta, isso diz muito sobre seus atributos.

A senhora Cottet havia encaminhado um pedido de divórcio um ano e meio antes. A papelada financeira e as intervenções dos advogados tiveram como resultado que o divórcio continuasse estacionado até então. Fato interessante: Cottet teve problemas com a polícia em 2001. Ele foi detido no dia 4 de outubro, às 2h30 da manhã, no bosque de Boulogne, quando, por ter dado um soco na barriga e no rosto de uma prostituta com a qual ele tinha passado dos limites, foi apanhado pela equipe de capangas do cafetão dela e só foi salvo graças à intervenção providencial de uma patrulha do distrito. Após dois dias no hospital, foi condenado a dois meses de prisão com suspensão condicional por violência e atentado ao pudor e, desde aquela data, não tinha mais nenhuma passagem pela polícia. Camille observou as datas. Será que depois daquela ocasião, Cottet havia encontrado sua verdadeira via? Havia aquelas incessantes referências de sua esposa às “putas”, que talvez correspondessem mais ao ódio que ela tinha por ele e à visível predisposição dela em vê-lo em maus lençóis.

Camille lembrou-se das primeiras conclusões do doutor Crest. Até então, todas elas podiam ser confirmadas por aquele esboço de perfil.



## 2

A primeira síntese ocorreu às 12h45.

– O laboratório terminou seus levantamentos de manhã cedo – anunciou Camille.

Seria preciso provavelmente dois ou três dias para que chegassem as análises das amostras colhidas na casa (roupas de Cottet, sapatos, fibras de tecidos, cabelo etc.). De qualquer forma, enquanto eles não tivessem encontrado Cottet, aqueles resultados, mesmo positivos, não seriam utilizáveis.

– Esse Cottet, não sei o que ele tem na cabeça – falou Armand quando Camille lhe passou a palavra –, mas a esposa tem razão. Ele ama mulheres, esse sujeito. No seu computador tem penca de fotos, um monte de sites de acompanhantes nos seus favoritos... Aquilo devia tomar muito do seu tempo, porque tem bastante coisa... E aquilo também devia custar um bom dinheiro – Armand não pôde se conter em concluir daquela forma.

Todo mundo sorriu.

– Na lista dos seus contatos, não encontrei prostitutas. Ele deve fazer tudo pela internet. Quanto ao resto, os contatos profissionais estão em desordem, será preciso tempo para fazer a triagem do que pode nos interessar. De qualquer forma, nada que se aproximaria de um indício.

– Isso se confirma com seus gastos – completou Louis – Nenhum vestígio de pagamento por um objeto que tenha relação, de perto ou de longe, com nossos indícios, nenhuma compra de furadeira, de mala Ralph Lauren ou de sofá japonês. Em contrapartida, e mais interessante, altos saques de dinheiro líquido. De três anos para cá. É irregular. As confrontações mostram que aconteceram em períodos precedentes aos crimes, mas também em outros momentos. Será preciso interrogá-lo de perto para tirar as coisas a limpo. Quanto ao seu calendário, é mais ou menos a mesma coisa. Na época do crime de Glasgow, Cottet estava na Espanha.

– Resta saber se ele realmente estava lá – disse Camille.

– Estão investigando, só saberão no começo da semana que vem. Em novembro, ele estava em Paris. Tremblay é na periferia próxima, o que não significa que ele estava lá nem que não estava; a mesma coisa para Courbevoie. Aí também se não persistirmos...

Considerando que o anúncio de busca a Cottet tinha sido transmitido a todas as delegacias e postos policiais desde a noite da véspera, eles decidiram se separar até segunda-feira, deixando Louis na escuta telefônica. Por sua livre e espontânea vontade. Ficou combinado, sem que fosse necessário dizer, que ele deveria incomodar Camille a qualquer hora durante o fim de semana, caso houvesse notícias.

### 3

À tarde, ao entrar em casa, Camille colocou os pacotes dentro do quartinho que sua esposa estava preparando para a vinda do bebê desde que havia saído de dispensa. Em um primeiro momento, Camille ajudou mas, em seguida, o trabalho acabou engolindo-o. Aquele quarto até então não tinha sido mais que uma espécie de quarto da bagunça, no qual eles acumulavam tudo o que não usavam ao longo do ano. Irene optou por esvaziar tudo e mandou pôr um papel de parede sóbrio mas alegre, e o quartinho, que tinha uma das portas conectada ao quarto deles, ganhava agora a aparência de uma casa de boneca. *Perfeitamente na minha medida*, pensou Camille consigo mesmo. Havia um mês que Irene tinha comprado os móveis de bebê. Tudo ainda estava nas caixas, e Camille constatou aquilo como um suor frio descendo pelas costas. Irene estava nos últimos dias da gravidez e já tinha passado da hora de correr atrás do prejuízo.

—

Ele deu um sobressalto ao ouvir seu celular tocar. Louis.

– Não, nada de novo. Estou ligando porque ontem o senhor deixou o dossiê de Tremblay na mesa. Não vai levá-lo para Glasgow?

– Esqueci...

– Eu estou com ele. Quer que eu te leve?

Camille refletiu por um quarto de segundo, olhando para as caixas por desembalar e ouvindo Irene cantar no chuveiro.

– Muito gentil de sua parte, mas não. Posso passar aí no fim de semana?

– Sem problema. Estou de escuta, então vou ficar aqui.

Alguns minutos mais tarde, Camille e Irene começaram a desembalar as caixas e, logo em seguida, Camille lançou-se em uma

grande operação de montagem da cama, da cômoda (*pegar os parafusos A e encaixá-los nas fendas 1c, depois encaixar o pilar F nos dormentes 2c, puta merda, o que é dormente?, existem oito parafusos A e quatro B, não apertar muito antes de ter encaixado as cantoneiras B nos espaços indicados em E, Irene, venha ver. Coitadinho do meu amor, acho que você o montou ao contrário etc.*).

Foi um dia inesquecível.

Eles jantaram em um restaurante e Irene, analisando seu calendário, decidiu que não queria ficar sozinha durante a estada de Camille na Escócia, então passaria alguns dias na casa dos pais aposentados, em Borgonha.

– Vou pedir para Louis te levar na estação – propôs Camille – Ou Maleval.

– Eu vou tomar um táxi. Louis tem outras coisas para fazer. E, além disso, se for para você pedir para alguém, preferiria que fosse Armand.

Camille sorriu. Irene tinha uma grande afeição por Armand. Uma afeição de mãe, de certa forma. Ela achava-o encantadoramente desajeitado, e a sua neurose a comovia.

– Como ele está?

– A escala Richter da avareza não o alcança mais, meu amor.

Armand atravessou a fronteira.

– Não pode estar pior que antes.

– Sim, com Armand, pode sim. É patético.

—

Maleval ligou por volta das 22h30.

– Do círculo de Lambert, todos foram detidos. Falta só um...

– E isso é preocupante?

– Não. É o pequeno Mourad. Ele foi morto a facadas ontem à noite, encontraram seu corpo em um porão em Clichy por volta do

meio-dia. Com esses caras, nunca temos certeza de estar com a lista em dia.

– Vocês precisam de mim?

Pensando em Irene, Camille pediu rapidamente aos céus que ninguém o tirasse de casa antes de sua partida a Glasgow.

– Não, acho que não, nós os isolamos uns dos outros. Louis decidiu ficar com a gente. Com Armand, já são três... Assim que tivermos notícias, ligamos para o senhor.

—

A “notícia” chegou pouco depois da meia-noite. Nada de novo.

– Ninguém sabe de nada – confirmou Maleval a Camille, que estava se preparando para dormir – As confrontações só dão um resultado: Lambert disse a mesma coisa para todo mundo, no mesmo momento.

– O quê?

– Nada. Todo mundo ou quase todo mundo acha que ele viajou com Daniel Royet. Ele disse que tinha que se ausentar por um breve momento. Para alguns, ele falou que iria fazer uma viagem curta. A uma de suas garotas, falou “dois dias”, não mais que isso. Sobre o destino, nada. Sobre o retorno, nada.

– Bom, soltem todo mundo. Segunda vocês cuidam dos farsantes. Podem ir descansar.

## 4

Enquanto Irene se preparava para jantar, Camille correu até a casa de Louis. O prédio em que ele morava o fez pensar no luxo da casa dos Cottet. Escada perfeitamente encerada, portas de entrada duplas nos apartamentos. Ao chegar diante da porta de Louis, ouviu vozes e se deteve.

Consultou seu relógio e estava se preparando para tocar a campainha quando elas se fizeram ouvir de novo. Vozes de homens. Altas. Ele reconheceu sem dificuldade a de Louis, sem conseguir entender o que dizia. Ele estava no meio de uma discussão exaltada e Camille pensou consigo que aquela realmente não era uma boa hora. O melhor era talvez ligar para avisar que estava vindo. Hesitou em descer de volta, eram quatro andares... Preferiu subir até o patamar de cima e apanhou seu celular quando a porta do apartamento se abriu bruscamente.

– E para de me encher o saco com as suas lições de moral! – gritou uma voz de homem.

Maleval, pensou Camille.

Arriscou-se a meter a cabeça por cima do balaústre. O homem que estava descendo a passos largos vestia um casaco que Camille reconheceu sem dificuldade.

Camille compeliu-se em esperar um instante bem longo. Sozinho com seus pensamentos, contou até oito tantas vezes que foi necessário reacender o cronômetro do celular. Ele não conhecia exatamente as relações que uniam os dois homens. Será que eram mais próximos do que ele pensava? Ele tinha a desagradável sensação de estar se intrometendo no que não era de sua conta. Assim que a espera pareceu suficiente, enfim desceu e tocou a campainha da porta de Louis.

Segunda-feira, 14 de abril

# 1

Na segunda-feira pela manhã, Cottet continuava foragido. A equipe plantada diante do seu domicílio não havia notado nada de particular. A senhora Cottet tinha se ausentado no sábado durante o dia e depois voltara para casa para dormir. Nada fora do comum.

O avião de Camille decolaria às 11h30.

Ele tinha remoído a ideia durante todo o fim de semana e desde cedo, naquela manhã, por volta das oito e meia. Mas percebeu que tinha pensado tanto para nada, porque na verdade sua decisão já havia sido tomada.

Ligou para Ballanger na universidade e deixou uma mensagem. Depois discou o número da livraria.

– Jérôme Lesage – anunciou morosamente a voz do livreiro, interrompendo a mensagem de atendimento automático.

– Vocês não estão fechados?

– Sim, mas normalmente venho às segundas para trabalho administrativo.

Camille consultou seu relógio.

– Posso passar aí por alguns minutos?

– Hoje é segunda-feira. A loja está fechada.

A voz do livreiro não era propriamente seca. O tom era simplesmente profissional, direto. Ali a polícia não tinha mais importância do que um cliente comum. Na verdade, na livraria Lesage, não era a polícia quem fazia as regras.

– Mas o senhor está aí... – arriscou Camille.

– Sim, estou te ouvindo.

– Eu preferiria vê-lo pessoalmente.

– Se não for demorar muito – concedeu Lesage depois de um pequeno instante de reflexão –, posso abrir para o senhor durante alguns minutos.

Camille precisou apenas dar algumas batidas discretas com o indicador contra a porta de aço para que o livreiro aparecesse pela porta lateral. Os dois homens apertaram as mãos brevemente e adentraram no estabelecimento, que tinha um acesso adjacente ao corredor do imóvel ao lado.

Assim, na penumbra, a loja tinha um aspecto sinistro, quase ameaçador. As prateleiras, a salinha do livreiro apertada debaixo da escada, as pilhas de livros e até o porta-casaco ganhavam, sob aquela luz turva, contornos fantasmagóricos. Lesage acendeu algumas luzes. Aos olhos de Camille, nada mudou. Sem a luz da rua, o local conservava um aspecto secreto e pesado. Uma gruta.

– Estou partindo para a Escócia – disse Camille sem refletir.

– E... é para anunciar isso que o senhor...

– Uma jovem estrangulada, uns vinte anos atrás – respondeu Camille.

– Como? – disse Lesage.

– O corpo foi encontrado em um parque.

– Não estou entendendo muito bem...

– Eu vinha me perguntando se esse caso também lhe diria alguma coisa – explicou Camille, fazendo um esforço de paciência.

– Ouça, comandante – disse Lesage indo em sua direção –, o senhor tem seu trabalho e eu tenho o meu. Lendo o que aconteceu em Courbevoie, não era difícil fazer uma aproximação com o livro de Bret Easton Ellis. Pareceu-me normal apontar aquilo para você, mas minha “colaboração” para por aí. Eu sou livreiro, veja bem, não sou policial. E não tenho nenhuma vontade de mudar de ofício.

– E isso quer dizer...?

– Quer dizer que eu não quero ser incomodado a cada dois dias para ouvir o resumo dos seus casos em andamento. Primeiro porque eu não tenho tempo. E depois porque não tenho vontade.

Lesage aproximou-se de Camille e, dessa vez, não fez nenhum esforço para se manter a distância.

Camille, que estava tão acostumado a ser “visto de cima”, raramente sofrera com isso.

– Se eu tivesse escolhido ser informante da polícia, o senhor saberia, não?

– O senhor já exerceu esse papel uma vez sem que ninguém pedisse.

O livreiro enrubesceu.

– O senhor tem dois pesos e duas medidas, senhor Lesage – disse Camille, voltando para a saída.

Em sua agitação, ele tinha esquecido que a porta de aço permanecera fechada. Refez o mesmo caminho, dirigindo-se para a porta lateral pela qual tinha entrado.

– Onde foi isso? – perguntou Lesage pelas suas costas.

Camille deteve-se e virou-se.

– Sua jovem... onde aconteceu?

– Glasgow.

Lesage retomou todo seu aprumo. Ele fixou um pouco seus sapatos, a testa enrugada.

– Algo de particular...? – perguntou ele.

– A garota foi estuprada. Sodomizada.

– Vestida?

– Conjunto jeans, sapatos amarelos de saltos baixos. Pelo que sei, encontraram todas as roupas. Exceto uma peça.

– A calcinha?

A raiva de Camille desapareceu de uma vez. Ele ficou atônito. Olhou para Lesage. Seu ar de professor tinha agora se alterado para o de um oncologista. Ele deu alguns passos, hesitou apenas por um instante e tirou um livro da prateleira. Na capa, um homem de chapéu de feltro estava apoiado com uma mão sobre uma mesa de bilhar enquanto, no fundo do bar, a silhueta indistinguível de um outro homem parecia se aproximar. Camille leu: William McIlvanney. *Laidlaw*.

– Puta merda! – falou ele – Tem certeza?

– Evidentemente não, mas os elementos que o senhor menciona estão no livro. Eu o folheei ainda recentemente, lembro-me bem. Agora, como dizem, o pior não é sempre seguro.<sup>14</sup> Talvez haja grandes diferenças. Isso talvez não...

– Eu agradeço – disse Camille, folheando o livro.

Lesage fez um pequeno gesto indicando que, tendo cumprido aquela formalidade, ansiava por voltar ao seu trabalho.

Depois de ter pagado, Camille segurou o livro em suas mãos, consultou seu relógio e saiu. O táxi tinha parado em fila dupla.

Ao deixar a loja, Camille imaginou o número de mortos que deviam representar todos os livros da livraria Lesage.

Vertigem.

## 2

A caminho do aeroporto, Camille ligou para Louis e o inteirou de sua descoberta.

– *Laidlaw*, o senhor disse?

– Isso. Você conhece?

– Não. Informo a juíza?

– Não. Não vale a pena alarmá-la por enquanto. É preciso primeiro que eu percorra o livro e veja com nossos colegas ingleses...

– Escoceses! Se disser ingleses lá...

– Obrigado, Louis. Com nossos colegas escoceses... se os detalhes do caso correspondem aos detalhes do livro. É questão de algumas horas. Ainda haverá tempo quando eu voltar.

O silêncio de Louis denunciava seu incômodo.

– Você não concorda, Louis?

– Sim, concordo. Estava pensando em outra coisa. Ele conhece todos os livros detalhadamente, seu livreiro?

– Também pensei nisso. Isso me inquieta um pouco. Mas, honestamente, não acredito em tais coincidências.

– Ele não seria o primeiro assassino a colocar, ele mesmo, a polícia na pista do culpado.

– É até um clássico, sei bem. O que você sugere?

– Ver mais de perto. Discretamente, claro.

– Pode verificar. Assim ficamos com a consciência limpa.

—

Na sala de embarque, Camille folheou o livro de McIlvanney, levantando os olhos a cada cinco minutos, incapaz de se concentrar.

Dez minutos transcorreram assim, durante os quais ele batia com os dedos em uma revista de papel lustroso.

*Não faça isso*, disse para si mesmo.

Até que a voz de uma aeromoça anunciou que o embarque começaria em dez minutos.

Então, sem se conter mais, apanhou seu cartão de crédito e seu telefone celular.

### 3

Timothy Gallagher era um homem de uns 50 anos, moreno e seco, com um sorriso cativante. Ele esperava Camille na saída do voo, segurando distintamente um cartaz com seu nome. Não manifestou surpresa ao descobrir o físico de Camille. Aliás, era difícil imaginar aquele homem manifestar qualquer tipo de surpresa ou mesmo qualquer tipo de afeto que ultrapassasse o estatuto de homem de paz e de lei, que impregnava sua pessoa.

Os dois homens tinham se falado por telefone duas vezes. Camille achou conveniente parabenizá-lo pelo seu excelente francês, lamentando o fato de o elogio parecer tão convencional, quando não era mais que sincero.

– Sua hipótese aqui foi julgada... bem surpreendente – disse Gallagher, enquanto o táxi atravessava a Buchanan Street.

– Também fomos surpreendidos por ter de levantá-la.

– Entendo.

Camille tinha imaginado uma cidade com uma única estação, fria e com muito vento o ano inteiro. É raro que um lugar nos dê razão assim deliberadamente. Aquele país parecia não querer incomodar ninguém.

Aos seus olhos, Glasgow parecia encobrir algo de antigo, de indiferente ao mundo; era um mundo em si só. Uma cidade debruçada sobre a própria dor. Enquanto o táxi os conduzia do aeroporto a Jocelyn Square, onde se encontrava o Palácio da Justiça, Camille abandonou-se ao cenário estranho e inacreditavelmente exótico daquela cidade cinza e rosa, que parecia conservar seus parques na derradeira esperança de que um dia o verão fosse lhe fazer uma visita.

Camille cumprimentou todos com mãos rijas e francas, seguindo a ordem hierárquica. E a grande reunião começou na hora marcada, sem precipitação.

Gallagher tivera tempo de escrever uma minuta sintetizando os dados da investigação e, diante do inglês hesitante do seu colega francês, gentilmente se propôs a fazer a tradução simultânea. Camille dirigiu-lhe um sorriso discreto de agradecimento, como se já tivesse se integrado aos costumes comedidos de seus anfitriões.

– Grace Hobson – começou Gallagher – tinha 19 anos. Ela ainda era estudante e morava com seus pais na Glasgow Cross. Ela passou a noite na Metropolitan, uma discoteca no centro da cidade, com uma de suas amigas, Mary Barnes. O único fato notável foi a presença de um antigo *boyfriend* de Grace, William Kilmar, o que deixou a moça nervosa e irritada a noite inteira. Ela não parava de observá-lo com o canto do olho e bebia bastante. Por volta das 23 horas, o jovem rapaz desapareceu e Grace se levantou. Sua amiga, Mary Barnes, a viu claramente se dirigir para a saída. Como a jovem não voltava, suas amigas pensaram que tinha havido uma discussão entre os dois jovens e não se preocuparam com sua ausência. Por volta das 23h45, quando o grupo começou a se dispersar, eles a procuraram. Ninguém a tinha visto desde sua partida. Seu corpo foi encontrado totalmente nu na manhã do dia 10 de julho de 2001, no Kelvingrove Park. Ela tinha sido sodomizada e, em seguida, estrangulada. O jovem rapaz declarou não tê-la visto. Ele efetivamente deixou o estabelecimento por volta das 23 horas e encontrou na rua uma outra moça, acompanhando-a até a casa dela e, depois, voltou para a casa dos pais um pouco antes da meia-noite. Cruzou, no caminho de volta, com dois garotos da sua classe que moravam no mesmo bairro que ele e que estavam voltando de uma *party*. Eles ficaram conversando por alguns minutos. Os testemunhos parecem sinceros e nada no relato do garoto pôde ser posto em contradição com os fatos. Três informações nos surpreenderam. Primeiro, a ausência da calcinha da jovem. Todas as peças de suas roupas estavam no local, exceto essa. Uma falsa impressão digital foi feita com um carimbo sobre uma unha do pé da jovem. Por último, descobriram uma falsa pinta na sua têmpora esquerda. Era muito real e a verdade só apareceu algumas

horas mais tarde, quando seus parentes vieram reconhecer o corpo. As análises revelaram que aquela pinta foi feita após a morte da jovem.

Camille fez numerosas perguntas, todas gentilmente respondidas. A polícia de Glasgow parecia segura de si e pouco preocupada em proteger os dados de sua investigação.

Mostraram a Camille as fotografias.

E então Camille mostrou o livro que Lesage lhe vendera.

Até mesmo aquela descoberta não parecia desconcertar seus interlocutores. Camille propôs um resumo curto da história enquanto um empregado foi comprar quatro exemplares em inglês na livraria mais próxima.

Tomaram um chá enquanto aguardavam, e por volta das 16 horas a reunião foi retomada.

Fazendo malabarismos com as edições inglesa e francesa, eles passaram um longo momento comparando o texto original com os diversos elementos da investigação e principalmente com as fotografias.

*Seu corpo estava totalmente coberto de folhagens [...] Sua cabeça desenhava um ângulo bizarro com seu pescoço, como se ela estivesse tentando escutar alguma coisa. Na sua têmpora esquerda, ele viu um pinta, aquela que ela acreditava ter acabado com as suas chances.*

A título de reciprocidade, Camille apresentou os dados das investigações conduzidas na França. Os policiais escoceses estudaram os componentes do dossiê com a mesma seriedade que teriam caso se tratasse da investigação deles. Camille tinha a impressão de vê-los dizendo "Estamos diante de fatos, fatos reais e absolutos ante os quais não se pode pensar nada além do seguinte: se existe aí uma loucura fora do comum, a polícia está diante de um louco e sua missão é detê-lo".

No começo da noite, Gallagher levou Camille aos diferentes locais do inquérito. O clima estava cada vez mais fresco. No Kelvingrove Park, as pessoas passeavam, ainda que de casaco, como uma tentativa pungente em acreditar na chegada do verão. Certamente, era o melhor tempo que se podia ter. Eles foram ao local onde descobriram o corpo de Grace Hobson, que Camille considerou em perfeita conformidade com a descrição de McIlvanney.

O bairro de Glasgow Cross, onde a vítima tinha vivido, apresentava um aspecto calmo de centro da cidade, com casarões impassíveis, cujas entradas para a rua eram todas precedidas de um gradeado coberto por uma pintura negra e carregada, muitas vezes repintada. Gallagher perguntou para Camille se ele desejava conhecer os parentes da vítima, convite que Camille declinou com diplomacia. Aquela não era a investigação dele e ele não queria transmitir o sentimento de que tinha vindo para dar continuidade a uma investigação mal conduzida. Eles seguiram a visita pelo Metropolitan, um antigo cinema transformado em discoteca. Como a maior parte daqueles estabelecimentos, o aspecto exterior, com suas lâmpadas fluorescentes e antigas vitrines cobertas de tinta vermelha, desestimulava qualquer tentativa de descrição.

—

Camille tinha reservado um quarto em um hotel no centro da cidade. De lá, ele ligou para a casa dos pais de Irene.

- Louis acompanhou você?
- Claro que não, Camille. Eu tomei um táxi, como gente grande. Enfim, como uma grande...
- Cansada?
- Um bocado. O que mais me cansa ainda são meus pais, sabe...
- Imagino. Como eles estão?
- Continuam os mesmos, o pior é isso.

Camille tinha ido apenas três ou quatro vezes a Borgonha encontrar seus sogros. O pai de Irene era um velho professor de matemática, historiógrafo da pequena cidade e presidente de quase todas as associações. Uma celebridade local. Extremamente ativo, ele divertia Camille durante alguns minutos com seus sucessos irrisórios, suas vitórias insignificantes e seus triunfos associativos, depois dos quais ele propunha ao genro uma revanche no xadrez, perdendo três partidas consecutivas e fechando a cara discretamente o resto do tempo, usando como pretexto um incômodo gástrico.

– Papai deseja que nosso filho se chame Hugo. Vai saber por quê...

– Você perguntou para ele?

– Ele diz que é nome de vencedor.

– Incontestável. Mas pergunte o que ele acha de César.

Então, após um curto silêncio:

– Estou com saudade, Camille.

– Também estou...

– Eu com saudade de você e você mentindo para mim... Como está o tempo aí?

– Aqui dizem "mixed". Quer dizer que choveu ontem e choverá amanhã.

Frase famosa por ter sido subtítulo da peça *O sapato de cetim*, de Paul Claudel (1868-1955). (N.T.)

Terça-feira, 15 de abril

# 1

O avião de Glasgow aterrissou um pouco depois das 14 horas. Assim que Camille atravessou as portinholas, encontrou Maleval com uma expressão mais tensa que de costume.

– Nem preciso perguntar se você tem más notícias. Só pela sua cara...

Os dois homens fizeram uma troca. Maleval pegou a mala de Camille e entregou o jornal para ele.

*Le Matin* – com Laidlaw, o Romancista assina sua terceira "obra".

Havia apenas uma resposta: Lesage.

– Puta que pariu!

– Foi o que eu disse também. Louis foi menos assertivo – comentou Maleval, saindo com o carro.

O celular de Camille anunciou três chamadas, todas de Le Guen. Ele não fingiu a chamada cair e já desligou seu telefone.

Teria ele cometido um equívoco em responder daquela forma ao jornalista? Será que ainda poderia ganhar um pouco de tempo?

Mesmo assim, seu desânimo não vinha daquilo, mas da reação inevitável que aquele artigo provocaria, assim como provavelmente todos os artigos que também abordariam o assunto a partir do dia seguinte. Ele não achou útil informar Le Guen ou a juíza da aproximação entre o homicídio de Glasgow e o livro de McIlvanney antes de sua partida, e com isso tinha cometido um erro. Seus superiores foram informados pela imprensa sobre um dado que ele dispunha dois dias antes. Seu afastamento não estava mais sob análise, agora era uma certeza. Definitivamente, ele não havia solucionado nada, e estava sempre um passo atrás em relação a tudo e a todos desde o começo daquele caso. Quatro homicídios depois, ele não podia se vangloriar de nenhuma pista, nenhum elemento tangível. Até os jornalistas pareciam mais informados do que ele.

Sua investigação naufragava.

Nunca em toda a sua carreira Camille tinha se sentido tão impotente.

– Deixe-me em casa, por favor.

Camille disse aquilo com um tom abatido, quase inaudível.

– Está tudo perdido – acrescentou ele, como se estivesse falando consigo mesmo.

– Nós vamos pegá-lo! – anunciou Maleval, num grande impulso de entusiasmo.

– Alguém vai encontrá-lo e não seremos nós. Ao menos não eu. Nós vamos ter que sair de cena no máximo até à tarde.

– Como assim?

Camille explicou-lhe a situação em algumas palavras e a desolação do seu colaborador foi uma surpresa para ele, como se Maleval tivesse ficado ainda mais abalado que ele mesmo, murmurando constantemente:

– Droga, não pode ser verdade...

Mas era tudo o que havia de mais verdadeiro.

—

À medida que lia o artigo – assinado por Buisson, naturalmente –, o desânimo dava lugar à cólera.

*... Depois de James Ellroy, em Tremblay, e Bret Easton Ellis, em Courbevoie, a polícia descobre que o Romancista não agiu somente na França. Segundo fontes bem informadas, ele também seria o autor do homicídio de uma jovem, cometido em Glasgow no dia 10 de julho de 2001, que seria, dessa vez, a retranscrição fiel de um crime imaginado por William McIlvanney, escritor escocês, em uma obra intitulada Laidlaw.*

Várias vezes ao longo de sua leitura, ele levantou os olhos do jornal para refletir, dizendo:

– Realmente, que imbecil...

– Eles são todos assim, acredito...

– De quem você está falando?

– Dos jornalistas!

– Não, não é nele que estou pensando, Maleval.  
Maleval calou-se prudentemente. Camille consultou seu relógio.  
– Tenho que fazer algumas compras antes de passar em casa.  
Pegue à direita.

## 2

Não houve muita coisa a dizer. Assim que Camille entrou no estabelecimento com um passo decidido e o jornal em mãos, Jérôme Lesage levantou-se, estendendo as duas mãos, como se quisesse se apoiar em uma divisória invisível.

– Sinto muito, comandante... Eu garanto que...

– As informações de que o senhor dispõe pertencem ao sigilo de instrução, senhor Lesage. O senhor está infringindo a lei.

– O senhor veio me deter, comandante? Está faltando um pouco de reconhecimento da sua parte.

– Qual é a sua, Lesage?

– A informação que o senhor veio me pedir talvez pertença ao sigilo de instrução – disse o livreiro –, mas não ao sigilo literário, longe disso. É até mesmo surpreendente a...

– A nossa falta de cultura, talvez? – sugeriu Camille, rangendo os dentes.

– Não ia dizer isso. Ainda que...

Um vago sorriso apareceu fugitivamente nos lábios do livreiro.

– De qualquer forma... – começou ele.

– De qualquer forma – cortou Camille –, o senhor não torceu o nariz na hora de se aproveitar da sua cultura para garantir uma pequena publicidade. O senhor tem uma moral de comerciante.

– Todos fazemos nossa publicidade, comandante. Todavia, observe que meu nome não é mencionado. Não tanto quanto o seu, se tenho boa memória.

Aquela resposta atingiu Camille porque foi feita para aquilo. Ele sentiu o quanto sua ida à livraria tinha sido vã. Arrependeu-se de sua abordagem, impulsiva, irrefletida.

Ele jogou o jornal na mesa de Lesage.

E abriu mão de explicar a ele as consequências que seu comportamento, movido por razões que, aliás, ele de fato não entendia, inevitavelmente traria para o curso da investigação. Mas o seu desalento vencera. Ele saiu sem uma palavra.

– Vou deixar minha mala e me trocar – disse ele a Maleval, entrando no carro – Em seguida, vamos ao quartel-general para receber a baixa.

—

Maleval parou em fila dupla, com a sirene acesa. Camille pegou sua correspondência na caixa de correio e subiu a escada custosamente. Sem Irene, o apartamento parecia inacreditavelmente vazio. No entanto, sorriu ao perceber, através da porta deixada entreaberta, o quarto do bebê, aguardando. Ele teria tempo para cuidar deles.

O que não deveria levar mais que alguns minutos exigiu, na verdade, mais tempo que o previsto. Maleval hesitou em ligar para o patrão. Ele estava estacionado lá fazia muito tempo e lamentou não ter visto que horas eram. Saiu da viatura e acendeu um cigarro, depois um segundo, olhando para as janelas do apartamento de Camille, onde nada se mexia. Por fim, decidiu-se e pegou o telefone no instante em que Camille enfim aparecia na calçada.

– Estava começando a me preocupar... – disse Maleval.

Nitidamente, a ferida que Camille tinha ganhado com aquele artigo estava começando a gangrenar. Maleval o achou com o rosto ainda mais desfigurado do que quando tinha subido. Camille ficou um instante na calçada para verificar no seu celular as duas mensagens de Le Guen – agora eram três.

A primeira era uma mensagem furiosa:

*Camille, você quer me ferrar! Toda a imprensa está sabendo e eu nada! Ligue para mim assim que chegar, entendeu?*

A segunda, datada dos minutos seguintes, era mais explicativa:

*Camille... Acabei de falar com a juíza... Seria melhor que a gente conversasse rapidamente porque... não vai ser fácil. Você me liga de volta?*

A última era francamente mais enternecida:

*Devemos estar na sala da juíza às 15h30. Se eu não tiver notícias suas, estarei te esperando lá.*

Camille deletou as três mensagens. Maleval enfim deu a partida. Os dois homens permaneceram em silêncio durante todo o trajeto.

### 3

Le Guen foi o primeiro a se levantar, apertando a mão de Camille e o cotovelo. Pareciam condolências. A juíza Deschamps não fez o menor gesto e simplesmente indicou a poltrona que sobrou vazia em frente à sua mesa. Em seguida, respirou profundamente.

– Comandante Verhoeven – começou ela calmamente, concentrada em suas unhas – Não é um procedimento muito habitual e não sinto o menor prazer em fazer isso.

As cruéis sanções administrativas da juíza Deschamps não eram nada extravagantes, ela era direta e reta. O verbo preciso, a voz tranquila das horas solenes, o tom áspero. Enfim, ela levantou a cabeça.

– Suas faltas não têm mais desculpa nem justificativa. Não esconderei que nem tentei defender sua causa. Era uma causa perdida. Depois das infrações que já pontuei para o senhor, o fato de informar a imprensa antes do Tribunal...

– Não foi o que aconteceu! – cortou Camille.

– Dá exatamente na mesma! E não tenho a mínima curiosidade de saber a maneira como as coisas realmente aconteceram. Lamento informar que o senhor está afastado desse caso.

– Senhora juíza... – começou Le Guen.

Imediatamente, Camille levantou a mão para interrompê-lo.

– Deixe, Jean! Senhora juíza, não lhe informei da semelhança entre o crime de Glasgow e o livro que a imprensa está divulgando porque essa semelhança não havia sido provada. Hoje já é certeza e estou aqui para confirmar para a senhora.

– Eu soube pelo jornal, comandante, fiquei radiante. Mas esse caso está patinando, comandante. Toda a imprensa só fala do senhor, mas o senhor não tem a menor pista. Desde o primeiro dia.

Camille suspirou. Ele abriu a maleta e calmamente tirou uma pequena brochura em papel lustroso, entregando-a à juíza Deschamps.

– Essa revista se chama *Noites brancas*. É uma revista semanal especializada em literatura policial. São publicados artigos sobre

novidades, estudos sobre escritores, entrevistas.

Camille abriu a revista e dobrou na página cinco.

– E anúncios. Principalmente com o objetivo de encontrar raridades, obras esgotadas, esse tipo de coisa.

Ele precisou se levantar da poltrona para passar a revista à juíza, sentando-se novamente.

– Eu circulei um anúncio, embaixo à esquerda. Bem curto.

– “BEE”? É isso? Embaixo é... o seu endereço pessoal?

– Sim – disse Camille – BEE é para Bret Easton Ellis.

– O que isso quer dizer?

– Tentei achar nosso homem. Fiz um pequeno anúncio.

– Com que direito...

– Senhora juíza, por favor! – cortou Camille – Tudo isso foi bem antes. A história sobre as faltas, as advertências, a regularidade dos procedimentos, entendi perfeitamente. Mais uma vez desrespeitei meus superiores, eu sei. O que a senhora esperava, sou um pouco impulsivo, me veio do nada.

Então, ele entregou para ela duas folhas de papéis impressos.

– E isto aqui – acrescentou ele – veio pelo correio esta manhã.

*Senhor,*

*Aí está o senhor finalmente. Seu anúncio foi um alívio para mim. Poderia dizer uma libertação. Isso revela a que ponto, durante todos esses anos, eu tenho sofrido por ver o mundo tão obtuso, tão cego. Tão insensível. Foram momentos bem longos, eu garanto. Com o passar dos anos, tenho desenvolvido uma opinião bem irrisória sobre a polícia. Pois eu conheci alguns inspetores e investigadores! Nem uma gota de intuição, nem sombra de refinamento. Essas pessoas, eu garanto, pareceram ser a burrice personificada. Acreditava ter me tornado pouco a pouco um homem sem ilusões. Nos momentos de desespero (e Deus sabe que existiram!), eu ficava abismado por tal evidência, pois ninguém nunca compreenderia.*

*Houve tantos outros, antes do senhor, que passaram por mim como cegos, que sua vinda bruscamente despertou minha esperança. O senhor não era como eles, havia algo de diferente. Desde que entrou na cena que eu mesmo preparei com uma longa e lenta paciência, eu o vejo girar em torno do essencial, eu sabia que o senhor encontraria. E aí está o senhor. Eu soube desde a leitura do seu retrato no jornal, aliás, tão injusto. Eram ainda apenas*

*hipóteses. Porém, eu sabia que o senhor tinha compreendido bem. Sabia que em breve iríamos conversar.*

*"BEE", o senhor pergunta.*

*É uma longa história. Um projeto muito antigo, que eu só podia pretender aderir com a certeza de estar à altura daquilo que para mim continua sendo um modelo. Bret Easton Ellis é um mestre e era preciso muita modéstia, muita humildade para servir a uma obra como aquela. Que alegria também. O senhor reparou (eu sei que sim) a que grau de exatidão eu cheguei? Com que fidelidade eu servi ao mestre? Deu um baita trabalho. A preparação foi longa. Procurei mil lugares, visitei apartamentos. Quando encontrei François Cottet, decerto assim como o senhor, imediatamente decifrei o rapaz. Que imbecil, não é? Mas os lugares eram perfeitos. Não foi muito difícil enganar nosso cretino. Sua necessidade de dinheiro se via no rosto, sua falência pessoal transpirava por todos os seus poros. Ele teve a impressão de estar fazendo um bom negócio. Com essas pessoas é caminho aberto. Entretanto, em sua defesa, ele foi cuidadoso e atencioso. Até aceitou, sem hesitar, receber em pessoa o veículo que eu tinha alugado... o que pedir mais? (O senhor deve ter reparado que a encomenda da mobília foi feita sob o nome Peace, referência óbvia ao autor da tetralogia do Yorkshire<sup>15</sup>...) Ele evidentemente não sabia que seu papel chegava ao fim naquele momento. Também não foi difícil sumir com ele segunda à noite. O senhor lhe deu um baita susto, ele estava pronto para qualquer coisa para se livrar de um caso no qual, no fundo, ele não tinha grande culpa. Eu o matei sem prazer. Detesto a morte. Seu desaparecimento era somente necessário, nada além. O senhor encontrará o corpo dele enterrado na floresta de Hez, próximo a Clermont-de-l'Oise (a trezentos e cinquenta metros ao norte da pequena cidade de "La Cavalerie", deixei lá um montículo para indicar o local exato). Estou certo de que o senhor saberá comunicar tudo muito discretamente a sua pequena família.*

*Mas voltemos ao essencial, se o senhor o desejar. O senhor reparou no cuidado que tive para reconstituir os lugares com a maior exatidão. Cada coisa está perfeitamente no seu lugar e estou certo de que Ellis teria ficado feliz ao ver aquele cenário tão bem montado, correspondendo tão fielmente às suas ambições: a mala e seu conteúdo, comprado muitos meses antes de antemão na Inglaterra; o sofá, entregue graças aos bons cuidados do nosso amigo Cottet. O mais difícil foi encontrar aquele horrendo papel de parede de dálmatas que BEE concebe (que achado maravilhoso!). Foi-me necessário encomendá-lo dos Estados Unidos.*

*A escolha das jovens atrizes do drama também não foi nada fácil.*

*O herói de BEE, Patrick Bateman, no seu jargão um pouco vulgar de golden boy, especificava que elas tinham "tetras grandes" ("bem jovens, pequenos tesouros", ele detalha). Fui atento a isso. Assim como com suas idades. O*

*senhor deve adivinhar sem dificuldade que existem muitas mulheres jovens dessa idade e com seios fartos, e que o principal não é isso. Era preciso, sobretudo, que elas fossem tais como Patrick Bateman teria apreciado. Essa é uma questão de intuição. É o que diferencia o diretor do contrarregra. A jovem Évelyne era perfeita. Fazer amor com ela da primeira vez não foi muito difícil. Eu fazia porque era necessário ao plano que tinha concebido. Não tinha encontrado solução mais segura para conquistar a confiança dela a não ser revelando-me um cliente calmo, sem muitas exigências além do necessário, e que pagava bem. Ela entrou no jogo com indiferença, e talvez tenha sido aquele aparente distanciamento tingido de desprezo pelas necessidades dos homens que a pagavam o que me levou a decidir recrutá-la. Tive muito orgulho dela quando a vi chegar a Courbevoie em companhia da pequena Josiane. Ela também era perfeita. Sei escolher bem minhas companhias, isso é o essencial.*

*Estava ansioso naquela noite, Camille, ansioso! Tudo estava pronto quando elas chegaram. A tragicomédia podia começar. A realidade ia enfim se casar com a ficção. Melhor: graças a mim, a fusão da arte e do mundo finalmente ia acontecer. Durante todo o começo da noite, minha impaciência era tão evidente que temi que as duas moças me achassem muito nervoso. Nós três trocamos carícias, eu dei champanhe a elas e não lhes pedi mais que o mínimo necessário para meu plano.*

*Depois de uma hora de jogos sexuais durante os quais pedi para elas fazerem exatamente o que fazem as heroínas de BEE, o momento tinha chegado e meu peito palpitava. Foi necessário ter muita paciência para que os corpos delas se encontrassem na posição exata dos seus modelos. Quando arranquei fora o sexo de Évelyne com os dentes, quando ela deu seu primeiro grito de dor, tudo se passou como no livro. Exatamente, Camille. Naquela noite, eu vivi um verdadeiro triunfo.*

*Sim, foi isso que senti naquele dia. Um triunfo. E acredito poder dizer que tal sentimento foi bem compartilhado pelas minhas duas garotas. Se o senhor tivesse visto como Évelyne chorou verdadeiras, belas e copiosas lágrimas quando, bem mais tarde na madrugada, ela me viu aproximando-me com o facão de açougueiro! E sei que se Bret Easton Ellis tivesse ousado deixar seus lábios ainda inteiros naquele instante do drama, Évelyne teria sorrido de alegria para mim. Sei que ela também teria sentido aquilo que se tornava um triunfo nosso, após ter sido para mim uma longa espera. Eu proporcionei a ela o triunfo de entrar viva em uma obra de arte, e para além da dor, totalmente sublimada no auge do drama, sei que uma parte dela, a mais profunda, provavelmente também a menos conhecida por ela mesma, amou com paixão aquele instante. Eu a tirei da triste existência em que todas as Évelynes do mundo apodrecem e elevei sua vidinha à altura de um destino.*

*Não existe emoção mais profunda que aquela transmitida pelos artistas, todos os verdadeiros amantes da arte sabem. Minha maneira de senti-las, tais emoções sublimes, é servindo aos artistas. Sei que o senhor compreende isso. Tudo foi perfeitamente respeitado. Nos mínimos detalhes. E a cena que o senhor encontrou é a figuração exata do texto de origem.*

*Impregnado como eu estava pelo texto, até pela menor vírgula, eu me senti como aqueles atores totalmente libertos de seus textos, enfim, como eles mesmos. O senhor verá um dia, visto que eu filmei a cena com a "câmera miniatura Minox com película 9,5 mm" descrita por Ellis. Ele não determinou que eu a deixasse no local e o senhor foi privado desse filme. É uma pena, mas assim desejou o artista. Eu vejo com frequência esse filme. Quando o vir, o senhor também ficará deslumbrado pela veracidade desse drama, "a áspera verdade".<sup>16</sup> O senhor ouvirá a música de Traveling Wilburys enquanto eu tento cortar fora os dedos da jovem com a tesoura de unhas, o senhor sentirá a potência infernal da cena em que eu, Patrick Bateman, decepto a cabeça de Évelyne com a serra elétrica e perambulo pelo cômodo, com sua cabeça presa ao mesmo sexo ereto, e aquela, de que eu nunca me canso, em que abro com as mãos a barriga da jovem. É magnífico, Camille, garanto, é magnífico...*

*Será que eu disse tudo que precisava? Será que me esqueci de algo? Se algo estiver faltando, não hesite em me dizer. Sei, de qualquer forma, que teremos muitas outras ocasiões para conversar.*

*À sua disposição.*

*PS: Retrospectivamente, e sem desejar ofendê-lo, espero que o senhor aprecie o fato de estar encarregado pela investigação da Dália Negra, cujo nome verdadeiro era Betty "Short". Eis o senhor em terreno conhecido. Acrescento este PS para os seus superiores: para caso eles tenham a má ideia de tirá-lo dessa investigação (nós estamos juntos, o senhor e eu, Camille, o senhor sabe!). Diga-lhes que sem o senhor a esperança de me lerem de novo desaparece... mas minha obra continua.*

A juíza Deschamps pôs a carta sobre a mesa e observou-a por um instante, pegando-a de novo e passando-a para Le Guen por cima da mesa.

– Definitivamente, não gosto de seus meios, comandante...

– Ainda assim! – respondeu Camille – Perto dos meios do assassino, eu sou...

Contudo, diante do olhar da juíza, ele preferiu se conter.

– Vou lhe pedir alguns instantes, senhor divisionário – disse enfim a juíza, como se, aos seus olhos, Camille tivesse bruscamente

deixado de existir – Devo consultar meu superior.

—

Le Guen terminou a leitura da carta de pé no corredor. E sorriu.  
– Eu bem que desconfiava que você ia dar a volta por cima. Só não achava que seria dessa forma.

## 4

– Fez boa viagem? – perguntou Armand, puxando um trago amargo com a satisfação de um mendigo.

– A volta foi ruim, Armand. Turbulenta.

Armand fixou um instante a bituca que segurava verticalmente entre os dedos e teve de aceitar que não teria um segundo trago, esmagando-a com pena em um cinzeiro com um anúncio da Ótica Moderna de Châteauroux.

– Temos notícias. E são ruins...

– Ah...

A voz de Louis veio até eles do corredor.

– É a última vez! – dizia ele com uma voz firme e surpreendentemente alta.

Camille levantou-se, saiu de sua sala e encontrou Louis diante de Maleval.

Os dois homens viraram-se para ele e deram um sorriso desajeitado. Qualquer que fosse a causa, aquela discussão não caminhava bem. Ele preferiu demonstrar neutralidade e fazer como se não estivesse vendo nada.

– Vamos, Louis, todos a postos, reúna todo mundo – disse ele, dirigindo-se para a máquina de xerox.

Uma vez que todos estavam reunidos, ele distribuiu aos seus colaboradores uma cópia da carta do assassino, que foi lida por cada um num silêncio religioso.

– Le Guen vai conseguir reforços operacionais para nós – anunciou ele – Amanhã, depois de amanhã, ele ainda não sabe, e vamos precisar muito.

– Huum – responderam em coro Armand, Maleval e Louis, terminando a leitura.

Camille deu-lhes tempo.

– É um louco de pedra – decretou Maleval.

– Pedi para Crest atualizar o seu perfil. Estou certo de uma coisa: é um maluco. No entanto, temos novas informações.

– Nada nos diz que seja ele... – arriscou Armand – Quero dizer, o que ele escreveu, toda a imprensa já disse...

– Na minha opinião, em algumas horas, vão desenterrar o corpo de Cottet... Estou certo de que isso vai te dar a certeza.

– A carta dele confirma tudo, mas não nos diz muita coisa nova – analisou Louis.

– Reparei nisso também. O sujeito é bem prudente. Mesmo assim, vamos fazer um balanço. O papel de parede é americano. Armand, veja o que falta fazer. Sabemos também que ele visitou muitos apartamentos. Isso vai ser mais difícil. É necessário procurar, em Paris e na periferia, os programas imobiliários que poderiam lhe convir e que ele teria visitado. Temos a confirmação de que ele chegou a Josiane Debeuf pelo intermédio de Évelyne Rouvray. Não acharemos nada por essa via. Talvez pela reconstituição da trilha da câmara Minox, que ele diz ter utilizado...

– Eu não tenho a menor pressa de ver o filme – disse Maleval.

– Ninguém tem. Mas precisamos acrescentar esse elemento à nossa primeira lista. Maleval, você vai tentar mostrar uma foto recente de Cottet ao guarda-móveis de Gennevilliers. E... isso é praticamente tudo.

– Realmente, a carta não traz muita coisa.

– Ah, sim, uma última coisa: a carta foi postada de Courbevoie. Do local do crime. Suprema elegância.

## 5

A floresta de Hez é tranquila, melancólica e terrivelmente mortal para os promotores imobiliários.

A guarda local tinha feito o necessário para cercar o lugar e a perícia compareceu por completo. O lugar escolhido era tranquilo, protegido dos transeuntes e facilmente acessível da estrada, o que permitia supor que Cottet poderia ter sido morto em outro lugar e seu corpo transportado. Os peritos trabalharam por uma boa hora, sob projetores potentes alimentados por um grupo de geradores, vasculhando o local à procura de eventuais indícios antes que a equipe encarregada da exumação enfim chegasse e interferisse. Sob os projetores e as sirenes, cujas luzes azuis atravessavam as folhagens que nasciam, a floresta noturna ganhava ares fantasmagóricos.

Por volta das 22 horas, o cadáver foi exumado sem dificuldade. Ele vestia um terno bege sobre uma camisa amarelo-pálida. Assim que seu corpo foi retirado de sua cova, descobriu-se que Cottet tinha levado uma bala no meio da cabeça. Limpo. Camille encarregou-se de avisar sua mulher e proceder ao reconhecimento do corpo, e Maleval de acompanhar a autópsia.

Trata-se de David Peace (1967-), um proeminente escritor inglês do final dos anos 1990. É autor de romances policiais como *GB84* e *The Damned Utd*. A mencionada "tetralogia de Yorkshire" (*Red Riding Quartet*) abrange os crimes do "Estripador de Yorkshire", que ocorreram entre 1975 e 1980. É composta pelas obras *1974*, *1977*, *1980* e *1983*, publicadas entre 1999 e 2002. (N.T.)

"La vérité, l'âpre vérité." Frase atribuída a Georges-Jacques Danton (1759-1794) e utilizada por Stendhal (1783-1842), como epígrafe da primeira parte de *O vermelho e o negro*. No último caso, a frase destaca a proposta do romance de reproduzir um tipo de realidade que se quer objetiva. (N.T.)

Quarta-feira, 16 de abril

# 1

– Vou pedir para um dos meus colaboradores ficar à sua disposição, senhora Cottet. Todavia, tenho uma pergunta a fazer... Eles estavam de pé, no hall do necrotério.

– Soube que seu marido era um grande amante de romances policiais...

Por mais estranha que tivesse soado, a pergunta não pareceu surpreendê-la.

– Sim, ele não lia nada além daquilo. Só lia o que conseguia entender.

– A senhora poderia falar mais sobre isso? – perguntou Camille.

– Ah, o senhor sabe, não nos falávamos havia muito tempo. Nossas raras conversas não tinham como tema principal nossas leituras.

– A senhora vai me desculpar por fazer esta pergunta... Mas seu marido era um homem violento? Quero dizer, com a senhora, ele já...

– Meu marido não era um homem corajoso. Ele era bem... físico, certamente, um pouco brutal, certamente, mas não no sentido que o senhor está colocando.

– Mais especificamente no aspecto sexual... que tipo de homem ele era? – perguntou abruptamente Camille.

– Rápido – respondeu a senhora Cottet – Bem decidido a resolver seu problema. Como um relâmpago, se me lembro bem. Sem complicações. Imaginação limitada. Sempre na mes-mice mesmo. Bastante oral, moderadamente anal... o que mais posso dizer?

– Acho que isso basta.

– Ejaculação precoce.

– Obrigado, senhora Cottet... Obrigado...

– Por nada, senhor Verhoeven, sempre que precisar. É sempre um prazer conversar com um cavalheiro.

Camille decidiu confiar o interrogatório a Louis.

## 2

Camille convidou Louis e Le Guen para almoçar. Louis vestia um belo terno azul-petróleo, uma camisa de listras sóbrias e uma gravata de fundo azul-noite com a insígnia de uma universidade inglesa perfeitamente centrada sobre o nó. Le Guen sempre olhava para Louis como se ele fosse uma espécie de curiosidade antropológica. Ele sempre se impressionava como a humanidade, depois de ter exaurido quase todas as combinações, ainda fosse capaz de fornecer tais espécimes.

– Por enquanto – dizia Camille, ingerindo seus alhos-porós –, temos três crimes, três livros e dois desaparecidos.

– Mais a imprensa, a juíza, o Tribunal e o ministro – acrescentou Le Guen.

– Se contarmos todos os contratemplos, você está certo.

– O *Le Matin* de ontem estava um passo à nossa frente. O resto do pelotão juntou-se a ele, você viu.

– Prefiro não ver, não...

– Você está errado. Se as coisas continuarem assim, seu Romancista vai obter o Goncourt<sup>17</sup> por unanimidade. Falei com a juíza Deschamps agora há pouco pelo telefone. Você vai rir...

– Duvido muito...

– ... parece que o ministro "se comoveu".

– Um ministro comovido? Está brincando?

– Nem um pouco. Um ministro comovido, para mim até isso é comovente. E além de tudo, é prático. Uma comoção ministerial. Tudo o que era impossível na véspera, tornou-se prioritário agora. Esta tarde, você terá uma nova sala e reforços.

– Posso escolhê-los?

– Aí também não! Comoção não quer dizer generosidade, Camille.

– Devo ter problemas de vocabulário. E aí?

– Espere três horas. Eu te digo por volta das 16.

– Às 18 horas, você quer dizer?

– Que seja, o que fazem dois ou três minutos de diferença...

Os três homens continuaram a comer em silêncio por alguns instantes.

– De qualquer forma – arriscou Louis enfim –, parece que, de certa maneira, com seu pequeno anúncio, nós estamos de volta ao jogo.

– De certa forma – falou Camille.

– Esse sujeito está fodendo com a gente – disse Le Guen.

– Jean! Nós estamos entre cavalheiros! Foi pelo menos o que me confirmou a senhora Cottet esta manhã.

– Que tipo de mulher é essa senhora?

Camille levantou os olhos para Louis.

– Inteligente – disse Louis, provando o vinho – De boa família. Para ser sincero, ela não estava mais com seu marido, eles apenas viviam juntos. De início, eles não pertenciam ao mesmo mundo e a distância aumentou ainda mais com os anos. Ela não sabe muita coisa do que seu marido fazia em privado, eles se ignoravam.

– Não era difícil para ela ser mais inteligente que seu marido. Aquele ali era um verdadeiro asno... – acrescentou Camille.

– Não parece ter sido muito difícil manipulá-lo – consentiu Louis – Maleval mostrou a foto dele no guarda-móveis de Gennevilliers. Sem dúvida, era mesmo ele.

– Ele não foi mais que uma ferramenta. Isso não é nenhuma novidade.

– O que está confirmado agora – disse Louis – é que nosso homem reproduz os crimes dos romances policiais e...

– De romances – cortou Camille – Por enquanto, ele tem se projetado sobre romances policiais. Nada nos diz em sua carta que essa é a essência do seu projeto. Da mesma maneira, ele poderia lançar uma mulher sob um trem para reproduzir *Anna Karenina*, assassinar uma mulher com veneno num canto da Normandia para refazer *Madame Bovary* de terno... ou...

– ... lançar uma bomba nuclear no Japão para encenar *Hiroshima, meu amor* – acrescentou Le Guen, que pensava demonstrar cultura com aquilo.

– Pode ser – concordou Camille.

Qual poderia ser a lógica interna daquele homem? Por que escolhera aqueles três livros em vez de outros? Quantos livros mais teria reproduzido antes do crime de Tremblay? Quantos ainda reproduziria antes que fosse detido? Essa última pergunta era a única que ele evitava fazer e que, nitidamente, começava a tirar seu apetite.

- O que você tem a dizer sobre isso, Camille?
- Sobre o quê...?
- Sobre o que Louis disse...
- Eu quero o Cob.
- Não estou vendo relação...
- Ouça, Jean, quanto aos outros, não dou a mínima, mas para a informática, quero o Cob.

Le Guen refletiu por um instante.

Aos 40 anos, Cob já era uma espécie de lenda na polícia. Dispondo apenas de um diploma modesto, ele tinha, quando jovem, integrado os serviços de informática da Criminal no degrau mais baixo. Tendo sempre confiado apenas no tempo de serviço como forma de garantir sua promoção, totalmente inapto aos concursos administrativos, Cob parecia contentar-se com uma função perfeitamente subalterna porque seu talento havia-lhe garantido um lugar nevrálgico nos casos difíceis. Todo mundo, um dia ou outro, tinha ouvido falar dos feitos informáticos de Cob, principalmente seus chefes – que, ao menos de início, ficavam com um pé atrás, até o dia em que compreenderam que não havia nada a temer em relação a ele. Após ter assumido o risco que inevitavelmente representa a imagem de um bem-dotado em todos os serviços para os quais fora mobilizado, ele era agora requisitado como uma relíquia. Todos o queriam. Camille não o conhecia particularmente. Eles encontravam-se com frequência na cantina e Camille gostava bastante do seu jeito. Cob parecia-se com seu monitor, com seu grande rosto quadrado, pálido, e cantos arredondados. Por trás de seu semblante meio carrancudo, ele cultivava uma espécie de distanciamento risonho, sarcástico, que divertia Camille. Não era, contudo, pelo seu humor que Camille pensava nele agora. O estado da investigação precisava de um técnico de informática de talento e,

na Brigada inteira, todos sabiam que não havia ninguém melhor que Cob.

– Ok, combinado. Mas em relação ao que Louis dizia, o que acha?  
– respondeu Le Guen.

Camille, que não tinha ouvido nada da conversa, olhou para o seu adjunto sorrindo:

– Digo que Louis sempre tem razão, é um princípio.

### 3

– Naturalmente, tudo isso é regido pelo sigilo de instrução...

– Naturalmente – disse Fabien Ballanger, sem compreender.

Ballanger, sentado atrás de sua mesa, na posição do Pensador, esperava Camille terminar com suas hesitações, parecendo encorajá-lo com o olhar, como se desejasse livrá-lo de um peso, dando-lhe antecipadamente a garantia de absolvição.

– Estamos agora diante de três crimes.

– Um a mais que da última vez...

– De fato.

– É de fato bastante – comentou Ballanger olhando para suas mãos.

Camille explicou rapidamente de que maneira os três crimes tinham sido cometidos.

– Agora nós temos certeza de que esses três crimes reproduziram exatamente *O psicopata americano*, *Dália Negra* e *Laidlaw*. O senhor conhece esses livros?

– Sim, li os três.

– Que ponto comum o senhor acha que eles têm?

– *A priori*, nenhum – disse Ballanger, refletindo – Um autor escocês, dois americanos... Eles todos pertencem a escolas diferentes. Entre *Laidlaw* e *O psicopata americano* existe um abismo. Não conheço exatamente as datas de publicação. Também nesse sentido não vejo que ponto comum poderíamos encontrar.

– Se a hipótese estiver correta, deve haver um traço em comum nisso tudo!

Ballanger refletiu um instante e disse:

– Talvez o simples fato de ele gostar desses livros.

Camille não pôde deixar de rir e seu sorriso refletiu no seu interlocutor.

– Eu não tinha pensado nisso – disse ele enfim – Que idiota...

– Nessa área, leitores podem ser bem ecléticos, sabe...

– Os assassinos menos. De certa maneira, eles são mais lógicos. Ou, ao menos, eles têm a lógica “deles”.

- Se não fosse de mau gosto dizer...
- Pode falar.
- Diria que, de qualquer forma, ele escolhe ótimos livros.
- Muito bem – disse Camille sorrindo de novo –, prefiro procurar um homem de bom gosto. É mais valoroso.
- Seu... seu assassino... tem leituras muito boas. É visivelmente um conhecedor.
- De fato. O que é certo é que esse sujeito é um doente. Um problema se mantém crucial para nós. Onde começou tudo isso?
- Ou seja? – perguntou Ballanger.
- Conhecemos seus crimes desde que ele começou a assiná-los. No máximo, sabemos onde parou. Não sabemos onde, quando, nem com qual livro toda essa série começou.
- Entendo... – disse Ballanger que, nitidamente, não entendia nada.
- Podemos temer que haja outros, remontando talvez a mais tempo atrás, talvez antes do crime em Glasgow. Seu perímetro de ação é vasto, seu projeto é ambicioso. Os livros que conhecemos, o senhor diria que se tratam de clássicos do gênero? – perguntou Camille.
- Ah, são obras muito conhecidas. “Clássicos” talvez não. Enfim, não no sentido que se ouviria na universidade.
- Nesse caso – retomou Camille, visivelmente encorajado por aquela resposta –, fico surpreso. Se ele está fazendo uma espécie de homenagem à literatura policial, por que sua série não começou com o que o senhor chamaria de um “grande clássico”? Seria lógico, não? O rosto de Ballanger iluminou-se.
- Certamente. Isso parece totalmente plausível.
- Na sua opinião, quantos “grandes clássicos” existem?
- Ah, não sei... muitos – Ballanger fez uma pausa e depois continuou – Pensando bem... não, na verdade nem tantos assim. A definição do que é um clássico nessa matéria é muito aproximativa. A meu ver, ela é até mesmo mais sociológica e histórica que literária. E, diante do olhar interrogativo de Camille:
- É assunto de Sociologia no sentido em que, para um público menos informado, alguns livros são considerados obras-primas

mesmo quando não são, aos olhos dos especialistas. E também é assunto de História. Um clássico não é necessariamente uma obra-prima. *A cidade dos mortos*<sup>18</sup>, de Lieberman, é uma obra-prima, mas ainda não é um clássico. *O caso dos dez negrinhos* é o contrário. *O assassinato de Roger Ackroyd*<sup>19</sup> é, ao mesmo tempo, uma obra-prima e um clássico.

– Preciso de categorias – disse Camille – Se eu ensinasse Literatura, eu certamente me ateria a nuances, senhor Ballanger. Mas investigo crimes em que esquetejam moças de verdade... Na sua opinião, clássicos, enfim, livros que importam, quantos seriam? Mais ou menos...

– Assim por cima, eu diria trezentos. Mais ou menos.

– Trezentos... O senhor poderia fazer uma lista de obras... realmente indispensáveis e me dizer onde podemos encontrar o resumo delas? Poderíamos tentar fazer uma pesquisa no arquivo com alguns dados significativos de cada história.

– Por que pedir isso para mim?

– Estou procurando um especialista capaz de estruturar conhecimentos, de sintetizá-los. Na Brigada Criminal, o senhor sabe, temos poucos especialistas em Literatura. Eu tinha pensado em pedir para um livreiro especializado...

– Boa ideia – cortou Ballanger.

– Conhecemos um, mas ele não é muito cooperativo. Prefiro me dirigir a um, como dizer... um servidor da República.

Boa jogada, Ballanger aparentou apreciá-la. A referência àquele termo grandiloquente colocava-o em uma situação difícil de recusar, inserindo-o em um dever de confidencialidade que exigia mais que sua simples honestidade.

– Sim, é possível – disse ele, enfim – A lista não é muito difícil de levantar. Ainda que a escolha permaneça muito arbitrária.

Camille fez um gesto indicando que entendia muito bem, que aquilo não tinha muita importância.

– Devo dispor de monografias, resumos aqui e ali. Também posso pedir a alguns alunos... Dois dias?

– Perfeito.



## 4

É por intermédio dos meios que a polícia dispõe que se mede o interesse que os grandes casos midiáticos suscitam junto às instâncias superiores. Camille apropriou-se de uma grande sala no subsolo. Escura.

– Que coisa, um crime a mais e teríamos direito a janelas – comentou ele.

– Talvez – respondeu Le Guen –, mas com um morto a menos, você não teria computadores.

Cinco postos de informática estavam sendo instalados, funcionários pregavam quadros de cortiça para afixar as informações da equipe, bebedouros com água fria e quente para o café solúvel, móveis de escritório, mesas, cadeiras e linhas telefônicas. A juíza ligou para o celular de Camille para marcar a hora da primeira reunião. Oito e meia da manhã do dia seguinte.

A equipe já estava completa às 18h30. Faltavam apenas duas ou três cadeiras. De toda forma, fiel à tradição, Camille fez a primeira reunião de pé.

– Vamos começar com as apresentações, como de costume. Sou o comandante Verhoeven. Aqui a gente diz apenas Camille, vamos ser simples. Este é Louis. É ele que vai coordenar a equipe. Todos os resultados que vocês obtiverem devem ser passados com prioridade para ele. Ele é encarregado pela divisão das tarefas.

Os quatro recém-chegados olharam silenciosamente para Louis, balançando a cabeça.

– Este aqui é Maleval. Na teoria, é Jean-Claude, mas, na prática, é Maleval. Ele é encarregado dos recursos materiais. Computadores, viaturas, material etc., vocês se dirigem a ele.

Os olhos passaram para o outro lado da sala em direção a Maleval, que levantou uma mão fazendo sinal de boas-vindas.

– Finalmente, este aqui é Armand. É o mais antigo daqui comigo. Tecnicamente, vocês não encontrarão ninguém melhor. Em caso de dúvida sobre uma pesquisa, podem contar com ele. Ele ajudará sem problema. É um homem muito solícito.

Armand assentiu, enrubescendo.

– Bem, agora os recém-chegados.

Camille tirou do seu bolso uma folha e desdobrou:

– Elisabeth...

Uma mulher de uns 40 anos, corpulenta, com o rosto límpido, vestida com um conjunto atemporal.

– Olá – fez ela levantando a mão – Estou contente de estar com vocês.

Ela agradou a Camille. A maneira de falar, a espontaneidade simples.

– Bem-vinda, Elisabeth. A senhora já trabalhou em casos de grandes dimensões?

– Eu trabalhei com “Ange Versini”...

Todos na Criminal se lembravam daquele curso de Paris que estrangulara duas crianças, uma depois da outra, e que conseguiu escapar de todo mundo durante uma fuga de mais de oito semanas e foi morto quase à queima-roupa no bulevar Magenta, depois de uma perseguição que rendera grandes estragos. E muitas manchetes.

– Muito bem... Espero que possamos aumentar sua lista de grandes feitos.

– Também espero...

Ela parecia estar ansiosa para começar a trabalhar. Olhou para Louis por um breve instante e limitou-se a dar um sorriso amigável e fazer um movimento de cabeça.

– Fernand? – perguntou Camille depois de consultar sua lista.

– Sou eu – disse um homem de uns 50 anos.

Camille voltou-se imediatamente. O ar grave, o olhar um pouco perdido, os olhos remelentos, a tez cinzenta de alcoólatra.

Pragmático, Le Guen dissera-lhe: “Eu te aconselho a utilizá-lo pela manhã. Depois, não tem mais ninguém ali dentro...”.

– O senhor vem da Delegacia de Costumes, é isso?

– Sim, em Criminal, eu não conheço muita coisa.

– O senhor nos será útil, tenho certeza... – acrescentou Camille, mostrando-se mais encorajador do que era na realidade – O senhor trabalhará com Armand.

Camille prosseguiu.

– Por dedução, suponho que você seja Mehdi...? – perguntou ele, enfim dirigindo-se a um jovem rapaz que não parecia ter mais de 24 ou 25 anos.

Jeans azul, camiseta chamativa, um pouco de ostentação, um físico provavelmente adquirido em salas de musculação, fones de um MP3 negligentemente enrolados no pescoço, Mehdi tinha um olhar sombrio e vivo que Camille achou cativante.

– Exatamente. Oitava Brigada... Enfim... não estou aqui há muito tempo.

– Será uma boa experiência. Bem-vindo, então. Você será da equipe de Maleval.

Os dois homens fizeram um gesto de cumplicidade antes que Camille tivesse tido tempo de refletir sobre a regra, infelizmente um pouco misteriosa, segundo a qual ele tinha acabado de tratar o jovem rapaz de maneira mais informal que os outros. *Culpa da idade*, pensou consigo sem remorso.

– O último é Cob – disse Camille, colocando seu papel de volta no bolso – Nós nos conhecemos, mas nunca trabalhamos juntos...

Cob levantou um olhar inexpressivo para Camille.

– Não, ainda não.

– Ele será nosso técnico de informática.

Cob não se alterou no meio de pequenas exclamações murmuradas pela equipe, limitando-se a levantar levemente a sobrancelha, em vez de fazer um cumprimento. Todos já tinham ouvido falar de algumas de suas proezas.

– Veja com Maleval o que te falta, isso será prioritário.

Maior prêmio literário anual da França, que homenageia escritores desde 1903. Em 2013, Pierre Lemaitre obteve tal prêmio com a publicação de seu romance *Au revoir là-haut*. (N.T.)

Romance de Herbert Lieberman (1933-) publicado em 1976. É o relato da busca do patologista-chefe de Nova York, doutor Paul Konig, pela sua filha sequestrada, que descreve com minúcia a intervenção da medicina legal no inquérito policial. (N.T.)

Clássico de Agatha Christie publicado em 1926. (N.T.)

Quinta-feira, 17 de abril

# 1

– Por enquanto, nada desmente a primeira análise. Esse homem odeia mulheres.

A juíza Deschamps ouviu sua primeira síntese na hora marcada, quase no exato segundo. O doutor Crest tinha deixado sua bolsa sobre uma mesa e consultava somente anotações feitas em uma folha quadriculada. Letra longa e inclinada.

– A carta dele completa o quadro clínico que eu tinha tentado levantar. Ela não o desmente em sua essência. Estamos diante de um homem culto e pretensioso. Ele leu muito e não somente obras policiais. Realizou estudos secundários e certamente estudos de Letras ou de Filosofia, de História, algo assim. Ciências humanas, talvez. É pretensioso porque quer mostrar que tem cultura. Destaca-se evidentemente o tom caloroso com o qual ele se refere ao senhor, comandante. Ele tem vontade de ser simpático com o senhor. Gosta muito do senhor. E ele o conhece.

– Pessoalmente? – perguntou Camille.

– Certamente não. Ainda que... tudo seja possível. Acho antes que ele o conhece como podem conhecer aqueles que o viram na televisão, que leram seu retrato nos jornais...

– Honestamente, prefiro assim – disse Camille.

Os dois homens sorriram abertamente um para o outro. Era a primeira vez que eles sorriam daquela forma. E o primeiro sorriso entre dois homens é o começo do reconhecimento – ou dos infortúnios.

– O senhor foi muito perspicaz no seu anúncio – retomou o doutor Crest.

– Ah...

– Sim. O senhor fez a pergunta certa. Curta e sem se referir a ninguém. O senhor pediu para ele falar do “seu trabalho”. E é disso que ele gostou. Ruim teria sido perguntar o que o leva a agir, como se o senhor não o compreendesse. O senhor presumiu, com a sua pergunta, que já sabia aquilo, que o tinha compreendido e imediatamente ele se sentiu, como dizer... em casa.

– Não pensei muito, na realidade.

Crest deixou o comentário de Camille suspenso um instante, e então:

– Algo aí dentro do senhor precisou pensar bem, não é? É o que importa. No entanto, não estou certo de que saibamos mais sobre as motivações dele. Sua carta mostra que ele realizou o que chama de “obra”, que quer se alçar, com um ar de falsa modéstia, à altura dos grandes modelos que ele escolheu na literatura policial.

– Por quê? – perguntou Elisabeth.

– Isso é outra história.

– Seria um escritor fracassado? – perguntou ela, formulando a hipótese que cada um fazia consigo.

– Podemos pensar assim, certamente. É até mesmo a hipótese mais verossímil.

– Se for um escritor fracassado, ele deve ter escrito livros – replicou Mehdi – É preciso investigar nas editoras de romances!

A ingenuidade do jovem rapaz não surpreendeu ninguém. Camille soltou um breve suspiro, massageando lentamente as pálpebras.

– Mehdi... Um em cada dois franceses escreve. O que sobra, pinta. Os editores recebem todo ano milhares de manuscritos e são centenas de escritores. Mesmo se focarmos apenas nos últimos cinco anos...

– Ok, ok – cortou Mehdi, levantando as duas mãos como se fosse se proteger.

– A idade dele? – perguntou, então, Elisabeth, vindo em socorro do jovem rapaz.

– Quarenta ou cinquenta anos.

– Culturalmente? – perguntou Louis.

– Diria que está no alto da classe média. Ele quer mostrar que tem cultura. Exagera.

– Como ter postado a carta de Courbevoie... – disse Louis.

– Exatamente! – respondeu Crest, surpreso com a observação – É exatamente isso. No teatro, diríamos que é “caricatural”. É um pouco... demonstrativo. Talvez essa seja nossa brecha. Ele é cuidadoso, mas tão seguro de sua importância que também poderia se mostrar inábil. É dominado por uma ideia que pensa ser maior

que ele e isso o agrada. Ele tem nitidamente uma grande necessidade de admiração. É voltado para si mesmo. Talvez esse seja até mesmo o cerne de sua contradição. Certamente não é a única.

– O que o senhor quer dizer? – perguntou Camille.

– Ele tem muitas zonas sombrias, evidentemente, mas devo dizer que uma delas me incomoda. Eu me pergunto por que ele foi para Glasgow cumprir o homicídio imaginado por McIlvanney.

– Porque é lá que o crime devia ser cometido – disse em seguida Camille.

– Sim, pensei nisso. Mas então por que ele realiza o crime do *Psicopata americano* em Courbevoie em vez de Nova York? É lá que ele acontece, não?

Era uma contradição que não tinha surgido a ninguém, Camille teve de reconhecer.

– Seu crime de Tremblay também deveria ter acontecido no exterior – retomou Crest – Não sei onde...

– Em Los Angeles – completou Louis.

– O senhor tem razão – disse enfim Camille – Não entendo nada.

Ele balançou a cabeça para afastar momentaneamente aquela ideia.

– Agora é preciso pensar na próxima mensagem – disse ele.

– Por enquanto, é necessário seduzi-lo. Perguntar suas razões de agir seria arruinar seus primeiros esforços. É preciso falar com ele de igual para igual. O senhor deve se mostrar como alguém que o compreende perfeitamente.

– Qual é a sua ideia? – perguntou Camille.

– Nada pessoal. Pergunte informações sobre um outro crime, talvez. Depois, veremos.

– A revista é publicada às segundas. Ou seja, uma semana entre cada anúncio. É muito tempo. Tempo demais.

– Podemos ser mais rápidos.

A voz de Cob fazia-se ouvir pela primeira vez.

– A revista tem um site na internet. Eu verifiquei. Podemos fazer anúncios on-line. Publicação no dia seguinte.

—

Em seguida, Camille e o doutor Crest isolaram-se para refletirem juntos sobre o conteúdo do segundo anúncio, cujo texto, por e-mail, foi submetido à juíza Deschamps. Ele era constituído de três palavras: "*Sua Dália Negra...?*". Foi assinado, como o primeiro, apenas com as iniciais de Camille Verhoeven. Cob encarregou-se de enviá-lo ao site da revista.

## 2

A lista fornecida por Fabien Ballanger continha cento e vinte títulos. “Resumos em breve. Dentro de 5 a 6 dias...”, escreveu Ballanger à mão. Cento e vinte! Digitados em duas colunas, haveria ali leitura para quanto tempo? Dois anos, talvez. Um verdadeiro breviário do amante de romances policiais, uma pequena biblioteca ideal, perfeita para o leitor decidido a adquirir uma sólida cultura sobre o assunto e perfeitamente inoperante no âmbito de um inquérito criminal. Camille não pôde se impedir de contar, entre todos aqueles títulos, os que ele havia lido (oito) e quantos lhe eram apenas familiares (dezesseis). Por um instante, ele lamentou que o assassino não fosse um amante de pintura.

– Quantos deles você conhece? – perguntou ele a Louis.

– Não sei – respondeu Louis, consultando a lista – Uns trinta talvez...

Ballanger tinha respondido como um especialista, e era exatamente o que lhe foi pedido, mas uma lista daquela amplitude tornava a busca impossível. Ao pensar melhor, Camille percebeu que aquela ideia realmente não tinha sido tão boa.

Ao telefone, Ballanger demonstrava estar orgulhoso:

– Nós estamos reunindo os resumos para vocês. Separei três alunos para essa tarefa. Eles compraram bem a briga, não?

– É demais, senhor Ballanger.

– Não, não se preocupe, eles não estão muito sobrecarregados este semestre...

– Não, estou falando da lista. Cento e vinte títulos não é muito viável para nós...

– Vocês precisam de quantos?

O tom do acadêmico deixava claro que os dois homens viviam em planetas diferentes, um no planeta sombrio e concreto dos crimes rotineiros, o outro nos cumes da cultura.

– Honestamente, senhor Ballanger, não faço ideia.

– Então não sou eu que vou saber...

– Se o nosso assassino escolhe títulos em função do seu gosto – respondeu Camille, aparentando não ter percebido a irritação dele –, a lista que eu te peço será inoperante. Segundo os primeiros dados de que dispomos, nosso homem tem uma vasta cultura nessa área. Todavia, seria surpreendente se em sua própria lista não aparecessem um ou dois romances bem clássicos. É isso que nos ajudaria. É nesse ponto que o senhor pode nos ajudar.

– Vou recomeçar a lista.

Camille agradeceu em vão, pois Ballanger já havia desligado.

Sexta-feira, 18 de abril

# 1

Armand e Fernand formavam uma bela dupla. Duas horas depois do primeiro encontro, eles já pareciam um velho casal: Armand tinha se apropriado do jornal, da caneta e do bloco de notas do seu colega, servia-se sem escrúpulos do seu maço de cigarros (ele até deixava alguns no bolso como reserva para a noite) e fingia não perceber as curtas ausências de Fernand, que regularmente voltava do banheiro chupando balas de menta. Sob ordem de Louis, eles desistiram da lista de fabricantes de papel de parede, infinitamente vasta, e agora se concentravam nos programas imobiliários que o assassino poderia ter visitado quando fez sua busca em Courbevoie. Mehdi, por precaução, foi dar uma volta no correio central de Courbevoie para tentar recolher por lá algum improvável testemunho, enquanto Maleval cuidava dos compradores de câmera Minox. Louis, por sua vez, munido do requerimento da juíza, foi buscar a lista dos assinantes da *Noites brancas*.

Em meados da manhã, Camille teve a surpresa de ver chegar o professor Ballanger. Sem mais nenhum vestígio da expressão raivosa ou da irritação da véspera. Ele entrou na sala com uma timidez estranha.

– Não precisava ter vindo até aqui... – começou Camille.

Ele mal pronunciou aquelas palavras e compreendeu que tinha sido antes de tudo a curiosidade que conduziu Ballanger a vir ele mesmo trazer o fruto de um trabalho que poderia ter enviado por e-mail. Ele observava o cenário com a curiosidade um pouco maravilhada de um visitante das catacumbas.

Camille fez as honras da visita, apresentando-lhe Elisabeth, Louis e Armand, únicos presentes naquele momento, insistindo na “ajuda preciosa” que o professor Ballanger estava lhes dando...

– Refiz sua lista...

– É muito gentil de sua parte – respondeu Camille, pegando as folhas grampeadas que Ballanger lhe entregava.

Cinquenta e um títulos, seguidos de um curto resumo, que iam de algumas linhas a um quarto de página. Ele percorreu-a rapidamente,

apanhando aqui e ali alguns títulos: *A carta roubada*, *O cão dos Baskervilles*, *O mistério do quarto amarelo*... Levantou os olhos para os postos informáticos. Uma vez tendo feito todos os seus esforços de cortesia, ele agora tinha pressa para se livrar de Ballanger.

– Agradeço – disse ele, estendendo-lhe a mão.

– Talvez eu possa fazer alguns comentários para o senhor.

– Os resumos me parecem claros...

– Com sua permissão...

– O senhor já fez demais. Sua ajuda é muito preciosa para nós.

Apesar da inquietação de Camille, Ballanger não se ofendeu.

– Bom, então vou embora – falou ele, com um tom um tanto pesaroso.

– Mais uma vez, obrigado.

Assim que Ballanger saiu, Camille precipitou-se na direção de Cob.

– Aqui está uma lista de romances “clássicos”.

– Deixe-me adivinhar...

– A gente vai extrair os principais elementos dos crimes descritos nos romances. E procurar casos não resolvidos que correspondam a tais critérios.

– Quando você diz “a gente”...

– “A gente” é você – respondeu Camille, sorrindo.

Ele deu alguns passos para se afastar e de súbito voltou, pensativo.

– Também preciso de outra coisa...

– Camille, isso que você está me pedindo vai levar horas...

– Eu sei. Mesmo assim, preciso de outra coisa... E é bem complicado.

Cob era homem de se deixar cativar pelos sentimentos. Seus sentimentos eram, como sua pessoa toda, informáticos. Nada podia incentivá-lo tanto como uma pesquisa difícil, a não ser talvez uma pesquisa impossível.

– É em relação aos casos não resolvidos. Quero utilizar as informações que detemos sobre os *modus operandi*.

– E... estamos procurando o quê?

– Elementos irracionais. Elementos que não têm explicação, coisas que nos fazem perguntar que diabos estão fazendo em um caso.

Crimes isolados com indícios incoerentes. Primeiro sondamos a lista dos clássicos do romance policial, mas talvez o sujeito opere principalmente a partir de seus gostos pessoais. Ele pode ter tomado como modelo livros que não estão na lista. A única maneira de localizá-los são os elementos irracionais, os elementos que não se encaixam em nada, porque na verdade eles só se encaixam nos romances dos quais saíram.

– Não temos esse tipo de chave de pesquisa.

– Sei bem. Se tivéssemos, não seria a você que eu pediria.

Pegaria meu computador e faria sozinho.

– Em que escala...?

– Digamos... em todo o território nacional, ao longo dos últimos cinco anos.

– Quase nada...

– Quanto tempo?

– Não faço ideia – disse Cob, pensativo – Primeiro preciso achar um método...

## 2

– Você está de olho nele desde o começo – disse Camille, sorrindo.

– Não necessariamente – defendeu-se Louis – Enfim... ele não seria o primeiro assassino a informar ele mesmo a polícia.

– Você já me disse.

– Sim, mas agora tenho dados mais preocupantes.

– Diga.

Louis abriu sua caderneta.

– Jérôme Lesage, 42 anos, solteiro. A livraria pertencia ao seu pai, falecido em 1984. Estudos em Letras. Sorbonne. Mestrado sobre *A oralidade no romance policial*. Menção "muito bom". Família: uma irmã, Christine, 40 anos. Eles vivem juntos.

– Você está brincando?

– Nem um pouco. Eles moram num apartamento em cima da loja. Tudo herança deles. Christine Lesage, casada em 1985 com Alain Froissart. Casamento no dia 11 de abril...

– Bem preciso!

– É que isso tem sua importância: o marido morreu num acidente de carro no dia 21, dez dias depois. Ele era herdeiro de uma bela fortuna, família do Norte, antes dona de indústria de lã, que foi convertida em indústria de vestuário. Seu marido era filho único. No dia 21 de abril de 1985, sua esposa herda tudo. Ela teve uma curta passagem por um hospital psiquiátrico e, nos anos seguintes, duas outras estadas mais longas em clínicas de reabilitação. Em 1988, ela regressa definitivamente a Paris, e instala-se na casa do seu irmão. Hoje continua lá.

Louis continua:

– O sujeito que procuramos tem grandes recursos, e os Lesage têm muito dinheiro. Primeiro ponto. Segundo ponto, o calendário. Dez de julho de 2001, assassinato de Grace Hobson em Glasgow. A loja fica fechada o mês de julho inteiro. O irmão e a irmã estão de férias. Oficialmente na Inglaterra. Lesage tem um correspondente em Londres, os irmãos passam quinze dias por lá, entre o dia

primeiro e o dia quinze. De Londres a Glasgow deve ser o quê? Uma hora de avião.

– Ainda assim, seria bem acrobático...

– Mas não impossível. Vinte e um de novembro de 2001, homicídio de Manuela Constanza. Região parisiense. Possível para Lesage. Nada de particular no seu cronograma. No último 11 de abril, Courbevoie. Idem. Paris, Tremblay, Courbevoie, tudo isso se encontra em um perímetro restrito à região parisiense, nada impossível.

– Mas ainda é pouco...

– Ele nos indica dois dos três livros... É ele que nos liga ao primeiro. Também não sabemos interpretar exatamente a razão pela qual ele soltou informações para a imprensa. Alega ter sido manipulado... Ele também pode ter desejado garantir sua publicidade...

– Talvez...

– Ele é assinante da *Noites brancas* – disse Louis, exibindo um maço de folhas.

– Ah, Louis! – disse Camille, pegando o documento e começando a folheá-lo – Ele é livreiro especializado. Deve ter assinatura em tudo o que é publicação. Veja só, são dezenas de livreiros assinantes. Tem de tudo aqui: livreiros, escritores, serviços de gestão de documentos, jornais... estão todos aqui. Se calhar, até meu pai... Bingo! Ele está aqui! E todo mundo tem acesso ao site deles, os anúncios estão livres para consulta e...

Louis levantou as mãos em sinal de derrota.

– Bom – retomou Camille –, o que você sugere?

– Investigação financeira. Como acontece com todas as lojas, muito dinheiro líquido entra na livraria. Seria necessário olhar mais de perto os faturamentos, os gastos, o que ele comprou, se há despesas significativas e não explicadas etc. De qualquer forma, esses crimes custam muito dinheiro.

Camille pensa por um instante.

– Ligue para a juíza para mim.

Sábado, 19 de abril

# 1

Gare de Lyon. Dez horas da manhã.

Ao vê-la se aproximar com passos de pato, Camille ficou subitamente surpreso por encontrar em Irene um rosto ainda mais cheio que na sua partida, sua barriga mais volumosa. Apressou-se para puxar sua mala de rodinhas. Beijou-a desajeitadamente. Ela parecia exausta.

– Foram bons os dias na casa dos pais? – perguntou ele.

– Você já sabe o essencial – respondeu ela, já ofegante.

Eles tomaram um táxi e, assim que chegaram em casa, Irene desabou no sofá com um suspiro de alívio.

– O que você quer que eu te prepare?

– Chá.

Irene falou de seus dias na casa dos pais.

– Meu pai fala, fala, fala. Dele, dele, dele. O que se pode fazer? Ele só sabe fazer isso.

– Exaustivo.

– Eles são gentis.

Camille perguntou-se o que lhe causaria um dia ouvir seu filho dizer que ele era gentil.

Ela pediu notícias da investigação. Ele deu-lhe uma cópia da carta do assassino enquanto descia para buscar a correspondência.

– Vamos comer juntos? – perguntou ela quando ele voltou.

– Acho que não... – respondeu Camille, de repente pálido, segurando em suas mãos um envelope fechado.

A carta tinha sido postada de Tremblay-en-France.

*Caro Comandante,*

*Fico feliz em saber que o senhor se interessa pelo meu trabalho.*

*Eu sei que está atirando para todos os lados e que isso dá muito trabalho e muito cansaço para o senhor e para a sua equipe. Eu realmente sinto muito. Queira acreditar que se eu pudesse abrandar sua tarefa, eu assim faria sem hesitar. Mas tenho uma obra por continuar e sei também que o senhor pode compreender isso.*

*Adiante, eu falo, falo, e não atendo à sua expectativa.*

*Portanto, a Dália Negra.*

*Que maravilha que é esse livro, não é? E, modestamente, que maravilha minha homenagem a essa obra magnífica. "Minha" Dália, como vocês dizem tão amavelmente, era uma puta de última categoria. Nada perto da graça, um pouco vulgar decerto, mas tão atraente de Évelyne. Desde o nosso primeiro encontro, percebi que ela estaria melhor no livro de Ellroy do que na calçada. Seu físico era, digamos, adequado. Ellroy descreve-a, mas ele descreve mais o corpo morto do que o corpo vivo. Por noites inteiras, eu repeti para mim mesmo as frases do livro enquanto perambulava como uma alma penada nas ruas de prostíbulos de Paris. Estava desesperado para encontrar a pérola rara. E ela me apareceu um dia sem avisar, do nada eu diria, na esquina da rua Saint-Denis. Estava vestida da maneira mais extravagante possível, com botas vermelhas de cano alto e roupas de baixo extremamente visíveis pelo decote aberto e pela saia cavada na frente. Foi seu sorriso que me impeliu. Manuela tinha uma boca grande e cabelos de um negro profundo e verdadeiro. Perguntei o preço e subi com ela. Uma provação, Camille, eu garanto. O lugar fedia a tudo o que existe de ruim, o quarto exalava um odor de suor que a vela aromática acesa sobre uma cômoda não conseguia disfarçar, a cama era um jirau no qual ninguém minimamente são se deitaria. Nós fizemos de pé, foi melhor.*

*O resto foi uma longa questão de estratégia. Essas prostitutas são desconfiadas, e seus protetores, quando não aparecem diretamente, fazem sentir suas presenças por trás das portas entreabertas. Cruza-se com sombras pelos corredores. Foi-me necessário voltar diversas vezes, aparentar ser um cliente tranqüilo, gentil, pouco exigente, cativante.*

*Não desejava ir muitas vezes àquele prostíbulo nem nas mesmas horas. Temia que minha presença fosse percebida, que as colegas dela pudessem me reconhecer de imediato.*

*Então, propus que saíssemos para "passar a noite fora". Pelo preço que ela pedisse. Não achava, então, que aquele ponto seria tão difícil de negociar. Era preciso falar com seu cafetão. Eu poderia ter mudado de ideia, pôr-me à procura de outra cúmplice, mas tinha projetado naquela jovem todas as imagens do livro. Eu a via tão perfeitamente no papel que não tinha coragem de renunciar a ela. Então encontrei o Lambola. Que personagem! Não sei se o senhor o conheceu vivo – ah sim, ele morreu, voltarei a isso mais tarde. Era alguém bastante... romanesco. Caricatural além do razoável. Fazia parte do jogo. Queria "saber com quem estava lidando", explicou-me ele. Ele amava seu trabalho, aquele homem, eu garanto. Estou bem certo de que ele devia espancar suas garotas assim como os outros, mas ele detinha em relação a*

*elas um discurso bem protetor, bem paternal. Resumindo, expliquei que queria "sua garota" por uma noite. Ele extorquiou-me, juro, Camille... uma vergonha. Enfim, fazia parte do jogo. Ele exigiu saber o endereço do nosso encontro. A manobra tornava-se densa. Furneci-lhe um endereço falso, com o receio de um homem casado. Foi o suficiente para tranquilizá-lo. Ao menos era o que eu achava. Eu e Manuela encontramos-nos no dia seguinte, um pouco mais distante no bulevar. Eu temia que eles me dessem um cano, mas aquilo para eles era um bom negócio.*

*No bairro da rua de Livy, a dois passos do terreno baldio, existem diversos pavilhões desabitados há tempos porque haviam sido reservados para demolição. Alguns deles tiveram todas as entradas bloqueadas por blocos e tábuas, é bem sórdido. Dois outros foram apenas abandonados. Eu escolhi o do 57-C. Levei Manuela para lá de madrugada. Bem senti que a garota não estava muito à vontade em frequentar tal bairro. Mostrei-me gentil, desajeitado, como que acanhado, de modo a transmitir confiança à mais relutante das putas.*

*Tudo estava pronto. Mal entramos, dei uma marretada atrás da cabeça dela. Ela desabou antes de ter tempo de dizer ai. Depois disso, levei seu corpo para o porão.*

*Ela acordou duas horas mais tarde, amarrada à cadeira, sob uma lâmpada, nua. Tremia e tinha um olhar aflito. Expliquei-lhe tudo o que ia acontecer e, durante as primeiras horas, ela se debateu bastante para tentar se libertar. Tentou gritar, ainda que a fita adesiva colada na sua boca não lhe permitisse ter muita esperança de conseguir. Aquela agitação me incomodou. Escolhi quebrar suas pernas logo no começo. Com um bastão de beisebol. Depois disso, as coisas ficaram mais fáceis. Incapaz de se levantar, ela só conseguia rastejar pelo chão, e mesmo assim, não por muito tempo. Nem para muito longe. Com isso, minha tarefa ficou muito fácil, tanto para chicoteá-la, como está no livro, quanto para queimar os seus seios com o cigarro. O mais difícil certamente seria conseguir, na primeira tentativa, o sorriso da Dália Negra. Naturalmente, eu não tinha direito a nenhum erro. Aquele de fato foi um grande momento, Camille.*

*No meu trabalho, o senhor sabe, tudo tem sua importância.*

*Como um quebra-cabeça que só pode encontrar sua perfeição formal uma vez que todas as peças estejam reunidas, cada uma no seu devido lugar. Se uma só peça faltar, toda a obra será outra, nem mais nem menos bela, diferente. Ora, minha missão é fazer de um jeito que a realidade imaginária de nossos grandes homens seja exatamente reproduzida. É este "exatamente" que faz a grandeza da minha tarefa, e é por isso que o menor detalhe deve ser atenciosamente estudado, pesado em todas as suas*

*consequências. Daí a extrema importância de conseguir aquele sorriso, consegui-lo totalmente. Minha arte é a imitação, eu sou um reprodutor, um copista, um monge, pode-se dizer. Minha abnegação é total, minha devoção sem limite. Dediquei minha existência aos outros.*

*Assim que enfiei a lâmina mais ou menos um centímetro abaixo de sua orelha, segurando sua cabeça pelos cabelos o mais próximo do couro cabeludo possível, e assim que fiz o corte profundo até a abertura da boca, senti pela amplitude do meu gesto, pelo berro realmente animal que se levantou do âmago do seu corpo e veio morrer na saída daquela nova meia-boca, por onde o sangue corria lentamente em grandes lágrimas longas, senti que minha obra se realizava. Fui muito cuidadoso ao iniciar a segunda parte do nosso sorriso: o corte foi ligeiramente profundo, não sei... No entanto, aquele sorriso da Dália foi, para mim, imagine, uma recompensa maravilhosa. De repente, aquele sorriso era, para a minha vida, toda a beleza do mundo condensada na obra. Eu verifiquei mais uma vez o quanto minha aplicação escrupulosa era justificada pela minha missão.*

*Assim que Manuela morreu, cortei-a com um facão de açougueiro, conforme consta no livro. Eu não sou um especialista em anatomia e precisei consultar diversas vezes um livro que já tinha estudado bastante a fim de localizar as vísceras ausentes da Dália Negra. Os intestinos foram simples, o fígado e o estômago também, mas o senhor sabe onde fica a vesícula biliar?*

*Para lavar as duas partes do corpo, tive que subir para o térreo e, como aqueles pavilhões não têm mais água nem eletricidade, precisei utilizar a água da chuva acumulada em uma cisterna, que os antigos proprietários abandonaram no jardim de trás da casa. Tomei o cuidado de lavar os cabelos com atenção.*

*Nas primeiras horas da manhã, já estava claro demais para terminar minha obra no terreno baldio. Temia que houvesse algum movimento e preferi voltar para casa. Estava esgotado, o senhor nem imagina!, e feliz. No dia seguinte, logo no começo da madrugada, voltei para terminar meu trabalho, colocando as duas metades do corpo no depósito tal como consta no livro.*

*Meu único erro, se me permitir, foi passar de novo logo em seguida em frente ao pavilhão. Foi só quando cheguei em casa que me dei conta de que uma moto havia me seguido. Estava abrindo a porta de casa quando ela passou na rua. O motoqueiro, invisível em seu capacete fechado, virou rapidamente a cabeça para mim. Naquele instante, compreendi que havia caído em uma cilada: Manuela não tinha voltado ao trabalho durante o dia e seu cafetão não deve ter se preocupado porque ela só trabalhava à noite. Mas não vê-la na noite seguinte... Deduzi que tinha sido seguido na véspera sem ter me dado conta. O motoqueiro tinha voltado ao local para ver o que tinha*

*acontecido, tinha cruzado comigo quando eu passava novamente em frente aos pavilhões, tinha me seguido... Agora o Lambola sabia onde eu morava, eu estava à sua mercê e minha serenidade costumeira foi abalada. Deixei Paris imediatamente. Durou apenas um dia, mas que dia...! Uma angústia, Camille! É preciso ter vivido esse tipo de situação para entender. A partir do dia seguinte, fiquei tranquilo. Descobri pelos jornais que Lambert havia sido detido por participação em um assalto. Contrariamente aos policiais que o detiveram e ao juiz que o condenou, eu sabia que Lambert tinha uma estratégia bem mais complexa e que não era por nada que ele estava na operação que o levou à prisão. Oito duros meses. A esperança de cumprir apenas um terço era razoável e compensava bem, aos seus olhos, pelo que ele esperava arrancar de mim ao sair. Esperei por ele com calma. Não fiz nada, durante as primeiras semanas, para furtar-me à vigilância que Lambert, de sua cela, mandava exercerem sobre mim. O mais prudente era viver normalmente, não deixá-lo perceber nenhuma eventual preocupação. Minha estratégia deu resultado. Ele ficou tranquilo. Foi o que o arruinou. Quando descobri que ele realmente seria libertado e colocado sob controle judicial, tirei alguns dias de férias. Fui para a casa de campo que possuo na província. Raramente vou para lá porque nunca me senti muito à vontade. Eu gosto muito do jardim, mas, quanto à casa, ela é grande demais, distante de tudo agora que as cidadezinhas dos arredores estão vazias. Esperei por ele tranquilamente. Ele devia estar bem confiante e bem impaciente. Veio imediatamente, acompanhado de um capanga. Entraram de madrugada por trás da casa para me surpreender e foram mortos os dois com tiros de fuzil de caça na cabeça. Enterrei-os no jardim. Espero que o senhor não esteja com pressa para encontrá-los... Aí está. Estou certo de que, agora que o senhor vê o quanto me empenhei para cumprir minha tarefa, o senhor me entende melhor e apreciará, ao menos o senhor, minhas obras pelo valor que elas merecem.*

*Cordialmente.*

Segunda-feira, 21 de abril

# 1

*Le Matin:*

*A polícia contata o Romancista via pequenos anúncios*

*Definitivamente, o caso do Romancista revela-se excepcional em todos os aspectos. Primeiro, pela natureza dos crimes: a polícia já encontrou o corpo de quatro jovens mulheres (uma delas na Escócia), todas assassinadas de forma hedionda. É excepcional também pela maneira com a qual seu assassino opera (sabe-se agora que ele reproduz crimes de romances policiais). E, enfim, pelo modo que a polícia investiga.*

*O comandante Verhoeven, encarregado pela investigação sob a autoridade da juíza Deschamps, tentou entrar em contato com o assassino em série por intermédio de um pequeno anúncio: "Fale-me sobre BEE". Trata-se de Bret Easton Ellis, o autor americano da obra O psicopata americano, que inspirou o Romancista no duplo crime de Courbevoie. O anúncio apareceu na edição da última segunda-feira. Não sabemos se o assassino o leu nem se respondeu, mas o método é bem original. Sem recuar diante da falta de notícias, o comandante Verhoeven mandou publicar um outro anúncio redigido de maneira tão discreta quanto o primeiro: "Sua Dália Negra...?", que faz referência explícita a um outro crime do Romancista: o homicídio de uma jovem prostituta, inspirado na obra de James Ellroy: Dália Negra.*

*Tentamos contatar o Ministério da Justiça, assim como o Ministério do Interior, para saber se tal método, pouco ortodoxo, tinha o aval dos poderes públicos. Nossos interlocutores não desejaram se expressar, nós os entendemos.*

*Por enquanto...*

Camille arremessou o jornal pela sala sob o olhar falsamente distraído de toda a equipe.

– Louis! – gritou ele, virando-se – Vá buscá-lo pra mim!

– Quem?

– Esse babaca! Você vai pegá-lo pelo rabo e trazê-lo pra mim! Já!

Louis não se moveu. Contentou-se em baixar a cabeça com um ar pensativo e afastou sua mecha. Foi Armand que interveio primeiro.

– Camille, você está fazendo besteira. Sinto muito pelo artigo...

– Que besteira? – gritou ele de novo, virando-se.

Ele andava pela sala com passos enraivecidos, apanhando objetos, colocando-os brutalmente de volta ao lugar com a vontade visível de quebrar alguma coisa. Qualquer coisa.

– Você deveria se acalmar, Camille, estou te dizendo!

– Armand, não aguento mais esse sujeito. Como se precisássemos dele para estar na merda... Nenhuma ética! É um crápula! Ele publica e a gente que se vire! Louis, vá buscá-lo pra mim!

– É que preciso...

– Não precisa de nada! Vá buscá-lo, traga-o aqui. Se ele não quiser vir, envio a Brigada, faço-o sair do seu jornal algemado e meto-o em prisão preventiva!

Louis preferiu não insistir. O comandante Verhoeven tinha nitidamente perdido o senso de realidade.

No momento em que Louis saía, Mehdi passou seu telefone para Camille:

– Patrão, um jornalista do *Le Monde*...

– Manda ir se foder – disse Camille, dando meia-volta – E se vier com “patrão” de novo, vá você se foder com ele.

## 2

Louis era um rapaz prudente. Ele decidiu agir como se fosse o superego do seu chefe, situação mais comum do que se pensa. Assim, conseguiu que Buisson o acompanhasse espontaneamente, a “convite do comandante Verhoeven”, o que o jornalista aceitou de bom grado. Camille tivera tempo para se acalmar. Mas mal se encontrou em presença de Buisson, já atirou:

– Você é um imbecil, Buisson – declarou ele.

– Talvez o senhor esteja querendo dizer “um jornalista”?

A antipatia mútua do primeiro encontro deles pairou com a mesma naturalidade. Camille preferiu receber Buisson no seu escritório, com receio de ele apanhar, ao longo da discussão deles, informações que não devia saber. Louis permaneceu perto de Camille, como se estivesse pronto para interferir caso as coisas desandassem.

– Preciso saber de onde você obtém suas informações.

– Ah, comandante, nós somos adultos demais, eu e o senhor, para jogar esse jogo! O senhor está me pedindo para trair as fontes que colocam em questão o sigilo profissional, e o senhor sabe perfeitamente...

– Certas informações colocam em questão o sigilo de inquérito. Tenho meios...

– O senhor não tem nenhum meio – cortou Buisson –, e o senhor não tem nem mesmo nenhum direito.

– Tenho o de colocá-lo em prisão preventiva. Não me custaria nada.

– Isso lhe renderia mais um escândalo. Com qual motivo, aliás? O senhor quer contestar o direito à informação livre?

– Não me venha com moral, Buisson. Vai fazer todo mundo rir. Até meu pai...

– Então, comandante, o que o senhor quer fazer? Prender toda a imprensa parisiense? O senhor é meio megalomaniaco...

Camille encarou-o por um instante, como se o estivesse vendo pela primeira vez. Buisson continuava olhando para ele com aquele

sorriso horripilante, como se eles se conhecessem há muito tempo.

– Por que está agindo assim, Buisson? Você sabe que essa investigação é muito difícil, que precisamos deter esse sujeito e tudo o que publica atrapalha consideravelmente nosso trabalho.

Buisson pareceu se acalmar subitamente, como se tivesse levado Verhoeven exatamente aonde queria.

– Propus uma troca com o senhor, comandante. O senhor recusou, não é culpa minha. Agora, se o senhor...

– De jeito nenhum, Buisson. A polícia não faz trocas com a imprensa.

Buisson abriu um largo sorriso e se recompôs em toda sua altura, olhando para Camille do mais alto que podia.

– O senhor é um homem eficiente, comandante, mas não é um homem prudente.

Camille continuou a encará-lo durante alguns segundos.

– Eu agradeço por ter vindo, Buisson.

– Foi um grande prazer, comandante. Se precisar, não pense duas vezes.

O verdadeiro deleite foi o jornal da tarde. A partir das 16 horas, o *Le Monde* retransmitia a informação de Buisson. Quando ele ligou para Irene, uma hora depois, para saber notícias dela, ela lhe informou que o rádio fazia o mesmo. A juíza Deschamps nem ligou para ele diretamente, o que evidentemente não era bom sinal.

—

Camille digitou no seu teclado: “Philippe Buisson, jornalista”.

Louis inclinou-se sobre o monitor.

– Por que está fazendo isso? – perguntou Louis enquanto Camille clicava em um site que se anunciava como “Quem é quem do jornalismo francês”.

– Gosto de saber com quem estou lidando – disse Camille, aguardando o resultado, que não demorou.

Camille assobiou.

– Ora, ora, danado! É um fidalguinho, você sabia?

– Não.

– Nada menos que Philippe Buisson de Chevesne. Isso te diz algo?

Louis refletiu por um breve momento.

– Acho que eles devem ser ligados aos Buisson de la Mortière, não?

– Ah, certamente! – disse Camille – Só pode ser isso...

– Nobreza perigourdina.<sup>20</sup> Arruinada na Revolução.

– Viva a igualdade. Tirando isso, o que mais podemos achar?

Estudos em Paris, Escola de Jornalismo. Primeiro trabalho no *Ouest-France*, alguns bicos para diários da província, um estágio na FR3 Bretanha, então *Le Matin*. Solteiro. Mas também... a lista de alguns artigos. Veja, está bem atualizado, hein! Estou em posição privilegiada...

Camille fechou a janela, depois desligou o computador. Consultou seu relógio.

– Não prefere ir para casa? – perguntou Louis.

– Camille! – chamou Cob, cuja cabeça acabava de aparecer à porta – Pode vir aqui, por favor?

### 3

– Primeira busca: a lista de Ballanger. Era o mais simples – começou Cob.

Ele tinha entrado com os dados mais significativos dos resumos oferecidos por Ballanger e seus alunos no arquivo de casos não resolvidos e ampliou a investigação para os últimos dez anos. A primeira lista obtida daquela forma não continha mais que cinco casos que pareciam corresponder a romances famosos. Uma lista recapitulava os dados de cada dossiê, as datas, os nomes dos investigadores, assim como a data em que o caso tinha sido colocado em *stand-by* por falta de resultados. Na última coluna, Cob acrescentou o título do livro correspondente.

Camille colocou seus óculos e deteve-se somente no essencial:

Junho de 1994 – Perrigny (Yonne) – Assassinato de uma família de agricultores (pai, mãe e dois filhos) – Fonte possível: Truman Capote – *A sangue frio*.

Outubro de 1996 – Toulouse – Homem morto por uma bala no dia do seu casamento – Fonte possível: William Irish – *A noiva estava de preto*.

Julho de 2000 – Corbeil – Mulher encontrada morta em um rio – Fonte possível: Émile Gaboriau – *O crime de Orcival*.

Fevereiro de 2001 – Paris – Policial morto durante um assalto – Fonte possível: W. Riley Burnett – *O pequeno César*.

Setembro de 2001 – Paris – Policial se suicida em sua viatura – Fonte possível: Michael Connelly – *O poeta*.

– Segunda busca – continuou Cob: – sua lista de “elementos aberrantes”. É um negócio bem complicado – acrescentou ele, digitando em seu teclado – Procedi por diversas etapas: *modus operandi*, indícios circunstanciais, locais cotejados com a identidade das vítimas, uma verdadeira zona, esse seu negócio...

A página enfim revelou uma tabela. Trinta e sete linhas.

– Se tirarmos os crimes de caráter espontâneo – comentou Cob, clicando na tabela com seu mouse –, os crimes sem premeditação evidente, sobram vinte e cinco. Fiz a lista para você. Desses vinte e

cinco, sete correspondem a casos que colocam em jogo vários supostos assassinos. É a segunda lista. Dos dezoito restantes, nove apresentam motivos visivelmente econômicos, as vítimas eram bem idosas, mulheres particularmente sadomasoquistas etc. Restam nove.

– Muito bem.

– É esta lista aqui, de baixo.

– Interessante?

– Pode ser...

Ele deu uma olhada.

– Como assim pode ser?

– Em nenhum desses casos, encontramos indício realmente discordante. No sentido que você coloca, quero dizer. Existem incógnitas, decerto, mas nenhum local totalmente incoerente, nenhum objeto inesperado, nenhuma data inabitual, nenhuma utilização de arma original, nada que corresponda realmente ao que procuramos.

– Vamos ver...

Camille virou-se e levantou os olhos para Elisabeth.

– Qual a sua opinião?

– Buscamos tudo nos arquivos, passamos a noite em cima disso e fizemos o balanço ao raiar do sol...

– Ok, vamos lá – disse Camille, pegando a lista, que acabava de sair da impressora, e passando para ela.

Elisabeth consultou seu relógio e respondeu com um olhar interrogativo. Camille massageou as pálpebras por um instante.

– Amanhã de manhã, Elisabeth. Com a aurora de dedos cor-de-rosa.<sup>21</sup>

Antes de partir, por sua vez, Camille enviou um e-mail ao doutor Crest, propondo-lhe um texto para o anúncio seguinte: “E suas outras obras...? C.V.”

Nobreza originária da região de Périgueux, situada na região da Aquitânia, sudoeste da França. (N.T.)

Frase consagrada no início do Canto XII da *Odisseia*, referindo-se à deusa matutina Aurora e seus dedos cor-de-rosa (*rhododaktilos*).

(N.T.)

Terça-feira, 22 de abril

# 1

Por volta das oito horas, Elisabeth chegou à sala onde todos já estavam reunidos, empurrando um carrinho de rodas sobre o qual havia empilhado os dossiês extraídos dos arquivos. Eram 14 volumosos dossiês, triados com ajuda das listas de Cob; nove de um lado, cinco do outro.

– A quantas estamos em relação a Lesage?

– A juíza acabou de dar sinal verde – respondeu Louis – Em um primeiro momento, segundo ela, há “insuficiência de elementos” para uma prisão preventiva, mas a Brigada Financeira acabou de disponibilizar todos os acessos para Cob consultar as contas da família Lesage, seus bens, hipotecas etc. Agora só depende dele.

Cob já estava imerso no trabalho, concentrado.

Desde quando ele estava ali? Ele tinha se apropriado do posto de Fernand – que, de qualquer forma, a partir do meio-dia não distinguia mais o monitor do teclado –, conectando-o ao seu. Agora sua silhueta escondia-se quase por inteiro atrás do volume dos dois largos monitores, e era possível discernir suas mãos correndo sobre os dois teclados que tinha posto diante de si, um acima do outro, como um organista.

Camille olhou pensativo para as pilhas de dossiês, em seguida, para os membros de sua equipe. Para examinar tudo aquilo, era preciso ter um bom olho e trabalhar rapidamente. A Mehdi, faltava experiência. Maleval tinha chegado com aquela cara dos dias longos e das noites que mal tinham terminado. Falta de moderação. A ajuda de Fernand, Camille não ousava nem imaginar. Seu hálito já cheirava a vinho *sauvignon* mentolado.

– Bom. Elisabeth, Armand, Louis... venham comigo.

Os quatro sentaram-se diante da grande mesa sobre a qual agora se enfileiravam as caixas de arquivos.

– Estes dossiês correspondem a casos não resolvidos. Eles todos contêm elementos aberrantes, que não correspondem ao contexto da vítima e que, portanto, poderiam estar aqui por fidelidade a um livro. É uma hipótese meio maluca, admito. Também é inútil gastar

tempo demais com isso. O objetivo é redigir um resumo claro do caso. Duas páginas mais ou menos... Serão destinadas ao professor Ballanger e a alguns dos seus estudantes. Eles devem ser capazes de nos dizer se tais casos são ou não ligados a livros que eles conhecem. Esperam nossos resumos para o final da manhã.

Camille deteve-se um instante para refletir.

– Louis, você enviará o documento por fax também para Jérôme Lesage. Veremos sua reação. Se terminarmos até, digamos, meio-dia, eles os terão em mãos no começo da tarde e podem lê-los logo em seguida.

Ele esfregou as mãos, como um esfomeado que enfim coloca-se à mesa.

– Vamos ao trabalho. Precisamos terminar isso antes do meio-dia.

## 2

Aos cuidados do professor Ballanger:

Nove casos criminais não resolvidos até hoje podem ter sido inspirados por romances policiais franceses ou estrangeiros. Eles envolvem seis mulheres, dois homens e uma criança, e todos remontam a menos de dez anos. A Brigada Criminal busca confrontar, com o máximo de precisão possível, os elementos disponíveis do inquérito com o texto dos romances que poderiam servir de modelos.

Caso 1 – 13 de outubro de 1995 – Paris – Uma mulher negra de 36 anos é encontrada em pedaços dentro de sua banheira.

Indício não explicado:

Após ser despedaçado, o corpo da vítima foi vestido com roupa de homem.

Caso 2 – 16 de maio de 1996 – Fontainebleau – Um representante comercial de 38 anos é morto com uma bala na cabeça na floresta de Fontainebleau.

Indícios não explicados:

1 – Raridade da arma utilizada, uma Colt Woodsman .22.

2 – As roupas da vítima não lhe pertenciam.

Caso 3 – 24 de março de 1998 – Paris – Uma mulher grávida de 35 anos é estripada em um depósito.

Indício não explicado:

No pé da vítima, órfã criada sob tutela da Direção Departamental dos Assuntos Sanitários e Sociais, uma coroa funerária dizia: "Aos meus queridos pais".

Caso 4 – 27 de setembro de 1998 – Maisons-Alfort – Um homem de 48 anos, morto por uma crise cardíaca, é encontrado na valeta de

uma garagem.

Indícios não explicados:

1 – A vítima, farmacêutico em Douai, foi vista no seu local de trabalho por três testemunhas diferentes no mesmo dia e próximo à hora de sua morte.

2 – Sua morte precedia em três dias o transporte do corpo até a garagem em que foi encontrado.

Caso 5 – 24 de dezembro de 1999 – Castelnau (departamento 65)  
– Uma menina de 9 anos é encontrada enforcada em uma cerejeira, em um pomar a 30 quilômetros de distância do seu domicílio.

Indício não explicado:

O umbigo da jovem vítima foi cortado com estilete antes do seu enforcamento.

Caso 6 – 4 de fevereiro de 2000 – Lille – Falecimento por hipotermia de uma mulher de 47 anos sem domicílio.

Indício não explicado:

Seu corpo é encontrado em um armário frigorífico ligado a um açougue abandonado. A energia elétrica foi tirada de um poste da rua.

Caso 7 – 24 de outubro de 2000 – Paris – O corpo nu de uma mulher estrangulada é retirado da garra hidráulica de uma escavadeira de dragagem à margem do canal de l'Ourcq.

Indícios não explicados:

1 – A vítima tinha uma falsa marca de nascença (lado interno da coxa esquerda), feita com uma tinta indelével.

2 – Lodo fresco, extraído do canal, cobria parcialmente o corpo da vítima, embora a escavadeira não tivesse sido utilizada recentemente.

Caso 8 – 4 de maio de 2001 – Clermont-Ferrand – Uma mulher de 71 anos, viúva, sem filhos, é morta com duas balas no coração.

Indício não explicado:

O homicídio é cometido e o corpo encontrado em um carro da marca Renault de ano 1987, que supostamente teria sido desmanchado seis anos antes.

Caso 9 – 8 de novembro de 2002 – La Baule – Uma mulher de 24 anos é estrangulada.

Indício não explicado:

O corpo da vítima é encontrado na praia, vestido com roupa social e coberto de neve carbônica, provinda de um extintor industrial.

### 3

No começo da tarde, a equipe começou a trabalhar a partir da primeira lista de Cob. Louis foi encarregado de estudar o primeiro caso de Perrigny, Elisabeth ficou com o de Toulouse, Maleval com o do policial morto em Paris, Armand com o caso de Corbeil, e Camille com o suicídio do policial parisiense.

As boas notícias não tardaram a aparecer. Nenhum caso apresentava semelhanças suficientes com as sinopses dos romances propostos pelo professor Ballanger. O assassino, sabia-se agora com certeza, era escrupuloso nos mínimos detalhes, e cada caso revelava distanciamentos consideráveis em relação ao texto do qual ele poderia ter sido tirado. Louis, o primeiro, entregou seu dossiê menos de quarenta e cinco minutos mais tarde (“Impossível...”, falou ele brandamente), logo seguido por Elisabeth, depois por Maleval. Camille acrescentou seu dossiê à pilha com uma gota de alívio.

– Rodada de café para todo mundo?

– Não para você... – respondeu Armand, entrando no escritório com um grande olhar desolado.

Camille juntou as mãos, massageando lentamente as pálpebras em um silêncio de igreja.

Todos os olhos estavam fixos na pálida silhueta de Armand.

– Acredito que você vai ter que ligar para o divisionário. E para a juíza Deschamps...

– O que foi? – perguntou enfim Camille.

– Chama-se *O crime de Orcival*.

– Orcival – corrigiu gentilmente Louis.

– Orcival ou Orcival, pronuncie como quiser – respondeu Armand

– Mas, para mim, é o caso de Corbeil. Ponto por ponto.

O professor Ballanger escolheu aquele momento para ligar para Camille.

Com sua mão livre, Camille começou a massagear suas pálpebras. Do lugar em que se encontrava, ele via o grande quadro de cortiça no qual foram espetadas fotos do duplo crime de Courbevoie (os dedos cortados das moças dispostos em formato de coroa), de

Tremblay (uma foto do corpo de Manuela seccionado na cintura), de Glasgow (o corpo da pequena Grace Hobson em seu abandono patético). Ele sentiu que sua respiração estava ficando pesada.

– Novidades? – perguntou ele, cautelosamente.

– Nada corresponde totalmente a algo que conhecemos – respondeu Ballanger, com voz de professor – Um dos meus estudantes acreditou reconhecer o seu caso de março de 1998, a história daquela mulher estripada em um depósito. É um livro que não conheço. Chama-se... *O assassino da sombra*. O autor seria um tal de Philip Chub, ou Hub. Totalmente desconhecido. Dei uma olhada na internet, não o encontrei. O livro deve ser bem antigo, está esgotado. No entanto, comandante, o outro caso, o representante comercial da floresta de Fontainebleau... confesso que tenho uma pequena dúvida. Há elementos que não batem, mas, enfim, assemelha-se muito a *Os energúmenos*, de John Dann MacDonald, sabe...

## 4

Louis levou para Camille a confirmação de recebimento do novo anúncio que Cob havia transmitido e que estaria on-line o mais tardar no dia seguinte pela manhã. No momento em que o jovem rapaz partia novamente, Camille deteve-o por um instante.

– Louis! Gostaria muito de saber o que acontece entre você e Maleval.

A fisionomia do seu adjunto crispou-se de imediato. Camille soube instantaneamente que não ficaria sabendo de nada.

– Briga de homem...? – arriscou, tentando fazê-lo reagir.

– Não é uma briga. É... uma pequena discórdia, nada além.

Camille levantou-se e aproximou-se. Em casos como aquele, Louis tinha sempre o mesmo reflexo. Ele parecia retrair-se em si mesmo, como se quisesse abolir a diferença de tamanho entre eles ou manifestar uma espécie de sujeição que, ao mesmo tempo, lisonjeava e irritava Camille.

– Só vou te dizer uma coisa, Louis, e não quero ter que repetir. Se as brigas de vocês tiverem relação com nosso trabalho...

Ele mal terminou a frase e Louis interrompeu-o:

– De forma alguma!

Camille encarou-o por um instante, hesitando sobre a jurisprudência a adotar.

– Não gosto nada disso, Louis.

– É pessoal.

– Íntimo?

– Pessoal.

– Le Guen está me esperando, preciso ir – concluiu Camille, voltando para sua mesa.

Louis partiu em seguida. Camille observou a mão que afastaria a mecha, mas não se lembrava mais do código. Ele permaneceu imerso em seus pensamentos ainda por alguns instantes, ligou para Cob pela linha interna e depois decidiu, enfim, partir.

## 5

Ao fim do dia, Le Guen estava terminando de ler as duas minutas que Camille havia digitado apressadamente. Totalmente esparramado em sua nova poltrona, ele segurava os papéis em suas duas mãos, apoiados sobre a barriga. Durante a leitura, Camille revia em sua mente o filme dos dois casos que acabavam de surgir, ao menos aqueles que ele tinha conseguido reconstituir.

—

A primeira minuta referia-se às “semelhanças mais distantes”, apontadas por Ballanger, entre um romance americano de 1950 intitulado *Os energúmenos* e o caso de Fontainebleau.

No dia 16 de maio de 1996, ao fim da manhã, Jean-Claude Boniface e Nadège Vermontel toparam com o corpo de um homem com uma bala na cabeça na floresta de Fontainebleau.

O homem foi rapidamente identificado como Roland Souchier, representante comercial de metais sanitários e encanamento. A bala provinha de uma automática .22, arma pouco encontrada no país. A arma não foi reconhecida pelo arquivo. A carteira, o dinheiro e os cartões de crédito haviam desaparecido. Um gasto no cartão foi revelado no mesmo dia, feito em um pequeno posto de gasolina situado a trinta quilômetros ao sul, e o fugitivo utilizava o carro de Souchier, o que tornou ainda mais convincente a tese de um crime hediondo tendo o roubo como objetivo.

Dois elementos particulares tinham chamado a atenção dos investigadores. O primeiro era aquela automática .22, pouco comum. A balística havia apontado que se tratava de uma Colt Woodsman, arma americana de competição e de lazer, cuja fabricação fora interrompida nos anos 1960. Somente algumas unidades haviam sido registradas na França.

O segundo fato curioso correspondia às roupas da vítima. Naquele dia, ele vestia uma camisa esporte azul-clara e mocas-sins brancos. Sua esposa notou o vestuário no reconhecimento do corpo. Ela foi categórica nesse ponto: seu marido jamais possuía aquelas roupas. Seu depoimento mencionava até que “ela não teria permitido que ele vestisse tais roupas”.

– Essa história não bate... – falou Le Guen.

– Também acho que não.

Eles compararam as informações do dossiê com os trechos do livro que Ballanger tinha enviado por fax. John D. MacDonald, nº 698 da Série Noire.

1962 para a tradução francesa.

Página 163:

*Havia escombros de rochedos a sete ou oito metros [...] O homem, que devia ter uns 35 anos, permanecia perto da porta aberta do carro. Ele coçou a nuca e fez uma careta. [...] Vestia uma camisa esporte azul-clara, com as axilas úmidas, uma calça cinza e sapatos preto e branco. [...]*

– Um pouco mais adiante – retomou Camille – o autor fala do assassino:

*Ele mirou de novo. Um pequeno buraco redondo apareceu sobre a testa de Beecher, em cima, levemente à esquerda. Seus olhos abriram-se. Ele deu um passo para afastar os pés, como se quisesse se fixar bem sobre as pernas. Depois desabou lentamente, como se tentasse amortecer sua queda.*

– É... – fez Le Guen, com um beijo amuado.

Eles permaneceram pensativos por um pequeno instante.

– Bom – retomou Camille –, para mim isso também não bate. Há muitos detalhes diferentes. O livro especifica que o homem recebe “golpes de canivete”, que ele usa “um grosso anel chevalier no dedinho da mão esquerda”: não há nenhum vestígio disso no morto de Fontainebleau. No romance, encontram meio cigarro e uma garrafa de Bourbon no local. Nenhum vestígio disso também. Idem

para a caixa de azulejos italianos lançados contra os rochedos. Não, não bate. É uma pista falsa.

Le Guen já tinha os olhos em outro lugar.

O silêncio que se seguiu não era mais a respeito daquele caso, que os dois já consideravam como encerrado, mas a outro, que os conduzia inevitavelmente a águas mais agitadas...

– Quanto a este aqui... – falou Le Guen com uma voz surda – Concordo com você. Acho que será necessário avisar a juíza.

—

Jean-François Richet não estava de férias, mas seu trabalho de representante comercial lhe concedia algumas folgas, principalmente em julho. Ele propôs ao seu filho, Laurent, de 16 anos, de irem pescar no rio Sena. Foi o que eles fizeram no dia 6 de julho de 2000. Tradicionalmente, era o filho que escolhia o lugar. Laurent procurou um canto ideal para aquele dia, mas não teve tempo de encontrá-lo. Ele mal tinha dado alguns passos e, com uma voz tensa e ansiosa, já chamava pelo pai: à margem do rio boiava o cadáver de uma mulher. O corpo jazia de bruços, sobre águas pouco profundas. Seu rosto estava mergulhado no lodo. Ela vestia um vestido cinza, coberto de lama e sangue.

Vinte minutos mais tarde, as forças policiais de Corbeil estavam lá. A investigação, confiada ao tenente-coronel Andréani, foi conduzida com prontidão. Menos de uma semana depois, sabia-se mais ou menos tudo o que sempre se soube, ou seja, quase nada.

A jovem mulher, de cor branca, com mais ou menos 25 anos, apresentava indícios de um violento espancamento ao longo do qual ela notavelmente fora arrastada pelo cabelo, como confirmavam a pele da testa e os punhados de cabelos. O assassino nitidamente havia utilizado um martelo para golpeá-la. A autópsia, realizada por um certo doutor Monier, revelou que a vítima não tinha morrido em

função daquelas agressões, mas um pouco mais tarde, esfaqueada com vinte e uma facadas. Nenhum vestígio de doença sexual foi levantado. A vítima segurava na mão esquerda um pedaço de tecido cinza. A morte devia remontar a mais ou menos quarenta e oito horas.

A investigação logo demonstrou que aquela jovem era uma certa Maryse Perrin, que morava em Corbeil, cujo desaparecimento tinha sido notificado quatro dias antes por seus pais e confirmado por seus amigos e empregados. A jovem cabeleireira, na verdade de 23 anos, morava no bulevar da République, número 16, em um apartamento alugado de três cômodos, que dividia com a prima, Sophie Perrin. O que se podia dizer sobre ela era banal: ela ia toda manhã ao salão usando transporte coletivo, era muito querida por lá, saía aos fins de semana com sua prima para lugares populares, flertava com rapazes e dormia com alguns deles, em suma, nada de espetacular. Exceto o fato de que ela saiu do seu domicílio na quinta-feira, 7 de julho, por volta das 7h30, vestida com uma saia branca, uma camisa branca, um casaco cor-de-rosa e sapatilhas e que só a encontraram dois dias depois, vestida com um vestido cinza, com metade da cabeça desfigurada e imersa no lodo. Aquela morte permaneceu não explicada. Nenhuma informação permitiu saber como ela desapareceu, como ela chegou até a beira do Sena, o que ela fez durante o intervalo de tempo em que desapareceu, quem ela encontrou e, portanto, quem poderia tê-la matado.

Os investigadores, porém, haviam destacado diversos elementos estranhos naquele caso aparentemente banal. O fato de a vítima não ter sofrido violência sexual, por exemplo. Na maioria das ocasiões em que uma jovem é encontrada em condições análogas, encontra-se tal indício. Nesse caso, nada parecido. Pelo que o legista pôde afirmar, as últimas relações sexuais de Maryse Perrin remetiam a muito tempo. Na verdade, a uma data tão antiga quanto as técnicas científicas de que ele dispunha podiam retrair. Tal intervalo traduzia-se em semanas. De fato, sua prima confirmava, no seu segundo interrogatório, que a vítima não "tinha saído" havia muito tempo, após uma ruptura amorosa que estava começando a se apaziguar. O protagonista daquele término, um certo Joël Vanecker,

empregado dos correios, foi interrogado e imediatamente posto fora de questão.

A verdadeira estranheza, o fato bizarro, era o vestido cinza em que a vítima fora encontrada. Com seu rastro tendo sido perdido durante vários dias, a jovem poderia muito bem ter se trocado e até mesmo diversas vezes, mas o que os investigadores não explicavam era a razão pela qual ela foi tirada do rio com um vestido longo, cuja fabricação datava da década de 1870. O fato, aliás, só foi descoberto bem mais tarde. Inicialmente, os pais e a prima acharam estranho que a jovem fosse encontrada em um vestido de baile. Aquele detalhe não batia nem com seus hábitos nem com a ideia que se podia ter dela – aliás, ela não possuía nenhum vestido daquele tipo. A atenção dos especialistas também foi atraída para o estado de deterioração daquele vestido, que desfazia-se por conta do tempo durante o qual o corpo se mantivera imerso na água. Os investigadores mandaram especialistas examinarem o tecido e a confecção. A opinião foi unânime: aquele vestido tinha sido fabricado provavelmente na região parisiense, com fios e com uma técnica que remontava à metade do século XIX. Os botões utilizados, assim como os ornamentos azuis, permitiam precisar a data de 1863, com uma margem de erro de mais ou menos três anos.

Foi solicitado aos especialistas que avaliassem o preço do vestido. O crime não tinha, pode-se dizer, nada de gratuito, pois o assassino não hesitara em jogar na água, junto ao cadáver, uma antiguidade de quase três mil euros. A única razão que podiam invocar era que ele talvez não soubesse o preço da peça.

Pesquisas foram feitas junto a antiquários e sucateiros. Por falta de funcionários, a zona de investigação limitou-se somente à região do crime e, depois de semanas de trabalho, as conclusões não avançaram nem um milímetro.

Diziam que se a moça fora “encontrada naquele vestido” era porque ela não tinha sido morta dentro dele. A moça fora espancada e morta em outras roupas, e por volta de trinta e seis horas mais tarde, fora vestida com aquele maldito vestido de baile, e ali novamente surgia um detalhe estranho. O assassino não se contentou em jogar o corpo na água. Ele depositou o corpo da

jovem com uma espécie de delicadeza, e tanto as dobras do vestido quanto a profundidade com que o rosto tinha sido imerso no lodo denotavam um empenho, uma espécie de luxo de precauções totalmente surpreendente para um homem que a tinha matado a marteladas algumas horas antes.

Os investigadores evidentemente ficaram perplexos diante do significado daquele detalhe.

Hoje, graças ao ressurgimento do *Crime de Orcival*, um romance de Émile Gaboriau publicado em 1867, que Ballanger classificara entre os romances fundamentais do gênero policial, nenhum dos estranhos detalhes daquele crime pareciam misteriosos. A condessa de Trémourel, vítima do romance de Gaboriau, era, assim como a pequena Perrin, loira de olhos azuis. Não havia dúvida de que, tanto pela maneira como o corpo foi disposto quanto como ela foi morta, suas roupas, o pedaço de tecido cinza que ela ainda segurava na mão esquerda, em suma, não havia dúvida de que cada detalhe correspondia ao romance, ponto por ponto. Perfeição do detalhe: o próprio vestido foi fabricado na data da ação romanesca. Para Camille, era certeza: ele se encontrava diante de um quarto caso.

– Exceto a impressão digital – falou Le Guen – Por que esse cara deixa uma falsa impressão digital em cada corpo e não nesse?

– Esse cara só começa a assinar seus crimes a partir de Glasgow, não me pergunte por quê. Em seguida, assina todos. O que quer dizer que não há outros para descobrir desde então. É a única boa notícia.

– Agora há apenas casos por vir... – disse Le Guen, como se falasse consigo mesmo.

## 6

Irene tinha feito chá.

Sentada em uma das poltronas da sala, ela observava a chuva que tinha começado à noite, batendo agora contra as vidraças com uma persistência calma, que demonstrava bem sua obstinação.

Eles tinham feito um tipo de lanche para o jantar. Irene não preparava mais nada além de pratos frios. Sem contar que, desde o começo do mês, ela não tinha mais energia para cozinhar. E ela nunca sabia a que horas eles poderiam se pôr à mesa.

– Belos tempos para os crimes, meu amor... – falou ela pensativamente, segurando a xícara com as duas mãos, como se estivesse se aquecendo.

– Por que você está dizendo isso? – perguntou ele.

– Ah, por nada...

Ele pegou o livro que estava folheando e veio sentar-se aos seus pés.

– Cansa...

– Cansada?

Eles tinham falado exatamente ao mesmo tempo.

– Como chamam isso? – perguntou Camille.

– Não sei. Transmissão de pensamento, suponho.

Eles permaneceram assim um longo momento, cada um em seus pensamentos.

– Você tem se entediado bastante, não é?

– Agora sim. O tempo tem demorado para passar.

– Quer fazer alguma coisa amanhã à noite? – perguntou Camille, sem convicção.

– Parir, gostaria muito...

– Preciso achar meu kit de primeiros socorros.

Ele tinha puxado o livro para perto e virava as páginas distraidamente, deixando assim passarem as pinturas de Caravaggio. Deteve-se na reprodução de *Madalena em êxtase*. Irene curvou-se levemente para ver por cima do seu ombro. Na tela, Madalena levanta o rosto para o céu, a boca aberta, as mãos cruzadas sobre a

barriga. Sua longa cabeleira ruiva escorre pelo ombro direito até contornar os peitos, estando o seio esquerdo quase descoberto. Camille gostava daquela imagem de mulher. Ele voltou algumas páginas e observou um instante a imagem de Maria que Caravaggio fazia figurar em *Descanso na fuga para o Egito*.

– É a mesma? – perguntou Irene.

– Não sei.

Aquela mulher estava encurvada sobre seu filho. A cabeleira dela ali era de uma vermelhidão mais próxima à cor púrpura.

– Acho que ela está gozando – disse Irene.

– Não, acho que é Teresa que está gozando.

– Elas todas estão gozando.

Madalena em êxtase, Maria com o filho. Ele não disse, mas era assim que via Irene quando pensava nela. Ele sentia-a nas suas costas, pesada e quente. As consequências da chegada de Irene em sua vida tinham sido incalculáveis. Ele apanhou sua mão por cima do ombro.

Quarta-feira, 23 de abril

# 1

O tipo de mulher sobre a qual não se diz nada, nem bonita nem feia, e que não se pode definir a idade. Um rosto conhecido, que faz parte da família, como uma antiga colega de classe. Por volta dos 40 anos, roupas de uma discrição deprimente e o decalque apenas afeminado do seu irmão, Christine Lesage sentou-se em frente de Verhoeven, com as mãos discretamente cruzadas sobre os joelhos. Se tem medo, se está impressionada, difícil dizer. Seus olhos fixam obstinadamente os próprios joelhos. Camille acredita ver nela uma determinação capaz de chegar ao extremo. Se, por um lado, seu rosto apresenta uma semelhança rigorosamente surpreendente com o do seu irmão, por outro, Christine Lesage deixa discernir em si uma vontade mais forte.

Porém, existe nela algo de desgarrado. Seus olhos, às vezes, fogem por um instante, como se ela perdesse o pé.

– Senhora Lesage, a senhora sabe por que está aqui... – começou Camille, colocando seus óculos.

– É a respeito do meu irmão, me disseram...

A voz dela, que ele ouve pela primeira vez, é fina, um pouco alta demais, como se ela estivesse respondendo a uma provocação. Até a maneira que ela pronunciou a palavra “irmão” disse muito. Reflexo de mãe, de certa forma.

– Exatamente. O interrogatório é a respeito dele.

– Não vejo o que poderia incriminá-lo.

– É o que vamos tentar descobrir juntos, se assim desejar.

Gostaria de obter, da sua parte, alguns esclarecimentos.

– Eu já disse o que tinha a dizer para o seu colega...

– Sim – respondeu Camille, mostrando-lhe o papel colocado diante dele –, mas, justamente, o que a senhora tem a dizer não é grande coisa.

Christine Lesage cruza novamente as mãos sobre os joelhos. A entrevista, para ela, acabou de terminar.

– Nós estamos particularmente interessados em sua estada na Grã-Bretanha. Em... – Camille coloca seus óculos um breve instante

para consultar sua minuta – julho de 2001.

– Nós não estávamos na Grã-Bretanha, inspetor...

– Comandante.

– Estávamos na Inglaterra.

– Tem certeza?

– Vocês não têm?

– Bem, não, para ser sincero, nós não temos... Não no que diz respeito ao resto da viagem. Vocês chegaram a Londres no dia 2 de julho... Estamos de acordo?

– Talvez...

– Certo. Seu irmão deixa Londres no dia 8 e vai para Edimburgo. Na Escócia, senhora Lesage. Na Grã-Bretanha, de certa forma. Sua passagem de volta confirma seu retorno a Londres no dia 12 de julho. Estou enganado?

– Se o senhor está dizendo...

– A senhora não se deu conta de que seu irmão se ausentou por quase cinco dias?

– O senhor disse do dia 8 ao dia 12. Isso dá quatro, não cinco.

– Onde ele estava?

– O senhor mesmo disse: em Edimburgo.

– O que ele fazia lá?

– Nós temos um correspondente lá. Como em Londres. Meu irmão visita os correspondentes cada vez que tem oportunidade. É... encontro comercial, se assim preferir.

– O seu correspondente é o senhor Somerville – retomou Camille.

– Isso. Senhor Somerville.

– Temos um pequeno problema, senhora Lesage. O senhor Somerville foi interrogado esta manhã pela polícia de Edimburgo. Ele realmente recebeu seu irmão, mas só no dia 8. No dia 9, seu irmão deixou Edimburgo. A senhora poderia me dizer o que ele fez entre o dia 9 e o dia 12?

Camille imediatamente teve a sensação de que ela acabava de descobrir aquela informação. Ela ganhou um ar desconfiado, rancoroso.

– Turismo, suponho – enfim falou ela.

– Turismo. Certamente. Ele visitou a Escócia, suas terras, seus lagos, seus castelos, seus fantasmas...

– Me poupe de clichês, inspetor...

– Comandante. Na sua opinião, teria a curiosidade dele o levado a visitar Glasgow?

– Não tenho a menor ideia. Não vejo o que ele poderia ter feito lá, aliás.

– Matar a pequena Grace Hobson, por exemplo?

Verhoeven lançou a isca. Já tinha visto manobras menores obterem sucesso. Christine Lesage não se mostra nem um pouco desconcertada.

– O senhor tem provas disso?

– Conhece o nome de Grace Hobson?

– Li nos jornais.

– Vou recapitular: seu irmão deixa Londres para passar quatro dias em Edimburgo, mas fica por lá apenas um dia, e a senhora não sabe o que ele fez durante os outros três dias.

– É mais ou menos isso, sim.

– Mais ou menos...

– É isso. Tenho certeza de que ele não terá nenhum mal a...

– Veremos. Passemos a novembro de 2001, se a senhora desejar.

– O seu colega já me...

– Eu sei, senhora Lesage, eu sei. A senhora vai apenas me confirmar isso e não falaremos mais a respeito. No dia 21 de novembro, portanto...

– O senhor lembra o que o senhor fez no dia 21 de novembro de dois anos atrás?

– Senhora Lesage, a pergunta não está sendo feita para mim, é para a senhora! E é a respeito do seu irmão. Ele se ausenta bastante, não é?

– Comandante – responde Christine Lesage, com um tom paciente, como se estivesse se dirigindo a uma criança –, nós temos um comércio. Livros usados, de segunda mão, que meu irmão compra e revende. Ele visita bibliotecas privadas para comprar livros, visita estoques, faz avaliações especializadas, compra diretamente com seus parceiros comerciais, revende obras para eles... veja bem

que tudo isso não se faz permanecendo atrás de um balcão de loja. Então, sim, meu irmão se desloca bastante.

– O que faz com que nunca se saiba onde ele está...

Christine Lesage reflete por um longo tempo, pensando na estratégia a adotar.

– O senhor não acha que poderíamos ganhar tempo? Se me disser claramente...

– É bem simples, senhora Lesage. Seu irmão nos ligou para nos colocar na pista de um crime e...

– Isso dá muita vontade de ajudar...

– Nós não pedimos a ajuda dele, foi ele que nos propôs.

Voluntariamente. Generosamente. Ele nos indicou que o duplo crime de Courbevoie foi inspirado por uma obra de Bret Easton Ellis. Ele estava bem informado. Tinha razão.

– É seu trabalho.

– Matar prostitutas?

Christine Lesage enrubesceu imediatamente.

– Se o senhor tiver provas, comandante, eu escuto. Aliás, se o senhor tivesse, eu não estaria aqui respondendo suas perguntas. Posso ir embora? – disse ela, querendo se levantar.

Camille limita-se a olhá-la fixamente. Ela abandona frouxamente o gesto que havia apenas esboçado.

– Tivemos acesso às agendas do seu irmão. É um homem escrupuloso. Parece muito organizado. Nossos agentes estão analisando seu cronograma. Ao longo dos últimos cinco anos. Por enquanto, não efetuamos mais que algumas sondagens, mas é bizarro como existem erros... Para alguém tão organizado.

– Erros...? – perguntou ela, surpresa.

– Sim, vemos que ele está aqui... ele não está. Ele anota compromissos que não existem. Esse tipo de coisas. Diz que está com alguém e não está. Então, inevitavelmente, a gente começa a se perguntar.

– A se perguntar o quê, comandante?

– Oras, o que ele está fazendo todo esse tempo. O que ele está fazendo em novembro de 2001 enquanto alguém corta ao meio uma prostituta de 23 anos, o que ele está fazendo no começo deste mês,

enquanto estão esquartejando duas prostitutas em Courbevoie. Ele frequenta muito as prostitutas, seu irmão?

– O senhor é repugnante.

– E ele?

– Se isso for tudo que o senhor tem contra meu irmão...

– Ora, justamente, senhora Lesage, essas não são as únicas perguntas que fazemos a respeito dele. Nós nos perguntamos também onde está o dinheiro dele.

Christine Lesage levanta para Camille um olhar pasmo.

– O dinheiro dele?

– Enfim, o dinheiro de vocês. Porque, segundo o que acreditamos compreender... É ele que administra a fortuna de vocês, não é?

– Não tenho "fortuna"!

Ela destacou a palavra como se fosse uma ofensa.

– Todavia... Vocês possuem... estou vendo... um portfólio de ações, dois apartamentos em Paris postos para locação, uma residência de família. Ah, veja, a propósito, enviamos uma equipe para lá.

– Para Villeréal? Posso saber por quê?

– Estamos procurando dois cadáveres, senhora Lesage. Um grande e um pequeno. Voltaremos a isso. Então, a fortuna...

– Foi ao meu irmão que confiei a gestão.

– Bem, senhora Lesage, receio que a senhora não tenha feito uma escolha muito prudente...

Christine Lesage encara Camille por um longo tempo. Surpresa, raiva, dúvida... Ele não consegue decifrar o que há naquele olhar. Logo compreende que bastava ver nele uma surda determinação:

– Tudo o que meu irmão fez com esse dinheiro, eu autorizei, comandante. Tudo. Sem exceção.

## 2

- E isso quer dizer o quê?
- Honestamente, Jean, não faço ideia. Eles realmente têm uma relação estranha, aqueles dois. Não, não faço ideia.

—

Jérôme Lesage está bem reto em sua cadeira e demonstra uma calma forçada, superficial. Ele deseja transmitir que não é homem de se deixar levar.

- Acabei de conversar com sua irmã, senhor Lesage.
- Apesar da sua decisão evidente de não manifestar nenhuma preocupação, Lesage franze a sobrancelha involuntariamente.
- Por que com ela? – perguntou ele, como se estivesse se informando sobre o cardápio ou os horários do trem.
- Para entendê-lo melhor. Para tentar entendê-lo melhor.

—

- Ela o defende com unhas e dentes. Será difícil transpor os dois.
- Bom, no fim das contas, formam um casal.
- Sim, pra complicar mais.
- Um casal é sempre complicado. Pelo menos os meus sempre foram complicados.

—

– Sua agenda é difícil de acompanhar, sabe? Mesmo sua irmã, que o conhece bem...

– Ela só conhece o que quero mostrar.

Ele cruza as mãos diante de Camille. Para ele, aquele assunto está encerrado. Camille opta pelo silêncio.

– O senhor pode me dizer pelo que está me incriminando? – perguntou, enfim, Lesage.

– Não o estou incriminando por nada. Estou conduzindo um inquérito criminal. E tenho muitos mortos em mãos, senhor Lesage.

– Não deveria nunca ter te ajudado, nem da primeira vez.

– A vontade foi mais forte.

– Verdade.

Lesage parece ele mesmo surpreso com sua resposta.

– Eu me senti orgulhoso por ter reconhecido o livro de Ellis quando li os resumos dos crimes – prosseguiu ele pensativamente – Mas isso não faz de mim um assassino.

—

– Ela o defende. Ele a protege. Ou o contrário.

– O que temos, Camille? De verdade, o que é que nós temos?

– Lacunas no seu calendário, primeiramente.

—

– Gostaria em primeiro lugar que o senhor explicasse sua estada na Escócia.

- O que o senhor deseja saber?
- Oras, o que o senhor fez entre o dia 9 e o dia 12 de julho de 2001. O senhor chega a Edimburgo no dia 9. O senhor parte de lá na mesma noite e só reaparece no dia 12. Isso dá uma lacuna de quatro dias. O que o senhor fez durante aqueles dias?
- Turismo.

—

- Ele dá explicações?
- Não. Ele está ganhando tempo. Espera que tenhamos provas. Ele entendeu bem que não podíamos fazer grande coisa contra ele. Eles entenderam, os dois.

—

- Turismo... Onde?
- Por aí. Passeei. Como todo mundo. Quando se está de férias...
- Nem todo mundo que sai de férias vai matar garotas na primeira capital que visita, senhor Lesage.
- Não matei ninguém...!
- Pela primeira vez desde o começo do interrogatório, o livreiro demonstra veemência. Mostrar-se altivo em relação a Verhoeven é uma coisa, correr o risco de se passar por assassino é outra.
- Não disse isso...
- Não, o senhor não disse... Mas estou vendo bem que o senhor está tentando fazer de mim um assassino.
- O senhor escreveu livros, senhor Lesage? Romances?
- Não. Jamais. Eu sou um leitor.

- Um grande leitor!
- É o meu trabalho. Por acaso eu o incrimino por viver rodeado de assassinos?
- É uma pena não escrever romances, senhor Lesage, porque o senhor tem uma bela imaginação. Por que inventa compromissos fantasiosos, compromissos com ninguém? O que o senhor faz com todo esse tempo? Por que o senhor precisa de tanto tempo, senhor Lesage?
- Preciso tomar um ar.
- O senhor já toma ar fresco demais! O senhor vai encontrar putas?
- Normalmente. Como o senhor, suponho...

—

- E rombos no seu orçamento.
- Rombos grandes?
- Cob está fazendo as contas. Avalia-se em dezenas de milhares de euros. Gastos em dinheiro, quase todos. Quinhentos aqui, dois mil ali... Acaba dando bastante.
- Desde quando?
- Pelo menos cinco anos. Não tivemos autorização para investigar antes desse período.
- E a maninha não percebeu nada?
- É o que parece.

—

- Estamos investigando suas contas. Sua irmã vai ficar surpresa...

– Deixe minha irmã fora disso!

Lesage olha para Camille como se, pela primeira vez, ele se dignasse a lhe confiar um dado de natureza um tanto pessoal.

– É uma mulher muito frágil.

– Para mim, pareceu uma mulher sólida.

– Desde a morte do marido, ela tem estado muito depressiva. É por isso que eu a trouxe para casa. É um fardo pesado, acredite em mim.

– O senhor é reembolsado generosamente, pelo que me parece.

– É um negócio entre mim e ela, isso não é da sua conta.

– O senhor conhece alguma coisa que não é da conta da polícia, senhor Lesage?

—

– Bom, em que ponto você está?

– Bem, justamente, aí é que tem um problema, Jean...

—

– Voltaremos a isso, senhor Lesage. Temos todo o tempo necessário.

– Não quero ficar aqui.

– Não está em seu poder decidir isso.

– Quero ver um advogado.

– Certamente, senhor Lesage. O senhor acha que precisa de um?

– Diante de gente como o senhor, todo mundo precisa de advogado.

- Só uma pergunta. Nós lhe enviamos uma lista de casos não resolvidos. Fiquei surpreso com a sua reação.
- Que reação?
- Bem, justamente. Nenhuma reação.
- Eu tinha avisado que não o ajudaria mais. O que eu deveria ter feito, na sua opinião?
- Não sei... Discernir a semelhança entre um dos nossos casos e *Os energúmenos*, de John D. MacDonald, por exemplo. Mas talvez o senhor não conheça esse livro...
- Eu o conheço perfeitamente, senhor Verhoeven! – irrita-se o livreiro, subitamente – E posso dizer para o senhor que essa história não corresponde em nada ao livro de MacDonald. Há muitos elementos diferentes. Verifiquei no texto.
- O senhor mesmo verificou! Veja só! E o senhor não achou certo me informar, é uma pena.
- Eu já informei. Duas vezes. Isso me trouxe aqui. Então agora...
- O senhor também informou a imprensa. De cortesia, certamente.
- Já me expliquei a respeito disso. Minha declaração a esse jornalista não é contra a lei. Exijo que me deixem partir imediatamente.
- Mais surpreendente ainda – prosseguiu Camille, como se não tivesse ouvido –, para um homem da sua cultura, não reconhecer entre oito “histórias”, um clássico como *O crime de Orcival*, de Gaboriau!
- O senhor realmente me toma por um babaca, comandante!
- Certamente que não, senhor Lesage.
- Quem disse para o senhor que eu não reconheci?
- O senhor. Visto que não nos falou dele.
- Eu o reconheci logo de cara. Qualquer um reconheceria. Exceto o senhor, evidentemente. Poderia ter dito ainda mais...

- Um problema... Já não temos problemas o bastante?
- É justamente o que estava pensando comigo. Você quer o quê, Jean? A gente não sai do lugar.
- E o que é dessa vez?

—

- O que o senhor poderia ter dito, senhor Lesage?
- Prefiro me calar.
- O senhor vai aumentar nossa suspeita. Sua situação já não é tão confortável assim...

—

– Nossa lista de casos não resolvidos. Falei dela para ele novamente. De início, ele não queria dizer nada. Enfim, você sabe como é, todos temos nossas vaidades...

—

- O que o senhor não quis nos dizer?
- ...
- Vamos, está morrendo de vontade – encorajou Camille. Lesage encarou-o friamente. Desprezo mal disfarçado.

– Esse seu caso aí... Da moça na escavadeira de dragagem.

– Sim?

– Antes de ser morta, ela tinha vestido roupas de banho?

– Creio que sim, descobriram isso pelas marcas de bronzeamento.

O que o senhor quer me dizer, Lesage?

– Acho que... é *Roseanna*.

### 3

Bulevares periféricos, grandes artérias, avenidas, canais, longas áreas de circulação. Acontecem dramas e crueldades, acidentes e óbitos nesses lugares. A olho nu, tudo desfila incessantemente e não parece se deter, exceto o que se esvaece e cujo vestígio imediatamente desaparece, como que engolido pelas águas de um lago. Não seria possível contar tudo o que se encontra ali: sapatos e telhas de metal, roupas, fortunas, canetas, caixas, bacias e tambores.

E até mesmo corpos.

Vinte e cinco de agosto de 2000. Os serviços do saneamento estavam se preparando para colocar em funcionamento um guindaste escavadeira, encarregado de revirar o fundo do canal para extrair um lodo sem precedentes e derramá-lo em uma balsa.

Os curiosos não perdiam nada. Pescadores, aposentados, vizinhos, transeuntes, todos se detinham sobre a ponte Blériot para observar a manobra.

Por volta das 10h30, o motor se pôs a roncar, soluçando e deixando a fumaça do escapamento escura como fuligem. A barcaça de entulho, calma como um peixe morto, aguardava no meio do canal. Alguns minutos mais tarde, o guindaste estava pronto ao lado dela. A garra hidráulica estendida estava em frente à ponte sobre a qual uma dúzia de pessoas havia se reunido. Lucien Blanchard, responsável pela manobra, de pé próximo ao guindaste, deu o sinal de partida com um gesto das mãos ao condutor da escavadeira, que por sua vez virou a alavanca de comando. Um barulho seco e metálico se fez ouvir. A grande garra hidráulica deu um brusco sobressalto, moveu-se diante da ponte e entabulou sua primeira descida à água.

A garra mal havia avançado um metro e a atenção de Lucien Blanchard foi atraída pelo movimento das pessoas que observavam da ponte do canal. Elas conversavam entre si, apontando para a garra hidráulica. Três ou quatro pessoas gritavam algo fazendo gestos, com os braços estendidos sobre a cabeça. Quando a garra

mergulhou na água, as pessoas começaram a gritar mais alto e Blanchard percebeu que alguma coisa estava acontecendo. Sem mesmo saber por que, gritou para o condutor da escavadeira parar a manobra. Então a máquina imobilizou-se imediatamente, imersa pela metade. Um homem à frente dos demais, com os braços estendidos, as mãos amplamente abertas, fazia gestos de baixo para cima. Blanchard percebeu que estavam pedindo para subirem a garra hidráulica de volta. Irritado, jogou seu cigarro na ponte. Acostumado a chefiar sozinho a manobra, ele não aceitava muito bem ser interrompido. Na verdade, ele não sabia o que fazer, contrariado com sua própria indecisão. Como todo mundo sobre a ponte do canal tinha adotado o mesmo gesto do homem e gesticulava energicamente, continuando a gritar, enfim se decidiu, mandando desfazerem a manobra. A garra hidráulica saiu da água, fez um movimento brusco para trás e imobilizou-se de novo. Lucien Blanchard aproximou-se e deu um sinal para o condutor descer a garra para ver o que estava acontecendo. Uma vez à altura dos seus olhos, Blanchard percebeu que a coisa era feia. No interior da garra gotejante aparecia o corpo nu de uma mulher, imerso pela metade em um charco de lodo escuro.

Os primeiros testemunhos descreveram o corpo como o de uma mulher de 25 a 30 anos. As fotos não prestavam homenagem à sua eventual graciosidade. Camille estirou-as sobre sua mesa. Uma dúzia de fotos, formato grande.

Na verdade, mesmo quando viva, ela não deveria ter sido particularmente bonita. Cintura larga, seios bem pequenos, coxas espessas. Ela parecia um rascunho, como se a natureza tivesse feito as coisas um pouco distraidamente, misturando, em um mesmo corpo, elementos díspares, gorduras e finuras, um traseiro imponente com pezinhos de japonesa. A jovem mulher devia ter feito algumas sessões de raios ultravioleta (as análises da epiderme desmentiam que as marcas fossem por conta do sol). Distinguia-se nitidamente o biquíni que ela devia ter vestido. O corpo não tinha nenhum indício nítido de agressão, com exceção de um tipo de esfoladura que ia da cintura até o osso íliaco. Marcas residuais de cimento permitiam pensar que o corpo da jovem mulher tivesse sido

arrastado pelo chão. Quanto ao seu rosto, amolecido pela permanência na água e no lodo, deixava entrever sobrancelhas negras, bem espessas, uma boca bem grande, cabelo moreno médio.

O inquérito, confiado ao tenente Murette, revelou que a jovem mulher tinha sido estrangulada após ter sofrido agressões sexuais de teor pervertido. Embora o assassino tivesse agido com violência e brutalidade, ele não se agarrara ao corpo. Houve estupro com sodomia e depois estrangulamento.

Camille avançava lentamente em sua leitura. Levantou a cabeça várias vezes, como se quisesse absorver as informações antes de prosseguir, como se esperasse que um clique fosse acontecer de repente. Não acontecia nada. A investigação era triste de morrer. Não haviam descoberto nada, ou quase nada.

O relatório da autópsia não permitia a Camille refinar o retrato mental da vítima. Ela tinha mais ou menos 25 anos, um e sessenta e oito de altura, pesava 58 quilos e não apresentava nenhuma cicatriz. As marcas deixadas pelos raios ultravioletas mostravam que tinha usado um biquíni, óculos e sandálias de praia. A vítima não fumava e não teve filhos nem aborto espontâneo. Identificava-se que era limpa e zelosa com a saúde, sem preocupações excessivas com sua aparência. Ela não tinha nenhuma marca de uma eventual joia que seu assassino poderia ter retirado. Também não tinha usado esmaltes, nem mesmo maquiagem. Sua última refeição havia sido feita seis horas antes de sua morte – carne, maçãs, morangos. Ela tinha bebido uma quantidade considerável de leite.

O corpo parecia ter permanecido por volta de doze horas no lodo antes de ser descoberto. Em tais constatações, todavia, dois elementos chamaram a atenção dos investigadores, dois elementos estranhos sobre os quais nenhum relatório propunha outra conclusão além das evidências protocolares, ao menos para o primeiro dos dois. A princípio, a vítima foi encontrada estendida na garra hidráulica e coberta de lodo.

Aquele lodo era espantoso. O corpo já estava na garra hidráulica antes que a manobra de dragagem tivesse começado. A escavadeira tinha iniciado a imersão na água do canal, mas não descera fundo o

suficiente para extrair todo aquele lodo. De fato, era preciso concluir, embora aquele detalhe parecesse surpreendente, que o assassino havia posto lodo na garra hidráulica depois de ter depositado o cadáver dentro dela. A que motivação aquele gesto poderia corresponder? O tenente Murette não levantou nenhuma hipótese, limitando-se a destacar o fato com insistência. Olhando de perto, toda aquela cena era bem estranha. Camille tentou reconstituí-la, revirando consigo todas as soluções possíveis e concluindo que o assassino devia ter efetuado um trabalho curioso. Depois de ter erguido o corpo até a garra hidráulica (segundo o relatório, a altura do solo não excedia um metro e trinta), ele deve ter retirado lodo do canal (a análise era categórica quanto àquele ponto: era o mesmo lodo do canal) para jogá-lo em seguida sobre o corpo. A quantidade depositada supunha que ele deve ter repetido o gesto numerosas vezes, caso tivesse utilizado um balde ou algo do gênero. Os investigadores da época ficaram bastante indecisos quanto ao significado daquele gesto.

Camille sentiu na espinha um curioso calafrio. Aquele detalhe era certamente preocupante. Nenhuma razão lógica poderia ter levado o assassino a tal gesto, a menos que se tratasse realmente da reconstituição de um livro...

O segundo fato curioso era o que Louis havia assinalado em seu resumo, isto é, uma estranha marca no corpo da vítima. Parecia uma marca de nascença, como se encontra em muitos corpos. Aliás, as primeiras constatações registraram-na como tal. Procedeu-se rapidamente. Algumas fotos no local, as habituais demarcações topográficas, as medidas de costume. O exame do corpo propriamente dito foi efetuado no necrotério. Segundo o relatório da autópsia, tratava-se, na verdade, de uma marca falsa. Por volta de cinco centímetros de diâmetro, de cor marrom, tinha sido feita com tinta acrílica de uso comum, aplicada cuidadosamente com pincel. Sua forma remetia vagamente à de um animal. Os investigadores, segundo as prioridades de seus inconscientes, inclinavam-se tanto para a forma de um porco, quanto para a de um cachorro. Encontraram até alguém bastante versado em zoologia – um certo Vaquier, que participou da investigação –, que chegou a enxergar

um facóquero. A marca tinha sido recoberta por um verniz transparente fosco, base de ácido secativo, do tipo utilizado em pintura artística. Camille analisou aquele fato com atenção. Ele mesmo já tinha utilizado aquela técnica, outrora, quando trabalhava com acrílico. Mais tarde, ele trocou por tinta óleo, mas ainda se lembrava do cheiro de éter daquele verniz, cheiro inebriante que não se sabe se é agradável ou não e que causa uma dor de cabeça terrível em caso de utilização prolongada, conforme dizem. Para Camille, aquele gesto só podia significar uma coisa: o assassino queria que aquela marca resistisse, que a permanência do corpo na água com lodo não a apagasse.

A pesquisa feita no arquivo de pessoas desaparecidas não deu em nada, na época. O anúncio foi comunicado a todos os serviços que poderiam oferecer qualquer informação. Tudo em vão. A identidade da vítima nunca foi descoberta. As pesquisas a partir dos indícios não tinham dado em nada, embora tivessem sido conduzidas com minúcia pelo tenente Murette. Tanto a tinta quanto o verniz eram de uso muito comum para constituir uma pista eventual. Quanto à presença de tanto lodo, era o fato que permanecia não explicado. O dossiê tinha sido abandonado naquele estado, por falta de pistas suficientes.

## 4

– Droga, como se pronuncia isso? – disse Le Guen, cerrando os olhos sobre os nomes: Sjöwall e Wahlöö.

Camille não fez nenhum comentário. Limitou-se a abrir o livro *Roseanna*, declarando:

– Página 23.

*Morte por estrangulamento, ponderou Martin Beck. Ele folheou a série de fotografias: o canal, a draga, a garra hidráulica em primeiro plano, o corpo estendido sobre a barragem, o corpo no necrotério. [...] Ele a via diante de si tal como estava na foto, nua e abandonada, os ombros retos, uma mecha negra traçando sua espiral ao longo do pescoço. [...] Ela media um metro e sessenta e seis, tinha olhos azul-cinza e o cabelo castanho-claro. Dentes em bom estado. Nenhuma cicatriz operatória nem outras marcas particulares, com exceção de uma marca de nascença situada na parte superior da parte interna da coxa, a mais ou menos 3,75 centímetros da virilha. Aquela mancha, marrom e aproximadamente do tamanho de uma moeda de 10 øres, de contorno desigual, tinha a forma de um pequeno porco...*

– Ok... – falou Le Guen.

*– A última refeição que ela havia ingerido – retomou Camille, prosseguindo a leitura – precedera de 3 a 5 horas a morte. Ela tinha comido carne, maçã, morango e bebido leite... E aqui: Era uma mulher. Eles deitaram-na sobre uma lona ao longo do canal. O homem da ponte... Não, vou pular isso, espera, aqui, veja: Ela estava nua e não usava nenhuma joia. Sua pele estava bronzeada e, a julgar pelas marcas mais claras, tinha tomado banhos de sol usando biquíni. Ela tinha a cintura larga e as coxas grossas.*

## 5

Louis e Maleval recapitularam os dados da investigação do canal de l'Ourcq. O impasse se devia principalmente ao fracasso da pesquisa sobre a identidade da jovem vítima. Consultaram todos os arquivos disponíveis, falaram com os bancos de dados internacionais. Esforços não tinham sido poupados. Discernindo, no extremo da sala, a silhueta de Cob mascarada por seus monitores, Verhoeven pensou no paradoxo que representava o puro e simples desaparecimento de uma jovem mulher em uma sociedade tão organizada por arquivos. Cadastros, listas, inventários, registro de todas as informações significativas de nossas vidas, rastreamento da menor de nossas ligações, dos nossos deslocamentos, de nossas despesas, de alguns destinos individuais... Mediante uma sequência de coincidências e conjunções imprevisíveis parecidas com milagres, muitos desses dados conseguiam escapar de qualquer pesquisa. Uma jovem mulher de 25 anos que tivera pais, amigos, amantes, chefes e um estado civil podia pura e simplesmente desaparecer. Um mês podia se passar sem que uma amiga se surpreendesse por ela não ter ligado mais, um ano inteiro podia transcorrer sem que um namorado, antes tão apaixonado, se preocupasse por não vê-la voltar de viagem. Pais sem cartão-postal, ligações que permaneceram sem retorno... a jovem já tinha desaparecido antes de ser morta sob os olhos deles. A menos que se tratasse de uma solitária, de uma órfã, de uma rebelde em fuga, com tanta raiva do mundo que parou de escrever a todos. Talvez, antes que ela desaparecesse, eles todos já tivessem desaparecido aos olhos dela.

No quadro, Louis tinha feito uma retrospectiva para a consulta de todos, como se aquilo tivesse se tornado necessário. Em apenas alguns dias, os casos tinham vindo à tona em uma cadência que ninguém podia acompanhar:

7 de julho de 2000: Corbeil: *O crime de Orcival* (Gaboriau)

Vítima: Maryse Perrin (23 anos)

24 de agosto de 2000: Paris: *Roseanna* (Sjöwall e Wahlöö)  
Vítima: ?

10 de julho de 2001: Glasgow: *Laidlaw* (McIlvanney)  
Vítima: Grace Hobson (19 anos)

21 de novembro de 2001: Tremblay: *Dália Negra* (Ellroy)  
Vítimas: Manuela Constanza (24 anos) + Henri Lambert (51 anos)

11 de abril de 2003: Courbevoie: *O psicopata americano* (B. E. Ellis)  
Vítimas: Évelyne Rouvray (23 anos) + Josiane Debeuf (21 anos) + François Cottet (40 anos)

– A equipe que está no local em Villeréal, casa de campo dos Lesage, continua sem encontrar nada – disse Louis – De início, começaram por uma busca no jardim. Segundo eles, seria preciso meses para revirar tamanho espaço...

– Christine Lesage voltou para casa, mandei acompanharem-na – acrescentou Maleval.

– Muito bem.

O momento devia ser bem crítico para que Elisabeth se recusasse a ir fumar na calçada. Fernand tinha se ausentado por um pequeno instante, titubeando dignamente. Normalmente, quando ele desaparecia àquela hora, só o viam no dia seguinte. Armand não parecia contrariado com aquilo. Ele já tinha se apropriado do último maço de cigarros de seu companheiro de equipe e podia aguardar tranquilamente a próxima leva.

Com Mehdi e Maleval de um lado, Louis e Elisabeth do outro, a equipe de Camille continuava na confrontação entre os dados que já possuíam sobre Jérôme Lesage e os dados dos cinco casos de que dispunham. A primeira dupla trabalhava com o calendário, os deslocamentos, os compromissos de Lesage; a segunda, com as finanças. Armand, ajudado por Cob, tentava satisfazer a demanda de todas as equipes, lançando investigações simultâneas, concentrando-se mais uma vez nos detalhes de cada um dos cinco casos, à luz das informações que lhe chegavam dos outros grupos. Seriam necessárias muitas horas para conduzir bem tal trabalho, do qual dependiam em grande parte os resultados dos primeiros interrogatórios do dia seguinte. Quanto mais sólidos fossem os dados levantados pelas confrontações, mais Verhoeven podia esperar pôr Lesage contra a parede, até mesmo obter confissões com rapidez.

– No plano financeiro – informou Louis, colocando as mãos abertas sobre a mesa e mostrando cada dossiê –, existem muitos gastos e as datas são irregulares. Estamos fazendo análises de valores que foram necessários para organizar cada crime. Verificamos todos os gastos suspeitos durante os períodos dos crimes, os faturamentos também. É complicado porque as fontes de dinheiro são muito diversas. Ações vendidas ou trocadas com lucros, cujos montantes nem sempre conhecemos, vendas em dinheiro na loja, compras e revendas de bibliotecas inteiras, de lotes junto aos parceiros comerciais. Quanto às despesas, é ainda um pouco mais complicado... Se não conseguirmos tirar tudo isso a limpo, precisaremos da ajuda de um especialista da Brigada Financeira.

– Vou dar uma ligada para Le Guen, pedir para ele contatar a juíza Deschamps e ficar pronto para transmitir a solicitação.

Cob, por sua vez, tinha requisitado um terceiro ponto que não pôde conectar com os dois monitores de que já dispunha, por falta de espaço, e levantava-se a cada dois ou três minutos para atualizar pesquisas que estava efetuando em um ponto distante.

Maleval e Mehdi eram ambos da geração informática e quase não tomavam notas manuscritas. Camille encontrou-os, comprimidos um contra o outro, curvados em direção aos seus monitores, cada um

segurando em mãos um celular, que lhes permitia ligar para os contatos profissionais de Lesage assim que obtinham as coordenadas.

– Alguns compromissos – comentou Maleval enquanto Mehdi era posto em espera por um correspondente –, são bastante antigos. A gente pede para as pessoas verificarem, em seguida elas ligam de volta, demora bastante. Tanto que...

Maleval foi interrompido pelo toque do celular de Camille.

– O divisionário acabou de me informar – disse a juíza Deschamps  
– O caso do canal de l'Ourcq...

– A identidade da vítima nunca foi elucidada – completou Camille  
– Isso torna as coisas ainda mais complicadas.

Eles discutiram alguns minutos sobre a estratégia a ser tomada.

– Não acho que o diálogo via pequenos anúncios vá durar muito tempo – disse Camille, concluindo – Por enquanto, esse sujeito desfruta da publicidade com a qual sonhava. A meu ver, ele não vai passar do último anúncio.

– O que te faz dizer isso, comandante?

– Primeiro, uma intuição. Mas também um fato. Salvo engano, não devem mais haver casos antigos. Tecnicamente, ele não tem mais nada a nos dizer. E, depois, é um pouco natural. Ele vai se cansar, vai desconfiar. Em todo hábito existe uma perspectiva de risco.

– De qualquer forma, mais um caso novo... E aí? A imprensa de amanhã vai nos bombardear, comandante.

– Principalmente eu.

– O senhor tem a imprensa, eu tenho o ministro. Cada um com sua cruz.

O tom da juíza Deschamps não era mais o mesmo dos primeiros dias, o que era paradoxal. Quanto mais a investigação patinava, mais ela parecia complacente. Aquilo evidentemente não era um bom presságio, e Camille prometeu a si mesmo conversar a respeito com Le Guen antes de ir embora.

– A quantas o senhor está com seu livreiro?

– A irmã dele vai tentar fornecer todos os álibis de que ele precisa. A equipe toda está trabalhando para preparar os interrogatórios de amanhã.

– O senhor está contando em ir até o fim com a prisão preventiva? – perguntou ela enfim.

– Sim. Espero ir além dela.

– A jornada hoje foi longa, e a de amanhã não parece que será mais curta.

Camille consultou seu relógio. A imagem de Irene se impôs de imediato. Ele fez um gesto de despedida.

Quinta-feira, 24 de abril

# 1

*Le Matin*

*Duas novas "obras" do Romancista: pânico na Brigada Criminal*

*O Romancista não para de surpreender...*

*Autor, no último 11 de abril, de um duplo crime em Courbevoie, ele já havia sido considerado o responsável pelo homicídio da jovem Manuela Constanza, cujo corpo foi encontrado cortado ao meio na altura da cintura, em um terreno baldio de Tremblay-en-France, em novembro de 2001. Há alguns dias descobriram que ele também foi o autor, em julho do mesmo ano, do homicídio da jovem Grace Hobson, brutalmente assassinada em Glasgow, reconstituindo assim o crime imaginado por um romancista escocês, William McIlvanney, em seu romance Laidlaw. Sua sinistra lista de honra continha quatro vítimas, todas jovens, todas "executadas" em encenações tão assustadoras quanto macabras.*

*Dois outros grandes casos aparecem hoje ao público.*

*O assassinato de uma jovem cabeleireira de 23 anos, morta com mais de vinte facadas em julho de 2000, seria a reconstituição metódica de um clássico do romance policial: O crime de Orcival, de Émile Gaboriau, romance do fim do século XIX.*

*Em agosto de 2000, o corpo de uma outra jovem mulher, estrangulada após ter sido submetida a abusos sexuais hediondos, seria a reconstituição de uma obra policial de dois escritores suecos, Sjöwall e Wahlöö, intitulada Roseanna.*

*Até agora, cinco livros no total serviram de pretexto para esse projeto insano. Seis jovens mulheres encontraram a morte, na maioria dos casos em condições atroz.*

*A polícia, literalmente abatida por essa enxurrada de assassinatos em série, como sabemos, rebaixou-se ao ponto de entrar em contato com o assassino via pequenos anúncios. O último "E suas outras obras...?" salienta claramente a admiração deveras surpreendente que os investigadores parecem ter por esse criminoso.*

*Uma novidade: a prisão preventiva de um livreiro parisiense, senhor Jérôme Lesage, hoje suspeito número um. Sua irmã,*

*Christine Lesage, ouvida ontem pela Brigada Criminal, e literalmente abalada pela prisão do seu irmão, comenta com justa indignação: "Jérôme é o único a ter ajudado a polícia quando ela não entendia nada desse caso... Aí está sua recompensa! Diante da ausência total de provas, nosso advogado vai exigir sua libertação imediatamente".*

*De fato, parece que, diante desse suspeito "prático", a polícia não dispõe de nenhuma prova tangível, e só justifica tal prisão com uma série de coincidências pelas quais cada um de nós também poderia ser vítima... Quantos crimes ainda serão descobertos? Quantas jovens inocentes ainda serão mortas, massacradas, violentadas, brutalmente assassinadas antes que a polícia consiga deter o assassino?*

*Tantas são as perguntas que naturalmente todos nós nos fazemos com ansiedade.*

## 2

Apesar da segurança que havia demonstrado, Jérôme Lesage decerto não havia cerrado os olhos durante a noite. Estava com o rosto mais pálido, a coluna mais curvada, e se mantinha sobre sua cadeira com uma rigidez cerimoniosa, olhando fixamente para a mesa e apertando as mãos uma contra a outra para tentar interromper o discreto tremor.

Camille sentou-se diante dele, colocando sobre a mesa um dossiê e uma folha na qual rabiscara algumas notas com uma letra indecifrável.

– Nós olhamos mais de perto suas agendas desses últimos meses, senhor Lesage.

– Eu quero um advogado – respondeu Lesage com uma voz grave e cortante, na qual, no entanto, se notava um tremor nervoso.

– Já disse para o senhor que ainda não chegou o momento.

Lesage olhou para ele, como se estivesse decidido a aceitar um desafio.

– Se o senhor nos explicar isso tudo, senhor Lesage – prosseguiu Camille, batendo no seu dossiê com a palma da mão –, nós o deixaremos voltar para casa.

Ele colocou os óculos.

– Primeiro, seu calendário. Vamos tomar apenas os últimos meses, pode ser? Ao acaso... No dia 4 de dezembro, o senhor tem encontro marcado com um parceiro, senhor Pelissier. Ele estava ausente de Paris e não o encontrou nessa data. Nos dias 17, 18 e 19 de dezembro, o senhor deve ir a um leilão em Mâcon. Ninguém o vê por lá, o senhor nem mesmo se inscreveu. No dia 11 de janeiro, encontro marcado com a senhora Bertleman para fazer uma análise especializada. Ela só o viu no dia 16. No dia 24 de janeiro, o senhor deveria estar no Salon de Cologne durante quatro dias. O senhor nem põe os pés lá... No dia...

– Por favor...

– Como?

Lesage olhava para suas mãos. Camille quisera criar um efeito de distanciamento, mantendo o nariz mergulhado em suas notas. Quando levantou a cabeça, Jérôme Lesage não era mais o mesmo. A fachada segura parecia ter cedido espaço a um imenso cansaço.

– É para minha irmã... – murmurou ele.

– Para sua irmã...? O senhor finge trabalhar para sua irmã, é isso?

Lesage limitou-se a uma breve afirmação com a cabeça.

– Por quê?

Diante do mutismo de Lesage, Camille deixou passar um longo momento e decidiu penetrar na brecha que acabava de se abrir.

– Suas... ausências são irregulares, mas frequentes. O mais embaraçoso é que elas correspondem muitas vezes a momentos em que jovens garotas são assassinadas. Então, necessariamente, a gente acaba se fazendo perguntas.

Camille cedeu a Lesage um curto tempo para reflexão.

– Ainda mais – continuou ele – porque somas importantes também desaparecem em suas finanças. Vejamos... fevereiro e março deste ano, o senhor liquida um portfólio de ações pertencentes à sua irmã, sobre o qual o senhor é oficialmente o responsável. Aliás, é difícil localizar isso em suas movimentações na bolsa. De qualquer forma, são nada menos que quatro mil e quinhentos euros de ações liquidadas. Posso lhe perguntar o que fez com esse dinheiro?

– É pessoal! – disse Lesage, levantando bruscamente a cabeça.

– Não é mais, desde que as somas consideráveis que desaparecem de suas contas correspondem ao período em que um assassino está preparando crimes para os quais precisa de um bom dinheiro, se o senhor entende o que quero dizer.

– Não fui eu! – gritou o livreiro, batendo com o punho na mesa.

– Então explique suas ausências e suas despesas.

– Cabe ao senhor prová-las, não a mim!

– Perguntaremos à juíza o que ela pensa.

– Não quero que minha irmã...

– Pois não...?

Agora Lesage fazia todo o esforço de que era capaz.

– Não quer que ela saiba que o senhor não trabalha o tanto que alega, que o senhor gasta o dinheiro que pertence a ela, é isso.

– Deixe-a fora disso. Ela é muito frágil. Deixe-a.

– O que o senhor não quer que ela saiba?

Diante do seu mutismo obstinado, Camille deu um longo suspiro.

– Bem, então, vamos recomeçar. Na data em que Grace Hobson é assassinada em Glasgow, o senhor desaparece enquanto está de férias em Londres. De Londres a Glasgow – acrescentou Camille, levantando os olhos por cima dos óculos – é um pulo. Na hora em que...

Louis tinha entrado tão discretamente na sala de interrogatório que Camille só percebeu sua presença quando o jovem rapaz chegou perto dele e debruçou-se em sua orelha.

– O senhor pode vir aqui um instante? – perguntou ele, sussurrando – Telefone. É urgente...

Camille levantou-se lentamente, olhando para Lesage, que curvava a cabeça.

– Senhor Lesage, ou o senhor nos explica tudo isso e quanto antes melhor, ou o senhor não explica e então terei outras perguntas, mais íntimas, a fazer...

### 3

Irene tinha sofrido uma queda na rua des Martyrs. Pisando em falso na calçada. Passantes vieram em seu socorro. Ela dissera que estava tudo bem, mas permanecera deitada na calçada, segurando a barriga com as duas mãos, tentando retomar o fôlego. Um comerciante ligou para o pronto-socorro. Os enfermeiros do SAMU encontraram-na alguns minutos mais tarde, sentada, com as pernas afastadas, no estabelecimento do açougueiro, cuja esposa explicava a todo mundo o ocorrido nos mínimos detalhes. Irene, por sua vez, não tinha nenhuma lembrança, salvo aquele desconforto e aquela dor que agora tomava todo o seu corpo. O comerciante dizia sem parar:

– Dá um tempo, Yvonne, você já está enchendo...

Ofereceram-lhe um copo de suco de laranja. Irene segurava-o ainda intacto em suas mãos, como um objeto de devoção.

Em seguida, deitaram-na em uma maca que atravessou um caminho tumultuado do estabelecimento à ambulância.

—

Camille, ofegante pela correria, encontrou-a em uma cama, no segundo andar da clínica Montambert.

– Como você está? – perguntou ele.

– Eu cáí – respondeu simplesmente Irene, como se sua mente tivesse permanecido fixa naquela evidência incompreensível.

– Está sentindo dor? O que os médicos dizem?

– Eu cáí...

Então Irene se pôs a chorar suavemente, olhando para ele. Camille segurou suas mãos. Ele também teria chorado se aquele rosto não se assemelhasse tão precisamente ao de Irene em um

sonho que ele tivera, no qual ela dizia “Você não vê que ele me causa dor?”.

– Está sentindo dor? – repetia Camille – Você está sentindo dor?  
Mas Irene chorava segurando a barriga.

– Eles me deram uma injeção...

– Primeiro ela deve se acalmar e voltar a si.

Camille virou-se. O médico tinha o aspecto de um universitário do primeiro ano. Óculos pequenos, cabelos um pouco longos, sorriso pós-adolescente. Ele aproximou-se da cama e tomou a mão de Irene.

– Vai ficar tudo bem, não é?

– Sim – disse Irene, enfim sorrindo em meio às lágrimas – Sim, vai ficar tudo bem.

– A senhora caiu, é tudo. E ficou assustada.

Camille, agora relegado ao pé da cama, sentiu-se excluído. Ele afastou a ideia que invadiu sua mente e sentiu-se aliviado ao ouvir o médico continuar:

– O bebê, por sua vez, não gostou muito desse alvoroço todo. Ele acha a posição um pouco desconfortável e acredito que ele está ansioso para sair um pouco e ver o que está acontecendo.

– O senhor acha mesmo? – perguntou Irene.

– Tenho certeza. Na minha opinião, ele até está com pressa. Em algumas horas, saberemos mais. Espero que o quarto dele esteja pronto – acrescentou, sorrindo gentilmente.

Irene olhou para o médico ansiosa.

– O que isso tudo pode causar?

– Um pequeno prematuro de três semanas, é tudo.

—

Louis ligou para Elisabeth e pediu para encontrá-los na casa de Camille. Eles chegaram juntos, como em um jogo sincronizado.

– E então? Logo, logo papai? – perguntou Elisabeth, sorrindo.

Camille não tinha voltado totalmente a si. Ele perambulava do quarto à sala, tentando juntar, na maior desordem, coisas que logo em seguida perdia.

– Vou ajudá-lo – disse Elisabeth. Louis tinha acabado de encorajá-la com uma piscada de olho antes de sair.

Mais sistemática, mais organizada, ela encontrou sem dificuldade a maleta que Irene devia ter preparado havia muito tempo e que continha tudo o que era necessário para sua permanência na clínica. Camille ficou surpreso ao ver a mala, ainda que provavelmente Irene tivesse lhe falado a respeito e lhe mostrado, caso precisassem.

Elisabeth verificou o conteúdo e, depois, fazendo perguntas a Camille para se orientar pelo apartamento, apanhou ainda duas ou três coisas.

– Pronto, acho que estou pronta.

– Ppffff... – suspirou Camille, sentado no sofá.

Ele olhava para Elisabeth agradecido e sorria sem jeito.

– É gentil da sua parte... – disse enfim Camille – Vou levar tudo para ela.

– Será que a Elisabeth poderia fazer isso? – arriscou Louis, que tinha acabado de subir com a correspondência.

Os três olharam silenciosamente a carta que ele tinha em mãos.

## 4

Caro Camille,

Que prazer ler seu anúncio de novo!

*"Suas outras obras...?", pergunta o senhor. Esperava mais fineza de sua parte. Note bem que não estou com raiva, o senhor faz o melhor que pode. Ninguém faria melhor que o senhor.*

*Mas, enfim, seu último anúncio é um pouco grosseiro. Que ingenuidade! Adiante, esses parênteses devem ser fechados. Vou lhe falar dos casos que o senhor conhece e ocultar as surpresas, senão... senão onde estaria o prazer? Pois ainda estou ocultando algumas surpresas do senhor!*

*Então, Glasgow. O senhor ainda não me perguntou nada, mas sei que a pergunta queima nos seus lábios. Ali as coisas ocorreram naturalmente. O livro genial de McIlvanney oferece os detalhes básicos para essa operação, cuja elegância o senhor irá notar. O livro foi inspirado em um caso real inusitado. Amo essas alianças perfeitas que ligam tão perfeitamente a literatura à vida.*

*Avistei a jovem Grace Hobson na entrada da boate, tinha estacionado meu carro alugado do outro lado. Escolhi-a de imediato. Com seu rosto que mal havia saído da infância, sua cintura ainda fina, mas como se já estivesse fadada às primeiras cargas dos 30 anos, ela era como a encarnação daquela cidade envolvente e nostálgica. Já era tarde, a rua não estava mais movimentada havia muito tempo quando subitamente eu a vi sair sozinha pela calçada, inquieta e nervosa. Mal podia imaginar tamanha dádiva. Eu tinha planejado segui-la, verificar seus trajetos e seus hábitos, em seguida raptá-la... não tinha planejado ficar tanto tempo em Glasgow, e não esperava me deparar com ela se oferecendo a mim tão espontaneamente. Saí do carro imediatamente com meu mapa de Glasgow em mãos e perguntei-lhe um caminho imaginário num inglês que eu calculei soar desajeitado e charmoso. Dei um sorriso sem jeito. Estávamos em frente à boate e eu não queria ficar lá por muito tempo. Assim, escutando suas explicações, franzindo as sobrancelhas como para acompanhar com atenção e dificuldade uma explicação num inglês demasiado rápido para mim, eu a conduzi para o carro. Abrimos o mapa sobre o capô. Eu disse que tinha que pegar um lápis no porta-luvas. Deixei a porta aberta. E, subitamente, agarrei-a contra*

*mim com muita força, enfiei um pano embebido de clorofórmio em seu rosto e, alguns minutos depois, estávamos atravessando a cidade deserta de carro, eu dirigindo com prudência, ela dormindo serenamente, em segurança. Acabei fazendo o que não tinha planejado fazer: estuprei-a no banco de trás. Ela acordou sobressaltada quando eu a penetrei, como consta no livro. Precisei adormecê-la de novo. Nesse momento, estrangulei-a enquanto ainda estava dentro dela. Nós comungamos juntos no gozo e na morte, o que, como eu e o senhor sabemos, são a mesma coisa.*

*Tive que passar pelo hotel para pegar o material de que precisava. Não me esqueci de levar a calcinha dela comigo.*

*Seus colegas escoceses devem ter lhe mostrado as fotografias da cena, tal como eu a montei em Kelvingrove Park. Não quero fingir falsa modéstia, mas, enfim, posso esperar que William McIlvanney, que vive em Glasgow, tenha sentido por mim um orgulho igual à admiração que tenho por ele.*

*Laidlaw é a primeira obra que decidi assinar. É que, até então, nenhuma polícia havia sido capaz de compreender nada do meu trabalho e eu estava farto. Sabia que era necessário colocar alguém na minha pista, que era necessário que um sinal distintivo permitisse conectar minha Laidlaw aos meus outros trabalhos. Imaginei um número considerável de métodos diferentes. A impressão digital no corpo me surgiu como o mais satisfatório. Na verdade, eu já tinha em mente, mesmo se ainda não me sentisse totalmente pronto para tal missão, trabalhar com o texto de Ellis, no qual uma impressão digital é carimbada tão visivelmente. Ao deixar um sinal distintivo, uma assinatura, eu desejava que, na falta dos policiais, que são umas bestas grosseiras – com exceção do senhor, Camille –, os estetas, os verdadeiros amantes da arte, pudessem reconhecer a obra que eu relia e apreciá-la de maneira justa. E, além disso, aquela impressão digital no artelho da pequena Hobson não desfigurava em nada o quadro magnífico que eu tinha conseguido compor no parque de Kelvingrove. Tudo estava perfeitamente no seu lugar. Aquilo era, acredito, o que eu poderia ter feito de melhor.*

*Sei que o senhor descobriu também o maravilhoso livro do nosso sueco. Roseanna foi um verdadeiro choque para mim, sabe. Forcei-me a ler logo em seguida as outras obras do nosso dueto. Infelizmente, nenhuma me forneceu o prazer verdadeiramente mágico dela.*

*A que se deve a mágica de um livro? Eis um outro grande mistério... Esse livro é imóvel como as águas do canal de l'Ourcq, poucas coisas acontecem nele. É uma longa espera. Martin Beck, o detetive, é um homem que considero moroso e atraente, muito distante daqueles detetives miseráveis privados de bondade, criados pelos autores americanos, e dos investigadores planos e racionais de muitos dos nossos autores franceses.*

*Evidentemente, escrever um Roseanna à francesa, como eu fiz, era uma tarefa dura. Era necessário que o cenário fosse uma transposição plausível, que a própria atmosfera da obra original fosse reconhecida no decorrer da cena. Nesse ponto, não poupei meios.*

*Aliás, imagine minha alegria, Camille, diria até mesmo meu júbilo, quando, naquela manhã do dia 25 de agosto, no meio dos outros curiosos sobre a ponte do canal, eu vi a garra hidráulica virar-se para nós como teria se erguido a cortina de um teatro, e vi o homem apoiado sobre a grade perto de mim gritar "Vejam, tem uma mulher ali dentro!". A notícia espalhou-se pelo pequeno grupo como poeira no vento. Imagine minha alegria.*

*Minha jovem escolhida... O senhor reparou, tenho certeza, como seu físico é o retrato fiel de Roseanna, o mesmo corpo um pouco pesado e sem graça, as mesmas articulações esguias.*

*Sjöwall e Wahlöö foram bem imprecisos quanto à natureza da morte de Roseanna. Sabemos no máximo que "a vítima encontrou a morte por estrangulamento acompanhada de abusos sexuais". O assassino, dizem-nos, "agiu com brutalidade. Foram notados indícios de teor perverso". Eis o que me deixava um vasto campo de liberdade. Os autores, todavia, foram categóricos: "Não houve muito sangue derramado". É com isso que eu devia me arranjar. O mais desconcertante residia certamente no trecho em que eles especificam: "Não se exclui a possibilidade de ela ter sofrido mutilações após sua morte. Ou, no mínimo, quando estava inconsciente. Há, no relatório da autópsia, um certo número de detalhes que permitem supor isso".*

*Certamente, havia aquela esfoladura indo da cintura ao osso íliaco, mas e daí? Como é que o senhor a teria interpretado?*

*Optei por fazer a esfoladura com uma pequena barra de cimento que fabriquei no meu porão. Acredito que os autores teriam saudado a simplicidade de tal solução. Quanto ao resto, a jovem foi*

*estrangulada a mãos nuas depois de eu tê-la sodomizado de maneira bem agressiva com uma calçadeira. Quanto à menção das mutilações, também muito vaga, escolhi matar dois coelhos com uma cajadada só ao escolher aquela calçadeira que, acredito, rompeu devidamente as mucosas anais e derramou pouco sangue.*

*Evidentemente, o que exigiu mais aprumo foi realizar aquela falsa marca de nascença. Suas análises provavelmente demonstraram que utilizei o mais banal dos produtos. Mesmo assim, tive que trabalhar muito para chegar a uma silhueta de animal correspondente à mancha de Roseanna. Não tenho a sorte de ser, como o senhor, um desenhista emérito.*

*Transportei o corpo em um carro alugado até o canal de l'Ourcq. Sabia, Camille, que eu esperei quase um ano para que a direção do saneamento decidisse dragar um segmento do canal correspondente ao local da ação? Teríamos muito a reclamar com a administração! Estou brincando, Camille, o senhor me conhece.*

*Suponho que o senhor deva estar morrendo de impaciência para saber a resposta da pergunta que tem feito desde que teve conhecimento desse caso:*

*Quem era Roseanna?*

*Roseanna chamava-se, na verdade, Alice Hedges. Ela devia ser estudante (anexo estes documentos para que o senhor possa encontrar, se tiver sorte, o rastro de sua família no Arkansas, e possa agradecê-los por terem uma filha tão cooperativa). Uma parte importante – diria até mesmo principal – do meu trabalho consistia em fazer com que a vítima não fosse identificada rapidamente, assim como acontece no livro, cujo principal mistério é sobre sua identidade. Roseanna é, antes de tudo, a história de um inquérito e teria sido ridículo, mesmo obsceno, se os seus serviços descobrissem a identidade dela em dois dias. Eu tinha encontrado a jovem na fronteira húngara, seis dias antes. Ela estava pedindo carona. Minhas primeiras conversas com Roseanna informaram-me que fazia quase dois anos que ela não dava mais sinal de vida a seus pais e que estava morando sozinha antes de empreender aquela viagem pela Europa, sobre a qual ninguém ao seu redor estava informado. Foi o que me permitiu realizar essa pequena obra-prima, cuja descoberta me deixa muito feliz.*

*O senhor deve me achar prolixo. É que não tenho absolutamente ninguém com quem falar sobre o meu trabalho. Desde que*

*compreendi o que o mundo estava me pedindo, tenho me consumido para responder a suas expectativas sem grande esperança de diálogo. Meu Deus, como o mundo é ignorante, Camille! E como é volátil. Como são raras as coisas que realmente deixam vestígios. Ninguém compreendia o que eu queria oferecer ao mundo e algumas vezes fiquei enraivecido, confesso. Sim, eu me revoltei, mais do que o senhor pode imaginar. Perdoe-me este lugar-comum, a raiva é realmente uma má conselheira. Foi preciso que eu relesse serenamente os grandes clássicos – somente a presença deles pode nos fazer desejar a elevação da alma, permitindo que a raiva que havia tomado conta de mim se acalmasse. Meses e meses para aceitar ser apenas o que sou. Foi uma rude batalha, mas consegui e, finalmente, veja como fui bem recompensado. Pois, às trevas desse período, sucederam luzes da revelação. O termo não é exagerado, Camille, eu garanto. Lembro como se fosse ontem. Minha raiva contra o mundo subitamente se esvaíra e enfim entendi o que me fora pedido, compreendi qual era minha missão. O sucesso inverossímil da literatura policial mostra, de forma inegável, a que ponto o mundo precisa de morte. E de mistério. O mundo corre atrás dessas imagens não porque precisa de imagens. Porque ele não tem nada além delas. Salvo as circunstâncias bélicas e as inacreditáveis carnificinas gratuitas que a política oferece aos homens para acalmar a incoercível necessidade de morte, o que eles têm? Imagens. O homem se atira sobre imagens de morte porque ele quer morte. E somente os artistas estão em condições de apaziguá-lo. Os escritores escrevem morte para os homens que querem morte, eles fazem drama para acalmar sua necessidade de drama. O mundo quer sempre mais. O mundo não quer somente papel e histórias, ele quer sangue, sangue de verdade. A humanidade tenta muito bem dar vazão ao seu desejo transfigurando o real – aliás, não é a tal missão de acalmar o mundo oferecendo-lhe imagens que sua mãe, uma grande artista, dedicou sua obra? –, mas esse desejo é insaciável, irrefutável. Ela quer o real, o verdadeiro. Quer sangue. Será que não existiria, entre a figuração artística e a realidade, uma via estreita para quem tivesse compaixão suficiente pela humanidade para se sacrificar um pouco por ela? Ah, Camille, não me considero um libertador, não. Nem um santo. Contento-me em tocar minha musiquinha, modestamente, e se todos os homens fizessem o mesmo esforço que eu, o mundo seria mais habitável e menos desagradável.*

*Lembre-se de Gaboriau fazendo seu inspetor Lecoq falar: "Existem pessoas que têm paixão pelo teatro. Essa paixão é um*

*pouco como a minha. Mas, mais difícil e mais blasé que o público, eu preciso de comédias verdadeiras ou dramas reais. A sociedade, eis meu teatro. Meus atores têm riso franco ou choram lágrimas de verdade". Essa frase sempre me comoveu. Meus atores também choraram lágrimas de verdade, Camille. Assim como por Évelyne, de Bret Easton Ellis, tenho uma ternura bem particular por Roseanna, porque as duas choraram magnificamente. Elas se mostraram atrizes perfeitas, totalmente à altura do papel tão difícil ao qual eu as tinha incumbido. Fui bem recompensado pela confiança que coloquei nelas.*

*O senhor talvez tenha pressentido. Teremos que interromper nossa correspondência. Estou certo de que, cedo ou tarde, retomaremos esse diálogo que instrui tanto ao senhor quanto a mim. A hora ainda não chegou. Devo terminar minha "obra" e isso demanda uma imensa concentração. Vou conseguir, eu sei. Pode confiar em mim. Resta-me dar o acabamento final ao edifício que tanto me dediquei a construir. O senhor julgará, então, a que ponto meu projeto, tão minuciosamente conduzido, tão sabiamente elaborado, é digno de figurar entre as grandes obras de arte deste século que começa.*

*Permaneço seu devoto.*

*Muito amigavelmente.*

## 5

– O doutor passou de novo. Está surpreso por eu não ter tido contrações.

– Ora – disse Camille sorrindo –, o pequerrucho não quer sair. Ele está bem onde está, eu o entendo.

Ao telefone, ele ouviu Irene sorrir.

– O que está acontecendo agora?

– Passei por uma tomografia. O pequerrucho mandou um oi. Se eu não tiver contrações daqui a uma hora ou duas, volto para casa e vamos esperar a boa vontade dele.

– Como você está se sentindo?

– Estou com o coração apertado. Estou com medo. Acho que é por isso que me seguram aqui.

Camille também sentiu seu coração apertar. Havia tanta carência, tanta intensidade na ternura com a qual Irene proferia aquelas palavras, que ele se sentiu totalmente dilacerado.

– Eu estou indo aí.

– Não é preciso, meu amor. Sua Elisabeth foi muito gentil, sabe. Agradeça a ela, hein? Ela ficou um pouco comigo, nós batemos um papo. Senti de fato que ela preferia estar em outro lugar. Ela me disse que você tinha recebido uma nova carta. Não deve estar sendo fácil para você também.

– É um pouco difícil... Você sabe que estou com você, não é?

– Sei que está, não me preocupo.

—

– Por enquanto, ele tem se mantido firme. Calendário, movimentações financeiras... mas temos muitos dados intrigantes.

– E o senhor acha que ele pode ter enviado essa carta antes de sua prisão?

– Tecnicamente, é possível.

Naquela tarde, a juíza Deschamps tinha optado por um conjunto composto por casaco e calça de uma feiura inacreditável, era um negócio cinza com largos debruns com caimento de terno de homem, macacão e bolero. O olhar daquela mulher permanecia eminentemente inteligente e Camille percebeu que charme turvo e paradoxal ela podia exercer sobre certos homens.

Ela tinha em mãos a carta do Romancista e a lia mais uma vez, com um olho rápido ao qual nada parecia poder escapar.

– O senhor preferiu soltar a irmã?

– O importante, por enquanto, é isolar um do outro – disse Le Guen – Ela está pronta para confirmar tudo o que ele disser. É tomada por uma fé cega.

– Mesmo assim, ela terá dificuldade para fazer isso – disse Camille

– Não será suficiente dizer que ele estava com ela quando não estava. Nós temos muitos dados tangíveis que não serão fáceis de contornar.

– Tal como o senhor descreve, ele parece bem aflito...

– Se for um grande pervertido, podemos esperar de tudo. Se ele tiver encenado, há anos, um jogo duplo em relação à sua irmã, não será fácil: está bem treinado. Vou precisar da ajuda do doutor Crest. Será necessário utilizar outra sala para que ele possa observá-lo.

– De qualquer forma, vocês estão certos. Passada a prisão preventiva, perderemos contato com ele. Ele se tornará até mesmo bem perigoso. Se tivermos que soltá-lo, o senhor tem os meios de garantir uma vigilância rigorosa, senhor divisionário?

Le Guen mostrou o jornal que tinha em mãos desde o começo da reunião.

– Considerando a situação, não acho que vou ter muita dificuldade para obter os efetivos necessários – falou ele sobriamente.

A juíza absteve-se de qualquer comentário.

– Ele nos faz uma ameaça – arriscou Le Guen – Talvez apenas de fachada... talvez ele não saiba realmente onde está indo.

– Tsc tsc tsc – murmurou a juíza entredentes, sem tirar os olhos da carta – É difícil imaginar que esse homem possa ter posto em prática tamanho projeto sem querer ir até o fim. Não, ele nos

informou algo fundamental – concluiu ela, olhando firmemente para os dois homens – Ele diz o que faz e faz o que diz. Desde o começo. E o que me assusta – acrescentou ela, olhando fixamente para Camille – é que esse projeto tem sido posto em prática há muito tempo. Desde o começo, ele sabe onde está indo...

– ... e nós não sabemos – disse Camille, terminando sua frase.

## 6

Louis recomeçara o interrogatório de Lesage, sucedido por Maleval e depois por Armand. Cada um tinha seu modo de operação e o contraste entre os quatro homens já tinha rendido resultados em muitos outros casos. Louis, dedicado, elegante, interrogava com muita fineza, como se a eternidade lhe pertencesse, com uma paciência de anjo, refletindo longamente a cada questão, escutando cada resposta com uma atenção perturbadora, deixando sempre pairar a dúvida sobre sua interpretação. Maleval, fiel à sua cultura de judoca, procedia com súbitos arremates. Naturalmente à vontade com os suspeitos, ele despertava confiança. Ali ele também agia como sedutor e podia tirar subitamente conclusões com extrema brutalidade, apontando uma incoerência com a mesma força com a qual devia, antes, encaixar um golpe fulminante. Quanto a Armand, ele era Armand. Debruçado sobre suas notas, não olhando quase nunca para seu interlocutor, fazia questões com uma grande minúcia, anotava escrupulosamente todas as respostas, voltava ao mínimo detalhe, podendo passar uma hora dissecando o menor acontecimento, insistindo na mínima imprecisão, na menor aproximação, largando o osso somente se ele estivesse totalmente roído. Louis interrogava por sinuosidades, Maleval em linha reta, Armand em espiral.

Quando Camille chegou, Lesage já tinha estado com Louis por uma boa hora e Maleval acabava de terminar sua própria sessão. Os dois homens, sentados à mesa diante de suas notas, trocavam conclusões. Camille ia na direção deles, mas foi interceptado por Cob que, detrás dos seus monitores, fez um gesto para ele se aproximar.

Cob mostrava-se pouco expressivo, como de costume. Foi precisamente o que surpreendeu Camille. Cob tinha recuado sua cadeira, as costas largamente apoiadas contra o encosto e observava Verhoeven se aproximar com uma fisionomia concentrada, na qual era possível ler um certo constrangimento.

– Má notícia? – perguntou Camille.

Cob colocou os cotovelos sobre a mesa, o queixo apoiado em suas mãos juntas.

– Das piores, Camille.

Eles ficaram um longo instante se olhando, incertos. Depois disso, Cob estendeu a mão para a impressora e, sem nem mesmo olhar para a folha que lhe entregava, disse:

– Sinto muito mesmo, Camille.

Camille leu a página. Uma longa coluna de números, datas e horários. Então levantou a cabeça e encarou por um momento o monitor de Cob.

– Sinto muito... – repetiu Cob, vendo-o se afastar enfim.

## 7

Verhoeven atravessou a sala e, de passagem, sem se deter, deu um tapinha no ombro de Louis dizendo:

– Você vem comigo.

Louis olhou para a direita e para a esquerda sem compreender o que estava acontecendo, levantou-se precipitadamente e seguiu Camille, que caminhava para a escada. Os dois homens não trocaram nenhuma palavra até chegarem à lanchonete do outro lado da rua, onde vez ou outra eles tomavam uma cerveja antes de irem para casa. Camille escolheu um lugar no terraço envidraçado, sentando-se no banco estofado e deixando a Louis a cadeira de costas para a rua. Eles esperaram o garçom vir anotar o pedido em silêncio.

– Um café – pediu Camille.

Louis limitou-se a um gesto que significava “a mesma coisa”. Então, aguardando que o garçom lhes trouxesse seus pedidos, ele olhou primeiro para a mesa e, em seguida, para Verhoeven, discretamente.

– Maleval te deve muito dinheiro, Louis?

E, antes mesmo que Louis pudesse esboçar o menor gesto de negação, Camille bateu com o punho tão forte sobre a mesa que as xícaras tremeram, fazendo alguns clientes das mesas vizinhas se virarem. Ele não acrescentou nenhuma palavra àquele gesto.

– Um bocado, sim – disse Louis – Ah, não é tanto assim...

– Quanto?

– Não sei exatamente...

Camille desceu de novo um punho raivoso sobre a mesa.

– Uns cinco mil...

Camille, que nunca soube muito bem contar em euros, fez mentalmente seu pequeno cálculo.

– Por quê?

– Jogo. Ele perdeu muito esses últimos tempos, devia um bocado de dinheiro.

– Faz muito tempo que você tem bancado o banqueiro, Louis?

– Sinceramente, não. Ele já tinha pegado emprestado pequenas quantias e tinha me pagado bem rapidamente. De fato, nos últimos tempos, a quantia aumentou um pouco. Quando o senhor passou em casa, no outro domingo, eu tinha acabado de fazer um cheque de cinco mil euros para ele. Avisei que era a última vez.

Camille não o olhava, com uma mão no bolso e a outra mexendo nervosamente em seu celular.

– Isso tudo é particular... – continuou calmamente Louis – Não tem nada a ver com...

Ele não terminou a frase. Reconheceu a folha que Camille acabava de passar para ele e colocou-a aberta sobre a mesa. Camille estava com lágrimas nos olhos.

– O senhor quer minha demissão? – perguntou enfim Louis.

– Você não pode me deixar na mão agora, Louis. Você não...

## 8

– Vou ter que te mandar embora, Jean-Claude...

Maleval, sentado na frente de Verhoeven, pestanejou várias vezes, procurando desesperadamente um ponto de apoio.

– Isso é muito difícil para mim... Você não imagina... Por que não me falou disso?

Na silhueta de Maleval, Camille viu subitamente seu futuro e aquilo causou-lhe uma grande dor. Exonerado, sem emprego, endividado até o pescoço, Maleval precisaria “se virar” – expressão terrível, reservada àqueles que não sabem mais como proceder.

Camille tinha posto em sua frente a lista de ligações que ele tinha feito, do seu celular, ao jornalista do *Le Matin*.

Cob tinha se limitado a fazer o levantamento a partir do dia 15 de abril, dia da descoberta do crime de Courbevoie.

A ligação tinha sido feita às 10h34.

– Isso começou quando?

– No final do ano passado. Foi ele quem entrou em contato. No começo, eu passei coisas pequenas para ele. Aquilo bastava...

– E além disso... você tem tido problemas para arcar com suas despesas, é isso?

– Sim, perdi bastante dinheiro. Louis me ajudou, mas não era o suficiente, então...

– Eu poderia ir buscá-lo pelo rabo, esse seu Buisson – disse Camille, com uma raiva que, de repente, veio à tona – Corrupção de servidor público, eu posso arruinar a vida dele no meio da sala de redação.

– Eu sei.

– E você também sabe que, se não faço isso, é somente por você.

– Eu sei – respondeu Maleval com gratidão.

– Vamos ser discretos, se preferir. Preciso ligar para o Le Guen, vou dar um jeito para que tudo aconteça da maneira mais simples possível...

– Vou para casa...

– Você fica aqui! Você só vai embora quando eu disser, entendeu?

Maleval limitou-se a balançar a cabeça.

– De quanto você precisa, Jean-Claude?

– Não preciso de nada.

– Não me deixe mais puto! Quanto?

– Onze mil.

– Puta que pariu...

Alguns segundos se passaram.

– Vou fazer um cheque para você.

E, quando Maleval ia interferir:

– Jean-Claude... – disse Camille com uma voz um tanto branda –

Vamos fazer dessa forma. Primeiro, você vai quitar suas dívidas.

Quanto a pagar o empréstimo, veremos depois. Quanto às formalidades administrativas, também vou fazer tudo correr rápido e bem. Vou tentar que te deixem pedir demissão, você sabe que farei isso, mas não depende totalmente de mim.

Maleval não agradeceu. Ele balançou a cabeça com os olhos em outro lugar, como se subitamente tomasse consciência da amplitude do naufrágio.

## 9

Armand enfim saiu da sala de interrogatório e voltou ao escritório, onde reinava uma atmosfera pesada, que sentiu assim que pôs o pé lá dentro.

Cob trabalhava em silêncio, Louis estava enclausurado atrás de sua mesa e não levantava os olhos desde o seu retorno. Quanto a Mehdi e Elisabeth, sentindo o ar pesado e sem saber como interpretá-lo, falavam com a voz mais baixa que o normal, como se estivessem em uma igreja.

Louis encarregou-se do apontamento de Armand e de cote-jar as informações das diferentes sessões de interrogatório.

—

Às 16h30, Camille ainda não havia saído da sua sala quando Louis veio bater em sua porta. Ao ouvi-lo falar ao telefone, ele entrou discretamente. Camille, imerso em sua conversa, não lhe deu a menor atenção.

– Jean, estou pedindo um favor. Na zona em que essa história já se encontra, tente imaginar, se tivermos que encarar um problema desses. É entrar numa fria. Vai ser o estopim. Ninguém sabe onde isso vai parar...

Louis esperou com paciência, com as costas apoiadas na porta, afastando febrilmente sua mecha.

– Isso – respondeu enfim Camille –, pense bem e me ligue de volta. De qualquer forma, me ligue de volta antes de fazer qualquer coisa, certo? Enfim, até logo...

Camille desligou o telefone e logo em seguida tirou-o do gancho, discando o número de casa. Aguardou pacientemente, então discou de novo, dessa vez, o número do celular de Irene.

– Vou ligar para a clínica. Irene deve ter saído mais tarde que o previsto.

– Isso pode esperar? – perguntou Louis.

– Por que você está me perguntando isso? – respondeu ele, tirando o telefone novamente.

– Por causa do Lesage. Ele tem novidades.

Camille colocou o telefone de volta ao gancho.

– Explique...

## 10

Fabienne Joly. Uma boneca de 30 anos, bem arrumada, como para um passeio de domingo. Cabelos curtos. Loiros. Óculos. Tipo banal, com alguma coisinha a mais que Camille tentou entender. Um lado sexy. Seria a discreta camisa de botões, cujos primeiros três estavam abertos, revelando o desenho dos seios? Ou as pernas que ela cruzou com uma reserva excessiva? Uma vez tendo posto sua bolsa ao lado da cadeira, ela olhava Camille de frente, como uma pessoa decidida, que não se deixa intimidar. Ela pousou as mãos cruzadas sobre os joelhos e aparentou ser capaz de manter o silêncio pelo tempo necessário.

– A senhorita sabe que tudo o que dirá aqui será registrado no depoimento que deverá assinar?

– Naturalmente. É por isso mesmo que estou aqui.

A voz, um pouco rouca, somava-se à sua estranha sedução. Era daquelas mulheres que normalmente não são vistas, mas das quais não se tiram os olhos quando são enfim percebidas. Linda boca. Camille resistiu à vontade de guardar algo dela e esboçar seu retrato sobre sua prancheta.

Louis permanecia de pé, perto da mesa de Camille, tomando algumas notas em sua caderneta.

– Então, vou pedir para a senhorita repetir para mim o que declarou ao meu colaborador.

– Eu me chamo Fabienne Joly. Tenho 34 anos. Moro na rua Fraternité, número 12, em Malakoff. Sou secretária bilíngue, atualmente desempregada. E sou amante de Jérôme Lesage desde 11 de outubro de 1997.

A jovem mulher acabava de chegar ao fim da frase que tinha preparado e perdeu um pouco do comedimento.

– E...?

– Jérôme é muito cuidadoso com a saúde da irmã, Christine. Está convencido de que se ela soubesse da nossa relação, ela cairia novamente na depressão que conheceu quando seu marido morreu. Jérôme sempre quis protegê-la. E eu aceitei assim.

– Não estou entendendo... – começou Camille.

– Tudo o que Jérôme não pode explicar é por minha causa. Sei, pelos jornais, que o senhor o detém em prisão preventiva desde ontem. Acredito que ele esteja se recusando a dar explicações para o senhor... são comprometedoras aos olhos dele. Sei que ele inventa pretextos profissionais para que possamos nos encontrar. Enfim, por causa da irmã, entende...

– Começo a entender, sim. Mas não estou certo que isso seja suficiente para explicar...

– Explicar o quê, senhor Comissário? – Camille não se alterou.

– O senhor Lesage se recusa a justificar seu cronograma e...

– Que dia? – cortou a jovem mulher.

Camille olhou para Louis.

– Bem, por exemplo, em julho de 2001, senhor Lesage vai a Edimburgo...

– Exatamente, sim, no dia 10 de julho, enfim, na noite do dia 9, mais precisamente. Eu o encontrei em Edimburgo após tomar o voo da noite. Nós passamos quatro dias nas Highlands. Depois disso, Jérôme encontrou sua irmã em Londres.

– Não basta afirmar isso, senhorita Joly. Na situação do senhor Lesage, receio que não é uma declaração sob compromisso de honra que vai resolver.

A jovem mulher engoliu em seco.

– Sei bem que isso vai parecer um pouco ridículo... – começou ela, enrubescendo.

– Por favor – encorajou Camille.

– É meu lado colegial tardio, se preferir... Eu tenho um diário – disse ela, apanhando a bolsa e mergulhando a mão nela.

Ela tirou um caderno grande de capa rosa com flores azuis, que reforçavam a sua feição romântica.

– Sim, eu sei, é idiota – disse ela, forçando-se a rir – Anoto tudo o que é importante. Os dias em que vejo Jérôme, os lugares onde vamos... colo as passagens de trem, de avião, os cartões de visita dos hotéis em que ficamos, os cardápios dos restaurantes nos quais vamos jantar.

Ela passou o caderno para Camille, mas logo se deu conta de que ele era pequeno demais para alcançá-lo por cima da mesa, então virou-se para entregá-lo a Louis.

– No final do diário, eu também anoto as contas. Não quero ficar em dívida com ele, entende. O aluguel que ele paga para mim em Malakoff, os móveis que me ajudou a comprar, tudo... oras. Este é o diário atual. Tenho outros três.

# 11

– Acabei de receber a visita da senhorita Joly – disse Camille. Lesage levantou a cabeça. A hostilidade cedera lugar à raiva.  
– O senhor realmente enfia o nariz em todo lugar. O senhor é um...

– Contenha-se imediatamente! – advertiu Camille.

Então, com mais tranquilidade:

– O senhor ia dizer uma asneira que infringe a lei, prefiro impedi-lo disso. Vamos verificar as informações que a senhorita Joly nos passou. Se nos parecerem convincentes, o senhor logo estará livre.

– Caso contrário...? – perguntou Lesage com um tom provocativo.

– Caso contrário, vou prender o senhor por vários homicídios e despachá-lo para o Tribunal. O senhor se explicará para a juíza.

A raiva de Camille era mais fingida que real. Ele estava habituado a ser respeitado e a atitude de Lesage ultrajava-o. *Passei da idade de ficar me adaptando e me esforçando*, repetiu consigo, como de costume.

Os dois homens permaneceram silenciosos um curto instante.

– Quanto à minha irmã... – começou Lesage com um tom mais complacente.

– Não se preocupe. Se forem convincentes e coerentes, todas essas informações permanecerão sob o domínio da instrução, ou seja, asseguradas pelo sigilo. O senhor poderá dizer a ela o que desejar.

Lesage levantou para Camille olhos nos quais, pela primeira vez, via-se algo semelhante a gratidão. Camille saiu e, ao chegar ao corredor, deu ordem para que o conduzissem a uma cela e lhe dessem algo para comer.

– Vou passá-lo para a secretaria.

Camille decidiu ligar de volta da repartição.

Até o momento, ele tinha resistido à vontade de telefonar para a clínica, limitando-se a deixar uma nova mensagem na caixa postal de casa.

– A senhora sabe se ela levou o celular? – perguntou ele a Elisabeth, bloqueando o receptor com a palma da mão.

– Levei para ela junto com a mala, não se preocupe.

Era exatamente isso que o preocupava. Limitou-se a agradecer.

– Não, reitero – respondeu enfim a voz da mulher – A senhora Verhoeven de fato saiu da clínica às 16 horas. Estou com o caderno de entradas e saídas diante dos olhos: 16h05 exatamente. Por que, há algum problema?

– Não, nenhum problema, obrigado – proferiu Camille sem desligar. Seus olhos estavam fixos no vazio – Obrigado de novo. Louis, me arrume uma viatura, vou passar em casa.

## 12

Verhoeven, às 18h18, subia rapidamente as escadas, ainda com o celular na orelha. Ele continuava a esperar que ela atendesse quando empurrou a porta do apartamento, que estava entreaberta. Curiosamente, ouviu o eco do toque do telefone. Por mais tolo que parecesse, ele segurou o telefone junto à orelha ao entrar no apartamento e depois ao avançar até a sala. Ele não chamou com um “Irene! Querida?”, como às vezes fazia ao chegar e ela estava na cozinha ou no banheiro. Apenas ouvia. Agora, a chamada havia caído na secretária eletrônica. Escutando outra vez aquela mensagem, da qual conhecia cada entonação e cada sílaba, Camille avançou pela sala. A maleta de Irene, a linda e pequenina maleta que ela tinha preparado estava ali, aberta e revirada sobre o chão. Camisola, nécessaire de banho, roupas...

*Esta é a caixa postal...*

A mesa da sala havia sido revirada e todos os objetos, livros, cesto de lixo e revistas jaziam mortos sobre o carpete, espalhados até as cortinas verdes, uma das quais arrancada do varão.

*... de Irene Verhoeven. Você me ligou, mas não estou...*

Com o aparelho ainda colado à orelha, enclausurado em uma vertigem contida, Camille avançou até o quarto onde o criado-mudo havia sido derrubado. Um longo rastro de sangue corria sobre o carpete até o banheiro.

*... é por esses pequenos detalhes que vemos que o destino é coisa boba.*

Havia ali, aos seus pés, uma pequena poça de sangue, bem pequena, ao pé da banheira. Todo o conteúdo da prateleira, sob o espelho, parecia ter sido revirado e estava espalhado pelo chão e pela banheira.

*Deixe uma mensagem e assim que eu retornar...*

Camille atravessou o cômodo de volta, correndo pelo quarto, pela sala, detendo-se no limiar do escritório, onde o celular de Irene, jogado ao chão, confirmava, em eco: “... assim que eu retornar, ligo de volta”.

Sem nem se dar conta, Camille discou um número, plantado ali, no limiar, com os olhos cravados no chão, hipnotizado pelo telefone de Irene, pela sua voz.

*Até logo.*

Em sua cabeça, ele repetia “Ligue de volta, meu amor... ligue de volta, eu imploro...”, quando ouviu a voz de Louis:

– Louis Mariani, pois não?

Então Camille desmoronou bruscamente de joelhos:

– LOUIS! – gritou ele, chorando – Louis, venha rápido. Eu imploro...

## 13

Toda a Brigada chegou seis minutos depois. Três viaturas, com sirenes reverberando, pararam na rua. Maleval, Mehdi e Louis subiram pulando degraus, agarrando-se ao corrimão, seguidos por Armand e Elisabeth, cada um no seu ritmo acelerado ao máximo. Le Guen encerrava a corrida ofegante, arquejando a cada patamar. Maleval deu um violento chute na porta e precipitou-se no apartamento.

—

No exato instante em que entraram, ao verem, diante deles, a maleta de Irene aberta, abandonada, a cortina arrancada e Camille sentado no sofá, com seu telefone celular ainda em mãos, olhando ao redor de si como se estivesse vendo tudo pela primeira vez, todos entenderam o que estava acontecendo. Imediatamente, cada um se pôs em ação. Louis, o primeiro de joelhos perto de Camille, retirou o telefone de suas mãos com uma cautela lenta e delicada, com a qual se tira um brinquedo de uma criança que acabou de adormecer.

– Ela desapareceu – murmurou Camille, no auge do seu desamparo.

Então, apontando para o banheiro, com um olhar estupefato:

– Tem sangue lá...

No apartamento, os passos martelavam o assoalho. Maleval apanhou rapidamente um pano na cozinha e já abria todas as portas, uma por uma, enquanto Elisabeth, com o telefone na mão, ligava para a perícia.

– Ninguém toca em nada! – gritou Louis, chamando a atenção de Mehdi, que começava a abrir os armários sem proteção.

– Espere, use isso – disse Maleval, passando-lhe um outro pano.

– Preciso de uma equipe com urgência... – disse Elisabeth.

Ela ditou o endereço.

– Passe para mim – disse Le Guen, ofegante, lívido, arrancando o telefone dela – É o Le Guen. Quero uma equipe da perícia em dez minutos. Registros, fotografia, completa. Também quero o 3º Grupo. Completo. Diga para Morin me ligar imediatamente.

Então, retirando com dificuldade seu próprio telefone do bolso de trás, discou um número, o olhar tenso.

– Divisionário Le Guen. Passe-me para a juíza Deschamps. Prioridade absoluta.

– Ninguém – falou Maleval, reaproximando-se de Louis.

Ouviu-se Le Guen gritar “Eu disse imediatamente, cacete!”.

Armand tinha se sentado no sofá, perto de Camille, com os cotovelos plantados sobre os joelhos afastados, olhos ao chão. Camille, que começava a voltar a si, levantou-se lentamente e todos se viraram para ele. O que passou no coração de Camille e na sua cabeça, talvez nem ele sabia. Olhou fixamente para a sala, para cada um dos seus colaboradores um após o outro, e um tipo de engrenagem se pôs a funcionar, formada de experiência e raiva, de técnica e transtorno, estranha composição que pode causar as piores reações nas melhores almas, mas que, em outras, desperta os sentidos, apura a visão, provoca uma determinação de certa forma feroz. Talvez seja isso o que chamam de medo.

– Ela saiu da clínica às 16h05 – murmurou ele com uma voz tão baixa que o grupo se aproximou imperceptivelmente, inclinando a orelha – Ela passou aqui – acrescentou Camille, apontando para a maleta que todos haviam contornado com cautela – Elisabeth, você cuida do prédio – disse ele abruptamente, pegando o pano que Maleval ainda tinha em mãos.

Ele foi até a escrivaninha, mexeu um instante nos papéis e tirou uma fotografia recente de Irene com ele, tirada no verão passado, durante as férias.

Passou-a a Maleval:

– No meu escritório, a impressora escaneia. É só apertar o botão verde...

Maleval partiu imediatamente para o escritório.

– Mehdi e Maleval, vocês cuidam dos arredores. Ela é conhecida por aqui, mas levem a foto mesmo assim. Irene está grávida, ele não pode tê-la posto no carro sem que ninguém tenha visto algo. Principalmente se ela estiver... ferida, eu não sei. Armand, você pega a cópia da foto, volta à clínica, à recepção, a todos os andares. Assim que nossos colegas chegarem, mando reforços para todos vocês. Louis, você volta para o escritório, coordena as equipes e avisa o Cob para que ele deixe sempre uma linha livre. Vamos precisar dele.

Maleval voltou. Ele havia tirado duas cópias e devolveu o original a Camille, que o enfiou em seu bolso. No segundo seguinte, todos já tinham partido. Ouviam-se os barulhos dos passos descendo a escada.

– Como você está? – perguntou Le Guen, aproximando-se de Camille.

– Vou ficar melhor quando a encontrarmos, Jean.

O celular de Le Guen tocou.

– Quantos homens você tem? – perguntou ele ao seu interlocutor

– Quero todos. Sim, todos. Imediatamente. Você com eles. Na casa do Camille... Sim, melhor... Estou te esperando, venha voando.

Camille tinha dado alguns passos e acabava de se ajoelhar diante da maleta aberta. Com a ponta de sua caneta, ergueu suavemente uma peça de roupa, soltou-a, levantou-se e andou até a cortina rasgada, que contemplou por um longo momento de cima a baixo.

– Camille – disse Le Guen aproximando-se – Preciso te dizer...

– Pois não – respondeu Camille, virando-se rapidamente – Deixe-me adivinhar...

– Ah, sim, você me entendeu bem... A juíza também é categórica. Você não pode ficar com esse caso. Vou ter de transferi-lo a Morin.

Le Guen balançou a cabeça.

– É um bom sujeito, Morin, você sabe... Você o conhece... Você está muito envolvido, Camille, não é possível.

Nesse momento, as sirenes soaram na rua.

—

Camille não tinha se movido, imerso em uma intensa reflexão.

– É necessário que seja alguma outra pessoa, é isso? É imprescindível?

– Ah, sim, Camille, é necessário alguém menos envolvido. Não é você que eu...

– Então é você, Jean.

– O quê?

As escadas ecoaram com os passos apressados de vários homens, a porta foi empurrada e Bergeret foi o primeiro a entrar. Ele apertou a mão de Camille, e limitou-se a um:

– Vamos agir rápido, Camille, não se incomode. Estou mobilizando todos.

Antes que Camille pudesse responder, Bergeret já tinha virado as costas e estava distribuindo instruções, inspecionando os cômodos. Dois peritos instalaram projetores. O apartamento inundou-se imediatamente em uma luz ofuscante. Os refletores foram dirigidos para o primeiro lugar a examinar, enquanto três outros peritos, depois de terem apertado a mão de Camille sem uma palavra, vestiam suas luvas e abriam suas maletas.

– Que conversa é essa? – retomou Le Guen.

– É você que eu quero dessa vez. Você sabe que é possível, não me venha com história.

– Ouça, Camille, não faço mais isso há muito tempo. Não tenho os mesmos reflexos, você sabe bem. É uma completa idiotice me pedir isso!

– É você ou ninguém. E aí?

Le Guen coçou a nuca, massageou o queixo. Seu olhar desmentia tais gestos de reflexão. Podia-se ver nele uma angústia terrível.

– Não, Camille, eu não...

– Você ou ninguém. Você aceita, sim ou não, porra?

A voz de Camille era impositiva.

– Ah sim... Eu... eu estou avisando que...

– Isso é um sim?  
– Ah... sim... mas...  
– Mas o quê, cacete?  
– Ah sim, você é foda! Sim!  
– Ok – disse Camille sem esperar mais tempo – É você. No entanto, você não tem mais experiência na área, tem reflexos lentos... você vai apanhar muito!  
– Mas... É o que acabei de dizer, Camille! – gritou Le Guen.  
– Bem – disse então Camille, encarando-o – Então você deve delegar isso a um homem de experiência. Eu aceito. Obrigado, Jean.  
Le Guen mal teve tempo de retrucar. Camille já tinha virado as costas.  
– Bergeret! Vou te mostrar o que preciso.  
Le Guen enfiou a mão no bolso para pegar seu celular e discou um número.  
– Divisionário Le Guen. Passem-me para a juíza Deschamps. Prioridade.  
E enquanto ele aguardava para falar com ela:  
– Desgraçado... – murmurou ele, observando Camille em discussão com os técnicos da perícia.

## 14

O grupo de Morin chegou alguns minutos mais tarde. Com o intuito de não atrapalhar os peritos, eles fizeram uma rápida reunião no patamar, onde somente Le Guen, Camille e Morin couberam, os outros cinco agentes permaneceram perfilados sobre os degraus abaixo.

– Sou eu que estou conduzindo a investigação sobre o desaparecimento de Irene Verhoeven. Em comum acordo com a juíza Deschamps, decidi delegar a operação ao comandante Verhoeven. Comentários?

O tom com o qual Le Guen havia acabado de anunciar a novidade não parecia passível de crítica. Fez-se um belo silêncio que Le Guen prolongou o suficiente para demonstrar sua determinação.

– Então é com você, Camille – completou ele.

De passagem, Verhoeven pediu desculpas a Morin, que levantou as duas mãos em sinal de consentimento. Então, sem transição, distribuiu as equipes de acordo com seu colega e todos voltaram correndo em direção ao térreo.

—

Peritos desceram as escadas e subiram de volta várias vezes com maletas de alumínio, caixas, um baú *case*. Dois agentes montavam guarda no prédio, o primeiro no andar superior, o segundo no patamar situado abaixo do apartamento, a fim de evitar qualquer deslocamento dos moradores pelo local. Le Guen havia colocado dois outros agentes na calçada, em frente à porta do prédio.

– Nada. Entre as 16 horas e agora, só havia gente em quatro apartamentos – explicou Elisabeth – Todo mundo estava no trabalho.

Camille estava sentado no primeiro degrau do patamar, passando o celular de uma mão para a outra. Ele virava-se regularmente para

a porta do apartamento, escancarada. Na janela de vidros foscos, eternamente fechada, que a princípio deveria transmitir um pouco de luz ao patamar, ele podia ver o balé de espasmos das luzes das sirenes, provindas dos veículos que bloqueavam a rua.

O prédio em que Camille e Irene moravam encontrava-se a uns vinte metros da esquina da rua des Martyrs. Obras de canalização, empreendidas há mais de dois meses, tinham bloqueado todo o lado da rua oposto ao prédio. Os obreiros já haviam passado pelo prédio fazia muito tempo e agora trabalhavam a trezentos metros dali, na outra extremidade, que desembocava no bulevar. No entanto, os bloqueios que impediam estacionar em frente ao prédio tinham sido mantidos. Embora nenhuma obra estivesse mais em andamento, o bloqueio da circulação permitia aos tratores e às caçambas estacionar. Entre intervalos longos, três cabanas de obreiro abrigavam material e deviam servir de cantina na hora da refeição. Duas viaturas da polícia, atravessadas no pavimento, bloqueavam a rua em suas extremidades. Os outros veículos, assim como os dois furgões da perícia, não tinham nem tentado estacionar. Em fila indiana, eles ocupavam o meio da rua, chamando a atenção dos vizinhos a pé e dos moradores dos prédios ao redor, encurvados em suas janelas.

Camille nunca tinha prestado atenção naqueles detalhes, mas quando chegou à calçada, olhou para a rua por um longo tempo, para os bloqueios do canteiro de obras. Atravessou e observou o alinhamento dos bloqueios. Voltou-se para ver a entrada do prédio, olhou para a esquina, depois para as janelas do seu apartamento, depois de novo para os bloqueios.

– É claro... – murmurou ele.

Depois disso, ele se pôs a correr para a rua des Martyrs, custosamente seguido por Elisabeth, que apertava sua bolsa contra o peito.

Ele conhecia aquela mulher, mas não se lembrava mais do seu nome.

– Senhora Antonapoulos – disse Maleval, apresentando-lhe a comerciante.

– Antanopoulos – corrigiu a mulher.

– Ela acha que os viu... – comentou Maleval – Um carro estacionou em frente ao prédio e Irene entrou nele.

O coração de Camille começou a bater forte, ressoando até a cabeça. Ele não conseguiu se concentrar em Maleval, limitando-se a fechar os olhos para afastar qualquer imagem da sua mente.

Ele fez a mulher repetir a cena. Duas vezes. Consistia, aliás, em poucas palavras e confirmava o que Camille tinha pressentido alguns minutos mais cedo, efetuando suas próprias observações. Por volta das 16h35, um carro de cor escura parou em frente ao prédio. Um homem, bem alto, do qual a comerciante enxergou apenas as costas, desceu, afastando levemente um bloqueio para estacionar sem prejudicar a circulação. Quando ela pôs os olhos na rua de novo, a porta de trás do passageiro estava bem aberta. Uma mulher tinha acabado de se alojar lá dentro, e ela viu somente as pernas dela no momento em que o homem a ajudava a subir antes de bater a porta. Ela distraiu-se por um momento. Quando olhou novamente para a rua, o carro já havia desaparecido.

– Senhora Antanopoulos – disse Camille, apontando para Elisabeth –, vou pedir para a senhora acompanhar minha colega. Nós vamos precisar da sua ajuda. E da sua memória.

A comerciante, que achava ter contado tudo o que lembrava, arregalou os olhos. Aquele fim de dia iria lhe render conversa para o resto do semestre.

– Você continua por toda a rua, principalmente os térreos dos prédios mais próximos. Encontre também os obreiros na parte de cima da rua. Eles param de trabalhar cedo. É preciso contatar a empresa. Mantenha-me informado.

# 15

Deserta dos seus agentes, todos em missão, a repartição policial parecia em férias. Cob, atrás do seu monitor, continuava suas investigações, navegando do mapa de tráfego de Paris à lista das empresas do prédio e à lista nominal dos funcionários da manutenção da clínica Montambert para munir as equipes de pesquisa.

Louis, em companhia de um jovem agente que Camille não conhecia, já havia reorganizado a sala por completo, os quadros de cortiça, lousas, dossiês. Ele dispunha agora de uma mesa imensa sobre a qual havia reclassificado todos os dossiês em andamento e passava um terço do seu tempo ao telefone para transmitir as informações a todos. Ele também tinha ligado para o doutor Crest assim que chegou ao quartel-general para lhe pedir para encontrar com eles assim que possível. Ele certamente já tinha segundas intenções e se preocupava também com a ajuda de que Camille precisaria nas próximas horas.

Crest levantou-se com a chegada de Camille e apertou sua mão com muita brandura. Camille viu um espelho no seu olhar. No rosto atento e calmo do doutor Crest, ele viu o seu, no qual a angústia tinha começado a cavar ranhuras, arregalando seus olhos, dando a toda a sua pessoa um aspecto impassível e tenso.

– Sinto muito... – disse Crest com uma voz serena.

Camille ouviu outras palavras, inúteis de expressar. Crest retomou sua posição, na ponta da mesa, espaço que Louis havia preparado para ele e no qual ele tinha aberto as três cartas do Romancista. Nas suas cópias, à margem, Crest tinha feito anotações, desenhado flechas, efetuado conexões.

Camille percebeu que Cob havia agregado um *headphone* ao seu equipamento de trabalho, que lhe permitia falar com os agentes que ligavam para ele e digitar nos seus teclados ao mesmo tempo. Louis aproximou-se para propor um primeiro balanço. Diante do olhar severo de Camille, ele limitou-se a um:

– Nada por enquanto... – disse ele, acompanhando tais palavras com um gesto em direção à sua mecha, curiosamente interrompido

– Elisabeth está na sala de interrogatório com a comerciante. Ela só se lembra do que já disse a vocês há pouco, nada parece lhe vir à memória. Um homem, de mais ou menos um metro e oitenta de altura, terno escuro. Ela não se lembra do modelo do carro. Passaram-se mais ou menos quinze minutos entre o momento em que ela o viu estacionar e o momento em que ele partiu.

Pensando na sala de interrogatório, Camille disse:

– E Lesage?

– O divisionário conversou com a juíza Deschamps, recebi ordem para libertá-lo. Ele partiu faz vinte minutos.

Camille olhou a hora. 20h20.

Cob compôs uma listagem rápida, resumindo o trabalho das equipes no local.

Na clínica Montambert, Armand não obteve nada. Sem sombra de dúvidas, Irene havia saído de lá só e livre. Por desencargo de consciência, Armand pegou os dados de duas enfermeiras e dois empregados da manutenção, que estavam trabalhando naquele horário, mas que ele não pôde interrogar porque não estavam em horário de serviço. Quatro equipes foram interrogá-los diretamente em seus domicílios. Duas delas já haviam ligado e confirmado que ninguém, por ora, se lembrava de qualquer anormalidade. A inspeção pela rua não deu melhores resultados. Salvo a senhora Antanopoulos, ninguém havia reparado em nada. O homem agira tranquilamente, a sangue frio. Cob encontrou os dados de vários obreiros que trabalhavam para a empresa operando na rua. Três equipes foram aos seus domicílios para interrogá-los. Os resultados ainda não haviam sido levantados.

Um pouco antes das 21 horas, Bergeret veio pessoalmente trazer os resultados. O indivíduo não havia utilizado luvas. Com exceção das inumeráveis impressões digitais de Irene e Camille, encontravam-se várias vezes a de um desconhecido.

– Nenhuma luva, nada, ele não tomou nenhuma precaução. Ele está pouco se lixando. Isso não é bom sinal...

Instantaneamente, Bergeret deu-se conta que tinha acabado de proferir uma expressão infeliz.

– Desculpe – murmurou ele, desconcertado.

– Não se preocupe – disse Camille, dando-lhe tapas no ombro.

– Verificamos imediatamente no arquivo – continuou Bergeret com pesar – Esse cara não é conhecido na nossa região.

A cena não pôde ser reconstituída pela perícia em todos os seus detalhes, mas várias coisas eram certas. O recente aprendizado com sua gafe compeliu Bergeret a pesar cada palavra, e por vezes, até mesmo cada fonema:

– Ele provavelmente tocou a campainha e... sua es... Irene, foi abrir a porta. Ela deve ter posto sua maleta na entrada e achamos que foi um... um chute... que...

– Ouça, meu caro – interrompeu Camille –, desse jeito não vamos sair do lugar. Nem você nem eu. Então, vamos dizer “Irene”, e quanto ao resto vamos dizer as palavras, tais como são. Um chute... Onde?

Bergeret, aliviado, tomou seu papel e não levantou os olhos dele, concentrado em suas anotações.

– Ele deve ter golpeado Irene assim que ela abriu a porta.

Camille sentiu um enjoo e rapidamente colocou a mão sobre a boca, fechando os olhos.

– Acho que o senhor Bergeret – disse então o doutor Crest – deveria primeiro passar essas informações para o senhor Mariani. Em um primeiro momento...

Camille não ouvia. Ele tinha fechado os olhos, depois abriu-os, deixou sua mão descer e voltou a si. Ele andou, sob os olhos dos outros, até o bebedouro e bebeu, um após o outro, dois copos de água gelada, depois voltou a se sentar perto de Bergeret.

– Ele toca a campainha. Irene abre. Em seguida, ele a golpeia. Sabe-se como?

Bergeret procurou com um olhar perdido o consentimento de Crest e, diante do gesto de encorajamento do doutor, respondeu:

– Encontramos um vestígio de saliva biliar. Ela deve ter tido náuseas e ter se curvado.

– Não dá para saber onde ele bateu?

– Não, isso não sabemos.

– E depois?

– Ela deve ter corrido pelo apartamento, decerto em direção à janela primeiro. Foi ela que se agarrou nas cortinas e arrancou uma delas. No meio da perseguição, o homem deve ter se chocado contra a maleta, que se abriu. Não parece que nem ele nem ela tenham tocado novamente na mala antes de saírem do apartamento. Em seguida, Irene correu para o banheiro, e foi provavelmente lá que ele a pegou.

– O sangue no chão...

– Sim. Um golpe, provavelmente na cabeça. Não muito violento, só para apagá-la. Ela sangrou um pouco ao cair. Seja antes de cair, seja ao se levantar, foi Irene que varreu com o braço toda a prateleira que se encontra sob o espelho. Aliás, ela deve ter se cortado um pouco: encontramos um pouco de sangue na beirada. A partir desse momento, não se sabe exatamente o que aconteceu. A única certeza é que ele a arrastou até a porta. Marcas no carpete mostram rastros feitos pelos saltos dela. O homem deu uma volta pelo apartamento. Supõe-se que ele tenha feito isso antes de partir. Passou pelo quarto, pela cozinha, tocou dois ou três objetos...

– Quais?

– Na cozinha, ele abriu a gaveta onde se encontram os talheres. Sua impressão digital também é encontrada no trinco da janela da cozinha, assim como na alça da geladeira.

– Por que ele fez isso?

– Ele estava esperando ela acordar. Bisbilhota enquanto espera. Há um copo com suas digitais na cozinha, assim como na torneira.

– Ele a acordou com isso.

– Acho que sim. Ele leva para ela um copo d'água.

– Ou o joga no rosto dela.

– Não, acho que não. Nesse local, não há marca de água. Não, acho que ele deu para ela beber. Há alguns fios de cabelo de Irene, ele deve ter erguido a cabeça dela. Depois, não se sabe. Tentamos examinar as escadas. Inútil. Gente demais passou por ali, não há nada a descobrir quanto a isso.

Camille, com a mão sobre a testa, tentava reconstituir a cena.

– Mais alguma coisa? – perguntou ele, enfim, levantando os olhos para Bergeret.

– Sim. Temos fios do cabelo dele. Cabelos curtos, castanhos. Não temos muito. Estão em análise. Também temos seu grupo sanguíneo.

– Como?

– Irene deve tê-lo arranhado, eu acho, no momento em que eles lutaram. Colhemos uma pequena amostra no banheiro e em uma toalha que ele usou para se limpar. Comparamos com o seu sangue, por via das dúvidas. O dele é O positivo. Um dos mais comuns.

– Cabelo castanho, curto, O positivo, o que mais?

– É tudo, Camille! Não temos m...

– Com licença. Obrigado.

## 16

Foi feito um amplo balanço quando as equipes regressaram. Os resultados eram pobres. Às 21 horas, não se sabia mais que às 18h30, ou quase o mesmo. Previamente, Crest havia estudado a última carta do Romancista e, em grande parte, confirmou o que Camille já sabia e o que ele sentia. Le Guen, sentado na única poltrona verdadeira da sala, havia acompanhado o relatório do psiquiatra com um ar de profunda seriedade.

– Ele tem prazer em jogar com o senhor. Ele maneja um pouco de suspense no começo da carta, como se vocês estivessem em um jogo. Juntos. Isso confirma o que tínhamos pressentido desde o começo.

– Ele tornou isso um caso pessoal? – perguntou Le Guen.

– Sim – respondeu Crest, virando-se para ele – Acho que sei aonde o senhor quer chegar... Não se deve entender errado a minha resposta. Não é, originalmente, um caso pessoal. Resumindo, não acho que se trate de alguém que o comandante já tenha prendido, por exemplo, ou algo assim. Não. Não é um caso pessoal. Ele se tornou um. Isso ocorre nitidamente quando ele lê o primeiro anúncio. O fato de ter utilizado uma técnica pouco ortodoxa, de assinar com as próprias iniciais, de dar seu endereço pessoal para a resposta...

– Como fui burro, hein? – perguntou Camille a Le Guen.

– É imprevisível, Camille – respondeu Le Guen no lugar do psiquiatra – De qualquer forma, tanto você como eu não somos pessoas difíceis de localizar.

Camille refletiu por um instante sobre a sua arrogância. Que pretensão ter agido assim, de maneira tão pessoal, como se fosse um caso de homem para homem. Pensou na juíza Deschamps, na conversa em seu escritório em que ela o ameaçara de afastamento. Por que ele quis se mostrar mais forte que ela? Vitória irrisória que lhe custava agora mais caro que uma derrota.

– Ele sabe aonde vai – prosseguiu Le Guen – Ele sabe desde o começo, e agir de outra forma não teria mudado em nada. Sabemos

também porque ele o diz claramente nesta carta: “O senhor só abandonará o caso quando eu abandonar e quando eu decidir”. Mas o essencial está concentrado na última parte da carta, em sua longa dissertação com referências a trechos inteiros do livro de Gaboriau.

– Ele se sente investido por sua missão, eu sei...

– É... mas, correndo o risco de surpreender o senhor, acredito nisso cada vez menos.

Camille inclinou-se para ouvir, assim como Louis, que enfim tinha decidido se sentar perto de Le Guen.

– Veja – disse Crest –, ele se expõe demais. É extremamente exagerado. No teatro, diríamos que ele carrega na interpretação. Algumas de suas frases são literalmente pomposas.

– O que o senhor quer dizer?

– Ele não é um demente, é só um pervertido. Ele encena, para o senhor, um grande psicótico, alguém que não faria mais diferença entre o real e o virtual, ou seja, nesse caso, entre a literatura e a realidade, mas acho que isso é mais um truque. Não sei por que faz isso. Ele não é o que escreve em suas cartas. Ele encena para fazê-lo acreditar, isso é completamente diferente.

– Com que objetivo? – perguntou Louis.

– Não faço ideia. Sua longa reflexão sobre as necessidades da humanidade, a transfiguração do real... é tão rebuscada que se torna caricatural! Ele não escreve o que pensa. Ele finge pensar. Não sei por quê.

– Para embaralhar as pistas? – perguntou Le Guen.

– Talvez sim. Talvez por uma razão maior...

– Isso quer dizer...? – perguntou Camille.

– Por que faz parte do seu projeto.

Os dossiês de todos os casos em andamento foram redistribuídos. Dois homens por dossiê. Missão: recomeçar tudo do início, todos os indícios, todas as confrontações. As mesas também foram redistribuídas. Às 21h45, os serviços técnicos instalaram quatro novas linhas telefônicas e três pontos informáticos suplementares, que Cob disponibilizou imediatamente em rede para que cada computador pudesse acessar o banco de dados no qual ele reagrupou todos os elementos disponíveis. A sala se pôs a rumorejar, cada equipe interrogando e questionando incessantemente os colaboradores de Camille cada vez que um novo detalhe aparecia.

Camille, por sua vez, em companhia de Le Guen e de Louis, os três plantados diante do grande quadro de cortiça, repassou as sínteses, uma por uma, olhando para o relógio com fervor. Fazia agora quase cinco horas que Irene havia desaparecido e não era mistério para ninguém que cada minuto estivesse valendo o dobro, que uma contagem regressiva, cujo fim ninguém sabia, estivesse inevitavelmente acelerando.

A partir de um pedido de Camille, Louis escreveu, em um quadro, a lista de todos os locais (Corbeil – Paris – Glasgow – Tremblay – Courbevoie), em seguida a lista de todas as vítimas (Maryse Perrin – Alice Hedges – Grace Hobson – Manuela Constanza – Évelyne Rouvray – Josiane Debeuf ), depois a de todas as datas (7 de julho de 2000 – 24 de agosto de 2000 – 10 de julho de 2001 – 21 de novembro de 2001 – 11 de abril de 2003). Os três homens colocavam-se diante de cada caso, desesperadamente procurando correspondências, trocando hipóteses que não levavam a nada. O doutor Crest, silencioso, sentado com as costas para trás, observou que a lógica do Romancista era literária, e que talvez fosse melhor recomeçar pelas obras reproduzidas, cuja lista Louis compôs de imediato (*O crime de Orcival – Roseanna – Laidlaw – Dália Negra – O psicopata americano*), sem obter muito resultado.

– O que estamos procurando não está aí – observou Le Guen – Essas são as obras que ele realizou. Não estamos mais nesse momento.

– Não – confirmou Camille –, estamos na que vem depois, mas qual?

Louis foi buscar a lista de Ballanger, colocou-a na máquina copiadora, ampliou cada página no formato A3 e alfinetou tudo pelas paredes.

– Dá bastante livro... – comentou Crest.

– Livro demais, sim... – disse Camille – Porém, deve haver um entre esses... ou não... que...

Camille permaneceu um instante concentrado naquela ideia.

– Qual deles é sobre uma mulher grávida, Louis?

– Não tem nenhum – respondeu Louis, recuperando a lista de resumos.

– Tem sim, Louis, tem um!

– Não estou vendo...

– Tem sim, merda! – disse Camille, com raiva, tomando a lista das mãos dele – Tem um.

Ele consultou rapidamente o papel e devolveu-o a Louis.

– Não nessa lista, Louis, está em outra.

Louis olhou para Camille fixamente.

– Sim, eu tinha esquecido...

Ele correu para a sua mesa e recuperou a primeira lista de Cob. Louis, com sua bela letra elegante, havia feito várias anotações sobre as quais passou rapidamente os olhos.

– Aqui está – disse ele enfim, entregando-lhe a folha.

Ao ler as anotações de Louis, Camille se lembrou muito claramente de sua conversa com o professor Ballanger: “Um dos meus estudantes... seu caso de março de 1998, a história daquela mulher estripada em um depósito... um livro que não conheço... *O assassino da sombra*... Totalmente desconhecido”.

Enquanto isso, Louis afixara o quadro no qual ele tinha registrado os casos suspeitos, cujos elementos tinham sido passados a Ballanger.

– Sim, eu sei que é tarde, senhor Ballanger..

Ele virou-se discretamente e expôs a situação rapidamente, em voz baixa.

– Sim, vou passá-lo para o senhor... – disse ele enfim, passando o telefone para Camille.

Camille lembrou-lhe a conversa deles em algumas palavras.

– Sim, mas eu disse ao senhor, não conheço esse livro. Ele mesmo, aliás, não estava muito certo, foi uma ideia que surgiu por acaso... Nada comprova...

– Senhor Ballanger! Eu preciso desse livro. Imediatamente. O seu aluno, onde ele mora?

– Não faço ideia... Precitaria consultar meu arquivo de alunos, está na minha sala.

– Maleval! – chamou Camille, sem nem ao menos responder a Ballanger – Você vai pegar o carro, buscar o senhor Ballanger e levá-lo à universidade. Encontro vocês lá.

Antes mesmo de Camille voltar ao telefone com o professor, Maleval já corria para a saída.

—

Cob já tinha separado por volta de trinta endereços pertinentes, que Elisabeth e Armand localizavam em mapas da região parisiense. Cada endereço, cada lugar, com os detalhes que Cob conseguia obter sobre cada depósito era examinado, com cuidado. Foram feitas duas listas. A primeira, prioritária, dos depósitos mais isolados, que pareciam abandonados há muito tempo; a segunda, daqueles que apresentavam menos características interessantes, mas continuavam pertinentes para a investigação.

– Armand, Mehdi, vocês assumem o trabalho de Cob – decidiu Camille – Elisabeth, você forma equipes. Visitaremos imediatamente todos os locais. Você começa pelos mais próximos: primeiro em Paris, se houver, em seguida na periferia, por círculos concêntricos. Cob, procure para mim um livro. Hub, Chub, algo assim. *O assassino da sombra*. Um livro antigo. Não tenho mais nada a dizer. Vou para a

universidade. Você entra em contato comigo pelo celular. Vamos lá,  
Louis, vamos embora.

## 17

– Aqui é o Cob. Não estou achando nada...

– Impossível! – gritou Camille.

– Camille! Fiz uma pesquisa com acesso a 211 motores de busca! Está certo das suas referências?

– Espere, vou passar para o Louis, fique na linha.

Apenas dois postes a cada cinco difundiam sobre a fachada da universidade uma luz amarela e pálida, que piscava aos pés do professor Ballanger. Parecendo ter saído do meio da noite, ele tinha acabado de entregar para Camille a ficha universitária de um certo Sylvain Guignard, com o dedo apontado na linha em que estava o seu número de telefone pessoal. Camille pegou o celular de Louis e discou o número. Uma voz enevoada articulou um “Alô” surdo.

– Sylvain Guignard?

– Não, é o pai dele... Por acaso o senhor sabe que horas são?

– Comandante Verhoeven, Brigada Criminal. Passe para o seu filho, imediatamente.

– Quem...?

Camille repetiu mais serenamente e completou:

– Vá chamar seu filho imediatamente, senhor Guignard.

Imediatamente!

– Ok, tá bom...

Camille distinguiu um barulho de passos, cochichos e, então, uma voz mais jovem e mais clara.

– Você é Sylvain?

– Sim.

– Comandante Verhoeven, Brigada Criminal. Estou com o seu professor, senhor Ballanger. Você participou de uma pesquisa para nós, você se lembra...

– Sim... era sobr...

– Você indicou para ele um livro que ele não conhecia, que parecia ter alguma relação com um caso... Um certo Hub, ou Chub, você se lembra?

– Sim, eu me lembro.

Camille deu uma olhada na ficha. O rapaz morava em Villeparisis. Mesmo indo rápido... Ele consultou seu relógio.

– Você tem esse livro? – perguntou ele – Tem?

– Não, é um livro velho, apenas achei que tinha me lembrado...

– Lembrado do quê?

– A conjectura... Não sei, aquilo me disse algo...

– Ouça bem, Sylvain. Uma mulher grávida foi raptada. Essa tarde. Em Paris. Precisamos achá-la impreterivelmente, antes de... É possível que essa mulher seja... Quero dizer... É minha esposa.

Era difícil dizer aquelas palavras... Camille engoliu sua saliva com dificuldade.

O jovem rapaz, ao telefone, deixou passar um curto instante.

– Eu não tenho o livro – enfim disse ele com uma voz calma – É um livro que li faz pelo menos dez anos. Do título estou certo: *O assassino da sombra*, o autor também. Philip Chub. A editora eu não sei. Estou tentando me lembrar, mas não consigo. Lembro da capa, é tudo.

– E o que tem na capa?

– Sabe, era daquele tipo de livro com ilustrações... grandiloquentes: mulheres em apuros gritando... com a sombra de um homem de chapéu na parte de cima, esse tipo de coisa...

– E o contexto?

– Um homem rapta uma mulher grávida, disso estou certo. Aquilo me impressionou porque contrastava com o que eu estava lendo na época. Era bem tenebroso, mas não me lembro dos detalhes.

– O local?

– Um depósito, acho, algo assim.

– Um depósito como? Onde?

– Sinceramente, não lembro mais. Um depósito, disso estou certo...

– O que você fez com o livro?

– Nós nos mudamos três vezes em dez anos. Não sou capaz de te dizer onde ele foi perdido.

– E quanto à editora?

– Não faço ideia.

– Vou enviar alguém aí imediatamente, você vai dizer a ele tudo o que lembra, entendeu?

– Sim... Eu acho.

– Falando talvez você se lembre de outras coisas, de detalhes que podem nos ajudar. Tudo pode ter importância. Enquanto nos espera, fique em casa, perto do telefone. Tente se lembrar desse livro, o momento em que o leu, o lugar em que você estava, o que fazia naquela época. Às vezes, ajuda a lembrar. Tome notas. Meu adjunto vai te passar vários números de telefone. Se você lembrar qualquer coisa, não importa o que, ligue imediatamente, entendeu?

– Sim.

– Certo – concluiu, então, Camille. Antes de trocar seu telefone com o que Louis tinha em mãos, ele acrescentou: – Sylvain?

– Sim?

– Eu agradeço... Tente lembrar... É muito importante.

Camille ligou para Crest e pediu para ele ir a Villeparisis.

– Esse rapaz parece inteligente. E cooperativo. É preciso lhe transmitir confiança para que ele se lembre. Coisas podem lhe voltar à memória. Prefiro que o senhor vá.

– Vou agora – disse Crest calmamente.

– Louis vai ligar de uma outra linha para passar o endereço e arrumar um veículo com um bom motorista para o senhor.

Em seguida, Camille discou para mais um número.

—

– Eu sei, senhor Lesage, que o senhor não deve ter muita vontade de nos ajudar...

– Exatamente. Se for para pedir ajuda, melhor se dirigir a outra pessoa.

Louis tinha dado meia-volta e estava observando Camille inclinar a cabeça, como se tentasse discernir alguma alteração na feição dele.

– Ouça – retomou Camille – Minha esposa está grávida de oito meses e meio.

Sua voz ficou embargada. Ele engoliu a saliva.

– Ela foi raptada, no nosso apartamento, esta tarde. Foi ele, entendeu? Foi ele... Preciso encontrá-la.

Houve um longo silêncio na linha.

– Ele vai matá-la – disse Camille – Ele vai matá-la...

E aquela evidência, que ele remoía há horas, surgiu-lhe então, talvez pela primeira vez, como uma realidade tangível, como uma certeza tão realista que ele quase soltou o telefone e precisou se apoiar contra a parede.

Louis continuava sem se mover e encarava Camille, parecendo olhar através dele, como se fosse transparente. Seu olhar estava petrificado, seus lábios tremiam.

– Senhor Lesage... – murmurou enfim Camille.

– E o que posso fazer? – perguntou o livreiro, com uma voz meramente inexpressiva.

Camille fechou os olhos com alívio.

– Um livro. *O assassino da sombra*. Philip Chub.

Durante esse tempo, Louis voltara-se para Ballanger.

– O senhor tem um dicionário de inglês? – perguntou ele com uma voz abafada.

Ballanger levantou-se e dirigiu-se para Louis, passando por ele e parando diante de uma estante.

– Conheço esse livro, sim, ele é antigo – falou Lesage por fim – Deve ter sido editado nos anos 1970 ou 1980. Pela Bilban. É uma editora que desapareceu em 1985. Seu catálogo não foi reeditado.

Louis havia posto sobre a mesa e aberto o dicionário *Harrap's*, que Ballanger tinha acabado de lhe entregar. Ele voltou-se para Camille, lívido.

Camille olhou para ele fixamente e sentiu seu coração bater violentamente no peito.

Ele perguntou automaticamente:

– O senhor não tem esse livro, por acaso?

– Não, estou verificando... Não, acho que não...

Louis virou a cabeça para o dicionário e então para Camille de novo. Seus lábios pronunciaram uma palavra que Camille não compreendeu.

– Onde podemos encontrá-lo?

– Esse tipo de obra é o mais difícil. São coleções sem valor, e mesmo livros sem valor. Não tem muita gente querendo conservá-los. Normalmente, os encontramos por acaso. É preciso sorte.

Sem tirar os olhos dos seus adjuntos, Camille acrescentou:

– O senhor acha que pode encontrá-lo?

– Vou dar uma olhada amanhã...

Lesage entendeu instantaneamente a que ponto aquela frase era incongruente.

– Eu... eu vou ver o que posso fazer.

– Agradeço – concluiu Camille.

Então, segurando o telefone com força, ele disse:

– Louis...?

– Chub... – articulou Louis – Em inglês, é um peixe.

Camille continuava encarando-o.

– Em francês... é um *chevesne*.<sup>22</sup>

Camille abriu a boca e soltou o telefone, que caiu no chão com um barulho metálico.

– Philippe Buisson de Chevesne – disse Louis – O jornalista do *Le Matin*.

Camille virou-se de uma vez e olhou para Maleval.

– Jean-Claude, o que você fez...

Maleval balançava a cabeça, com os olhos virados para o teto, marejados de lágrimas.

– Eu não sabia... eu não sabia...

## 18

As quatro viaturas estacionaram em frente ao prédio do bulevar Richard-Lenoir, os quatro homens subiram os andares aos pulos. Maleval, o mais alto de todos, estava vários degraus à frente de Louis e Camille.

Camille levantou a cabeça sobre o corrimão, mas não viu nada além dos patamares que se alinhavam em espiral do segundo andar ao quinto, até o topo do prédio. Quando chegou diante da grande porta aberta, cuja maçaneta Maleval havia estourado com um tiro de pistola, ele viu um vestíbulo imerso na penumbra, que uma lâmpada à direita mais ao fundo iluminava de maneira difusa. Sacando sua arma, Camille entrou lentamente. À sua direita, no corredor, ele distinguiu Louis, que andava cautelosamente junto às portas, com as costas na parede. À sua esquerda, Maleval desapareceu em um cômodo que devia ser a cozinha e reapareceu em seguida, com o olhar alerta. Camille, em silêncio, fez um sinal para ele dar cobertura a Louis, que abria cada porta, uma por uma, com um empurrão, e em seguida se escorava contra a parede para se proteger. Maleval avançou rapidamente na direção dele. Camille encontrava-se à soleira da sala, em frente à porta de entrada. Ele avançou olhando rapidamente da direita para a esquerda. Teve a brusca certeza de que o apartamento estava vazio.

Camille deu meia-volta e deparou-se novamente com a sala e com as duas janelas que davam para o bulevar.

Do lugar em que se encontrava, ele podia abarcar a sala inteira com os olhos. Quase vazia. Sem tirar os olhos da janela, procurou o interruptor com a mão. Mais ao longe, à direita, ele ouviu os passos de Louis e Maleval aproximando-se e sentiu a presença de ambos por atrás. Apertou o interruptor e uma luz fraca acendeu à sua esquerda. Os três homens entraram juntos na sala, que de repente pareceu maior, agora que estava iluminada. Nas paredes, distinguiam-se marcas de quadros que haviam sido despregados. Perto das janelas, três ou quatro caixas, uma delas ainda aberta, uma cadeira de palha mais próxima. O assoalho era composto de

tacos encerados. À esquerda, sozinha em destaque, havia uma mesa solitária na qual se encaixava uma cadeira, semelhante à outra.

Eles abaixaram as armas. Camille aproximou-se lentamente da mesa. Outros passos se fizeram ouvir no patamar. Maleval deu meia-volta e chegou rapidamente à porta de entrada. Camille ouviu murmurarem algumas palavras indistinguíveis. Toda a luz provinha de um abajur posto sobre a mesa, cujo fio elétrico corria pela parede até a tomada embutida junto à lareira de canto.

Na beirada da mesa, havia um dossiê fechado, cuja capa vermelha se sobressaía quando sua alça foi presa.

E, bem no centro, havia uma folha em destaque. Camille apanhou-a.

*Caro Camille,*

*Eu fico contente que você esteja aqui. O apartamento está decerto um pouco vazio, não é muito acolhedor, reconheço. Mas o senhor sabe que é por uma boa causa. Evidentemente, o senhor deve estar desapontado por se encontrar aí tão solitário. Provavelmente, esperava encontrar sua charmosa esposa. Será preciso esperar mais um pouco para isso...*

*O senhor poderá julgar, em alguns instantes, a amplitude do meu projeto. Tudo vai se esclarecer enfim. Gostaria de estar aí para vê-lo, sabe...*

*O senhor entendeu, e o senhor ainda entenderá melhor, minha "obra" estava bem orquestrada. Desde o começo.*

*Acredito poder dizer que nosso sucesso está garantido. As pessoas vão brigar para ler "nossa" história, eu pressinto... Ela está escrita. Ela está aqui, sobre a mesa, no dossiê vermelho, à sua frente. Terminada ou quase. Reconstituí, com a paciência que o senhor conhece, os crimes de cinco romances.*

*Poderia fazer mais; a demonstração não ganharia nada com isso. Cinco não é muito, mas em relação a crimes é bastante. E que crimes...! O último será o ápice, esteja certo. No momento em que escrevo estas linhas, sua charmosa Irene está totalmente pronta para encenar o papel principal. Ela é ótima, Irene. Vai ser perfeita.*

*Toda a perfeição da minha obra é ter escrito, com antecedência, o livro do mais belo crime... após ter cometido os crimes dos mais*

*belos livros. Não é maravilhoso? Não há aí, nesse ciclo perfeito, tão perfeitamente premeditado, algo da ordem do ideal?*

*Que vitória, Camille! Uma história tão realista, tão verdadeira, precedida por um caso criminal, cuja crônica está inteiramente presente no livro que a relata... Em pouco tempo, estarão brigando pelo livro de alguém que ninguém queria. Eles vão se rastejar, Camille, o senhor verá... E o senhor terá orgulho de mim, orgulho de nós, e pode também ter orgulho de sua deliciosa Irene que, com efeito, tem se comportado maravilhosamente.*

*Ao seu dispor. Permita-me assinar desta vez com o nome que vai garantir minha glória... e a sua.*

*Philip Chub*

Camille põe a carta lentamente sobre a mesa. Ele puxa a cadeira e senta-se bruscamente. Tem dor de cabeça. Massageia as têmporas e permanece assim um longo minuto, em silêncio, olhando fixamente para o dossiê de alça, e então decide puxá-lo para perto de si. Desata com dificuldade a alça. Ele lê:

*– Alice... – disse ele, olhando para o que qualquer outro teria chamado de garota.*

*Ele a havia chamado pelo nome em sinal de cumplicidade, mas não conseguiu a menor abertura. Baixou os olhos de relance em direção às notas rabiscadas por Armand durante o primeiro interrogatório: Alice Vandenbosch, 24 anos.*

Ele vira algumas páginas:

*– Um horror – disse Louis. Sua voz estava alterada – Uma carnificina. Algo fora do comum, se o senhor entende o que quero dizer...*

*– Não muito bem, Louis, não muito bem...*

*– Não parece com nada que eu já tenha visto...*

Entre o polegar e o indicador, ele segura um pequeno maço de folhas, virando-as:

*Mamãe trabalha com os vermelhos. Ela utiliza quantidades inacreditáveis de vermelho. Vermelhos sangue, carmim, e vermelhos profundos como a noite.*

Camille salta uma parte mais longa:

*A jovem mulher, de cor branca, com mais ou menos 25 anos, apresentava indícios de um violento espancamento ao longo do qual ela notavelmente fora arrastada pelo cabelo, como confirmavam a pele da testa e os punhados de cabelo. O assassino nitidamente havia utilizado um martelo para golpeá-la.*

Camille subitamente vira o dossiê com um gesto e abre na última página, nas últimas palavras:

*Toda a luz provinha de um abajur posto sobre a mesa, cujo fio elétrico corria pela parede até a tomada embutida junto à lareira de canto.*

*Na beirada da mesa, havia um dossiê fechado, cuja capa vermelha se sobressaía quando sua alça foi presa.*

*E, bem no centro, havia uma folha em destaque. Camille apanhou-a.*

Atordoado, Verhoeven vira-se para o fundo da sala, onde Maleval permanece parado.

Louis, de pé atrás dele, continua a ler as últimas linhas por cima dos seus ombros. Ele apanha um maço de páginas e folheia-o rapidamente, pulando páginas, detendo-se aqui e ali, às vezes levantando a cabeça para refletir antes de mergulhar de volta no texto.

Os pensamentos de Camille encavalavam-se, e ele não conseguia conter o desenrolar frenético das imagens que invadiam sua mente.

Buisson, sua "obra", seu livro.

Seu livro conta a história e a investigação de Camille...

É de bater a cabeça contra a parede.

O que há de verdadeiro naquilo tudo?

Como separar, mais uma vez, o verdadeiro do falso?

Mas, o essencial, Camille compreendeu: Buisson realizara cinco crimes.

Cinco crimes verdadeiros, diretamente inspirados em cinco romances.

Todos eles se encaminhavam para um único fim.

Esse grande fim ao qual tudo converge é o sexto crime, inspirado no seu próprio livro.

O crime por vir.

O mais belo crime.

Cuja heroína era Irene.

Como ele o formulou?

*Ter escrito, com antecedência, o livro do mais belo crime... após ter cometido os crimes dos mais belos livros.*

Encontrá-la.

Onde ela está?

Irene...

Espécie de peixe pertencente à família dos ciprinídeos, que vive na embocadura dos rios, muito frequente na Europa. (N.T.)

# **SEGUNDA PARTE**

## Brigada, 22h45

O dossiê está aberto sobre a mesa. Escancarado. Armand levou-o para a máquina de xerox.

Todo mundo está de pé. Atrás da mesa, Verhoeven olha para todos, um por um.

Le Guen é o único sentado. Ele pega um lápis e morde-o nervosamente. Sua barriga serve-lhe de suporte.

Apoia nela uma caderneta na qual faz anotações ao acaso, uma palavra aqui, outra ali. Está, acima de tudo, pensativo. Ele ouve. E olha para Camille com atenção.

– Philippe Buisson... – começa Verhoeven.

Ele põe a mão na boca, limpa a garganta.

– Buisson – continua ele – está foragido. Neste momento, ele está com Irene, raptada ao fim da tarde. A questão é saber onde. E o que ele pretende fazer... E quando... São muitas perguntas. E pouco tempo para responder.

Le Guen não vê mais no rosto do amigo o pânico que viu quando ele entrou na sala alguns minutos atrás. Verhoeven não é mais Camille. Ele voltou a ser o comandante Verhoeven, líder de um grupo na Brigada Criminal, concentrado, diligente.

– O texto que encontramos na casa dele – continuou Verhoeven – é um romance, escrito pelo próprio Buisson. Ele relata a história da nossa investigação tal como a imaginou. É a nossa primeira fonte. Agora quanto ao que ele pretende fazer... existe uma segunda fonte que não possuímos, seu primeiro livro, publicado sob o nome de Chub e no qual ele vai se inspirar...

– Certeza? – perguntou Le Guen sem levantar a cabeça.

– Se as informações que temos sobre esse livro forem precisas, sim: uma mulher grávida assassinada em um depósito, me parece mais que provável.

Ele olha de relance para Cob, que tinha deixado seu posto informático para participar da reunião. Ao lado dele, o doutor Viguier, com as nádegas apoiadas contra uma mesa, as pernas estendidas, mãos cruzadas à altura da cintura, escuta com atenção. Ele não olha para Verhoeven, mas para os demais membros da equipe. Cob faz não com a cabeça e acrescenta:

– Ainda não achei nada.

Armand volta com cinco maços de fotocópias. Maleval continua – agora há quase uma hora – a dançar ligeiramente, apoiando-se de um pé para o outro, como se tivesse vontade de urinar.

– Então vamos formar três equipes – retomou Verhoeven

– Eu, Jean e Maleval começamos pela primeira fonte. Com o doutor Viguier. Uma segunda equipe, coordenada por Armand, continua com a investigação dos depósitos pela região parisiense. É uma tarefa ingrata porque é uma pista cega. Mas, por enquanto, não temos nada além disso. Louis, por sua vez, você vasculha a biografia de Buisson: relações, lugares, recursos, tudo o que puder encontrar... Cob, quanto a você, continue as pesquisas para tentar encontrar o livro assinado por Philip Chub. Perguntas?

Nenhuma pergunta.

—

Tudo se organiza bem rápido.

Duas mesas são postas frente a frente, com Camille e Le Guen de um lado, Maleval e o psiquiatra do outro.

Armand busca na impressora de Cob a última listagem dos depósitos. Agora ele está consultando-a, com lápis em mãos, riscando os lugares já visitados pelas duas equipes da missão, que partem em seguida rumo aos novos destinos que lhe são confiados.

Louis já está ao telefone, o aparelho preso entre a cabeça e o ombro, as mãos no teclado do computador.

Cob agora dispõe de uma nova pista: o nome da editora do livro de Chub, Edições Bilban. Os motores de busca já foram acionados. A sala pulsa num silêncio murmurante, tenso, acompanhado dos sons de dedos nos teclados, de vozes ao telefone.

—

Antes de começar a trabalhar, Le Guen saca seu celular, mandando deixarem de prontidão dois agentes de moto e alertando o RAID.<sup>23</sup> Verhoeven ouviu-o. Le Guen faz um pequeno gesto de resignação.

Verhoeven sabe que ele está certo.

Se eles obtiverem uma informação certa e precisarem de uma intervenção rápida, serão necessários profissionais desse tipo.

O RAID.

Ele já tinha os visto em ação. Rapagões altos e silenciosos vestidos de preto, superequipados, como robôs. É de se perguntar como eles conseguem se mover tão rapidamente com tamanha equipagem. Mas eles também são cientistas. Estudam o local com mapas de satélites, com uma sabedoria militar, constroem um plano de intervenção que leva em conta quase todos os dados estudados, lançam-se em direção ao objetivo como o raio do Deus Pai e podem varrer um bloco de prédios para você em apenas alguns minutos. Uns tratores.

A partir do instante em que eles tiverem um endereço e um local, o RAID se encarregará de tudo. Tanto para o melhor quanto para o pior. Camille tem certo receio sobre a pertinência desse tipo de intervenção, que não parece apropriada à psicologia que Buisson demonstrou na elaboração daquela história toda. Minúcia contra minúcia. Buisson estava muito mais adiantado. Estava preparando seu esquema com uma paciência de entomologista havia semanas, talvez meses. Com seus helicópteros, suas bombas de fumaça, seus radares, seus fuzis de precisão, os atiradores de elite da Brigada de Intervenção iriam atirar nas nuvens.

Verhoeven prepara-se para explicar isso a Le Guen, mas se contém. Que outra coisa poderia fazer?

E seria ele, Camille Verhoeven, quem salvaria Irene com sua pistola de serviço, que só utilizava uma vez por ano para o controle obrigatório?

Os quatro homens abrem o “romance” de Buisson na primeira página, mas eles não têm a mesma velocidade de leitura. Nem o mesmo método.

Viguiet, psiquiatra de longa data, sobrevoa com atenção de águia, mais observando as páginas que lendo-as, virando-as com vivacidade, como a consequência de uma decisão sem volta. Não procura as mesmas coisas que os outros. Ele primeiro procura o retrato de Buisson, tal como ele se descreve. Ele disseca o estilo da sua narração, considera as pessoas como personagens de ficção.

Pois, naquele texto, tudo era ficção, exceto as jovens mortas.

Para ele, todo o resto é Buisson, o olhar de Buisson, sua maneira de ver o mundo, de refabricar a realidade. Ele busca elucidar a forma pela qual Buisson redispôs os elementos em prol de sua visão de mundo.

O mundo não tal como é, mas como ele gostaria de ver. Uma fantasia em estado puro, em trezentas páginas...

Le Guen, por sua vez, é leviano. Compreende rápido, mas lê lentamente. Ele opta por um método que corresponde à sua mente. Começa pelo fim e volta no texto, capítulo após capítulo. Toma poucas notas.

Ninguém parece perceber que Maleval não vira as páginas. Seu olhar está fixo na primeira há longos minutos. Enquanto o doutor Viguiet já propõe baixinho seus primeiros comentários, Maleval continua lá, curvado sobre aquela infinita página. Com vontade de se levantar. De se aproximar de Camille e lhe contar... Mas ele não tem força: enquanto não virar as páginas, se sentirá protegido. Está à beira do precipício, sabe disso. Sabe também que, em alguns minutos, alguém vai empurrá-lo pelas costas e será a queda. Vertiginosa. Ele deveria tomar a dianteira, tomar sua coragem com as duas mãos, procurar seu nome, ao fim do texto, verificar que a catástrofe é iminente. Que o alçapão em que caiu vai se fechar. Agora. E tomar uma decisão. Mas ele não consegue se mexer. Está com medo.

Verhoeven, com o rosto inexpressivo, folheia com rapidez, pulando páginas inteiras, rabiscando anotações aqui e ali, voltando para verificar um detalhe, levantando a cabeça para refletir. Lê apressadamente a cena imaginada por Buisson quando Camille conhece Irene, mas que, de fato, não está certa. O que ele, Buisson, poderia saber do seu primeiro encontro com Irene? O que tem a ver aquela história de programa de televisão? “Era uma história simples. Ele casou-se com Irene seis meses mais tarde.” Simples, sim. Só que aquilo era pura fantasia de Buisson.

Assim como dizem que um afogado revê, em uma fração de segundo, o filme de sua vida, ele vê desfilarem diante dos seus olhos as verdadeiras imagens que sua memória conservou intactas. A loja do museu do Louvre. Aquela jovem mulher, em uma manhã de domingo, procura um livro sobre Ticiano<sup>24</sup> “para dar de presente”. Hesita, observa um primeiro, um segundo, coloca ambos de volta na prateleira para enfim escolher um terceiro. O errado. E ele, o pequeno Verhoeven, sem intenção consciente, diz simplesmente “Se quiser minha opinião, esse não...”. A jovem mulher sorri. E é toda Irene, de imediato, com seu sorriso esplêndido e simples. E já é sua Irene que diz “Ah é...” com um ar falsamente obediente, que o obrigou a se desculpar. Ele pede desculpas, explica-se, diz algumas palavras sobre Ticiano que deveriam soar despreziosas, mas o que tem a dizer é pretensioso porque é a opinião de alguém que se considera conhecedor. Ele balbucia, as palavras fogem. Fazia tempo que não ficava vermelho. Ele ficou vermelho. Ela sorriu: “Então, esse aqui é o certo?”. Ele quis dizer muitas coisas ao mesmo tempo e esboça um resumo desesperado, que condensa, ao mesmo tempo, seu medo de parecer esnobe e seu embaraço por sugerir o livro mais caro, mas ainda assim diz: “Eu sei, é o mais caro... mas é o melhor”. Irene está usando um vestido com botões na frente, que descem até embaixo. “É mais ou menos como os sapatos”, disse Irene sorrindo. Agora é ela que ficou vermelha. “Só que é Ticiano.” É ela que tem vergonha de ter descido o nível da conversa. Ela dirá mais tarde que não colocava os pés no Louvre havia mais de dez anos. Camille não ousará dizer a ela, por muito

tempo, que vem quase toda semana. Ele não diz, quando ela se afasta e se dirige para o caixa, que ele não quer saber de jeito nenhum a quem se destina aquele presente, que ele vem principalmente aos domingos de manhã e que sabe que não há uma em um milhão de chances de reencontrá-la por lá. Irene paga, digita sua senha do cartão com o olhar forçado dos míopes, debruçada sobre o balcão. E desaparece. Camille volta-se para as estantes, mas o coração não está mais lá. Em alguns minutos, exausto, tomado por uma tristeza inexplicável, ele resolve sair. Entorpecido, ele encontra-a lá, de pé sob a pirâmide de vidro, lendo com atenção uma brochura, virando-se para procurar orientação entre os inumeráveis painéis sinalizadores. Ele passa perto dela. Ela o vê, sorri para ele, ele se detém. “E sobre o roteiro do museu, o senhor conhece algo de bom?”, pergunta ela sorrindo.

Verhoeven já está concentrado na passagem seguinte.

—

No instante em que volta à sua sala, Verhoeven levanta os olhos e vê Maleval, com as mãos abertas sobre seu dossiê e os olhos fixos em Le Guen, que o encara balançando a cabeça.

– Camille – disse Le Guen sem olhar para ele – Acho que vamos ter uma pequena conversa com nosso amigo Maleval...

—

Verhoeven termina sua leitura:

– *Vou ter que mandá-lo embora, Jean-Claude...*

*Maleval, sentado na frente de Verhoeven, pestanejou várias vezes, procurando desesperadamente um ponto de apoio.*

– *Isso é muito difícil para mim... Você não imagina... Por que não me falou disso?*

*(...)*

– *Isso começou quando?*

– *No final do ano passado. Foi ele quem entrou em contato. No começo, eu passei coisas pequenas para ele. Aquilo bastava...*

—

Camille coloca os óculos de volta sobre a mesa. Ele cerra os punhos. Ao olhar para Maleval, seu furor frio é tão óbvio que ele recua imperceptivelmente sobre sua cadeira e Le Guen se vê obrigado a interferir.

– Bom, Camille, será preciso fazer isso direito. Maleval – continuou ele voltando-se para o jovem rapaz –, o que está escrito aqui está certo ou não?

Maleval diz que não sabe, que não leu tudo, que seria preciso ver...

– Ver o quê? – pergunta Le Guen – Era você que o informava, sim ou não?

Maleval balança a cabeça.

– Bom, então, evidentemente, você está detido por enquanto...

Maleval abre uma boca redonda, como um peixe que saiu da água.

– Cumplicidade com um sujeito que é sete vezes assassino, você esperava o quê? – perguntou Verhoeven.

– Eu não sabia... – murmurou Maleval – Eu juro que...

– Isso, meu velho, serve para o juiz! Mas é comigo que você está falando agora!

– Camille...! – arriscou Le Guen.

Mas Verhoeven não escuta.

– O sujeito que você tem informado há meses raptou minha mulher, Irene! Você conhece Irene, Maleval! Você gosta da Irene, não é?

Silêncio. Nem Le Guen sabe como fazê-lo falar.

– Ela é gentil, Irene – continuou Camille – Grávida de oito meses. Você tinha planejado dar um presente a ela ou já gastou o dinheiro?

Le Guen fecha os olhos. Quando Camille fica daquele jeito...

– Camille...

Mas Verhoeven funciona em espiral, de uma palavra para a outra, de uma frase para a outra. Ele se envolve no seu discurso e sua ira se nutre daquilo que ela mesma o impulsiona a dizer.

– Os comandantes de unidade que têm lágrimas nos olhos estão nos romances, Maleval! Já eu estaria mais inclinado a meter a mão na sua cara. Nós vamos te mandar de uma vez para os “serviços especializados”, se você entende o que quero dizer. E depois, o Tribunal, o juiz de instrução, o xadrez, o processo... e eu assistindo na primeira fila. Reze aos céus para que encontremos Irene bem rápido e inteira, Maleval. Por que é você que vai chorar todas as lágrimas do seu corpo, seu desgraçado!

Le Guen bate com a mão fechada na mesa. E, ao mesmo tempo, vem à sua mente a ideia que faltava, de uma vez:

– Camille, estamos perdendo muito tempo...

Verhoeven se detém instantaneamente e olha para ele.

– Teremos tempo para demitir Maleval. Vou cuidar disso. Já você, deveria voltar ao trabalho. Vou pedir auxílio ao Controle Externo da Atividade Policial.

E completa:

– É o melhor a fazer, Camille, acredite em mim.

Ele já está de pé. Para tentar levar adiante a decisão que, porém, se mantém suspensa. Camille continua a encarar Maleval.

Ele, finalmente, se levanta e sai batendo a porta.

—

– Onde está Maleval? – pergunta Louis.

Camille se restringe a dizer o mínimo.

– Com Le Guen. Não vai levar muito tempo – acrescenta ele.

Ele não sabe por que disse aquilo. Foi como um lapso. As horas passam, eles dão voltas, o tempo passa, e continuam sem ter nada em mãos.

Ante o anúncio do rapto de Irene, todo mundo esperava encontrar um Camille devastado, mas é o comandante Verhoeven quem tomou a dianteira.

Ao recomeçar o texto, ele cruza de novo com o nome de Irene.

Como Buisson soube, tão precisamente, as reclamações que Irene lhe fizera sobre sentir-se tão sozinha?

Sobre não receber atenção suficiente?

Talvez seja assim com todos os casais de tiras. E de jornalistas.

—

São mais de 23 horas. Louis mantém um completo sangue-frio. Sempre impecável. Sua camisa não tem um vinco. Apesar de suas idas e vindas ao longo do dia, seus sapatos continuam perfeitamente engraxados. Como se ele passasse regularmente ao banheiro para lhe dar polimento.

– Philippe Buisson de Chevesne. Nascido no dia 16 de setembro de 1962 em Périgueux. Um certo Léopold Buisson de Chevesne torna-se general do Império aos 28 anos. Ele vive em Iena. Um decreto napoleônico devolve à família a propriedade de seus bens. E trata-se de uma quantidade bem considerável.

Camille não o escuta de verdade. Se houvesse algo de tangível no que ele trazia à tona, ele mesmo teria começado por aquilo.

– Você sabia do Maleval? – perguntou subitamente Camille.

Louis olha para ele. Ele tem a intenção de fazer uma pergunta, mas morde os lábios. Enfim se decide.

– Saber o quê?

– Que ele informa Buisson há meses. Que foi ele que o manteve informado, com bastante precisão, sobre os avanços da investigação. Que é graças a Maleval que Buisson sempre esteve à nossa frente.

Louis fica pálido como a morte. Verhoeven percebe de súbito que ele não sabia. Louis senta-se com o peso da notícia.

– Está no livro – completa Verhoeven – Le Guen caiu em cima dele imediatamente. Maleval está sendo ouvido nesse momento.

Inútil explicar. Na mente viva de Louis, tudo se coloca no lugar instantaneamente. Seus olhos traçam trajetórias rápidas de um objeto para o outro, traduzindo sua reflexão. Seus lábios se entreabrem:

– É verdade que você emprestou dinheiro para ele?

– Como vocês...?

– Também está no livro, Louis, tudo está no livro. Maleval deve ter feito algumas confidências sobre o assunto. Você também é um

herói, Louis. Nós somos todos heróis, Louis. Não é maravilhoso?

Louis vira-se instintivamente para a sala de interrogatório.

– Ele não nos ajudará muito – disse Camille, antecipando o pensamento dele – Na minha opinião, Maleval não sabe de Buisson mais do que Buisson quis lhe dizer. Ele foi manipulado desde o começo. Bem antes do caso de Courbevoie. Buisson identificou seus pontos fracos pacientemente. Maleval se ferrou de jeito. E nós com ele.

Louis permanece sentado com os olhos no chão.

– Vamos – disse Camille –, continue, onde você estava?

Louis retoma suas anotações, mas sua voz é mais baixa.

– O pai de Buisson...

– Mais alto – grita Camille, afastando-se em direção ao bebedouro.

Louis eleva a voz. Como se também fosse gritar. Mas se contém. Sua voz apenas estremece.

– O pai de Buisson é dono de indústria. A mãe, nascida sob o nome Pradeau de Lanquais, agrega à família sobretudo bens imobiliários. Estudos irregulares em Périgueux. Destaca-se uma breve passagem por uma clínica de reabilitação, em 1978. Mandei um homem para lá, veremos... A crise atinge os Buisson como a todos no começo dos anos 1980. Buisson inicia uma graduação em Letras em 1982, mas não termina o curso, e opta pela Escola de Jornalismo, de onde sai em 1985 como um aluno mediano. Seu pai morre no ano anterior. Em 1991, ele se torna *freelancer*. Entra para o *Le Matin* em 1998. Nada em particular até o caso de Tremblay-en-France. Seus artigos são notáveis, por sinal ele é promovido e se torna redator-chefe adjunto do caderno "Cidades". Sua mãe morreu faz dois anos. Buisson é filho único e solteiro. Quanto ao resto, a fortuna da família não é mais o que era. Buisson vendeu quase tudo, com exceção da casa de campo, e tudo foi concentrado em um portfólio de ações confiado a Gamblin & Chaussard e rendas imobiliárias que, todavia, representam seis vezes seu salário do *Le Matin*. Todo o portfólio foi liquidado ao longo dos dois últimos anos.

– O que isso quer dizer?

– Que ele premeditou tudo. Com exceção da sua casa de campo, Buisson liquidou tudo. Toda sua fortuna está agora em uma conta na Suíça.

Verhoeven range os dentes.

– O que mais? – pergunta ele.

– Quanto ao resto, lugares que frequenta, amigos, vida cotidiana, seria preciso interrogar as pessoas ao redor dele. O que não me parece pertinente por ora. A imprensa vai ficar sabendo imediatamente, vão surgir jornalistas de todos os cantos, vamos perder um tempão.

Verhoeven sabe que Louis está certo.

—

Chegou-se ao fim da lista de depósitos suscetíveis a serem utilizados por Buisson.

Lesage liga às 23h25.

– Não consegui falar com todos os colegas que havia cogitado – disse ele a Camille – Só encontrei algumas vezes as referências profissionais deles. Nesses casos, deixei mensagens. Mas por enquanto, nenhum rastro desse livro. Sinto muito.

Camille agradece.

Uma por uma, as portas vão se fechando.

—

Le Guen continua com Maleval. Todos começam a se sentir exaustos.

É Viguier que passou mais tempo sobre o manuscrito. Camille viu-o disfarçar um bocejo. Seria possível pensar que, ali, a alguns meses da aposentadoria, após uma jornada de trabalho beirando as quinze horas, aquele pequeno atarracado, debruçado como um aluno estudioso sobre o manuscrito de Buisson, iria adormecer de uma vez, mas ele conserva um olhar lúcido e, ainda que as olheiras de cansaço comecem a aparecer, ele fala com uma voz firme.

– Certamente, há muita distância em relação à realidade – disse Viguier – Suponho que Buisson chamará isso de liberdade poética. No livro dele, eu me chamo Crest e tenho vinte anos a menos. Também vemos aparecer três dos seus agentes sob os nomes de Fernand, Mehdi e Elisabeth, mas sem sobrenome. O primeiro é um alcoólatra, o segundo um jovem de origem árabe, a terceira uma mulher de uns cinquenta anos. Uma bela gama sociológica, que pode seduzir o público... E também um estudante de nome Sylvain Quignard, que deveria colocá-lo no rastro do livro de Chub, em vez do professor Didier que, aqui, se chama Ballanger.

Assim, Viguier, decerto como Le Guen e como ele mesmo, não pôde se impedir de ver de que maneira seu personagem era representado. Ei-los todos diante do grande espelho deformador da literatura. Que verdade ela dizia sobre cada um deles?

– O retrato que ele faz do senhor é bem surpreendente – continua Viguier, como se tivesse ouvido Camille pensar – É um retrato bem lisonjeiro. O senhor talvez gostaria de ser o homem que ele descreve, não sei. Nele, o senhor figura inteligente e bom. Não é o sonho de todo homem ser visto assim? Vejo um grande desejo de admiração, totalmente coerente com suas cartas e admirações literárias. Sabemos há muito tempo que Buisson está acertando uma dívida com a autoridade, provavelmente com a imagem do Pai. Por um lado, ele rebaixa a autoridade e, por outro, ele a admira. Esse homem é contradição dos pés à cabeça. Ele o escolheu para incorporar seu combate. Talvez seja por isso que ele está tentando atingi-lo por intermédio de Irene. É uma reviravolta clássica. Ele faz do senhor objeto de admiração, mas logo tenta aniquilá-lo. Pensa que, assim, ele pode se reconstruir diante dos próprios olhos.

– Por que Irene? – pergunta Camille.

– Porque ela está aí. Porque Irene é o senhor.

Sempre pálido, Camille baixa os olhos para os manuscritos, sem dizer uma palavra.

– As cartas que ele insere no livro – continua Viguier – são as mesmas que o senhor recebeu. Vírgula por vírgula. Só o seu retrato no *Le Matin* é totalmente inventado. Quanto ao resto do manuscrito, evidentemente seria preciso fazer uma análise de texto bem de

perto. Mas, enfim... Logo à primeira vista vemos surgirem alguns elementos-chave.

Verhoeven vira-se sobre a cadeira. Seu olhar cruza com o pêndulo que ele finge ignorar.

– Ele vai cometer exatamente o crime do livro dele, não é?

Viguiet não parece se desestabilizar com aquela abrupta mudança de assunto. Ele põe seus papéis diante de si pacientemente e olha para Camille. Pesa as palavras, articulando com clareza. Ele quer que Camille compreenda tudo o que tem a dizer. Estritamente.

– Nós estávamos pesquisando a lógica dele. Agora a conhecemos. Ele quer reproduzir na realidade o crime que antes escreveu num livro, e terminar de escrever este livro aqui narrando-o ele mesmo. É preciso detê-lo porque ele tem a firme intenção de fazê-lo.

Dizer a verdade. Logo. Não esconder nada de Camille. Confirmar o que ele já sabe. Verhoeven compreendeu a manobra. Ele concorda. Porque assim deve ser.

– No entanto, certas incógnitas se tornam mais... seguras – acrescentou Viguiet – Tanto que não encontraremos esse livro, o que ele vai tentar reproduzir na realidade, não saberemos nem em que tipo de lugar nem a que hora o homicídio ocorrerá. Não existe nenhuma razão concreta para pensar que será agora ou mesmo nas próximas horas. Talvez o roteiro dele preveja mantê-la em cativeiro um dia, dois dias, não fazemos ideia. Há muitas certezas difíceis de conceber sem que se acrescentem novidades que não são mais que especulações.

Viguiet faz um silêncio um tanto longo, durante o qual não olha para Verhoeven. Ele aparenta aguardar que aquelas palavras cheguem ao seu destino. Depois, de repente, segundo sua contagem, provavelmente considerando que o tempo da elaboração se esgotou, ele continua sua exposição:

– Há dois tipos de fatos. Os que ele previu e os que ele inventou.

– Como ele pôde prever tanta coisa?

– Isso é algo que o senhor verá com ele quando detê-lo.

Imperceptivelmente, Viguiet aponta com o queixo para a porta que leva à sala de interrogatório.

– Acho que ele tinha boas fontes...

Viguiet passa o indicador na sua gola com um ar reflexivo.

– Conforme todas as probabilidades, ele também modificou seu texto em razão dos acontecimentos. Uma espécie de reportagem ao vivo, de certa forma. Ele quis que a história dele se parecesse o máximo possível com a realidade. Ainda mais porque o senhor deve tê-lo surpreendido várias vezes. Mas, mesmo tais surpresas, se assim posso dizer, foram previstas. Ele devia saber que precisaria adaptar a história às suas reações e às suas iniciativas, e foi o que ele fez.

– A quais atitudes o senhor se refere?

– Por exemplo, pode-se supor que ele não tivesse imaginado que o senhor tentaria contatá-lo via pequenos anúncios. Foi uma bela jogada da sua parte. Para ele, deve ter sido muito excitante. Aliás, ele o considera um pouco como o corroteirista da sua história. “O senhor terá orgulho de nós”, ele escreveu, lembra-se? Mas o mais surpreendente certamente é a qualidade das suas antecipações. Ele sabia que o senhor seria capaz de efetuar a aproximação entre um dos seus crimes e o livro que o inspirou. E que o senhor iria se ater àquela pista, podendo eventualmente até mesmo ficar sozinho contra todos. O senhor não é um homem teimoso, comandante, mas ele o conhece suficientemente para saber que às vezes o senhor pode ser... inflexível. O senhor confia firmemente em suas intuições. E ele sabia que elas poderiam lhe ser úteis. Ele também sabia que cedo ou tarde um de vocês faria a aproximação entre o pseudônimo, Chub, e o sobrenome dele. É até mesmo sobre pontos como esses que repousava toda a sua estratégia. Ele o conhece melhor que pensávamos, comandante.

—

Le Guen saiu alguns minutos da sala de interrogatório, deixando Maleval só. O velho procedimento-padrão. Deixar o suspeito só, abordá-lo novamente, passar a vez para um colega, voltar em seguida, deixá-lo só de novo, tornar a sequência dos eventos imprevisível... Mesmo os suspeitos mais calejados – incluindo os

próprios tiras –, por mais que conhecessem a técnica, continuavam sentindo seus efeitos.

– Vamos acelerar o processo, mas...

– O quê? – interrompeu Camille.

– Ele sabe menos do que se pode esperar. Graças a ele, Buisson sabe mais de nós do que ele de Buisson. Ele passou muitas informações, primeiro sobre casos pequenos. Foi o que fez com que Buisson conquistasse sua confiança. Ele começou com pouco e avançou progressivamente. Pequenas informações, pequenos pagamentos. Fez com ele um tipo de gratificação por informação obtida. Quando veio o crime de Courbevoie, Maleval estava no ponto. Ele não percebeu o que estava acontecendo. Um iniciante, esse seu Maleval.

– Não é meu Maleval – responde Verhoeven, voltando a suas anotações.

– Como quiser.

– A editora Bilban – explica Cob – foi criada em 1981 e desapareceu em maio de 1985. Naquela época, poucos editores tinham um site na internet. Todavia, encontrei algumas partes do seu catálogo aqui e ali. Coloquei tudo em ordem. Quer ver?

Sem esperar a resposta, Cob imprimiu a lista.

Uma centena de romances editados entre 1982 e 1985. Literatura de metrô. Verhoeven percorre os títulos. De espionagem: *Nenhuma notícia do Agente TX, O Agente TX contra a Abwehr, Fracasso e triunfo, O sorriso do espião, Código: "Oceano"...* De policial: *Riffi em Malibu, Continue falando você me interessa, Balas do dia para belas da noite, Na pele de um outro...* De romance sentimental: *Christelle adorada, Um coração muito puro, Para acabar com o amor...*

– A princípio, a especialidade da Bilban consistia em readquirir direitos autorais e comercializá-los sob novos títulos.

Cob falou aquilo, como sempre, sem olhar para Camille, continuando a digitar nos seus teclados.

– Você tem nomes?

– Só do gerente, Paul-Henry Vaysse. Ele tinha parte em diversas pequenas sociedades, mas administrava a Bilban pessoalmente. Ele

declarou falência e não aparece mais no ramo editorial até sua morte em 2001. Quanto ao resto, estou verificando.

—

– Achei!

Camille vem correndo. É o primeiro a chegar.

– Enfim, eu acho... Espere...

Cob continua a digitar com um teclado sobre o outro, páginas se sucedem nos dois monitores.

– Achou o quê? – pergunta Camille com impaciência.

Le Guen e Louis juntam-se a eles um pouco à frente dos demais, que dão alguns passos para se aproximarem. Verhoeven esboça um gesto de incômodo, interrompendo-os.

– A gente cuida disso, continuem seu trabalho.

– Um registro dos funcionários da Bilban. Não tenho todos. Encontrei seis.

Uma ficha aparece na tela. Uma lista de seis colunas com nome, endereço, data de nascimento, número de Seguro Social, data de entrada na empresa e data de saída. Seis linhas.

– Agora – diz Cob, recuando a cadeira e massageando os rins –, não sei o que você pode fazer.

– Imprima isso para mim.

Cob apenas aponta para a máquina na qual são impressas quatro cópias da lista.

– Como você achou isso? – pergunta Louis.

– Demoraria muito para explicar. Eu não tinha todos os acessos. Tive que dar muitas voltas, se você entende o que quero dizer.

Cob lança um olhar resignado ao divisionário Le Guen, que se limita a pegar uma das cópias, como se não tivesse ouvido nada.

De pé, junto ao posto informático, eles leem a lista com atenção.

– Segue o resto – diz Cob, clicando novamente, com os olhos nos monitores.

– Que resto? – pergunta Camille.

– O paradeiro deles.

A impressora volta a trabalhar. Sai o complemento. Uma funcionária faleceu no começo do ano. Um outro parece ter desaparecido.

– E aquele ali? – pergunta Louis.

– Não o encontro em parte alguma – diz Cob – Ele desapareceu, corpo e bens. Impossível saber o que aconteceu com ele.

Isabelle Russel, nascida em 1958. Ela entra na Bilban em 1982, mas não fica mais que cinco meses. Camille risca seu nome. Jacinthe Lefebvre, nascida em 1939. Ela está presente na editora de 1982 até o fim. Nicolas Briec, nascido em 1953. Entrou no ano da fundação da Bilban, saiu em 1984. Théodore Sabin, nascido em 1924. Entrou em 1982, saiu no fechamento da empresa. Hoje aposentado. Camille faz uma conta rápida: 79 anos. Domicílio: asilo em Jouy-en-Josas. Ele risca.

– Estes dois aqui – diz Camille apontando para os dois nomes que circulou: Lefebvre e Briec.

– É pra já – diz Cob.

– É possível saber o que eles faziam lá? – pergunta Louis.

– Não, isso não achei. Aqui está. Jacinthe Lefebvre, aposentada, avenida do Bel-Air, número 124, em Vincennes.

Uma pausa.

– E Nicolas Briec. Rua Louis-Blanc, número 36, décimo distrito de Paris, desempregado.

– Você cuida da primeira, eu cuido do outro – diz ele a Louis, precipitando-se ao telefone.

—

– Desculpe incomodá-lo a essa hora... Sim, entendo... Contudo, peço que não desligue o telefone. Quem fala é Louis Mariani, Brigada Criminal...

—

Na casa de Briec, o telefone toca, toca.

—

– O senhor é...? E sua mãe não está?  
Verhoeven conta instintivamente, sete, oito, nove...

—

– Em qual hospital, por favor?... Sim, entendo...

—

Onze, doze. Verhoeven está prestes a desligar quando um clique se faz ouvir. O telefone agora está fora do gancho do outro lado da linha, mas nenhuma voz responde.

– Alô? Senhor Briec? Alô? – grita Camille – O senhor me escuta?

—

Louis desliga o telefone e desliza um pedaço de papel sobre a mesa de Camille: Hospital Saint-Louis. Em cuidados paliativos.

—

– Puta que pariu...! Tem alguém aí? O senhor me escuta?

Mais um clique e sinal de linha ocupada. Desligou.

– Você vem comigo – diz ele, levantando-se.

Le Guen faz um sinal para que dois agentes o sigam. Eles levantam-se de imediato apanhando seus casacos de passagem. Verhoeven já se precipita em direção à saída, mas volta em seguida correndo para a sua mesa, abre sua gaveta, pega sua arma e sai.

É meia-noite e meia.

—

Os dois agentes de moto são muito mais rápidos que Camille, que, apesar de tudo, faz o melhor que pode. Ao lado dele, Louis não para

de afastar sua mecha, silenciosamente. Sentados no banco de trás, os dois agentes fazem um silêncio concentrado. As sirenes reverberam entrecortadas pelos apitos impositivos dos motoqueiros. O trânsito está mais calmo a essa hora: 120 quilômetros por hora na avenida de Flandres, 115 na rua do Faubourg-Saint-Martin. Menos de sete minutos mais tarde, as duas viaturas param na rua Louis-Blanc. Os motoqueiros à frente e atrás já bloquearam a rua. Os quatro homens saltam das viaturas e penetram no prédio de número 36. Camille nem viu, ao sair da Brigada, quem eram os agentes que Le Guen convocou. Ele se dá conta de relance que são homens jovens. Mais jovens que ele. O primeiro se detém diante das caixas de correio por um breve instante, murmurando discretamente: é a terceira à esquerda. Quando Camille chega ao patamar, os dois agentes já estão martelando a porta, vociferando: abram a porta, é da polícia! E realmente, ela se abre. Mas não a porta certa. A do patamar, à direita. A cabeça de uma velha senhora surge um breve instante, a porta fecha-se novamente. Ouve-se o barulho de outra porta, mas o prédio permanece calmo. Um agente saca sua arma e olha Camille nos olhos, depois a fechadura da porta, depois Camille de novo. O outro recomeça a bater. Verhoeven olha para a porta fixamente, afasta o jovem agente, põe-se de lado no patamar, estudando o ângulo que uma bala poderia tomar em um tiro à queima-roupa na fechadura de um apartamento cuja topografia é desconhecida.

– Como você se chama? – pergunta ele ao jovem homem.

– Fabrice Pou...

– E você? – interrompe-o olhando para o outro agente.

– Eu sou Bernard.

O primeiro deve ter 25 anos, o segundo um pouco mais. Verhoeven olha de novo para a porta, abaixa-se rapidamente, em seguida fica nas pontas dos pés, estende o braço direito para cima e indica o ângulo de chegada com a mão esquerda, apontando com o dedo indicador. Ele percebe com o olhar que foi bem compreendido e afasta-se, apontando para o mais alto, o que se chama Bernard.

O jovem rapaz toma posição e estende os braços segurando firmemente sua arma com as duas mãos. Então, ouve-se um barulho

de chave, em seguida, de maçaneta e, enfim, gira sobre si mesma. Camille empurra-a com um gesto. Um homem de uns cinquenta anos encontra-se de pé no vestíbulo, de samba-canção e uma camiseta desbotada, no passado branca. Aparenta estar totalmente entorpecido.

– O que é...? – murmura ele com os olhos esbugalhados diante do revolver apontado.

Camille vira-se, fazendo um sinal para o agente abaixar a arma.

– Senhor Briec? Nicolas Briec? – pergunta ele com uma súbita precaução.

O homem cambaleia diante dele. Ele exala um cheiro de álcool de fazer prender a respiração.

– Só faltava essa... – fala Camille, empurrando-o levemente para dentro.

—

Depois de ter acendido todas as luzes da sala, Louis abriu bem a janela.

– Fabrice, você faz um café – disse Camille, impelindo o homem para o sofá esfarrapado – Você – diz ele ao outro agente –, você o deita ali.

Louis corre para a cozinha. Com uma das mãos na torneira, ele faz cair a água, que demora para ficar fresca. Enquanto isso, Camille abre as portas dos armários à procura de algum recipiente. Ele encontra uma saladeira de vidro, entrega para Louis e volta para a sala. O apartamento não está devastado. Somente abandonado. Transmite a impressão de não ser mais cuidado por vontade alguma. Paredes vazias, resina verde-água sobre um assoalho revestido de roupas largadas. Uma cadeira, uma mesa coberta com uma toalha de plástico, restos de comida e uma televisão ligada baixinho. Fabrice desliga-a com um gesto firme.

Sobre o sofá, o homem fecha os olhos. Ele tem a tez pálida, a barba de alguns dias, acinzentada, as maçãs do rosto proeminentes, pernas magras e joelhos sobressalentes.

O celular de Camille toca.

- E aí...? – pergunta Le Guen.
- O sujeito está completamente bêbado – fala Verhoeven olhando para Briec, que balança a cabeça pesada.
- Quer que eu mande uma equipe?
- Não há tempo. Eu ligo de volta...
- Espere...
- O quê?
- A brigada de Périgueux acaba de ligar. A casa de campo de Buisson está vazia. Na verdade, ela foi esvaziada. Não há mais nenhum móvel, mais nada.
- Algum corpo? – pergunta Camille.
- Dois. Datam de dois anos, mas ele não se deu muito ao trabalho com os dois. Ele os enterrou em um canteiro bem atrás da casa. Uma equipe vai proceder com a exumação. Eu te mantenho informado.

—

Louis entrega a saladeira cheia de água e um pano de cozinha desbotado. Verhoeven mergulha-o na água e põe o pano no rosto do homem, que mal reage.

- Senhor Briec... O senhor está me ouvindo?

Briec tem a respiração entrecortada. Camille refaz o gesto e põe o pano molhado novamente no rosto dele. Em seguida, ele inclina a cabeça. Ao lado do sofá, em um ponto cego, latas de cerveja. Ele conta uma dúzia.

Ele segura o braço dele e procura seu pulso.

- Ok – diz ele depois de contar – Tem um chuveiro lá dentro?

—

O sujeito não reage. Enquanto os dois homens o colocam na banheira, Verhoeven, com uma mão na torneira, procura a temperatura adequada, nem muito quente nem muito fria.

- Pode abrir – diz ele, passando o chuveiro ao mais alto.

– Ai, cacete! – reclama Briec enquanto a água, jorrando por cima da sua cabeça, cola suas roupas ao seu corpo magro.

– Senhor Briec? – pergunta Camille – Agora o senhor me ouve.

– Sim, cacete, estou ouvindo, vocês encham o saco...

Verhoeven faz um gesto. O jovem rapaz abaixa o chuveiro sem desligar a água, que agora esguicha sobre os pés de Briec. O homem, coberto de água, ergue um pé, depois o outro, como se estivesse entrando no mar. Louis apanha uma toalha e passa-a para Briec, que se vira e se senta com dificuldade na beirada da banheira. A água das suas costas escorre pelo assoalho. Ele urina abundantemente pelas dobras da sua cueca e na banheira.

– Leve-o para lá – diz Verhoeven, dirigindo-se para a sala.

Louis revira o apartamento inteiro, a cozinha aos detalhes, o quarto, o armário. Agora abre as gavetas e as portas da cômoda estilo Henrique II.

Eles sentam Briec no sofá. Ele treme. Fabrice vai ao quarto buscar a colcha da cama e coloca-a sobre seus ombros. Camille puxa uma cadeira e senta-se de frente para ele. É a primeira vez que os dois homens se olham. Briec volta a si lentamente. Ele enfim percebe que há quatro homens ao redor dele, dois estão de pé olhando-o com um aspecto que acha ameaçador, um revira as gavetas e, diante dele, um homenzinho sentado encara-o friamente. Briec esfrega os olhos. De repente, fica com medo e levanta-se. Camille não teve tempo de esboçar o menor gesto e Briec já está chacoalhando-o. Verhoeven desaba bruscamente sobre o assoalho. Mas ele mal dá um passo para frente e os dois agentes já agarraram Briec e o deitaram ao chão com os braços nas costas. Fabrice colocou um pé sobre sua nuca enquanto Bernard segura seus braços pelas costas com força.

Louis lança-se na direção de Camille.

– Sai fora! – fala Camille, fazendo um amplo gesto enfurecido, como se quisesse afastar uma vespa.

Ele levanta-se com a mão na cabeça e ajoelha-se diante de Briec que, com o rosto contra o chão, tem dificuldade para respirar.

– Agora – diz Camille com uma voz que mal contém sua exasperação –, vou te explicar...

– Eu não... fiz nada...! – articula Brieur.

Camille coloca a mão sobre a bochecha do homem. Ele levanta os olhos para Fabrice e faz um sinal com a cabeça. O jovem homem pisa com mais força, o que arranca um grito de Brieur.

– Escute-me bem. Tenho muito pouco tempo...

– Camille... – diz Louis.

– Vou te explicar – continua Camille – Sou o comandante Verhoeven. Uma mulher corre risco de morte.

Ele tira a mão da cabeça do homem e abaixa-se lentamente.

– Se você não me ajudar – cochicha ele junto à orelha –, eu vou te matar...

– Camille... – repete Louis, com uma voz mais alta.

– Você pode encher a cara o quanto quiser – continua Camille, suavemente, mas com uma densidade que ecoa em toda a sala – Mas depois... que eu tiver ido embora. Por enquanto, você vai me escutar e, principalmente, você vai me responder. Fui claro?

Camille não se dá conta, mas Louis fez um sinal para Fabrice, que lentamente tirou o pé. No entanto, Brieur não se move. Ele permanece assim, estendido ao chão, a bochecha contra o assoalho. Ele olha nos olhos do pequeno homem e vê no seu olhar uma determinação que lhe dá medo. Ele faz “sim” com a cabeça.

—

– Trituramos tudo...

Brieur foi colocado de volta no sofá. Verhoeven cedeu-lhe uma cerveja, cuja metade ele esvaziou em uma virada. Revigorado, escutou as breves explicações de Camille. Não compreendeu tudo, mas balançou a cabeça como se estivesse compreendendo. Para Verhoeven, é mais que o suficiente. “Eles estão procurando um livro”, pensou consigo. É tudo o que compreendeu. Bilban. Ele era encarregado do depósito durante quanto tempo? Ele não tem mais noção. Foi há muitos anos. Quando a empresa fechou? O que fizeram com os estoques? Lê-se no rosto de Brieur que ele está se perguntando que importância pode ter agora o estoque daqueles livros de merda. E, principalmente, que urgência. E que diabo ele

tem a ver com aquilo... Por mais que tente se concentrar, ele não consegue pôr as coisas numa sequência lógica.

Verhoeven não explica nada. Ele permanece concentrado nos fatos. É questão de não deixar a mente de Briec voar para horizontes nebulosos. *Se ele tentar entender, vai nos fazer perder tempo*, ele pensa consigo. Aos fatos. Onde estão aqueles livros hoje?

– Nós trituramos todo o estoque, eu juro. O que queriam que fizéssemos? Eram coisas inúteis.

Briec ergue o braço para terminar sua cerveja, mas Verhoeven o detém com um gesto preciso.

– Daqui a pouco!

Briec procura consolo com os olhos, mas encontra a feição cerrada dos outros três. Ele fica com medo de novo e se põe a tremer.

– Acalme-se – diz Verhoeven sem se mexer – Não me faça perder tempo...

– Mas eu disse ao senhor...

– Sim, eu entendi. Mas nunca se tritura tudo. Nunca. Os estoques se espalham por todo lado, depois outros depósitos ressurgem após a trituração... Trate de lembrar.

– Trituramos tudo... – repete Briec, estupefato, olhando para a lata de cerveja que treme na sua mão.

– Bom – diz Verhoeven, de repente exausto.

Ele olha para o relógio. 1h20 da manhã. De súbito, sente um frio correr pela sala e olha para as janelas que ficaram bem abertas. Coloca as mãos nos joelhos e levanta-se.

– Não vamos conseguir tirar mais nada dele. Vamos, vamos embora.

Louis curva a cabeça, em uma maneira de dizer que efetivamente é o que há de melhor a fazer. Todos chegam ao patamar. Fabrice e Bernard descem primeiro, apartando calmamente os vizinhos curiosos com o barulho. Verhoeven passa a mão na cabeça de novo. Sente que em apenas alguns minutos o galo inchou. Ele volta ao apartamento, cuja porta está aberta. Briec continua sentado na mesma posição, com a lata nas mãos, os cotovelos sobre os joelhos,

o semblante atordoado. Camille vai ao banheiro, sobe na lixeira para se olhar no espelho. Foi uma baita pancada, na lateral da cabeça, bem redonda e que começava a ficar roxa. Ele põe um dedo em cima, faz correr água fria e esfrega o rosto.

– Não estou mais tão certo...

Verhoeven vira-se bruscamente. Briec está junto à moldura da porta, deplorável em sua cueca molhada, com um cobertor xadrez nas costas, como um refugiado de uma catástrofe.

– Acho que eu trouxe algumas caixas para meu filho. Ele nunca as abriu. Devem estar no porão, se quiser dar uma olhada...

—

A viatura avança a uma velocidade bem mais alta. É Louis que está ao volante dessa vez. Em meio a solavancos incessantes, acelerações bruscas e freadas, sem contar o barulho ensurdecido das sirenes, Verhoeven não consegue ler. Ele se segura com a mão direita na porta, tentando se soltar toda hora para virar as páginas, mas logo é projetado para frente ou para o lado. Apanha algumas palavras, o texto dançando sob seus olhos. Não teve tempo de pôr os óculos e tudo aparece desfocado. Seria necessário muito esforço para conseguir ler. Depois de alguns minutos naquele combate sem esperança, desiste. Então apoia o livro contra os joelhos. A capa mostra uma mulher, jovem, loira. Ela está deitada sobre o que parece ser uma cama. Seu decote entreaberto permite ver o contorno dos seios volumosos e o começo de uma barriga redonda. Seus braços estão dobrados junto ao pescoço, como se estivesse amarrada. Assustada, com a boca bem aberta, ela grita, revirando os olhos de loucura. Verhoeven larga a empunhadura por um instante e vira o livro. A contracapa é impressa em preto e branco.

Ele não consegue distinguir os caracteres, pequenos demais. A viatura faz uma curva brusca para a direita e entra no pátio da Brigada. Louis puxa o freio de mão com um gesto violento, arranca o livro das mãos de Verhoeven e corre na frente, em direção à escada.

—

A máquina de xerox cuspiu centenas de páginas durante longos minutos, e enfim Louis volta com quatro cópias, fechadas em pastas verdes, todas idênticas, enquanto Camille caminha para lá e para cá na sala.

– São... – começa Verhoeven, abrindo a pasta no fim – 250 páginas. Se pudermos encontrar algo aqui dentro, é no final. Digamos a partir da página 130. Armand, você começa por aí. Eu, Louis e Jean vamos pelo fim. Doutor, o senhor dá uma olhada no começo, nunca se sabe. Não sabemos o que procuramos. Tudo pode ter importância. Cob! Pare tudo. Conforme vocês encontrarem elementos pertinentes à investigação, vocês passam para Cob em voz alta para que todo mundo ouça, entenderam? Vamos lá!

—

Verhoeven abre a pasta. Ao correr para as últimas páginas, alguns parágrafos chamam sua atenção. Engole um trecho com algumas linhas, resiste à vontade de ler, de compreender. Antes de tudo, é preciso procurar. Ele empurra seus óculos, que escorregam pelo nariz.

*Ao se abaixar quase até o chão, Matthéo conseguiu distinguir o corpo de Corey estendido. A fumaça travou sua garganta e ele começou a tossir violentamente. No entanto, ele conseguiu se deitar e começou a rastejar. Sua arma atrapalhava. Ele puxou a trava de segurança às cegas e, movendo os quadris, encaixou a arma no coldre.*

Ele vira duas páginas.

*Era impossível para ele ver se Corey ainda estava vivo. Ele parecia não se mexer mais, mas a visão de Matthéo estava embaçada. Seus olhos ardiavam terrivelmente. Em um...*

Verhoeven olha o número da página e volta brutalmente à página 181.

– Achei um certo Corey – brada Louis sem levantar a cabeça, em direção a Cob.

Ele soletra o sobrenome.

– Mas nada de primeiro nome ainda.

– O nome da moça é Nadine Lefranc – diz Le Guen.

– Vou achar umas três mil – murmura Cob.

Página 71:

*Nadine saiu da clínica por volta das 16 horas e foi para seu carro, parado no estacionamento do supermercado. Desde a notícia do ultrassom, ela se sentia trepidante. Naquele instante, aos seus olhos, tudo era belo. Por mais que o tempo estivesse cinza, por mais que o ar estivesse fresco, por mais que a cidade...*

*Mais adiante*, pensou consigo Verhoeven. Ele folheia rapidamente as páginas seguintes, apanhando algumas palavras de passagem, mas nada chama a sua atenção.

– Achei um comissário Matthéo. Francis Matthéo – diz Armand.

– Uma agência funerária em Lens, no Pas-de-Calais – avisa Le Guen – Dubois e filhos.

– Calma, rapazes – resmungo Cob, digitando a toda velocidade.

Achei 87 Coreys. Se alguém achar o primeiro nome...

Página 211:

*Corey ficou atrás da janela. Por precaução, sem querer correr o risco de chamar a atenção de qualquer transeunte, mesmo naquela região tão escassa de movimento, ele conteve a vontade de limpar os vidros, cinzas de uma poeira que deveria remeter à última virada de chave, dez anos atrás. Diante dele, à luz dos dois postes ainda em funcionamento, ele via...*

Verhoeven folheia para trás de novo.

Página 207:

*Corey ficou um longo momento em seu carro, observando os prédios abandonados. Ele consultou seu relógio: 22 horas. Refez as contas outra vez e voltou à mesma hipótese. O tempo de se vestir, de descer, de vir, com o inevitável pânico pelo qual ela estaria*

*tomada, e contando alguns minutos indispensáveis para encontrar o caminho, Nadine estaria ali em menos de vinte minutos. Ele abaixou levemente o vidro e acendeu um cigarro. Tudo estava pronto. Se tudo...*

Antes. Antes ainda.

Página 205:

*Era um prédio comprido, situado no fim de uma ruela que, dois quilômetros mais adiante, levava à entrada de Parency. Corey tinha...*

– A cidade se chama Parency – anuncia Camille – É uma cidadezinha.

– Nenhuma agência funerária Dubois em Lens – diz Cob – Achei quatro outras empresas Dubois: encanamento, contabilidade, lonas e jardinagem. Vou imprimir a lista.

Le Guen levanta-se para buscar a folha na impressora.

Página 221:

*– Pode falar – repetiu o comissário Matthéo. Christian não pareceu ouvi-lo.*

*– Se eu soubesse... – murmurou ele – Dentro dos...*

– A jovem trabalha para um advogado de nome Pernaud – diz Armand – Em Lille, rua Saint-Christophe.

Verhoeven para de ler. *Nadine Lefranc, Corey, Matthéo, Christian, agências funerárias, Dubois*, repetiu ele mentalmente. Mas aquelas palavras não produzem nada.

Página 227:

*A jovem mulher enfim acabava de recuperar os sentidos. Ela virou a cabeça para o lado, em seguida para o outro, e descobriu Corey de pé ao lado dela, sorrindo estranhamente.*

Verhoeven sente um brusco suadouro, suas mãos voltam a tremer.

*– É o senhor? – disse ela.*

*Subitamente, dominada pelo pânico, ela tenta se levantar, mas seus braços e suas pernas estavam rigidamente amarrados. Os nós que a prendiam eram tão apertados que as extremidades do seu corpo estavam congeladas. Há quanto tempo estou aqui?, perguntou-se ela.*

*– Dormiu bem? – perguntou Corey, acendendo um cigarro.*

*Nadine, dominada pela histeria, pôs-se a gritar, sacudindo a cabeça para todos os lados. Ela gritou até que o ar lhe faltasse e enfim parou, afônica e sem fôlego. Corey não movera um cílio.*

*– Você fica muito bonita, Nadine. Realmente... Muito bonita quando chora.*

*Sem parar de fumar, ele colocou a mão livre sobre a enorme barriga da jovem mulher. Ela estremeceu instantaneamente com tal contato.*

*– E tenho certeza que você também fica muito bonita morrendo – falou ele sorrindo.*

– Nenhuma rua Saint-Christophe em Lille – diz Cob – Nenhum jurista Pernaud também.

– Merda... – falou Le Guen.

Camille levanta os olhos para ele, em seguida para o dossiê aberto na sua frente. Ele também está lendo as últimas páginas. Verhoeven baixa os olhos para seu próprio dossiê.

Página 237:

*– Lindo, não? – perguntou Corey.*

*Nadine conseguiu virar a cabeça. Seu rosto estava dilatado, seus olhos inchados não deviam deixar passar mais que um raio de luz, os hematomas nas arcadas superciliares estavam ganhando uma cor assombrosa. Se, por um lado, seu corte na bochecha havia parado de sangrar, por outro, seu lábio inferior continuava a escorrer um sangue espesso e de um vermelho profundo, que corria até o pescoço. Ela sofria para respirar e seu peito inflava-se custosamente, aos trancos.*

*Corey, com as mangas da camisa arregaçadas até os cotovelos, avançou na direção dela.*

*– Por que, Nadine? Você não acha isso lindo? – acrescentou ele, apontando para um objeto situado ao pé da cama.*

*Nadine, com os olhos inundados de lágrimas, conseguiu distinguir uma espécie de cruz de madeira posta sobre um cavalete. Ela media uns cinquenta centímetros de largura. Era como uma cruz de igreja, mas em miniatura.*

*– É para o bebê, Nadine – murmurou ele com uma voz bem suave.*

*Ele enfiou a unha do polegar tão fundo sob os seios de Nadine que ela soltou um berro de dor. A unha desceu devagar, linearmente, até o púbis, parecendo cavar uma ranhura na pele esticada de sua barriga, arrancando um grito lúgubre e rouco da mulher.*

*– Vamos fazê-lo sair por aqui – dizia suavemente Corey, acompanhando seu gesto – É um tipo de cesariana, oras. Depois, você não vai estar tão viva para vê-lo, mas esse bebê vai ficar muito bonito crucificado, eu garanto. Christian vai ficar contente. Seu pequeno Jesus...*

Verhoeven levanta-se bruscamente, apanha o manuscrito de Buisson e folheia-o com impetuosidade. *A cruz... murmurava ele... sobre o cavalete...* E, enfim, encontra. Página 205. Não, página seguinte. Nada ainda, página 207. Ele para subitamente, detendo-se diante do texto. E eis agora a resposta sob seus olhos:

*Corey escolhera o local com cuidado. A construção, que tinha servido durante uns dez anos de depósito para a fábrica de sapatos, era o local ideal. Antigo ateliê de um ceramista, que o abandonara ao abrir falência...*

Verhoeven vira-se abruptamente. Dá de cara com Louis.

Ele retorna ao texto de Buisson e volta as páginas febrilmente.

– O que você está procurando? – pergunta Le Guen.

Camille responde sem nem olhar para ele:

– Se ele fala de...

As páginas sucedem-se. De repente, Camille sente-se tomado por uma completa lucidez.

– Seu depósito – diz ele, sacudindo o maço de páginas – é como um... um antigo ateliê de artista. Um ateliê de artista... Ele a levou para Montfort. Para o ateliê da minha mãe.

Le Guen precipita-se ao telefone para ligar para o RAID, mas Camille já enfiou seu casaco. Ele apanha um molho de chaves e corre para as escadas. Louis reúne todos e, antes de seguir Camille, distribui ordens. Só Armand permanece atrás de sua mesa, com o dossiê aberto diante dele. As equipes organizam-se, Le Guen discute com o agente da Brigada de Intervenção e explica a situação.

No momento de correr para a escada para se juntar a Verhoeven, a atenção de Louis subitamente é atraída para um ponto fixo. Algo não se move no meio daquela agitação. É Armand, atordoado, plantado diante do dossiê. Louis franze as sobrancelhas e interroga-o com o olhar.

Com o dedo apontando para uma linha, Armand diz:

– Ele vai matá-la exatamente às 2h da manhã.

Os dois olham para o relógio na parede. São quinze para as duas.

—

Verhoeven dá marcha à ré rapidamente e Louis mergulha na viatura, que parte de imediato.

Enquanto o bulevar Saint-Germain passa, a mente dos dois homens é dominada por aquela imagem: a jovem mulher amarrada,

túrgida, histérica, e aquele dedo atravessando sua barriga.

Enquanto Camille acelera, Louis, atado ao seu cinto de segurança, observa-o de canto de olho. O que se passa neste instante preciso na mente do comandante Verhoeven? Talvez atrás da máscara da determinação, ele esteja ouvindo Irene chamá-lo, dizendo “Camille, venha rápido, venha me buscar!”, enquanto a viatura cambaleia para desviar de um veículo parado no sinal vermelho da avenida Denfert-Rochereau. Certamente, ele pode ouvi-la, e suas mãos apertam o volante quase a ponto de rompê-lo.

Louis, em pensamento, de repente vê Irene gritando de pavor quando percebe que vai morrer, assim, impotente, amarrada, entregue à morte.

Também toda a vida de Camille deve estar concentrada naquela imagem da face de Irene, sangue escorrendo pelo pescoço, enquanto a viatura atravessa bruscamente o cruzamento para se atirar na avenida do Général-Leclerc, ocupando-a por completo, muito rápido, tão rápido. “Não nos mate agora”, pensa Louis. Mas não é por sua vida que ele teme.

*Camille, não vá se matar, diz a voz de Irene. Chegue vivo, encontre-me viva, salve-me, porque sem vocês eu vou morrer aqui, agora, e eu não quero morrer. Estou esperando vocês há horas, que me pareceram anos...*

As ruas passam, também elas com furor, desertas, rápidas, tão rápidas naquela noite que poderia ser tão bela se as coisas não fossem daquela forma. A viatura reverberante passa pela entrada de Paris, crava-se como uma estaca na periferia adormecida, costura os carros, faz curvas em alta velocidade pelo cruzamento a ponto de ficar sobre duas rodas, quicar sobre o pavimento, topar contra a calçada. *É só um choque*, pensa Louis. Porém, a viatura parece elevar-se aos ares, sair do chão. Essa já é a nossa morte? É o diabo que também está nos levando? Camille pisa convulsivamente no freio, fazendo chiar o betume. Os carros passam à direita enquanto ele os raspa, colide com um deles, em seguida com outro, a viatura desgovernada projeta, no meio das luzes da sirene, faíscas da lataria, os pneus chiam, a viatura empina, arremessada de um lado

para o outro da rua, zunindo, com todos os freios puxados, ao longo da avenida.

A viatura começa a beirar perigosamente os veículos estacionados ao longo da calçada, resvala em um, depois em outro, ricocheteia e ricocheteia de novo de um lado para o outro na rua, esmagando portas, arrancando retrovisores, enquanto Verhoeven, freando até não aguentar mais, tenta retomar a trajetória desgovernada. E então o automóvel enfim morre na esquina do cruzamento que dá para a entrada de Plessis-Robinson, subindo com duas rodas na calçada.

O silêncio de repente torna-se ensurdecedor. A sirene calou-se. O giroflex soltou-se do teto durante a corrida e estava pendurado na lateral do carro. Verhoeven, arremessado contra a porta, bateu a cabeça violentamente e sangra muito. Um carro cruza com eles, lentamente, olhos observam e desaparecem. Camille endireita-se, passa a mão sobre o rosto e retira-a toda ensanguentada.

Ele sente dor nas costas, dor nas pernas, atordoado pelo choque; sofre para se endireitar, desiste e cai novamente. Permanece assim alguns segundos e faz um esforço desesperado para se levantar. Ao seu lado, Louis está grogue. Sacode a cabeça para um lado, em seguida para o outro.

Verhoeven sacode a cabeça para voltar a si. Ele põe a mão no ombro de Louis e sacode-o levemente.

– Tudo bem... – fala o jovem rapaz, voltando a si – Está tudo bem.

Verhoeven procura seu celular. Deve ter caído durante a batida. Ele procura-o tateando sob os bancos, mas há pouca luz. Nada. Seus dedos enfim encontram um objeto, sua arma, que ele consegue encaixar no coldre movendo o quadril. Ele sabe que os barulhos da lataria, ecoando em plena madrugada na periferia, vão atrair gente, homens vão descer para a rua, mulheres vão aparecer nas janelas. Ele curva-se sobre a porta e, com um empurrão brusco, consegue abri-la em um estalido de lataria, que parece ceder de uma vez. Passa as pernas para o lado de fora e enfim se põe de pé. Está sangrando bastante, mas não consegue saber exatamente de onde vem o sangue.

Ele dá a volta no carro, titubeando, abre a porta e põe as mãos nos ombros de Louis. O jovem rapaz faz um sinal com a mão.

Verhoeven deixa-o voltar a si, vai abrir o porta-malas e, no meio à desordem que reina ali dentro, encontra um pedaço de pano sujo, que encosta na testa. Em seguida, olha para o pano, procura sua ferida com a ponta do indicador e encontra um corte na base do couro cabeludo. As quatro portas foram batidas, assim como as duas laterais traseiras. Ele se dá conta nesse instante que o motor não parou de rodar. Em seguida, volta para o seu lugar ao volante, olha para Louis, que faz "sim" com a cabeça, e dá marcha à ré lentamente. A viatura recua. Ao perceberem que ela está funcionando, os dois homens sentem um alívio brusco, como se tivessem evitado o acidente em vez de sofrê-lo. Camille engata a primeira marcha, acelera, passa à segunda. E a viatura mergulha de novo na periferia, ganhando velocidade rapidamente.

—

No relógio do painel são 2h15 quando, enfim diminuindo a velocidade, Verhoeven atravessa as ruas adormecidas que conduzem à orla da floresta. Vira uma rua à direita, outra à esquerda, e acelera drasticamente pela linha reta que parece querer penetrar entre as grandes árvores erguendo-se ao longe. Ele joga para trás o pano que, bem ou mal, conseguiu manter contra sua testa até agora, saca sua arma e coloca-a sobre as coxas, imitado por Louis que, inclinado sobre seu banco, segura-se com as duas mãos no painel. A agulha do velocímetro marca 120 quando eles começam a frear, a uma centena de metros da ruela que conduz ao ateliê. É uma estrada mal conservada, recheada de buracos, que normalmente se atravessa em marcha lenta. A viatura faz zigue-zagues para desviar dos buracos mais fundos, balançando perigosamente, topando bruscamente com aqueles que não consegue evitar. Louis tenta se segurar. Camille desliga o giroflex e freia bruscamente, assim que enxerga os traços do imóvel imerso na penumbra.

Nenhum carro está estacionado em frente. É possível que Buisson tenha preferido estacionar atrás do ateliê, fora do alcance da visão. Verhoeven desliga os faróis e seus olhos levam alguns segundos para se habituarem de novo. O imóvel tem apenas um piso e toda a

parte direita da sua fachada é constituída por uma baia vidrada. O ateliê parece tão abandonado como sempre. Uma dúvida acomete-o de repente. Será que ele se enganou vindo aqui? É para lá mesmo que Buisson levou Irene? Talvez seja a noite, o silêncio da floresta que se estende, sombrio, atrás do imóvel, mas o local tem um aspecto terrivelmente hostil. Por que não há nenhuma luz?, perguntam-se os dois homens sem se falar. Eles estão a uns trinta metros da entrada. Verhoeven desliga o motor, deixando a viatura completar silenciosamente seu percurso. Ele freia delicadamente, como se receasse o barulho, apanha sua arma sem deixar de olhar para frente, abre sua porta com lentidão e desce do carro. Louis tenta fazer a mesma coisa, mas sua porta batida resistiu. Quando ele consegue enfim abri-la com uma ombrada, ela produz um ruído lúgubre. Os dois homens olham-se e estão prestes a dizer algo, quando ouvem um ruído abafado e irregular, descontínuo. Dois ruídos, na verdade. Camille avança lentamente em direção ao imóvel, com a arma levantada à sua frente. Louis, na mesma posição, fica alguns passos atrás dele. A porta do imóvel está fechada, nada indica a menor presença no local. Camille levanta a cabeça, inclinando-a para se concentrar nos ruídos que aumentam e que agora ouve com mais clareza. Ele olha para Louis com um ar interrogativo, mas o jovem rapaz está com os olhos no chão, concentrado naquele ruído que também está ouvindo, mas que não consegue de fato distinguir.

E enquanto eles tentam entender, tentam dizer uma palavra sobre o que ouvem, um helicóptero surge da copa das árvores. Ele efetua uma curva brusca para sobrevoar o imóvel e projetores potentes iluminam-se subitamente, inundando de branco o terreno de terra batida. O barulho é ensurdecador e um vento violento se levanta de uma vez, alçando poeira, que se põe a girar em espiral como um furacão. As grandes árvores, todas ao redor do terreno, são tomadas por imensas trepidações. Instintivamente, os dois homens abaixam-se, literalmente pregados ao chão a uns quarenta metros da casa.

O zumbido entrecortado do helicóptero, passando apenas a alguns metros do telhado do ateliê, impede-os até de pensar.

O deslocamento de ar é tamanho que eles não conseguem levantar os olhos e viram as costas para tentar se proteger. E o que eles mal tinham ouvido até ali, agora podem ver. No outro extremo da estrada, três enormes veículos pretos de vidros filmados aproximam-se a uma velocidade insana na direção deles, em fila indiana. Avançam numa linha perfeitamente reta, indiferentes ao caos, saltando sobre os buracos sem sair da trajetória. O primeiro é equipado com um farol superpotente, que os ofusca de imediato.

O helicóptero altera seu rumo e lança seus projetores sobre a parte de trás do imóvel e do bosque aos arredores.

Eletrizado subitamente pelo desembarque em massa da Brigada de Intervenção, atordoado pelo barulho, Camille volta-se bruscamente para o ateliê e começa a correr com toda a força. Diante dele, sua sombra projetada pelo farol do primeiro veículo, uma dezena de metros atrás, diminui rapidamente, incitando as últimas forças que lhe restam. Louis, que o seguiu durante alguns metros, de repente some pela sua direita. Em alguns segundos, Camille ganha a entrada, salta sobre os quatro degraus de madeira corroída e chega à porta sem hesitar um instante. Ele atira duas vezes na fechadura, fazendo explodir o batente e uma larga parte da chapa. Empurra brutalmente a porta e se precipita para dentro.

Ele mal dá dois passos e seus pés escorregam em um líquido viscoso e ele cai bruscamente de costas, sem nem ter tempo de se segurar. Com a força do empurrão, a porta do ateliê ricocheteia e se fecha novamente atrás dele. O ateliê fica por um breve instante imerso na escuridão, mas a porta se choca violentamente contra o batente e se abre de novo, mais lentamente. O farol do primeiro veículo, que chegou à altura da entrada, ilumina com um feixe de luz, à frente de Camille, uma larga tábua apoiada em dois cavaletes e sobre a qual o corpo de Irene se encontra deitado e atado pelas mãos. A cabeça dela está virada para ele, seus olhos estão abertos, suas feições inertes, seus lábios entreabertos. Seu ventre plano expõe, visto dali, largos sulcos, como se tivesse sido comprimido por uma esteira dentada.

No instante em que ele sente as vibrações abruptas dos oficiais esmagando os degraus da escada, no instante em que a sombra dos

agentes da Brigada de Intervenção escurece a entrada, Camille vira a cabeça para a direita onde, na penumbra atravessada pelos espasmos da luz azul do giroflex, uma cruz parece estar suspensa acima do chão. Nela, ele discerne uma silhueta escura e minúscula, quase disforme, com os braços amplamente abertos.

Recherche Assistance Intervention Dissuasion (Pesquisa Assistência Intervenção Dissuasão). Corpo de elite da polícia francesa fundado em 1985 e reservado a assistir a polícia nacional e a operações especiais, como libertação de reféns, prisão de criminosos de alto risco, combate antiterrorista etc. (N.T.)

Ticiano Vecellio (1488-1576), pintor renascentista italiano da escola veneziana. Destaca-se pelas composições de autorretratos, paisagens, temas mitológicos e religiosos, percorrendo estilos barrocos e maneiristas. (N.T.)

# Epílogo

Segunda-feira, 26 de abril de 2004

*Meu caro Camille,*

*Um ano. Um ano já. Aqui, o senhor deve imaginar, o tempo não é curto nem longo. É um tempo sem espessura, que nos chega de fora tão amortecido que às vezes duvidamos que ele continue a correr para nós como faz para os outros. Ainda mais considerando que tenho passado muito tempo numa posição desconfortável.*

*Desde que o seu adjunto, ao me perseguir até o bosque de Clamart, atirou covardemente nas minhas costas, causando danos irreversíveis à minha medula espinal, vivo nesta cadeira de rodas de onde lhe escrevo hoje.*

*Acostumei-me a viver assim. Às vezes me acontece até de bendizer esta situação, pois ela me concede um conforto que a maior parte dos meus congêneres são privados. Sou objeto de mais atenção do que os outros. Não me impõem as mesmas servidões. É um benefício magro, mas o senhor sabe, aqui tudo conta.*

*Além disso, vou melhor que de início. Adaptei-me ao meu ambiente, como dizem. Minhas pernas recusam-me definitivamente qualquer serviço, mas todo o resto funciona perfeitamente. Eu leio, escrevo. Em uma palavra, eu vivo.*

*E pouco a pouco ganhei meu espaço aqui. Posso até confessar ao senhor que, apesar das aparências, sou invejado. Depois de todos esses meses de hospital, eu finalmente aterrissei neste estabelecimento. Cheguei precedido por uma reputação que me garantiu uma certa estima. E não é só isso.*

*Só serei julgado daqui a um bom tempo. Aliás, pouco importa, o veredito já está dado. Na verdade, não. Não é verdade. Espero muito esse processo. Apesar das maçadas incessantes da administração, tenho uma boa esperança de que meus advogados – essas aves de rapina não param de me extorquir, o senhor não imagina! – enfim consigam a publicação do meu livro que, precedido por tudo o que foi escrito sobre mim, vai provocar muito barulho. Ele já está destinado a uma glória internacional, que será ainda mais alçada*

*pela difusão do meu processo. Como diz meu editor – aquele verme –, vai ser bom para os negócios. Já estamos sendo sondados por gente do cinema, ou seja...*

*Pareceu-me justamente que antes dessa inundação de papeladas de todo gênero, de escritos, de reportagens, eu deveria dirigir-lhe algumas palavras.*

*Apesar das precauções que eu tinha tomado, nem tudo correu tão perfeitamente como o esperado. É ainda mais lamentável por ter faltado tão pouco. Se tivesse respeitado os horários (que eu mesmo tinha fixado, reconheço), se tivesse tido menos confiança na construção da minha empreitada, logo após a morte da sua esposa, eu teria desaparecido imediatamente, como pensava em fazer, e estaria escrevendo-lhe hoje do pequeno paraíso que tinha preparado para mim e onde eu poderia andar com as minhas duas pernas. Enfim, existe alguma justiça. Isso deve servir como consolo para o senhor.*

*O senhor repare que falo aqui da “minha empreitada”, e não da minha obra.*

*É que hoje posso me desfazer desse jargão pretensioso, que só foi útil para a realização do meu projeto, e no qual eu nunca acreditei nem por um instante. Passar, aos seus olhos, por um homem “investido por uma missão”, “conduzido por uma obra maior que ele”, era apenas uma fórmula romanesca, nada mais. E nem mesmo das melhores. Felizmente, não sou assim. Até fiquei surpreso pela sua adesão a essa tese. Definitivamente, seus psicólogos mais uma vez tiraram suas próprias conclusões e elas continuam sendo impressionantes... Não, eu sou um homem eminentemente prático. E modesto. Apesar do desejo que eu tinha, nunca criei ilusões sobre meu talento de escritor. Mas, embalado pelo escândalo, impulsionado pelo horror que o trágico inusitado exerce sobre todo homem, meu livro venderá aos milhões, será traduzido, adaptado, figurará por muito tempo nos anais da literatura. Coisas essas que eu não podia esperar conseguir só com o meu talento. Superei o obstáculo, eis tudo. Não terei roubado minha glória.*

*Quanto ao senhor, Camille, já é menos certo, perdoe-me por dizer isso. Aqueles que o conhecem de perto sabem que homem o senhor é. Bem distante do Verhoeven que descrevi. Eu precisava, para suprir as leis do gênero, criar um retrato um pouco... hagiográfico, um pouco atenuante. Os leitores obrigam. Mas, no fundo da sua consciência, o senhor sabe que se adequa muito menos a esse retrato que àquele que outrora criei do senhor para o Le Matin.*

*Não somos, nem o senhor nem eu, aqueles que os outros acreditaram ser. Talvez, no fim das contas, nós sejamos mais parecidos, eu e o senhor, que nós mesmos acreditamos. De certa forma, não fomos nós que matamos, juntos, a sua esposa?*

*Deixo-lhe meditar sobre esta questão.*

*Bem cordialmente,*

*Ph. Buisson*

## Saint-Ouen, setembro de 2005

Este livro presta uma homenagem à literatura, sem a qual ele não existiria.

Ao longo das páginas, talvez o leitor tenha reconhecido algumas citações por vezes levemente remanejadas.

Seguem por ordem de aparição, como dizem:

Louis Althusser – Georges Perec – Choderlos de Laclos – Maurice Pons – Jacques Lacan – Alexandre Dumas – Honoré de Balzac – Paul Valéry – Homero – Pierre Bost – Paul Claudel – Victor Hugo – Marcel Proust – Danton – Michel Audiard – Louis Guilloux – George Sand – Javier Marías – William Gaddis – William Shakespeare.